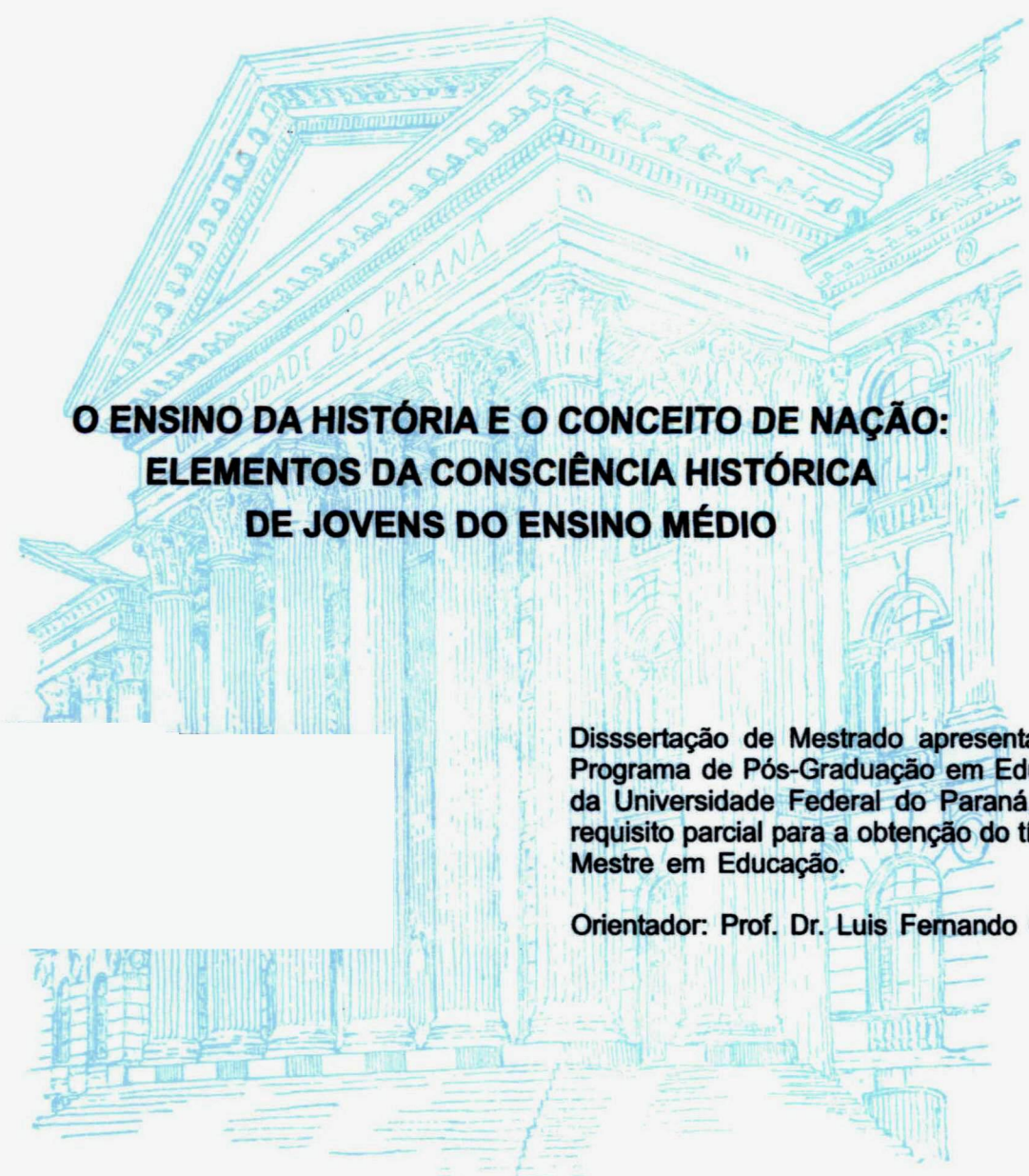


MARIA ROSA CHAVES KÜNZLE



**O ENSINO DA HISTÓRIA E O CONCEITO DE NAÇÃO:
ELEMENTOS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA
DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando Cerri

CURITIBA
2003

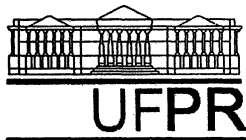
MARIA ROSA CHAVES KÜNZLE

**O ENSINO DA HISTÓRIA E O CONCEITO DE NAÇÃO:
ELEMENTOS DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA
DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando Cerri

CURITIBA
2003



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PARECER

Defesa de Dissertação de **MARIA ROSA CHAVES KÜNZLE** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO.

Os abaixo-assinados, DR. LUIS FERNANDO CERRI; DR^a ERNESTA ZAMBONI; DR^a MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS SCHMIDT argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“O ENSINO DA HISTÓRIA E O CONCEITO DE NAÇÃO: UM INSTRUMENTO DE PESQUISA”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo, aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

PROFESSORES:

Apreciação

DR. LUIS FERNANDO CERRI (Presidente)

Luis Fernando Cerri aprovada

DR^a ERNESTA ZAMBONI (Membro Titular)

Ernesta Zamboni aprovada

DR^a MARIA AUXILIADORA M. DOS S. SCHMIDT (Membro Titular)

Maria Auxiliadora Schmidt aprovada



Curitiba, 08 de julho de 2003

Ligia Regina Klein
Prof^a Dr^a Ligia Regina Klein
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

A todos os professores do ensino fundamental e médio, principalmente aos professores da escola pública, "aqueles que sabem do sufoco de um jogo tão duro e apesar dos pesares ainda se orgulham de serem brasileiros".

À minha mãe e à minha filha, motivos maiores da minha vida.

Ao Luis Allan, que me ensina todos os dias o que existe de melhor na palavra "companheiro".

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Manifesto minha gratidão aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Agradeço aos membros da banca por terem aceito participar da avaliação deste trabalho.

Agradeço às escolas que abriram suas portas para a realização desta pesquisa; aos professores, extremamente atenciosos, que dedicaram parte de seu tempo ao meu trabalho e sobretudo aos alunos, que responderam os questionários e as entrevistas com a motivação típica da juventude.

Agradeço em especial ao professor Luis Fernando, por seu trabalho dedicado e esclarecedor, que soube aliar o espírito científico a uma grande simpatia. Seu apoio e encorajamento foram fundamentais para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as representações dos alunos do Ensino Médio sobre a história do Brasil ensinada na escola, com ênfase nos temas relativos à nação brasileira: formação, organização, problemas e perspectivas para o futuro. Estes temas foram escolhidos em função da sua importância nas práticas da disciplina de história, desde seu estabelecimento como matéria escolar. Outros temas relacionados ao ensino da história também apareceram em função da metodologia escolhida: um questionário elaborado no âmbito da Comunidade Européia em meados dos anos 90, adaptado para atender à realidade brasileira. Além do questionário foram realizadas entrevistas com os alunos, dando um caráter qualitativo à pesquisa. Este trabalho pretende lançar algumas hipóteses sobre a formação da consciência histórica e suas relações com a cultura política, as representações sociais e a história ensinada.

RESUMÉ

L'objectif de ce travail est de connaître quelques représentations de l'Histoire du Brésil apprises au Lycée, liées aux thèmes de la nation brésilienne: formation, organization et perspectives pour l'avenir. Les thèmes de la nation ont été choisis car ils ont marqué l'histoire en tant que discipline, depuis son organization comme matière scolaire à partir du XIXème siècle jusqu'à nos jours. La méthodologie employée: un questionnaire élaboré à la Communauté Européenne dans les années 1990. À cause de cette méthodologie, d'autres thèmes ont aussi apparus. Le questionnaire a été adapté pour travailler sur la réalité de l'enseignement brésilien. Nous avons employé aussi des entrevues avec les élèves, en ajoutant une dimension qualitative à la recherche. Ce travail veut lancer quelques hypothèses à propos de la formation de la conscience historique et les rapports entre trois importants concepts: la conscience historique, la culture politique et les représentations sociales avec l'histoire enseignée à l'école.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A PROBLEMÁTICA NAÇÃO/ REPRESENTAÇÕES/ENSINO.....	14
1.1 – O caráter histórico da nação.....	14
1.2 – A identidade nacional brasileira.....	17
1.3 – A consciência histórica e as representações.....	20
1.4 – A problematização da nação na reflexão didática.....	29
1.4.1 – O ensino da história, memória e nação.....	29
1.4.2 – O tema da nação na educação brasileira.....	33
1.4.3 – O tema nacional nos dias atuais	42
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	47
2.1 – Retomada do projeto europeu.....	47
2.2 – Modificações para um trabalho brasileiro.....	53
2.2.1 – Modificações no questionário.....	53
2.2.2 – Tratamento dos dados.....	56
2.2.3 – Cruzamentos.....	58
2.2.4 – Entrevistas.....	62
CAPÍTULO 3 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS.....	67
3.1 – Resultados dos questionários.....	67
3.2 – Resultados das entrevistas.....	84
3.3 – Reunindo as idéias dos alunos sobre alguns temas trabalhados.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	118

ANEXOS.....	122
ANEXO 1 – LISTA DE TÍTULOS DAS QUESTÕES E QUESTIONÁRIO.....	123
ANEXO 2 – RESULTADOS PERCENTUAIS POR QUESTÃO.....	136
ANEXO 3 – INCOERÊNCIAS ENTRE ITENS.....	172
ANEXO 4 – INCOERÊNCIAS ENTRE AS QUESTÕES 11 E 13.....	173
ANEXO 5 – ENTREVISTAS.....	174

INTRODUÇÃO

EU ESTAVA ESPARRAMADO NA REDE
JECA URBANÓIDE DE PAPO PRO AR
ME BATEU A PERGUNTA, MEIO À ESMO:
NA VERDADE, O BRASIL O QUE SERÁ?
QUEM VÊ, DO VIDIGAL, O MAR E AS ILHAS
OU QUEM DAS ILHAS VÊ O VIDIGAL?
O BRASIL ENCHARCADO, PALAFITA?
SECO AÇUDE SANGRADO, CHAPADÃO?
OU SERÁ QUE É UMA AVENIDA PAULISTA?
QUAL A CARA DA CARA DA NAÇÃO?
A GENTE É TORTO IGUAL GARRINCHA E ALEIJADINHO

A CARA DO BRASIL (Vicente Barreto e Celso Viáfora)

Que país é este? Esta pergunta já foi feita muitas vezes, por muitas pessoas de todas as profissões e classes, de todas as cores e regiões deste país. Sabemos que aqui existe um território com fronteiras, fala-se uma língua, admite-se uma cultura. Mas são tantas as paisagens, as culturas, as nações indígenas, tanto os matizes da nossa língua portuguesa (ou poderíamos dizer, da língua brasileira?)... Como saber o que é o Brasil? Esta pretensiosa questão foi, em diversas épocas da nossa história e continua sendo, objeto de estudo de diferentes ciências, Certamente uma pergunta irrespondível em sua plenitude. Dentre os muitos estudiosos que queriam encontrar uma resposta, encontramos o professor Darci Ribeiro, que, no prefácio de seu livro *O Povo Brasileiro* admite ser '*um participante do país, que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo*'¹.

Nosso trabalho não tem a pretensão (e nem poderia ter) de dar respostas conclusivas para aquela insistente pergunta, mas pretende seguir os passos do professor Darci Ribeiro, no enorme esforço de participar e tentar encontrar o Brasil, contribuindo de maneira tímida e precária, porém apaixonada. Para isso, procuramos ouvir as opiniões dos alunos do Ensino

¹ RIBEIRO, Darci – *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Cia da Letras, 1999.

Médio, que fazem parte deste país e que o vivem intensamente. A eles será dada oportunidade de se expressarem, de explicarem as suas opiniões sobre o país em que vivem, formadas em muitos caminhos, na escola e fora dela, sempre coletivamente. Vamos privilegiar uma dessas fontes de conhecimento: o ensino da história. Afinal, como afirmou Marc Ferro²:

A imagem que temos dos outros povos e de nós mesmos está associada à história que nos contaram quando éramos crianças. Ela nos marca por toda a existência. Sobre esta *representação*, que é também uma descoberta do mundo, se somam, em seguida, opiniões e idéias, fugitivas ou duráveis...

Nosso objetivo não é responder: que país é este?, mas conhecer algumas das representações que os alunos fazem de seu país, formadas, dentre outras maneiras, através ensino da história que vivenciaram pois sabemos que a história ensinada ocupa um papel importante na inserção dos alunos em seu país. Este trabalho versa, assim, sobre a apropriação dos conhecimentos sobre o Brasil que circulam via escola, com ênfase para o ensino da história.

A disciplina da história tem experimentado muitas modificações buscando novas linguagens, novos objetos e novas metodologias. Seguindo as renovações do ensino e da historiografia, a disciplina tem procurado ser mais “interessante”, estudando as micro-histórias, o cotidiano, os símbolos, através de diferentes linguagens, diminuindo o peso de análises exclusivamente político-factuais. Organizam-se projetos, estudos temáticos, renovam-se currículos e materiais didáticos.

Porém restam muitas questões para responder: as aulas de história têm conseguido desenvolver algum tipo de capacidade crítica ou continuam a reproduzir os valores de uma história oficial que serve a determinados grupos? As explicações sobre a formação e a organização da sociedade brasileira continuam sendo dadas nos mesmos esquemas

² FERRO, Marc – *Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*. Pág. 7. Paris, Éditions Payot, 1992. L'image que nous avons des autres peuples, ou de nous-mêmes, est associée à l'Histoire qu'on nous a racontée quand nous étions enfants. Elle nous marque pour l'existence entière. Sur cette représentation, qui est aussi pour chacun une découverte du monde, du passé des sociétés, se greffent ensuite des opinions, des idées fugitives ou durables... FERRO, Marc – *Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*. Pág. 7. Paris, Éditions Payot, 1992

tradicionais, vindos desde o século XIX? Quem é eleito herói ou anti-herói da história nacional? Permanecem as idéias de um Brasil-gigante-adormecido, que possui um futuro promissor (apesar de um presente não tão bom assim...)? Estas são algumas questões que se colocam diante do trabalho de ensinar a história e sobre as quais pretendemos tecer algumas considerações.

Através dos conteúdos de história, transmitem-se conceitos, representações, valores e comportamentos e a partir desses conhecimentos, as pessoas, grupos e sociedades inteiras definem suas identidades, analisam o mundo, organizam suas vidas, dão interpretações para o passado, explicações para o presente e projetam coletivamente um futuro. Este conjunto de atividades mentais que utilizam os conhecimentos da história, formam a chamada *consciência histórica*, conceito essencial do nosso trabalho. Sabemos da complexidade e da abrangência deste conceito e tomamos como desafio lançar algumas hipóteses sobre a consciência histórica dos alunos do ensino médio. Tentamos estabelecer algumas relações entre ela e a cultura política dos alunos, buscando conhecer um componente fundamental desta cultura: as representações que estes fazem da história do Brasil. A consciência histórica é um conceito muito discutido nos últimos anos. Estamos adotando a conceituação proposta por J. Rüsen, para quem aprender a história é interpretar o passado de acordo com as percepções e necessidades do presente, com vistas à projeção de um futuro. Faz parte da consciência histórica também a identidade, ou seja, ter consciência de pertencer a um grupo, que tem passado e presente e necessita de projeto de futuro para garantir sua continuidade.

Para atingir esses objetivos nos serviremos de um instrumento de pesquisa já aplicado na Europa, denominado “Juventude e História”. Este trabalho foi feito entre 1994 e 1995 em 25 países da Comunidade Européia, e consistiu na aplicação de um questionário para cerca de 32.000 estudantes, com idade entre 15 e 16 anos. O principal objetivo daquela pesquisa foi conhecer elementos da consciência histórica dos alunos acerca da Europa, especialmente a

partir de sua unificação econômica e das tentativas de constituir elementos que pudessem confluir para trabalhar uma “história européia” em comum. Entendemos que esta pesquisa pode ser realizada em nosso país com as devidas adaptações para nossa realidade, a partir das devidas reflexões sobre suas motivações acadêmicas e políticas.

Realizamos modificações no estabelecimento de categorias de análise, em algumas questões e alguns tipos de cruzamentos dos dados; sentimos a necessidade de criar questões específicas sobre os conteúdos de história do Brasil, o presente e o futuro do país e as imagens do país que são veiculadas pelo ensino. Outras questões permaneceram iguais às européias, especialmente as relativas às formas que o professor trabalha, às funções que os alunos dão à disciplina, o que mais agrada aos alunos, em que eles mais confiam, entre outras, por entendermos que elas se parecem com as práticas que ocorrem em nosso país.

Outra modificação em relação ao trabalho europeu foi a realização de entrevistas diretas com alguns alunos, com o objetivo de qualificar o trabalho, dando-lhe uma nova característica. Em função dos limites desta pesquisa, a amostragem estatística não foi tão extensa como foi na Europa. Com uma amostragem menor, as entrevistas conferiram outro caráter, na tentativa de traçar um quadro do nosso ensino. Pretendemos, como substrato dessa pesquisa, colaborar na validação deste instrumento para a realidade brasileira, apontando alguns limites e possibilidades de análise, em que ele pode ser modificado ou mantido, oferecendo uma contribuição para a continuidade desse tipo de estudo no Brasil.

O trabalho de campo foi realizado em duas escolas da cidade de Curitiba, uma pública e outra particular, em 6 turmas de 3o. ano do Ensino Médio, atingindo um total de 170 alunos. As entrevistas foram feitas com 16 alunos, quando procurou-se aprofundar as respostas dadas no questionário ou elucidar algumas incoerências das respostas dos alunos, que poderiam estar ligadas à má compreensão ou problemas no próprio questionário.

Optamos pelo último ano do Ensino Médio por entendermos, assim como os

pesquisadores europeus, que esses alunos já têm um acúmulo de informações históricas por estarem no fim da escolaridade obrigatória e poderão não ter mais contato com informações sobre a história da forma sistematizada como ocorre na escola. Acreditamos também que esses alunos estão perto de prestarem exames para ingresso na universidade e, na iminência do vestibular, os conhecimentos escolares sobre a história podem ser revisados e redimensionados pelos jovens. Finalmente, estão numa idade em que se inserem de maneira intensa, até mesmo formalmente, nas discussões e na vida política do país. Cumpre destacar que a faixa etária na escola particular fica entre 16 e 17 anos e na escola pública essa média eleva-se um pouco. Entretanto, o nosso principal parâmetro foi a escolaridade. Esta é uma diferença em relação a Europa, onde a defasagem entre idade e série na escola é menor. Também não há na Europa as escolas noturnas como em nosso país.

Sabemos que o conhecimento da história dos alunos não se resume às aulas. Muitas outras fontes de informação chegam até eles e influenciam suas opiniões, sobretudo na sociedade atual, onde são muitas as fontes disponíveis. Porém, acreditamos que o saber sistematizado na escola tem grande importância, por carregar interpretações que resultam na formação de valores e comportamentos. Não será possível, neste trabalho, medir a influência de outras fontes, comparando-as com o ensino formal (embora não seja possível ignorar suas vozes na composição das respostas que os alunos apresentaram). Estamos tentando colaborar com a discussão sobre o alcance das aulas de história e sua influência nas maneiras de pensar e interpretar o Brasil difundidos em sala, que valores e comportamentos estes conhecimentos estão mobilizando.

Esta dissertação está organizada em 3 capítulos. No primeiro fazemos uma apresentação dos conceitos teóricos com os quais estamos trabalhando, estabelecendo as relações entre a consciência histórica e as representações, além de identificarmos a importância da identidade nacional para a formação da consciência histórica e o papel do

ensino (especialmente o da história) neste processo. Ainda nesta parte, explicitamos alguns aspectos da identidade nacional e como este tema foi parte integrante das práticas escolares desde o século XIX, com destaque para o ensino praticado no Brasil. No segundo capítulo explicamos a metodologia adotada, com a descrição do trabalho europeu e as adaptações que fizemos para a nossa realidade, com um item específico sobre a elaboração e a realização das entrevistas. Por fim, no terceiro, avançamos algumas hipóteses sobre as representações sobre a história do Brasil, elementos formadores da cultura política e da consciência histórica dos alunos.

CAPÍTULO 1 – A PROBLEMÁTICA NAÇÃO/ REPRESENTAÇÕES/ENSINO

1.1 – O caráter histórico da nação

Iniciamos este trabalho estabelecendo alguns pontos de reflexão acerca da nação e que nos servirão para as análises das imagens construídas pelos alunos.

Em sua obra *Nações e Nacionalismo desde 1780*, E. Hobsbawm³ traça com riqueza de detalhes a formação dos Estados Modernos, demonstrando a complexidade do tema. O autor nos mostra a dificuldade em se estabelecer critérios objetivos e subjetivos na formação das nações, indicando os propósitos políticos (e até propagandísticos) nos mais diferentes processos históricos de cada nação. Para Hobsbawm, a nação não deve ser entendida como algo imutável, como uma entidade social originária, sob o risco de se reforçar um mito. A nação pertence a um período particular e historicamente recente, relacionado a uma certa forma de Estado territorial moderno. As nações devem ser analisadas em suas especificidades econômicas, administrativas, técnicas e políticas. E seu estudo exige, antes de tudo, a análise das relações entre os “do alto” - Estado, ideologias, governo, - e os “de baixo” - esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, que nem sempre se vêem como nacionais. Devemos, portanto, conhecer a história de cada realidade nacional e a primeira diferenciação que devemos fazer na formação dos Estados Nacionais Modernos é entre os países europeus e os latinos-americanos⁴.

Podemos localizar no fim do século XVIII o período de formação das nações na

³ HOBBSAWM, Erik - *Nações e Nacionalismos desde 1780 – Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

⁴ Cumpre destacar que a palavra nação era utilizada desde a antigüidade, quando o Direito Romano

Europa, quando se iniciam as diversas formas de luta contra o Antigo Regime e as organizações feudais, que combinavam o poder da Igreja, da aristocracia e da monarquia. O momento chave desse processo é a Revolução Francesa, iniciada em 1789.

O conjunto de ideais da Revolução permitiu uma mudança de foco quanto à concepção do ser humano, que deixa de ser pensado como eternamente ligado às terras de um senhor, para se construir a idéia de *cidadão*, igual em direitos e obrigações. O Estado surge como o ente que vai representar todos os cidadãos de uma mesma nação, estabelecendo a ligação: Estado- Nação- Cidadania.

Enquanto a França passou por um processo de maiores rupturas, na Alemanha, marcada pelo idealismo e pelo romantismo, a ênfase foi dada ao pertencimento de uma cultura comum, ao território e à língua, exaltados como princípios da união. A idéia de cultura se sobrepôs à de cidadão. As diferenças históricas entre a França e a Alemanha suscitaram debates entre intelectuais dos dois países, como parte de uma disputa nacionalista e de hegemonia que se estendeu pelos séculos XIX e XX. Outros países da Europa passaram por seus processos concretos de organização da nação, mas, cada um a sua maneira, se relacionando com o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, através do controle, pela burguesia de cada país, de um território e de uma população de trabalhadores, criadores de riquezas.

Enquanto para Europa o século XIX foi o da nacionalidade, para a América Latina foi o século das independências, sendo o século XX o da afirmação da nação. Os ideais liberais vão fazendo as potências coloniais européias perderem terreno em suas antigas colônias e as aristocracias latino-americanas começam a desejar autonomia, constituindo Estados

estabeleceu a diferença entre o *jus sanguinis* (uma pessoa era cidadão se seu pai assim o fosse) e o *jus soli* (era cidadão aquele que pertencia a um mesmo território). Estes dois tipos de cidadania vão influenciar o Direito Moderno e as concepções de nacionalidade até os dias de hoje. In: RUBEN, Guillermo Raúl – *O que é Nacionalidade*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp 26 e 27. Não discutiremos os usos da palavra e as concepções de nação na Antiguidade. Para os nossos objetivos, analisaremos a formação das nações modernas, período em que se insere o Brasil, entendendo, como propõe Hobsbawm, que a nação tal como definimos hoje, é um processo ligado à modernidade.

independentes. Muitas guerras internas no continente americano tiveram as mesmas motivações que na Europa: controle de um território e de uma população. Os antigos habitantes perdem suas identificações: mapuches e tupi-guaranis se tornam chilenos, argentinos, brasileiros ou uruguaios, além somarem-se às populações africanas e aos imigrantes expulsos da Europa, geralmente pela pobreza. As sociedades se formavam com a marca das divisões sociais e se caracterizaram pela presença de um Estado forte, centralizado nas mãos das elites.

É importante destacar nesses processos algumas diferenças entre a Europa e a América: enquanto naquele continente houve um processo de substituição de regime, em alguns casos através de processo revolucionário, na América observou-se uma continuação da dominação das elites, com o poder nas mãos de uma burguesia de origem européia. De qualquer maneira, em ambos continentes surgiram novas formas de relação social, de poder e de dominação, ligadas a um território e a uma população consideradas nacionais e sempre ligados ao desenvolvimento do capitalismo mundial.

O processo de formação do Estado independente brasileiro, ocorrido em 1822, está dentro desse grande processo do século XIX, com algumas diferenças em relação à América espanhola, mas também com algumas semelhanças. Levado a cabo pelas elites portuguesas, atendendo às expectativas de uma incipiente burguesia nacional e de uma burguesia estrangeira, o Brasil inaugura primeiro o seu Estado, que irá se ocupar, mais tarde, com a formação de uma nacionalidade. Não iremos entrar em detalhes acerca do processo de independência brasileiro, mas gostaríamos de levantar algumas discussões feitas por alguns intelectuais brasileiros sobre o caráter da nossa nacionalidade. Entendemos que essas discussões demonstram algumas das representações do país que fazemos até os dias atuais e marcaram o nosso ensino.

1.2 – A identidade nacional brasileira

Roberto Da Matta⁵ define a identidade nacional como:

a memória e a consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada... onde as pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu... uma entidade viva, cheia de auto-reflexão e consciência, algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História.

Na obra citada, Da Matta faz uma espécie de inventário dos principais “comportamentos” dos brasileiros e procura explicar as suas razões antropológicas, as ligações entre coisas aparentemente díspares e que fazem este todo chamado “Brasil”. Para ele há um estilo, um modo de ser, um “jeito” de existir brasileiro, construído historicamente. O autor procura os principais comportamentos dos brasileiros na casa, na rua, nas festas (no carnaval, especialmente), nas relações de gênero, de cor e de classe. Suas conclusões são otimistas: o caráter “conciliador” do brasileiro é mostrado como sua principal qualidade e a “carnavalização” da vida em sociedade é tida como um traço que, não só distingue o brasileiro como é algo que pode servir de exemplo para o mundo.

Estas explicações de Da Matta somam-se às de muitos intelectuais brasileiros se preocuparam com a busca da identidade nacional brasileira. Marilena Chauí⁶ baseada numa divisão das etapas da nacionalidade proposta por Eric Hobsbawn⁷, entende que no caso brasileiro passamos, primeiramente, pela discussão acerca do “*caráter nacional*” e, posteriormente, pelas discussões acerca da “*identidade nacional*”.

No primeiro período procurava-se encontrar as disposições naturais do povo e suas expressões culturais (língua, raça, crenças religiosas, usos e costumes, folclore, artes). A

⁵ DA MATTA, Roberto – *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2001. Pág.12.

⁶ CHAUI, Marilena - *Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000. Pág.16.

⁷ Hobsbawn propõe três etapas na abordagem da construção nacional: a primeira chamou de “princípio da nacionalidade” e ocorreu entre 1830-1880. A segunda, de 1880 a 1918 é a da “idéia nacional” e, finalmente, em 1918 até os anos de 1950-60, fala-se em “questão nacional”. A primeira etapa vincula nação e território, a segunda a articula à língua, à religião e à raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas.

nacionalidade era entendida como *“uma totalidade de traços coerentes, fechada e sem lacunas, porque constituía uma natureza humana determinada”*⁸. Este período corresponderia aos dois primeiros apontados por Hobsbawm (1830-1880 e 1880-1918). Para alguns intelectuais, o Brasil foi formado pela mistura das três raças e a sociedade brasileira desconhece o preconceito. Para aqueles que dão uma marca positiva ao caráter nacional, o branco, o índio e o negro são vistos como cordiais e bons. Já numa visão negativa, o índio é indolente, o negro atrasado e o branco é ignorante. Destacaram-se pensadores como Afonso Celso, Gilberto Freyre e Cassiano Ricardo, conferindo um sentido positivo para o caráter brasileiro, e Silvio Romero, Manoel Bonfim ou Paulo Prado, que lhe dão um sentido negativo. Estas duas interpretações são ainda presentes em diferentes discursos sobre o Brasil.

O segundo momento da elaboração teórica sobre a nação brasileira é a passagem da procura do caráter nacional para a idéia de “identidade nacional” e corresponderia ao terceiro período apontado por Hobsbawm (1918-1960). Aqui o foco é a concepção de um grupo que pode viver em harmonia ou em tensão e fala-se em “consciência social” e “consciência nacional”. Procura-se o diferente, os antagonismos de cada classe social e a nação é concebida como algo incompleto, a ser construído. O Brasil é entendido na perspectiva do atraso, do subdesenvolvimento, por aquilo que ainda falta para ser um país desenvolvido, tendo os países capitalistas centrais como modelos. Para os intelectuais que pensaram o país deste maneira, faltava-lhe ao mesmo tempo uma burguesia nacional com um projeto para ser uma verdadeira classe dirigente e uma classe operária madura, autônoma e organizada; à classe média faltava uma identidade, ficando ora atrelada à classe dominante, ora indo a reboque da classe operária. Finalmente, teríamos apenas o Estado como possibilidade de preencher o imenso vazio político.

Para Marilena Chauí, tanto a discussão do caráter nacional (o que somos), como a da idéia nacional (o que nos falta), saiu da pauta das preocupações atualmente. Com as idéias de

⁸ CHAUI, Marilena – Op. Cit. p.21.

globalização, de multiculturalismo, de trocas econômicas neoliberais, a questão nacional perdeu importância. O Brasil passou a ser chamado de “país emergente”, onde o Estado deve dar espaço para a iniciativa privada e o nacionalismo é uma coisa de “atrasados”. Segundo Chauí, esta postura atual pode estar repetindo o mesmo fatalismo do século XIX, que fez da nação algo imemorial, necessariamente progressista, o destino intocável da civilização. Hoje os discursos em voga, disseminados por uma parte do pensamento liberal, caíram em um outro extremo, do inelutável “fim da história” e da inutilidade / inoportunidade da nação. Em ambos os casos, mitifica-se e sacraliza-se uma determinada idéia de nação. Esses discursos não consideram o caráter histórico da sociedade e não questionam para quem serviu ou continuam servindo os alicerces sociais montados em 500 anos de exploração, inicialmente nos padrões coloniais e mais recentemente, pelo capitalismo internacional, de maneira predatória e com o consentimento das elites.

Esses discursos não discutem a nação como uma construção onde todos são sujeitos. O poder do Estado aparece como uma propriedade de poucos; ele deve ser forte para que se faça o progresso dentro da ordem e o governante, além de pai enérgico do povo, deve ser o salvador da pátria. Para Chauí, um autoritarismo social e uma conformação à pobreza entraram no imaginário do brasileiro. A nação ainda não é entendida como uma possibilidade de inclusão política e econômica da população, e as massas são vistas como ameaças para a “governabilidade” fazendo com que o aparelho estatal continue nas mãos de uma elite que se reproduz predatoriamente no interior do país. Tal como Miceli⁹, acreditamos que há em nosso país um vício de se pensar a história como uma criação “do outro”, fazendo com que milhões de pessoas se sintam alheias de seus destinos, excluídas das ações decisórias, que “fazem-não-fazem” parte do país.

Porém, parece-nos que esses discursos neoliberais estão perdendo o fôlego e já se

⁹ MICELI, Paulo – Por outras histórias do Brasil. In: *O Ensino da História e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 1988.

escutam vozes que procuram encontrar um novo projeto para o país, sem o esfacelamento da identidade brasileira. Consideramos importante que o ensino mostre como se deu (e como se dá) a participação dos brasileiros na história. Este é um desafio para o ensino da história, que seja um instrumento de compreensão da identidade brasileira sem que não haja a repetição das imagens consagradas pela historiografia oficial.

1.3 – A consciência histórica e as representações

Tentaremos expor nossa compreensão sobre os principais conceitos com os quais estamos trabalhando: *consciência histórica, representações sociais, memória histórica e cultura política*. Acreditamos que estes quatro conceitos podem ser tomados numa perspectiva complementar, mantendo estreitas relações. Nossa intenção é mostrar como um trabalho com as características do nosso pode lidar, do ponto de vista epistemológico e metodológico, com estes quatro conceitos e como eles se complementariam.

Compreendemos a consciência histórica de acordo com Rüsen¹⁰, que a concebe como o uso prático que as pessoas fazem dos conhecimentos elaborados sobre os sujeitos no tempo e que servem para as explicações do mundo, para a resolução de problemas cotidianos e para a construção da identidade social. As pessoas se utilizam dos conhecimentos do passado para explicarem o presente e projetarem o futuro. E fazem isto também no outro sentido, ou seja, de acordo com suas projeções para o presente e para o futuro, vão ao passado buscar as explicações de tal forma que o passado os ajude a resolver suas questões. É o presente explicando o passado. Por isso, estas três dimensões estão sempre integradas e se influenciam.

Todas as pessoas vivem situações práticas que a vida em sociedade impõe. Elas precisam dar respostas para as mudanças que sofrem no decorrer do tempo e também precisam saber quem são, definindo uma identidade. Existem mudanças que ocorrem no

¹⁰ RÜSEN, Jörn – *Razão Histórica – teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília, Ed. Unb, 2001.

tempo (no tempo natural e no tempo histórico, o tempo dos seres humanos). Para dominar estas mudanças (de si mesmos, da natureza, da sociedade) os homens tentam interpretá-las. Criam então os chamados *quadros interpretativos das experiências no tempo*. Rüsén resume o conceito numa frase: “*A consciência histórica é a intenção de dominar o tempo*”.

Do trabalho com o tempo e as suas inevitáveis mudanças, as pessoas adquirem duas ordens de consciência:

- a) percebem que cada sociedade tem sua própria historicidade, caminha no seu tempo, dá suas respostas culturais para os problemas. Trata-se do chamado Princípio da Relatividade das Culturas¹¹;
- b) compreendem que o presente não é eterno; existiu um passado e existirá um futuro, ou nas palavras do autor: *O presente não é a ordem fundante das coisas*¹².

A consciência histórica se caracteriza assim, pela consciência da existência de um passado, de um presente e de um futuro. O presente é o terreno da ação; no passado buscam-se as experiências que aconteceram e que poderão ser úteis para o planejamento da ação, e o futuro representa a continuidade da pessoa, dos herdeiros e do grupo. Esta idéia de continuidade é importante pois ela é uma *representação* – a da imortalidade, segundo a qual o futuro se realizará através dos seres humanos que continuarão vivos. Podemos dizer, então, que a função da consciência histórica é a capacitação para agir com intenção no presente para projetar a continuidade. Nas palavras de Rüsén:

A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma de interpretação das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se intenciona, para além das condições e circunstâncias dadas da vida¹³.

¹¹ ZARKA, Yves C. - *A Construção da consciência histórica*. In: Revista de História das Idéias, Vol.23, 2002, Lisboa, pág. 110.

¹² ZARKA, op. Cit. Pág. 110.

¹³ RÜSEN, J – Op. Cit. Pág. 59.

Em sua tese de doutorado, L.F. Cerri¹⁴ confronta algumas posições antagônicas a respeito da consciência histórica. A primeira delas afirma que algumas pessoas têm mais consciência que outras e ela é uma qualidade do homem moderno, pois só a sociedade moderna se abriu para a preocupação com a história, enquanto a sociedade tradicional vivia imersa na “memória”. Esta opinião é defendida por Hans-Georg Gadamer. Outra compreensão de consciência histórica, é encontrada em Agnes Heller, para quem a consciência histórica é inerente a todo ser humano, seja qual for sua situação cultural. Para a autora, existem estágios de consciência que passam por vários momentos, iniciando quando:

um determinado grupo cria normas comuns, substituindo com elas os instintos... passando por um momento em que um grupo concebe o mundo como histórico, no sentido de criação humana, relativizando a própria cultura chegando à consciência de que a história não marcha indelevelmente para o progresso.. que a racionalidade e a ciência não dão conta da evolução humana e de que o futuro é missão de cada um e de todos”¹⁵.

Vejamos como, para Rüsen, a consciência histórica é mobilizada. Num primeiro momento as pessoas lançam mão dos conhecimentos adquiridos pela “tradição”. Com os elementos da tradição não há reflexão exaustiva, mas há tentativas de solução através do senso comum, daquilo que o grupo já considera, tradicionalmente, eficaz; é um momento anterior às tentativas de explicações. O segundo momento de mobilização da consciência começa requerer um esforço interpretativo. Para se ter mais elementos de análise, as pessoas e os grupos vão mobilizar as suas “memórias”. Ou seja, vão selecionar do passado experiências, conhecimentos, representações, que auxiliem a interpretação. O passado será ativado de acordo com as intenções do presente – de acordo com as ações que se desejam - e também de acordo com as intenções do futuro.

A memória é mobilizada pelo instrumento da *narrativa*, que podem ser de dois tipos:

a) *Ficcionalis*, expressas nos mitos, lendas, contos.

¹⁴ CERRI, Luis Fernando - *Ensino de história e nação na propaganda do “milagre econômico”* – Brasil: 1969-1973. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas, SP, 2000.

¹⁵ CERRI, Luis Fernando – Op. Cit. P.03.

c) *Não-ficcionais*, (ou “*verdadeiras*”), que podem ser de dois tipos: narrativas que compõem *memórias mais pessoais e espontâneas* (porém sempre ligadas ao coletivo) e a *memória histórica*, de caráter mais político, que serve de substrato da constituição da identidade grupal e acaba por interferir sobre a forma como as pessoas se recordam parte de suas lembranças, mas não abrange todo o campo delas.¹⁶

Por memória histórica podemos considerar, assim, as lembranças de fatos históricos, construídas socialmente com fins determinados de manter, exaltar, comemorar ou, ao contrário, desqualificar ou mesmo suprimir episódios e pessoas que tenham um significado para o grupo, num determinado momento. A memória histórica é construída através de vários instrumentos. Ela aparece principalmente:

- no saber escolar, na história ensinada;
- na produção historiográfica, que representa o saber acadêmico;
- nas produções oficiais: ritos, monumentos, hinos, datas comemorativas, etc., ou seja, nos chamados “lugares da memória”.

Os autores concordam com a importância das memórias coletivas (e especialmente a memória histórica), para a constituição da auto-imagem do grupo, para a constituição de uma identidade¹⁷:

¹⁶ Rösen chama-nos a atenção para as dificuldades em se fazer uma distinção clara entre as fontes ficcionais e as não-ficcionais na formação da memória e quando se está operando com uma ou com outra. Na prática há uma profunda influência mútua durante a elaboração e o uso de ambas. Além do mais, encontramos autores que sublinham a importância da emoção e da imaginação, ou seja, da ficção, para a aprendizagem, como condição prévia para a reflexão sobre a história. Ver: GARCIA, Verena – Aprendizaje histórico: Algunas consideraciones y propuestas didácticas desde una óptica alemana. In GARCIA, V – *Identidad en el Imaginario Nacional- Reescritura y Enseñanza de la Historia*. Puebla, BUAP, 1998. Pág.286.

¹⁷ Las memorias colectivas son poderosas herramientas de construcción de significado tanto para la comunidad como para los individuos que la componen. Los individuos se definen a sí mismos en parte por sus propios rasgos, pero también por los grupos a los que pertenecen, así como por sus circunstancias históricas. Las memorias colectivas proporcionan un telón de fondo o un contexto para la identidad de mucha gente. La historia nos define al igual que nosotros definimos la historia. A medida que nuestras identidades y culturas evolucionan con el tiempo, nosotros reconstruimos tacitamente nuestras historias. Por la misma razón, estas nuevas memorias históricas definidas colectivamente ayudan a proporcionar identidades para las generaciones sucesivas. PENNEBAKER, James W. E CROW, Michael – Memorias colectivas: la evolución y la durabilidad de la historia. In : RIVERO, BELLELLI e BAKHURST (org.). - *Memoria Colectiva y Identidad Nacional*. Madrid, Biblioteca Nueva, 2000. Página 245.

As memórias coletivas são poderosas ferramentas de construção de significado, tanto para a comunidade como para os indivíduos que a compõem. Os indivíduos se definem a si mesmos em parte por suas próprias características, mas também pelos grupos aos quais pertencem assim como por suas circunstâncias históricas. As memórias coletivas proporcionam uma tela de fundo ou um contexto para a identidade de muitas pessoas. A história nos define, do mesmo tanto que nós definimos a história. A medida em que nossas identidades e culturas evoluem no tempo, nós reconstruímos tacitamente nossas histórias. Por essa mesma razão, estas novas memórias históricas definidas coletivamente ajudam a proporcionar identidades para as gerações sucessivas.

Assim, as *memórias coletivas* se fazem a partir de narrativas, que podem aparecer na forma de mitos e lendas, das religiões, das ideologias; e a *memória histórica* (uma espécie derivada das memórias coletivas), aparece na produção historiográfica, na história ensinada, nos rituais oficiais. Todas estas narrativas são *representações da realidade*. Procuraremos, em seguida, explicitar nossa compreensão acerca deste conceito.

As representações podem ser definidas como significações da realidade.¹⁸ Através delas procura-se, entre outras coisas, organizar e explicar a realidade, mobilizar os sujeitos, tornar presente um objeto (reapresentar algo que não está presente).

D. Jodelet aponta quatro funções das representações¹⁹:

- 1) SABER PRÁTICO – elas visam explicar um objeto, uma realidade.
- 2) SIMBOLIZAÇÃO – tornam presente algo ausente (reapresentar).
- 3) MOBILIZAÇÃO – o sujeito que conhece deve agir diante do objeto. Ao explicar, as representações mobilizam para a ação.
- 4) AJUSTAR O SUJEITO em seu ambiente.

Quanto a esta última idéia, de ajuste, gostaríamos de apontar para uma noção muito utilizada pelos pesquisadores que trabalham com o conceito de representações sociais: trata-

¹⁸ Gostaríamos de sublinhar nossa opção epistemológica. Estamos considerando as representações como tentativas de se aproximar e conferir significados para a realidade. Não estamos no terreno das representações como instituidoras da realidade, dentro das concepções chamadas genericamente de “pós-modernas”.

¹⁹ CARDOSO, Ciro F. - Introdução: Uma opinião sobre as representações sociais. In : CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, Jurandir (org). – *Representações: Contribuição a um debate* transdisciplinar. Campinas. Ed. Papyrus, 2000. Pág. 30.

se do Imaginário Social. Desenvolvido sobretudo por C. Castoriadis, a noção de imaginário nos reporta para a idéia de que elementos pré-existentes numa determinada sociedade somam-se às psiquês individuais e desta dialética – psiquê e elementos sociais pré-existentes - os indivíduos são socializados, formando o Imaginário de um determinado grupo. Estes elementos pré-existentes são as Representações Sociais, são as significações que as pessoas dão para as suas vidas pessoais e sociais. Por isso os termos Imaginário Social e Representações são muito próximos. Ou como afirmou Baczko: “*O Imaginário são as representações*”.²⁰

Neste sentido também nos aproximamos do conceito de *habitus*, desenvolvido principalmente por P. Bourdieu e muito trabalhado por R. Chartier em seus estudos da história cultural. Podemos definir o *habitus*, de modo muito simplificado, como²¹:

a mediação operada entre o comportamento individual e as estruturas coletivas. Desse modo, as 'aquisições' – fruto das posições sociais e da formação educacional – manifestam-se por meio das 'disposições' – caracterizadas pela maneira de ser, de falar, de gesticular, enfim, de se comportar socialmente.

Essa idéia de *habitus* é importante, na medida que demonstra a existência de formas de percepção e de classificação do real e como essas formas são institucionalizadas (as estruturas coletivas). Essas estruturas – que justificam, por exemplo, uma determinada organização social – são incorporadas pelo sujeito justamente sob o modo de representações coletivas. As representações são, então, os elementos pré-existentes, e baseados neles, as pessoas darão significados e ordenarão suas vidas na sociedade.

Se voltarmos, então ao conceito de consciência histórica podemos afirmar que ela é o uso destas significações (ou representações) para explicar as mudanças operadas no tempo: interpretar o passado, agir no presente e projetar um futuro. A consciência histórica vai utilizar um tipo de representação específica: as narrativas sobre o passado (encontradas em

²⁰ FALCON, Francisco – História e Representação . In: CARDOSO – Op. Cit. Pag. 56.

²¹ SILVA, Helenice R. - A História como representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO – Op. Cit – pág. 97.

várias instâncias, como na produção escolar, acadêmica e oficial, e também disponíveis em várias outras formas) para construir seus quadros interpretativos.

É preciso atentar porém para uma questão muito importante. Apesar de todas as pessoas possuírem uma consciência histórica, isto não significa que a sociedade se caracterize por um número incontável de consciências e que não haja uma certa uniformidade. Existe um nível de consciência que é comum aos membros de uma sociedade, num determinado momento histórico, que dá unidade ao grupo para que ele se compreenda e se identifique. Já vimos que a consciência histórica é um elemento primordial da identidade social. As explicações comuns de como um grupo se formou, como vive e como deverá ser o seu futuro, são o amálgama para a identificação entre as pessoas. Estas explicações e estes projetos aproximam as pessoas, fazem com que elas se identifiquem, seja num grupo pequeno (um partido político, uma minoria étnica, de gênero, etc.) seja na formação de um grande grupo, como um país inteiro.

Mais uma vez encontramos aqui a importância das representações e da memória para a identidade de um grupo. Para A. Rosa²²:

Para que uma entidade possa ter auto consciência, precisa de uma representação de si mesma. Tal representação é tanto uma imagem, um conceito de si mesmo, como um conjunto de recordações sobre seu próprio ser. Porém, a primeira é impossível sem o último: portanto, temos que nos fixar, primeiramente, nas recordações.

E também nos encontramos diante do conceito de consciência histórica quando os autores explicam : *“As memórias não são fixas; são recriações do passado, que nos produzem um sentido de continuidade, um sentimento de ser uma entidade com passado e com futuro”*.²³

²² Para que una entidad pueda tener autoconsciencia precisa de una representación de si misma. Tal representación es tanto una imagen, un concepto de sí mismo, como un conjunto de recuerdos sobre su propio ser. Pero, además, lo primero es imposible sin lo último; por lo tanto, los recuerdos son lo primero en lo que nos tenemos de fijar. ROSA, Adalberto et alli – Representaciones del pasado. cultura personal e identidad nacional. In: In : RIVERO, BELLELLI e BAKHURST (org.). - *Memoria Colectiva y Identidad Nacional*. Madrid, Biblioteca Nueva, 2000. Pág. 43.

²³ Las memórias non son fijas, sino recreaciones del pasado, que nos producen un sentido de continuidad, un sentimiento de ser una entidad con pasado y con futuro. Idem. Pág. 45.

Como as memórias não são fixas, ocorre uma “escolha” por determinadas memórias. Estas escolhas não se dão sem limites e sem conflitos: pode-se dizer que há uma “luta de representações”. Grupos dominantes fazem um grande esforço para estabelecerem denominadores comuns e generalizarem suas visões, de acordo com seus interesses. A educação é um dos campos privilegiados para o estabelecimento desta memória unificada, tentando uniformizar, minimamente, as maneiras de se comportar e de pensar. As lutas de representações demonstram uma tentativa de ordenação da sociedade e de hierarquização das idéias. Aqui encontra-se uma importante representação em jogo – *a ideologia*. Compreendemos a ideologia também como uma representação que visa organizar as idéias, com fins de luta pelo poder; uma interpretação interessada da realidade com o objetivo de exercer o poder sobre outras pessoas, generalizando aquela interpretação interessada junto a classes cujo interesse é supostamente outro.

Estabelece-se, assim, um complexo jogo de interesses na formação da consciência, quando grupos dominantes querem se apoderar e condicionar as consciências, com o objetivo de difundir a convicção sobre seus pontos de vista, seus valores e formas de pensar. Os demais membros da sociedade podem aceitar, reagir, contrapor, fazendo os grupos no poder usarem diferentes instrumentos para convencer a maioria da validade de suas explicações e de seus projetos. Entre estes instrumentos, encontra-se a escola e, nela, a disciplina de história. As reações contra a imposição de uma consciência dominante farão surgir diversos *focos* na sociedade²⁴.

O denominador comum mais amplo encontrado pelas elites para uniformizar a sociedade tem sido a **nação** (chegando a formas mais exacerbadas pelo nacionalismo). Para Cerri, “*a nação é o denominador comum, enquanto mobilizadora e subordinadora das várias consciências históricas em convívio na sociedade brasileira, convívio esse possibilitado pela*

²⁴ A idéia de focos de consciência se encontra em Marc Ferro, para quem existem focos nas instituições que guardam a história oficial e são legitimadoras da dominação, porém existem também nos setores da oposição (a chamada contra-história) ou em outros focos espalhados. In: Cerri, Luis Fernando. op. Cit. - p.5

nacionalidade enquanto identidade comum... ”²⁵

Cada grupo social vai formando uma determinada cultura política na busca de dar significado aos conflitos e à organização desta nação em que vivem. H. Silva explica o conceito de cultura política, assim como mostra suas aproximações com a idéia de consciência histórica²⁶:

A cultura política é um fenômeno complexo que corresponde não a uma idéia de ideologia ou de conjunto de tradições, mas a uma pluralidade de elementos que permitem definir uma forma de identidade do indivíduo em relação à nação, assim como à própria cultura; a cultura política inscreve-se num quadro de normas e valores que determinam a representação que cada sociedade faz de si própria, de seu passado e de seu futuro.”

As narrativas selecionadas socialmente: rituais, símbolos, memória histórica, etc., vão formando normas e valores e definem as explicações que a sociedade faz de si própria, do passado e do futuro da nação. A especificidade das representações que formam a cultura política é que elas se centralizam na explicação dos fenômenos políticos e de identidade de um grupo, assim como de suas diferenças para outros grupos.

Podemos assim concluir que nosso trabalho busca conhecer **as representações da nação**: imagens, opiniões, valores, ideologias, presentes nas falas dos alunos, tendo como opção epistemológica entender as representações enquanto significados da realidade (dentro da vertente chamada de visão moderna) e não como instituidora da realidade (visão pós-moderna). Trata-se de um trabalho que vai buscar as narrativas da história reconstruídas pelos alunos a partir dos conhecimentos adquiridos, sobretudo, na escola.

As representações que os alunos fazem da nação vão demonstrar suas identificações como brasileiros, seus valores sobre o Brasil, suas explicações para os fenômenos políticos do país. Estaremos, neste sentido, conhecendo aspectos sobre a **cultura política** destes alunos. Estamos entendendo a cultura política como a soma dos elementos que permitem uma forma

²⁵ CERRI, Luis Fernando - *Ensino da História e nação na propaganda do milagre econômico – Brasil 1969/1973*. Tese de doutorado. Unicamp. 2000. Pag. 01.2 - O ensino da história, memória e nação.5.

²⁶ SILVA, Helenice R. - A História como representação do passado: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO – Op. Cit – pág. 95.

específica de identidade do indivíduo com um grupo específico que é a nação. São normas e valores (constituídos pelas representações) que a sociedade faz de si e dos outros grupos nacionais, tentando explicar os fenômenos políticos. Assim, estaremos nos aproximando da **consciência histórica** dos alunos, na medida em que suas opiniões, símbolos, idéias, valores, revelam os seus **quadros interpretativos** para explicar o Brasil em suas dimensões passado/ presente e futuro (como foi, como é e como será o Brasil). Estes quadros interpretativos vão se formando através das representações a partir do conhecimento escolar (entre outros), para cumprir duas funções – **simbolizar** o Brasil e **agir** no Brasil (duas funções das representações e componentes da consciência histórica).

1.4 – A problematização da nação na reflexão didática

1.4.1 – O ensino da história, memória e nação.

Diante das considerações expostas acima, pretendemos analisar o papel da educação e sobretudo do ensino da história no processo de formação da consciência histórica, através das representações. Sabemos que o ensino é uma das principais formas de transmissão de conhecimento sobre a história, mas não se sabe bem ao certo o que acontece com os alunos uma vez expostos às lições de história tal como se pratica nas escolas. Não sabemos exatamente as conseqüências, os resultados do ensino da história. Existem algumas pesquisas que *“versam sobre o ensino: seus veículos e práticas difusoras das memórias vencedoras – mas pouco se fez a respeito do papel da educação histórica sobre a formação das consciências e das identidades”*²⁷.

De acordo com as pesquisadoras francesas Guyon, Mousseau e Tutiaux-Guillon²⁸,

²⁷ SIMAN, Lana Mara de C. Et alli - *Inaugurando a história e construindo a nação*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2001, pag. 150.

²⁸ Apprendre c'est construire des représentations de plus en plus complexes et pertinentes. GUYON, Simone, et alii – *Des Nations à la Nation – Apprendre et conceptualiser*. Paris, INRP, 1993, pg. 144.

aprender é construir representações cada vez mais complexas e pertinentes. As autoras defendem que os alunos possuem conhecimentos, saberes, opiniões e atitudes pré-existentes ao ensino de um conteúdo e este será absorvido de acordo com aquelas vivências anteriores. Ao receber um novo conhecimento, os alunos vão transformá-lo e integrá-lo às suas estruturas anteriores, criando uma espécie de modelo pessoal de organização dos conhecimentos. Ou seja, se forma uma rede de representações, composta pelas antigas e pelas recém adquiridas. As representações são aqui compreendidas como:

um conjunto de conceitos, de enunciados e de explicações que provém da vida cotidiana. Elas (as representações) são, na nossa sociedade, o equivalente dos mitos e dos sistemas de crença das sociedades tradicionais; poder-se-ia considerá-las como a versão contemporânea do senso comum²⁹.

As representações têm a função de produzir comportamentos, de estabelecer comunicação entre os indivíduos, através delas ocorre a apropriação da realidade; forma-se uma grade de leitura da mundo.

As representações subentendem comunicação, decisão, ação; elas permitem ao indivíduo se inserir num grupo social e legitimar seus comportamentos. Apesar de constituírem uma visão incompleta ou parcial da realidade, um artefato, elas parecem, para cada pessoa, sua visão pessoal do mundo, sua realidade³⁰.

A memória, como vimos, é um importante componente da construção das representações e está na base da formação de uma identidade nacional e da garantia de sua legitimidade. Através da seleção de determinados heróis, datas e acontecimentos e do ocultamento de outros, uma determinada memória de nação é reatualizada e revivida. A construção da nação será também a construção de uma memória nacional que vai moldando a identidade dos sujeitos e garantindo a unidade do grupo. É um processo que atinge a emoção,

²⁹ Par représentations sociales, nous désignons un ensemble de concepts, d'énoncés et d'explications qui proviennent de la vie quotidienne... Elles sont, dans notre société, l'équivalent des mythes et des systèmes de croyance des sociétés traditionnelles; on pourrait même les considérer comme la version contemporaine du sens commun. Idem - pag. 145.

³⁰ Les représentations sous-tendent communication, décision, action; elles permettent à l'individu de s'insérer dans un groupe social e d'y légitimer ses comportements. Bien qu'elles constituent une vision incomplète ou partielle du réel, un artefact, elles sont pour chacun sa vision personnelle du monde. Elles sont pour chaque sujet son réel, sa manière de penser. Idem - pag. 145.

através do uso de monumentos, símbolos, imagens, hinos, rituais, datas comemorativas, dos diferentes lugares da memória. Como resume M. Motta:

Condição indispensável da cultura humana, fundamental no reforço da coesão social, a memória coletiva funciona como um depósito onde o indivíduo busca elementos que lhe permitem identificar-se social e historicamente. Ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, a memória reforça as fronteiras sócio-culturais, tornando-se ingrediente básico da identidade nacional. Podemos afirmar que o passado coletivo, fundado numa reserva de símbolos, imagens, de modelos de ação, é a origem da legitimação da nação³¹.

Para J. Fontana, as memórias transmitidas pela tradição oral também são importantes para a escolha daquilo que será transmitido, cujo objetivo é garantir a estabilidade. Segundo ele:

Todos os elementos desta tradição oral: genealogias, poemas, fórmulas, rituais, provérbios, etc. - têm uma finalidade determinada e cada instituição e grupo social possuem uma identidade própria que se acompanha de um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição que os explica e justifica³².

Para as sociedades ditas “tradicionalistas”, são os mitos que formam as narrativas completas, responsáveis pelas explicações coerentes e sacralizadas para o mundo. Nas sociedades “modernas” como a nossa, a história pode ocupar o lugar do mito, na sua tarefa de dar explicações para o mundo. É o que esclarece Schwarcz:

Como os mitos, que não param de crescer em espiral, porque a contradição que os funda não deixou de existir, da mesma maneira a História oferece versões possíveis para pensar problemas do presente e dar conta dos mesmos, ao menos enquanto modelo. Ou como afirma C. Lévi-Strauss: “Não ando longe de pensar que, nas nossas sociedades, a História substituiu a Mitologia e desempenha a mesma função, já que para as sociedades sem escrita e sem arquivos, a Mitologia tem por finalidade assegurar, com um alto grau de certeza – a certeza completa é obviamente impossível – que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado³³.”

Estabelece-se uma relação complexa entre a memória e a história ensinada. Ou seja, a

³¹ MOTTA, Marly Silva da. - *A nação faz 100 anos - a questão nacional no centenário da Independência*. Rio de Janeiro. Ed. FGV-CPDOC, 1992.

³² FONTANA, Josep - *História: Análise do passado e projeto social*. Bauru, Edusc, 1998, p.15

³³ SCHWARCZ, Lilian M. - De volta ao passado com as lentes focadas no presente. Prefácio do livro de SIMAN, Lana M. de Castro (org).- *Inaugurando a História e Construindo a nação*. Belo Horizonte. Autêntica, 2001, p.14.

história ensinada produz narrativas que ajudam a dar sentido para a vida, ela tem sido uma das fontes das memórias a serem preservadas para a manutenção do grupo.

O que acontece, então, no ensino da história? Para H. Moniot, a sociedade dita aquilo que considera fundamental a ser ensinado para as novas gerações. O professor, por sua vez, como parte desta sociedade, vai levar em consideração algumas demandas sociais e, somadas aos seus próprios valores, fará escolhas de conteúdos e metodologias. Para Moniot, estas escolhas pretendem dar sentido para a vida coletiva, ser uma espécie de *filosofia social geral*, fazendo o professor mobilizar um conjunto de valores. Para o autor:

Não se ensina a história sem motivo, não se contam as coisas simplesmente porque elas já passaram; lições de política, moral, de sociedade, aparecem. A escolha de temas, formas de narrativas e de inteligibilidades, os heróis individuais e coletivos, têm inspirações fundamentais³⁴.

Portanto, além dos conhecimentos, professor estará trabalhando valores que ultrapassam os conteúdos. A fixação desses valores acaba sendo o principal resultado do ensino da história. Esta é a tese defendida pela professora Maria Stephanou, para quem “*a aprendizagem de conteúdos na escola, para além da mera aquisição de informações, implica a produção ativa de subjetividades, ou maneiras de ser, conhecer e interpretar o mundo e a si próprio*”³⁵. Para a autora, os alunos podem esquecer os nomes, as datas, os feitos épicos e as narrativas, mas eles retêm determinadas maneiras de conhecer, de interpretar o mundo em geral e o seu EU no mundo. Noções como tempo linear, evolução, progresso, verdade, heróis, nacionalidade além de exercícios escolares como memorização, repetição, comemorações, têm produzido a consciência do mundo social. É dessa maneira que a identidade nacional dos alunos é estruturada.

³⁴ On n'enseigne pas publiquement l'histoire sans motif; on ne raconte pas les choses simplement parce qu'elles se sont passés; des leçons de politique ou de société s'en dégagent bien de quelque façon; le choix des récits et des thèmes, des héros individuels et collectifs, celui des intelligibilités mêmes ont des inspirations principales. Ces inspirations, parfois, sont si largement partagées qu'elles passent pour évidentes, et parfois non. MONIOT, Henri. *Didactique de l'histoire*. Paris, Ed. Nathan 1993. p. 31.

³⁵ STEPHANOU, Maria- *Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar*. Revista Brasileira de História, vol.18, n.36, São Paulo, 1998.

O professor deve ter consciência de que, através de suas escolhas metodológicas e de conteúdos, está colaborando com a construção dos valores, das identidades e da consciência de seus alunos. No entender de H. Moniot, o professor deve saber trabalhar as ditas “mitologias” mantendo com elas uma relação “lúcida e ativa”, sabendo que, aqueles que denunciam as mitologias na história ensinada – em nome da crítica da ideologia – correm o risco de propor uma outra mitologia para substituir a antiga. O julgamento de um “mito” é um processo social complexo e que não depende unicamente do professor de história. Consciente disto, o professor deve trabalhar numa perspectiva esclarecedora, procurando desenvolver valores positivos, como a liberdade democrática, o desenvolvimento da razão, a socialização das informações, a iniciativa dos alunos. No que diz respeito aos conteúdos especificamente de história deve mostrar como a narrativa histórica é construída e a que (ou a quem) pode servir. É preciso também romper com a idéia mecânica de progresso, de caminho único e linear da humanidade, princípio tão caro à educação burguesa, que tem servindo aos interesses das elites e liga-se à própria construção, não somente das nações, como de toda a ocidentalidade, desde o século XIX.

1.4.2 – O tema da nação na educação brasileira

A escolha deste tema - a história do Brasil e a nação brasileira – justifica-se pela sua importância na organização do ensino ao longo da sua existência enquanto disciplina.

Para conhecermos um pouco da história do tema da nação na disciplina de história devemos nos reportar aos fins do século XIX, período da afirmação da burguesia comercial e industrial. Nesta época consolidou-se a formação dos Estados Nacionais Modernos, que reuniu grandes contingentes de pessoas num território, iniciando o processo de estabelecimento das Nações tal como entendemos atualmente. Começou a ser constituída, a partir de então, uma memória que foi se desligando dos padrões de pensamento da Igreja e se

voltando para o mundo da técnica. A **ideologia do Progresso** foi a grande ferramenta encontrada para justificar a dominação, apoiada em dois pilares: o pensamento cientificista e a sacralização da nação. Estes dois pilares marcarão sobremaneira o ensino, sobretudo o da história, até os dias atuais.

Para impor-se ideologicamente, a burguesia adotou uma série de medidas, colocando a seu serviço a produção e difusão do conhecimento, inclusive o conhecimento histórico, aplicando os fundamentos das ciências naturais para as humanas e definindo a história humana como espiral incessante de progresso. Iniciou-se a construção de uma memória enaltecida das elites no poder e de seu caráter “progressista”, incluindo neste progresso o Estado-nação.

A escolaridade para as massas passou a ser um grande instrumento de afirmação do poder burguês, para suprir as necessidades de mão-de-obra e garantir a formação e a domesticação das “mentes e corpos”. A escola se tornou um depósito da memória burguesa e adquiriu a função de formar o cidadão que aquela nação precisava para continuar no “caminho do progresso”. No que tange especificamente ao ensino da história, entre seus objetivos estava a busca da genealogia da nação, com a exaltação de seus “pais” fundadores e a busca das explicações sobre como cada nação caminhava, inelutavelmente, para o progresso. Segundo Elza Nadai: *“A história se apresenta assim, como uma das disciplinas fundamentais no processo de uma identidade comum – a do cidadão nacional – destinado a continuar a obra da nação...”*.³⁶

Este processo de formação de uma memória nacional burguesa através do ensino, e, especificamente, do ensino da história, ocorreu também no Brasil e foi objeto de análise de muitos estudiosos³⁷.

³⁶ NADAI, Elza- O ensino da história e a pedagogia do cidadão. In: PINSKI, Jaime (org.) - *O ensino da história e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 1988. p.25.

³⁷ Entre os muitos trabalhos sobre este tema, selecionei os seguintes: PINSKI, Jaime (org.) - *O ensino da história e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 1988.; MICELI, Paulo - *O mito do herói nacional*, SP, Contexto, 1997; SIMAN, Lana M. de Castro (org.)- *Inaugurando a História e Construindo a nação*. Belo

Pode-se apontar a obra de Karl Von Martius como fundadora de um tipo de ensino que se tornou referência. Vencedor do concurso: *“Como se deve escrever a história do Brasil”*, lançado em 1844 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o autor pregava a idéia de que o Brasil se caracterizava pela mistura das raças: branca, indígena e negra; uma verdadeira “novidade” na história da humanidade e que só o Brasil poderia se aproveitar disto para o seu desenvolvimento, pois era o motor da sua história. Segundo Kodama, Von Martius ressaltava o *“caráter civilizador do branco e evocava a imagem do português como a de um rio caudaloso, que iria absorver os outros confluente menores, os índios e os negros”*³⁸. Ele considerava que a mescla das raças era uma “obra divina”, a Providência tinha reservado para o Brasil este destino histórico.

Von Martius destacava, por outro lado, a importância de se fazer uma história “anônima da comunidade”, ou seja, sem ressaltar apenas os heróis e as grandes memórias. Para ele, uma “obra histórica deveria salientar tanto as virtudes históricas de um povo quanto as suas particularidades”. Para Kodama esta *“concepção, de particularidade dos povos, conduzida pela história, cuja origem podemos remeter ao meio intelectual alemão de Martius, seria fundamental para a idéia de nação, construída durante o século XIX”*³⁹.

Além de Von Martius, outro importante construtor da história nacional brasileira foi Francisco Adolfo Varnhagen, que constituiu a nação em sua obra *“História Geral do Brasil”*. Varnhagen enfatizou também a “união das três raças”, citando como exemplo a expulsão dos holandeses como uma semente de nacionalismo, um sentimento de identidade brasileira já presente antes da independência. Esta idéia da união das raças foi fundamental para a idéia o “mito da união nacional”.

Horizonte. Autêntica, 2001.; STEPHANOU, Maria- *Instaurando Maneiras de Ser, Conhecer e Interpretar*. Revista Brasileira de História, vol.18, n.36, São Paulo, 1998; MATTOS, Ilmar Rohloff (org) – *Histórias do ensino da história no Brasil*. RJ, Access, 1998.

³⁸ KODAMA, Kaori – Uma missão para letrados e naturalistas: “Como se deve escrever a história do Brasil?” In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.) – *Histórias do ensino da história no Brasil*. RJ, Access, 1998, p. 14.

³⁹ Idem, p.29.

As idéias de Von Martius e de Varnhagem foram reproduzidas em manuais didáticos, responsáveis pela formação histórica de milhões de brasileiros por muitas décadas. Uma das primeiras obras a levar as idéias do historiador para o ensino foram os manuais didáticos batizados como “*O Brasil em Lições*”, escritos por Joaquim Manuel de Macedo, sob encomenda do governo imperial entre os anos de 1861 e 1865, e que serviram para alunos do Colégio Imperial D. Pedro II (onde o autor era professor de História do Brasil) e para as escolas primárias de todo o país⁴⁰. Os manuais procuravam cumprir alguns objetivos da educação do império: criar os quadros necessários para a administração e organizar a “boa sociedade” brasileira, formada pelo “súdito-cidadão”, uma pessoa conformada ao governo monárquico, católico e centralizado e à sociedade profundamente hierarquizada, senhorial e escravista. O governo imperial tinha necessidade de criar quadros políticos e administrativos para o país; assim, fundou faculdades, escolas primárias e secundárias, institutos científicos, acadêmicos e artístico. Também era necessário difundir valores para garantir e justificar, entre outras, a divisão social entre senhores e escravos. As elites se propunham a colocar o Brasil no palco das nações civilizadas, mantendo, porém, as estruturas seculares. Estes valores foram disseminados nas “Lições”.

Formado em medicina, o “Dr. Macedinho” atuou como romancista (sua obra mais conhecida é “*A Moreninha*”), além de jornalista, deputado, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor de História no Colégio Pedro II. O fato de pertencer a estas duas instituições fez com que suas obras tivessem tanto a marca do historiador como a do professor. Joaquim Manuel de Macedo soube casar a historiografia da época com os conhecimentos e os fins escolares, uma das explicações para o sucesso que as Lições alcançaram.

Nos prefácios, o autor colocava seus objetivos: combinar erudição com a identificação

⁴⁰ Para analisar este manual, nos baseamos no trabalho de MATTOS, Selma Rinaldi de - *O BRASIL EM LIÇÕES - A história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. RJ, Ed. Access, 2000.

dos caminhos da evolução da nação e tornar legível a história pátria para os alunos. Reforçava-se a falta de civilidade dos índios e a vinda dos portugueses para civilizá-los, comprovando a superioridade branca. No conteúdo da Invasão Holandesa, a união das três raças na expulsão do invasor também era vista como o germe de uma consciência nacional. Trabalhava-se dois importantes valores: a unidade do território e a cooperação das três raças fundadoras, acima das diferenças sociais. Segundo as palavras de Joaquim M. de Macedo: “... *emergia um panteão, um sentimento patriótico e a formação do povo brasileiro, renunciando o Império do Brasil do século XIX. A narrativa da guerra holandesa é a maneira de constituir uma memória nacional e uma história geral, em oposição a uma memória nativista e provincial*”⁴¹

Este mito da “união das três raças” enfatizadas por Von Martius, Varnhagen e Joaquim M. de Macedo criou um modelo para explicar o Brasil. Não é preciso dizer o quanto este mito esteve presente no ensino da história, velando o racismo e o autoritarismo social.

O colapso da monarquia e da escravidão vai despertar os intelectuais para o problema da integração dos ex-escravos na sociedade e para os perigos da ausência de sentimento nacional entre a população do país. Vários intelectuais se mobilizaram pela educação na formação deste sentimento nacional e se destacaram nesta época as obras de João Ribeiro e José Veríssimo. Uma instrução de 1890 já pregava que “*a principal preocupação do programa e do ensino, na história pátria particularmente, era instituir-se a história verdadeiramente educativa e vivificadora do sentimento nacional*”⁴². Conhecer a história para difundir o patriotismo, enfatizando o valor exemplar dos grandes heróis, que foram capazes de realizar grandes ações em prol do seu país, tal era o objetivo do ensino republicano.

A questão da formação da nacionalidade e da identidade nacional brasileira vai continuar ocupando espaço da produção intelectual brasileira no século XX, através da

⁴¹ MATTOS, Selma R. op.cit – p.113.

⁴² MATTOS, Ilmar R. - *Histórias do Ensino da História no Brasil*. RJ., Acces, 1998., p.52

participação de intelectuais conservadores na elaboração de programas de ensino, como foi o caso de Alberto Torres e mais tarde, na década de 1930, de Francisco Campos, ministro da educação do Governo Provisório. K. Abud⁴³, analisou os programas de história da época e considerou-os dentro deste espírito de formação da nacionalidade:

Os programas foram verdadeiros instrumentos ideológicos para a valorização de um corpus de idéias, crenças e valores centrados na unidade de um único Brasil, num processo de uniformização, no qual o sentimento de identidade nacional permitisse a omissão da divisão social, a direção das massas pelas elites e a valorização da 'democracia racial', que teria homogeneização num povo branco a população brasileira.

Os programas e métodos de ensino foram uniformizados para todas as escolas, acentuando a centralização e o controle exercido pelo governo federal. Segundo Abud, os programas eram organizados em torno de três eixos: unidade étnica, unidade administrativa e territorial e unidade cultural, enfatizando o papel do branco civilizador. Os índios continuam sendo tratados como inferiores ou com os traços heróicos dados pelo romantismo de José de Alencar e de Gonçalves Dias. Os heróis portugueses, como os bandeirantes, ocupavam parte importante das explicações sobre a história do povo e aos negros era dedicado pouco espaço nos livros didáticos, tratados como mercadorias e produtores de mercadorias. Segundo a autora, *“enquanto ao índio se conferia o estatuto de contribuição racial, os livros didáticos salientavam a importância do africano para a vida econômica do país, mas procuravam mostrar que a negritude estava sendo diluída pela miscigenação”*⁴⁴. Trata-se da ideologia do embranquecimento que tanto marcou a explicação da formação do povo brasileiro. Esta forma de pensar deu origem a livros didáticos que mostram as “contribuições do elemento indígena e africano”, colocando porém, como central, a obra civilizatória dos portugueses. Foi o trabalho dos portugueses (bandeirantes, jesuítas, administradores) que garantiu a unidade territorial e cultural brasileira. Nesta lógica também se encontra a comparação que se fazia

⁴³ ABUD, Kátia M. - *Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas*. Revista Brasileira de História. v.18, n.36, São Paulo, 1998.

⁴⁴ ABUD, Kátia M. - Op. Cit.

entre os processos de independência do Brasil e da América espanhola, pois os portugueses teriam conseguido manter nossa unidade territorial.

Esta concepção de história serviu à formação do cidadão ideal para o Estado centralizado de Vargas, cuidando para neutralizar as oligarquias regionais e formando o “sentimento nacional brasileiro”, baseado na raça, língua, e religião brancas, num só território sob uma única administração.

Pode-se dizer que esta forma de se ensinar a história permaneceu sem grandes transformações até o fim dos anos 50, quando houve uma grande efervescência política e econômica no Brasil, resultado das modernizações exigidas por setores médios – operários, estudantes, intelectuais, que apoiavam as “reformas de base”. O tema da nação cedeu espaço para o estudo da chamada “realidade brasileira”, com uma forte marca marxista, liderado por nomes como Caio Prado Jr. e Celso Furtado.

Aquela conjuntura de mudanças vivida no fim dos anos 50 e início dos 60 foi interrompida pelo movimento militar de 1964 e representou um grande golpe também no ensino. A disciplina de OSPB no ensino fundamental e de EPB nas universidades (criadas já em 1962, e influenciadas pela ótica da doutrina de segurança nacional a partir de 1964) alimentou o culto da pátria, da nação, da integração nacional e das tradições militares. Diminuiu-se a carga horária de História e Geografia, criando espaços para atividades extracurriculares de civismo, tais como: culto aos símbolos e aos heróis nacionais, homenagens aos novos heróis-presidentes, comemoração dos 150 Anos de Independência e até o Tri-campeonato de futebol era homenageado. Esse culto ao civismo passa a se confundir com o próprio ensino, especialmente de 1a. à 4a. Séries. A reforma conhecida como 5692/71 veio deliberadamente desqualificar os cursos e professores de história, com a criação do curso de Estudos Sociais, de curta duração, responsável pela formação de professores de história por pelo menos mais duas décadas.

Para S. Fonseca⁴⁵, o professor foi perdendo cada vez mais sua capacidade criativa pois as decisões se centralizaram e os conteúdos foram organizados de forma estanque (nos “círculos concêntricos”). Eram considerados sujeitos históricos aqueles que conduziam os destinos da nação e a participação de todos os brasileiros se dava por meio de um simulacro – o da identidade nacional e o amor à Pátria. Para a autora:

O culto aos sujeitos históricos e a glorificação de suas ações era parte relevante dos conteúdos de história nos programas de ensino. No caso de Minas Gerais, a ênfase às datas cívicas, locais e nacionais e o culto aos símbolos, às instituições, à Pátria e à Nação perpassavam os conteúdos... Muitas escolas nesse período exigem um caderno especial de datas cívicas, onde os alunos prestavam homenagem aos heróis⁴⁶.

Este processo vivido entre os anos de 1960 e 1980 marcou pais, alunos e professores, e a história continuou sendo compreendida como o estudo dos grandes homens do passado, heróis cristalizados na memória nacional. Com isto, favorecia-se a legitimação de uma memória das elites dificultando o rompimento com o modo tradicional de se ensinar a história.

A redemocratização das instituições, a partir dos anos de 1980, fez surgir muitas críticas e houve uma pressão muito grande sobre a legislação. Concomitantemente com as discussões da educação em geral, a disciplina da história passou a ser considerada lugar de produção de um novo saber, em que os alunos deixavam de serem vistos como meros receptáculos e os professores assumiam o trabalho pedagógico como reflexão e como pesquisa. A disciplina da história se abriu para novos temas, novas linguagens e novas metodologias. Fazendo um balanço desse período, vemos como foi realmente denunciado o caráter alienante da história positivista e heróica praticada até então; a geração saída das universidades no início dos anos 70 procurava se engajar nas questões sociais; os conteúdos mitificadores foram constantemente denunciados.

Entre as mudanças operadas no ensino da história, pode-se apontar:

⁴⁵ FONSECA, Selva Guimarães – *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, Ed. Papirus, 1993.

⁴⁶ Idem, pág. 69.

- tentativas de rompimento com uma cronologia unidirecional e a negação da divisão clássica (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea), com a proposição de outras divisões do tempo, com preponderância para os modos de produção da tradição marxista;
- uma tentativa de se ultrapassar uma visão estritamente europocêntrica da história assim como ultrapassar idéias de Progresso e de Finalidade da História;
- o estudo de grupos silenciados (mulheres, índios, negros, trabalhadores);
- ênfase no tema “trabalho” valorizando todos os sujeitos históricos produtores da realidade;
- críticas a uma história linear, mecanicista, etapista, factual e heróica
- estudos temáticos, permitindo um resgate da criatividade e criticidade do professor frente ao conhecimento histórico;

As análises marxistas feitas na época por historiadores e professores engajados, porém, pecaram por um economicismo exagerado e por graves anacronismos, apresentando a história como uma espiral em direção ao progresso, tal como o positivismo do século XIX.

Como explica Pinsky:

Na busca de razões econômicas do processo histórico e da lógica do sistema, o Homem, razão última do estudo engajado, é esquecido. Substitui-se o positivismo – com uma série desconectada de causas/efeitos – pela teleologia, onde há uma causa primordial para todos os fenômenos e a tendência deles para um fim necessário.⁴⁷

Essas mudanças na disciplina da história não aconteceram sem problemas. Segundo Fonseca, este processo foi um tanto atropelado e muitos especialistas, sejam acadêmicos ou de instituições responsáveis pelos sistemas de ensino, se arvoraram os únicos capazes de fazer currículos e propor as melhores atividades a serem desenvolvidas nas escolas. Para a autora, muitos dos executores dos currículos entendiam que o saber histórico se encontrava na

⁴⁷ PINSKY, Jaime - Nação e Ensino de História no Brasil. In: *O Ensino de História e a criação do fato*. São Paulo, Contexto, 1988, p.19.

academia e as escolas seriam os locais de transmissão. Essa divisão de trabalho (de certa maneira cientificista) limitou a ação dos professores, que acabavam tentando seguir diretrizes ou então simplesmente seguir os livros didáticos (também produzidos pelos “especialistas”).

Aliás, em se tratando de livros didáticos (ou para-didáticos), foi criada uma verdadeira indústria do mercado editorial, que, muitas vezes obedecendo aos ditames do mercado, simplificaram o conhecimento histórico. A indústria cultural, segundo Fonseca, paulatinamente entrou no debate acadêmico para apontar os rumos da história, agora vista como mercadoria produzida para ser aceita conforme os gostos do mercado⁴⁸.

Chegamos hoje a uma crítica dos modelos teleológicos e positivistas – seja do progresso da burguesia com seus heróis, seja da revolução mecânica pregada por uma determinada interpretação do marxismo. Procura-se encontrar um ser humano sujeito da história, que não seja submisso ao herói predestinado nem a um processo histórico definido, a priori, por esquemas teóricos. Os currículos propostos pelas instituições e pelos especialistas apontam alguns caminhos, algumas diretrizes sem, contudo, se apresentarem fechados e absolutos.

Estes novos modelos de ensino, mais preocupados com a heterogeneidade dos grupos, com a tolerância e com a centralidade do ser humano, apesar de estarem influenciando grandes contingentes de professores, ainda não chegaram a derrubar completamente os esquemas explicativos para a nação vindos do século XIX. Até que ponto este tema ainda influencia as aulas e a formação dos valores históricos entre os alunos é uma questão que ainda resta responder.

1.4.3 – O tema nacional nos dias atuais

Em pesquisa publicada em 1992, L.C. Villalta⁴⁹ entrevistou vários professores de

⁴⁸ Idem, pág. 154.

história e pôde constatar que eles consideravam ultrapassados aqueles conteúdos exclusivamente político-factuais, assim como o culto aos “heróis da Pátria”. Rejeitavam verdades absolutas e consideravam que o ensino da história deveria se voltar também para o presente. Porém, ao observar as práticas desses professores, o pesquisador pôde constatar algumas contradições entre as falas deles e os trabalhos em sala de aula, onde prevaleciam aulas tradicionais: cópias de textos, leitura de livro didático, respostas a questionários e aulas magistrais. Esta ausência de coerência deve-se a muitos fatores, que vão desde a falta de materiais alternativos à disposição (sobretudo nas escolas públicas), falta de vivência dos professores como pesquisadores, até a formação precária nos cursos superiores, onde falta diálogo entre os cursos de graduação e os departamentos de educação (responsáveis pelas disciplinas didáticas), entre outras.

Apesar dessas incoerências (permanência de metodologias tradicionais), tem-se discutido muito a adoção de novas temáticas e o uso de novas fontes, o combate à glorificação de heróis e acontecimentos que servem à elite, a problematização do presente, o uso de novas tecnologias e a produção do conhecimento no âmbito escolar. O ensino nos dias atuais encontra-se neste ponto: uma convivência entre o velho e o novo, porém com uma ânsia de mudar.

Já ultrapassamos aquele ensino glorificador da nação. Como nos mostra Laville⁵⁰:

houve um tempo em que o ensino da história não era mais do que uma forma educação cívica. Seu principal objetivo era confirmar a nação no estado em que se encontrava no momento, legitimar sua ordem social e política – e ao mesmo tempo seus dirigentes – e inculcar nos membros da nação – vistos mais como súditos do que como cidadãos participantes – o orgulho de a ela pertencerem, respeito e dedicação para servi-la...

Para o autor, o ensino passou a assumir outras funções quando as nações foram percebendo que já estavam bem assentadas e não temiam mais por sua existência. Isso

⁴⁹ VILLALTA, Luiz Carlos- *Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de história: alternativas em perspectivas*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 13, n. 25 e 26. Set/1992 e Ago/1993. pp.223-232.

⁵⁰ LAVILLE, Christian – *A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História*. In: Revista Brasileira de História, Vol. 19, n. 38, p. 125-138, São Paulo, 1999.

aconteceu por volta do fim da Segunda Guerra Mundial quando os ideais de democracia e participação substituíram as idéias de submissão de súditos. A disciplina se abriu para uma participação democrática dos cidadãos. Segundo ele⁵¹:

Grosso modo, dali em diante era preciso tornar os jovens capazes de participarem democraticamente da sociedade e desenvolver neles as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para tal. Os conteúdos factuais passavam a ser menos determinados de antemão, abrindo-se à variedade e ao relativo... a pedagogia da história passava de uma pedagogia centrada no ensino para uma pedagogia centrada nas aprendizagens dos alunos.

Ao analisar alguns debates sobre o ensino da história realizados em vários países, Laville percebeu, porém, que a questão da nacionalidade permanecia no centro das atenções, mantida, sobretudo pelas autoridades governamentais, preocupadas com a continuidade de uma certa tradição que serviria à manutenção de condições necessárias à existência dos respectivos estados nacionais. Esses debates aconteceram em países como Estados Unidos, Canadá, Japão, Inglaterra e França. O autor concluiu que:

É interessante notar quanto interesse, quanta vigilância e quantas intervenções o ensino de história suscita nos mais altos níveis. A história é certamente a única disciplina escolar que recebe intervenções diretas dos altos dirigentes e a consideração ativa dos parlamentos. Isso nos mostra quão importante é ela para o poder.

O tema da nação, mesmo não aparecendo na forma de conteúdos específicos (as origens da nação, a evolução da nação, etc.), está presente nas aulas de história nas mais variadas formas, como por exemplo, nos recortes que se estabelecem para organizar os conteúdos, nas datas e personagens escolhidos para serem estudados, entre outros. Por exemplo, a divisão entre História do Brasil e História Geral, que domina o ensino inclusive nas universidades, já nos mostra que a nacionalidade é o parâmetro. Assim, não é necessário que haja aulas específicas para que o tema da nação apareça na disciplina.

A aprendizagem sobre a nação é a apreensão de uma representação. Nela misturam-se saberes e valores; o conceito de nação não é apenas um instrumento de compreensão da realidade, mas também de identificação, de adesão, de comunicação compartilhada. A

⁵¹ LAVILLE, op. Cit.

aprendizagem de uma determinada idéia de nação tem uma função de manutenção da identidade e de equilíbrio social. O professor vai transformar representações sobre a nação – seus valores e suas vivências - em saber a ser ensinado. Assim, uma memória nacional será evidenciada nas aulas.

Essa complexidade do conceito de nação no ensino foi expressa no trabalho de três pesquisadoras francesas⁵², que buscavam conhecer as representações de nação presentes entre os alunos também franceses. As autoras afirmam que este conceito tem muitos significados e é carregado de afetividade e ideologia, sendo muitos os componentes que entram em sua definição e muitas as abordagens possíveis para conhecê-lo (pela sociologia, ciência política, história, geografia, psicologia, etc.). Apesar de todas suas facetas, a nação continua sendo freqüentemente utilizada para o estudo de situações históricas acontecidas desde o século XVIII. Tornou-se um instrumento chave para a compreensão do mundo moderno, não apenas do saber escolar como também do saber erudito. Apesar dos muitos significados e das inúmeras possibilidades de se compreender o que é uma nação, os programas escolares (de história sobretudo) se organizam a partir de períodos históricos centrados sobre o seu estudo⁵³.

As autoras procuraram estabelecer alguns possíveis atributos invariantes para a nação, que permitissem uma conceituação mínima pelos alunos. Assim, apontaram como conteúdos que entram no tema nação: a existência de um grupo humano (um povo); de um território, de uma cultura, de uma sociedade organizada, valores ideológicos, uma economia própria, um governo, uma organização jurídica, uma história e componentes imaginários (símbolos, emblemas, rituais, hinos, bandeiras, etc.). A partir destes componentes, presentes também nos saberes eruditos (no “savoir savant”) dá-se uma recriação em saberes didáticos, fazendo surgir redes de conceitos presentes em diversas disciplinas, tornando o conceito de nação

⁵² GUYON, Simone, et alii – *Des Nations à la Nation – Apprendre et conceptualiser*. Paris, INRP, 1993

⁵³ Idem. Pág. 89.

“ensinável”.

Entre as suas conclusões, as autoras chamam a atenção para o fato das representações que os alunos fazem da nação estarem geralmente ligadas às representações que fazem da sociedade em geral. O grupo “nação” é percebido como o maior dos grupos sociais a que pertencem. Por isso foi comum aparecer na pesquisa uma imagem estereotipada de uma nação harmoniosa e solidária, pois é isto que os alunos desejam para a sociedade. Este é um conceito construído a partir de exemplos vividos, é carregado de empirismo – os alunos aprendem através do uso, das relações que estabelecem entre um saber escolar formal e as suas referências concretas.

Para as autoras, para se trabalhar com este conceito de forma ideal o professor deve se desprender de uma visão pessoal muito restrita, de sua percepção somente imediata da nação, para conseguir elaborar uma idéia mais geral e abstrata, que proporcione o conhecimento da sua e de outras nações, desenvolvendo o espírito de crítica e tolerância.

Tentamos acompanhar um pouco a trajetória do tema nação na reflexão didática, mais especificamente no ensino da história. Muitas outras pesquisas poderiam ser citadas, ficamos apenas com alguns poucos exemplos de como este tema apareceu e ainda aparece em sala de aula. A seguir, detalharemos uma outra importante pesquisa, realizada na Europa entre os anos de 1995 e 1996, e que serviu de inspiração teórica e metodológica para o nosso trabalho.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 – Retomada do projeto europeu

Nosso primeiro instrumento de pesquisa (questionário) foi inspirado num trabalho realizado na Comunidade Européia e países próximos, durante o inverno de 1994/1995 e primavera de 1995. Este começou por uma iniciativa dos professores Magne Angvik, da Faculdade de Educação Superior Bergen, na Noruega, e Bodo Von Borries, da Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Ambos estando envolvidos na formação de professores e pesquisas neste campo, começaram um trabalho conjunto no verão de 1991. O projeto ganhou o nome de *Juventude e História – O projeto comparativo europeu sobre a consciência histórica entre os adolescentes* e se desenvolveu através do contato direto dos dois iniciadores com colegas de outros países, crescendo rapidamente. Quando o trabalho foi concluído, mais de 31.000 jovens de 15 anos tinham participado nos seguintes locais:

- Todos os países nórdicos: Islândia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia
- Países pós-soviéticos: Estônia, Lituânia, Rússia e Ucrânia
- Países do centro oeste europeu: Polônia, Hungria, R. Tcheca, Eslovênia, Croácia
- Países do sudeste europeu: Bulgária, Grécia, Turquia
- Europa sudoeste: Espanha, Portugal
- Europa central oeste: Alemanha, Itália (com uma amostra do Sul do Tirol, consistindo de todos os três grupos lingüísticos), Bélgica (somente a comunidade Flamenga)
- Europa ocidental: França, Grã-Bretanha (com uma amostra extra da Escócia),
- Israel, incluindo uma amostra dos árabes Palestinos (Margem Ocidental, Gaza e Jerusalém Oriental).

O projeto ganhou uma grande amplitude naquele momento, pois os Estados europeus estavam vivendo duas problemáticas em suas histórias: de um lado, voltavam-se cada vez mais para uma integração econômica com o fortalecimento da Comunidade Econômica Européia, e, por outro lado, assistiam ao dismantelamento da “cortina de ferro” e de suas antigas fronteiras. A partir disto, duas tendências se colocaram para o ensino: alguns países começaram um processo de reescrita de suas histórias nacionais e, ao mesmo tempo, pensava-se na possibilidade de escrever currículos e livros didáticos que permitissem trabalhar uma “história européia”. Naquele momento, a Europa era marcada por discussões sobre as identidades nacionais e regionais, problemas étnicos e de imigração. A disciplina de história era considerada chave para dar conta destas mudanças, dando explicações sobre a consciência cívica, os valores morais e as capacidades intelectuais para compreender a nova problemática que a Europa vivia. Repetiu-se, portanto, aquela expectativa sobre o ensino da história, especialmente por parte das autoridades, mencionada anteriormente por Laville, com o ensino de história auxiliando na formação do cidadão-europeu

Diante destas questões, o projeto europeu adotou, basicamente, os seguintes objetivos:

- Conseguir informações sobre como os alunos avaliavam a história e o ensino de história e, neste cenário, trabalhar para uma melhoria deste ensino baseado no diagnóstico da situação em diferentes países europeus.
- Determinar as dimensões e os elementos básicos da consciência histórica e produzir um quadro novo para trabalhos empíricos e teóricos mais avançados neste campo da ciência histórica.
- Desenhar uma espécie de mapa das interpretações históricas e atitudes políticas dos jovens na Europa. Este propósito era de grande interesse político para se obter informações sobre a prontidão para a integração européia e o que pensavam os jovens sobre o panorama de conflitos internos europeus.

- Finalmente, construir (e manter) uma rede internacional e interdisciplinar de pesquisadores e praticantes nos campos da história e da educação para discutir e promover conseqüências normativas dos resultados da pesquisa.

O grupo alvo foram alunos do Ensino Médio, pois os planejadores acreditavam que nesta idade os jovens já tinham bem desenvolvidas atitudes políticas e visões da história. Outro critério foi o da escolaridade obrigatória, que se encerra por volta dos 15 anos na maioria dos países, e assim, os alunos já teriam tido acesso ao conjunto do que a educação histórica escolar oferece em cada realidade específica.

Durante duas aulas (90 minutos aproximadamente), cada turma respondia a um questionário com 280 perguntas de múltipla escolha. Um outro questionário foi feito para aproximadamente 1.250 professores de história ou de estudos sociais, de diferentes partes da Europa, dando origem a valiosas informações. O material resultou em mais de 10 milhões de registros e, segundo os autores, pela primeira vez foi possível ter uma amostra representativa de dados sobre o ensino da história, concernentes a uma faixa etária completa de jovens e seus professores, em nível nacional, na maioria dos países da Europa.

A pesquisa se organizou em torno de quatro eixos⁵⁴:

- 1) Procurou-se recolher dados sócio-econômicos dos estudantes, seus capitais culturais e condições objetivas de sua socialização, através de perguntas sobre tipos de escolas que freqüentam, preferências de lazer, quantidade de livros, faixa salarial da família, importância dada à política e à família, que religião professam, tipo de instrução, notas obtidas na disciplina de história.
- 2) Explorou-se a percepção da realidade presente e as expectativas quanto ao futuro, fazendo questões sobre o orgulho nacional, preferências políticas, prognósticos para o futuro.

⁵⁴ PAIS, José Machado – *Consciência Histórica e Identidade: Os jovens portugueses num contexto europeu*. Oeiras, Celta Editora, 1999.

- 3) Investigaram-se concepções do passado, através de questões sobre como teria sido a vida em tempos antigos, que representações sociais faziam do passado, como entendiam alguns períodos da história.
- 4) Procurou-se fazer uma correlação entre tempos históricos e graus de conhecimento e avaliação de conceitos básicos relativos a esses tempos históricos, através de questões sobre o domínio de conceitos básicos (tais como: desenvolvimento, tradição, progresso, etc.), representações sobre a democracia, a Pátria, a Europa e suas diferenças culturais.

O número de dados que resultou deste trabalho foi muito grande, exigindo grandes esforços de interpretação. Em relação ao tratamento dos dados, consultamos o trabalho de A. Kindervater⁵⁵ que expõe alguns dos procedimentos estatísticos utilizados na pesquisa europeia. Em seu artigo, a autora nos mostra apenas como algumas informações estatísticas foram usadas, sem mostrar, entretanto, como todos os dados foram gerados matematicamente, pois a totalidade deles foi reunida num volume dedicado especialmente a isto.

Para estabelecer parâmetros de análises, foram criados os chamados “constructos”, ou seja, grupos de conteúdos e conceitos similares, divididos em níveis de complexidade. O primeiro nível dos constructos foram os ITENS, os quais a autora chamou de “Constructos de Nível Zero”. Trata-se das respostas dadas no questionário pelos alunos. Para cada item são feitas a porcentagem e as análises separadamente.

Para continuar a trabalhar com as informações fornecidas pelos alunos, houve a preocupação em reduzir a quantidade de dados a serem tratados para facilitar a manipulação; foram criados níveis superiores, juntando itens similares. O nível imediatamente superior aos itens, (o nível 1) são os FATORES. Os fatores são agrupamentos, blocos de questões. Vejamos, por exemplo, como foram criados três fatores para as questões 1 e 2 que continham

⁵⁵ Kindervater, Angela - How to use and read Youth and History Publications? In: *The State of History Education in Europe – Challenges and Implications of the “Youth and History” Survey*. Hamburg, Ed. Körber-Stiftung, 1998, pp. 53-65.

originalmente 11 itens:

- 1) A história não interessa, não tem utilidade, é pouco útil, não se gosta.
- 2) A história é relevante para orientação social
- 3) A história é relevante como linha de ação individual.

Assim, os 11 itens que fazem parte das duas questões foram resumidos em três fatores, sendo feitas as porcentagens para eles. O número de fatores que podem ser construídos depende dos objetivos de cada pesquisador.

Outro tipo de constructo foram as ESCALAS, ou seja, a média de itens similares. Mais uma vez, o pesquisador deve estabelecer uma similaridade para os itens que considerar próximos e tratá-los conjuntamente e isto também depende de suas experiências e suas opções teóricas.

Finalmente a autora propõe que pode haver um reagrupamento destes constructos – fatores e escalas – entre si, criando constructos de 2o. nível, fazendo comparações de dois fatores ou mais e de duas escalas ou mais.

A autora afirma a necessidade de fazer as médias destes constructos, pois elas permitem uma visão rápida e fácil dos resultados, estabelecendo, ao mesmo tempo, o desvio padrão, para saber o quanto as respostas estão próximas ou distantes da média (entre as respostas 1 e 5, a média é 2,5. Entre 2,4 e 2,6, a média também é 2,5, porém o desvio padrão é pequeno, as respostas são mais concentradas, o que mostra um grupo mais coeso no segundo caso, podendo modificar as análises).

Por fim, a autora nos apresenta algumas possíveis CORRELAÇÕES (que estamos denominando de “cruzamentos”). Estes itens receberam os valores -1, 0 e 1, sendo -1 para itens opostos, 0 quando não há nenhuma correlação, e 1 para itens similares. Estas correlações indicam que há relação entre os conteúdos.

Seguimos algumas sugestões feitas pela autora no que diz respeito ao estabelecimento

das médias e dos desvios padrões, da construção de fatores (a que denominamos de categorias), ao estabelecimento de correlações (cruzamentos). A totalidade dos constructos (fatores, escalas) e das correlações elaboradas, assim como a construção matemática e estatística dos dados, ficaram disponíveis num volume elaborado só com este fim, denominado “Documentação”, inclusive com a elaboração de um Cd-rom, onde foram reunidos mais de 300 tabelas mostrando os resultados.

Em função do grande número de dados levantados, o trabalho europeu permite múltiplos usos. Para os idealizadores, o principal interesse político da pesquisa reside no fato de servir como uma espécie de termômetro da prontidão dos alunos para uma integração europeia e perceber como os alunos concebem uma possível história unificada. Além disto, foi possível perceber algumas atitudes dos alunos diante do ensino da história, o valor atribuído a este ensino e alguns dos conhecimentos adquiridos. Procurou-se verificar como os alunos usavam estes conhecimentos para uma leitura do passado e do presente, assim como algumas formas de imaginar o futuro.

Os autores sugerem que a realização de entrevistas com alunos seria de grande valia, pois permitiria uma abordagem qualitativa, uma vez que o trabalho foi puramente quantitativo. As entrevistas permitiriam superar algumas deficiências, como o caráter muito abstrato de algumas questões para jovens de 15 anos. Outra possibilidade seria relacionar as respostas do questionário com outras metodologias de ensino usadas em sala de aula – manuais didáticos, programas, testes, ou ainda com outras fontes da consciência histórica, como a família, a mídia, o meio social de uma maneira geral, que muito influenciam o jovem.

O trabalho europeu apresentou muitas qualidades, pois permitiu discutir teoricamente o conceito de consciência histórica e levantar uma série de hipóteses sobre os efeitos do ensino da história na formação dos jovens.

2.2 – Modificações para um trabalho brasileiro

2.2.1 – Modificações no questionário

Nosso trabalho de campo consistiu na utilização de dois instrumentos de pesquisa: a aplicação do questionário inspirado no trabalho *“Juventude e História”*, e a realização de entrevistas diretas com alunos que responderam anteriormente ao questionário. Neste subcapítulo explicaremos como modificamos o questionário europeu e como foram tratados os dados; posteriormente abordaremos as entrevistas.

O questionário aplicado em nossa pesquisa, como já dissemos, foi o resultado de uma adaptação do trabalho europeu, como a retirada de algumas questões (diminuímos de 48 para 33 o número de questões) e a inclusão de questões diferentes, sempre seguindo a mesma metodologia⁵⁶. Nossa intenção, ao modificar o questionário, era atingir dois objetivos: inicialmente, sentimos a necessidade de incluir conteúdos específicos da história do Brasil e enfatizar o tema da nação com questões relacionadas, como: definição de nação, origens, atributos para alguém ser considerado nacional, entre outras.

Por exemplo, retiramos questões sobre a origem nacional dos alunos (já que o nosso trabalho foi realizado somente no Brasil) ou sobre o tamanho da cidade onde os alunos viviam (pois aplicamos somente em Curitiba). Algumas perguntas originais européias foram retiradas por considerarmos que elas poderiam ter significados diferentes para o contexto brasileiro. Este foi o caso, por exemplo, da questão sobre a religião em que preferimos retirar as opções: católicos, ortodoxos, protestantes, muçulmanos, judeus, etc. Consideramos, por exemplo, que ao escolher a opção “protestantes”, os nossos alunos poderiam querer se colocar em subgrupos (evangélicos, luteranos, crentes, etc.); ou ainda a palavra “ortodoxo” poderia gerar muitas interpretações entre os alunos brasileiros, pois esta palavra aqui no Brasil pode não ter

⁵⁶ Nosso trabalho foi uma tradução do original francês.

o significado dos “ortodoxos” na Grécia, na Turquia ou no leste europeu, por exemplo. Talvez os alunos desejassem entrar em detalhes sobre a sua religiosidade. Simplificamos esta questão, deixando apenas um item sobre a importância que os alunos dão à religião (nenhuma importância, média ou muita importância).

Retiramos também questões que versavam sobre a imigração atual, por considerarmos um tema importante para a Europa, mas que não tem a mesma relevância para o Brasil e questões em que se pedia para os alunos darem opiniões sobre conteúdos mais ligados à história europeia, como algumas características da Idade Média daquele continente, a ação dos colonizadores europeus na América, a Revolução Industrial e sobre o personagem Adolf Hitler. Escolhemos temas da história do Brasil como: características do Brasil-Colônia e do Processo Republicano brasileiro, gerando duas perguntas. Fizemos questões novas também sobre o caráter do brasileiro, os principais problemas brasileiros e suas formas de superação, uma listagem de personagens e acontecimentos importantes para a história do Brasil. No entanto, a maior parte do questionário foi mantido tal como o europeu, pois acreditamos que elas traduzem conteúdos, práticas e valores semelhantes àqueles difundidos no ensino praticado em nosso país.

Tal como na pesquisa europeia, trabalhamos com as opiniões de alunos dos terceiros anos do Ensino Médio, pelas razões já expostas (fim da escolaridade obrigatória, idade compatível a uma reflexão sobre os conteúdos de história apreendidos na escola e inserção mais intensa na vida política). Inicialmente realizamos uma aplicação piloto em duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, quando foi possível perceber muitos detalhes que seriam importantes para o trabalho definitivo, tais como: tempo que os alunos utilizavam para responder; reações dos alunos quanto à aceitação ou não do trabalho; dúvidas sobre o instrumento e sobre as formas de respondê-lo, níveis de dificuldades e abstração das perguntas tais como estavam redigidas. Também foi possível, através da tabulação desta

aplicação piloto, começar a perceber alguns cruzamentos entre os dados que seriam possíveis. A aceitação foi muito boa e tivemos uma grande colaboração dos professores de cada turma, que ficaram na sala durante a realização do trabalho e incentivaram os seus alunos. Observou-se uma grande motivação destes e foram poucos os que entregaram o questionário com linhas em branco. Eles queriam também fazer comentários, dar suas opiniões, dizendo que aquelas questões eram muito “fechadas” e eles gostariam de explicitar melhor suas opções, com todas as nuances e possibilidades de respostas. Esta foi mais uma motivação para a realização de entrevistas.

Com estas impressões, partimos para o trabalho definitivo. Aplicamos o questionário em duas escolas da cidade de Curitiba, atingindo um total de 170 alunos, em 6 turmas. Optamos por duas escolas diferentes, sendo que na primeira a aplicação se deu em quatro turmas do ensino regular noturno, atingindo um total de 100 alunos e na segunda aplicamos em duas turmas do ensino regular do período da manhã, perfazendo 70 alunos.

A primeira escolhida foi uma escola pública, localizada no centro da cidade. Pudemos perceber, posteriormente através das entrevistas, que muitos alunos pesquisados trabalham em período integral (ou estão à procura de emprego) e estudam à noite. Eles optaram por esta escola justamente porque está localizada no centro da cidade, onde permanecem depois do trabalho. Ao serem interrogados a respeito do tempo que estão na escola, afirmaram que estão há apenas um ou dois anos, ou então, disseram ter passado pela escola há alguns anos atrás e agora estavam de volta.

A segunda é uma instituição privada de caráter confessional católico. Trata-se de uma escola conhecida na cidade por sua clientela de alto e médio poder aquisitivo, sendo que os alunos se dedicam somente aos estudos e estão se preparando para o vestibular.

Nossa pretensão inicial era atingir dois universos de alunos com perfis sócio-econômicos diferenciados, permitindo assim análises do ponto de vista das classes sociais a

que pertencia cada grupo.

O questionário europeu se caracterizava pelo anonimato. Este não foi o nosso caso. Pedimos aos alunos que se identificassem com seu nome ou número da chamada, turma e escola. Queríamos identificar os alunos para realizar, posteriormente, as entrevistas. Inicialmente pensamos em entrevistar alunos de maneira aleatória, entretanto, mais tarde mudamos o critério e identificamos os alunos. Nossa idéia era escolher questionários cujas respostas pudessem nos colocar novas interrogações de esclarecimento ou aprofundamento, que demonstrassem interpretações diferentes, criativas ou algum interesse pessoal pela história e para isto era necessária a identificação. Explicaremos com detalhes no capítulo “Entrevistas”.

2.2.2 – Tratamento dos dados

O volume dos dados com os quais trabalhamos foi muito grande. Nosso questionário contém 33 questões, subdivididas em vários itens (uma resposta em forma de enunciado). Por exemplo, a questão 1 (*O que significa a história*), contém 8 itens. No total são 221 itens para cada aluno. Como tivemos 170 alunos participando desta amostragem, temos ao final $170 \times 221 = 37.570$ itens a serem tratados. Além disso, as possibilidades de respostas, para cada item, são pelo menos 5, que vão, na maioria dos casos, da concordância plena até a discordância plena (Não concordo de maneira nenhuma; Não concordo; Indeciso; Concordo; Concordo Plenamente).

De forma semelhante ao tratamento de dados europeu, as respostas foram convertidas em números de 1 a 5 (ou até 7, dependendo do número de opções). Casos de mais de uma resposta ou itens em branco, anulava a resposta. Estas respostas inválidas (itens em branco ou com mais de uma resposta) receberam a denominação INV. Em duas questões (18 e 19) adicionamos a opção Não Conheço (NC), que não existia no questionário europeu. O objetivo

era saber se os alunos lembravam-se ou não dos personagens e dos acontecimentos listados.

A solução adotada para tratamento dos dados foi a utilização de uma planilha de cálculo computacional (utilizamos o programa de software livre OpenOffice – semelhante ao software proprietário “Excel” da Microsoft). Nesta planilha colocamos todas as respostas de todos os alunos. Cada linha da planilha corresponde a um aluno (sendo portanto 170 linhas de respostas com o número identificado de cada aluno). Cada coluna corresponde a um item do questionário (sendo portanto 221 colunas). Foi possível identificar a folha de respostas e cada uma das opções de cada aluno (uma pequena amostragem está na Figura 1). Este é o conjunto de dados sobre o qual as totalizações foram realizadas.

Fizemos as porcentagens por itens e as médias de cada uma das questões (ver anexo 2) e, mais tarde, organizamos estas porcentagens em três grupos de respostas, juntando as respostas 1 e 2 (Não concordo de maneira nenhuma e não concordo) num grupo, a que chamamos de Grupo 1. Deixamos sozinhas as repostas Indeciso, montando o Grupo 2 e unimos novamente as respostas 3 e 4 (Concordo e Concordo Plenamente), fazendo o grupo 3. Esta sistemática foi feita pelos pesquisadores europeus, dando origem a três grupos:

- GRUPO 1 - Negativos/ Pessimistas/ Prejudicial/Nunca
- GRUPO 2 - Neutros/ Indiferentes/ Indecisos/ Mais ou Menos
- GRUPO 3 - Positivos/ Otimistas/ Sempre/ Frequentemente

O resultados destes grupos, em cada uma das questões também estão no anexo 2, em forma de tabelas. Estas tabelas são úteis por permitirem uma visualização rápida das respostas. Nos cálculos das totalizações (por item ou por grupo), as respostas INV e NC foram excluídas. Desta forma, foi apenas considerado, para efeito de análise, o conjunto de dados efetivamente respondidos pelos alunos.

A partir daí, separamos os dados em 4 planilhas diferentes: 2 planilhas para cada escola e 2 planilhas para o sexo. Estas 4 planilhas nos permitem fazer cruzamentos das

respostas por sexo e escola. É preciso ressaltar que a utilização deste tipo de planilha só foi possível em função do volume de dados do nosso trabalho. No caso de um aumento do universo da pesquisa, com um número maior de alunos ou de questões, será preciso utilizar soluções baseadas em Bancos de Dados, que permitem um tratamento estatístico de dados mais complexo pois cada uma das folhas de respostas dos alunos pode ser colocada por inteiro no computador.

Com as totalizações dos itens e grupos transformados em porcentagens, realizamos a análise de cada questão separadamente, o que nos deu muitas respostas acerca da visão da história dos alunos. Por exemplo, analisamos a questão 6 – *o que acontece geralmente nas suas aulas de história?* A maioria dos alunos respondeu “*escutamos as aulas dadas pelo professor*” nas colunas “*freqüentemente e sempre*”. Já quanto ao uso do livro didático, a maioria respondeu nas colunas “*algumas vezes e raramente*”. Ou seja, temos então material para analisar o uso do livro didático na sala. Ouve-se muito que o professor fica muito preso ao livro e organiza suas aulas sempre em função do manual. Estas respostas podem relativizar algumas idéias sobre o uso freqüente deste tipo de material. Este é um exemplo de como cada questão permite, em si mesma, algumas análises sobre o ensino.

Além das porcentagens das respostas, também tiramos a média de cada questão e estabelecemos o desvio padrão, para sabermos o quanto há de desvio da média: se este desvio for importante, significa que temos opiniões muito díspares ou, ao contrário, se o desvio padrão for pequeno, isto significa que as opiniões são mais homogêneas.

2.2.3 – Cruzamentos

Quanto ao cruzamento dos dados, na Europa foram estabelecidos parâmetros para a análise cruzada como: sexo, escolaridade dos pais, poder aquisitivo, número de livros, tipo de escola (profissional, regular, de elite, popular), entre outras. E lá foram feitos cruzamentos

como:

- Concepção de democracia e escolaridade dos pais.
- Gosto por romances históricos e sexo.
- Interesse pela política e tipo de escola, etc.
- Interesse pela história e interesse pela política, ou pela religião.

As possibilidades são inúmeras e apresentamos alguns indicativos de cruzamentos que podem ser feitos com os dados de que dispomos.

1) Os primeiros cruzamentos dos dados são relativos às escolas e sexo dos alunos.

Aqui o objetivo é iniciar uma discussão a respeito das visões da história a partir de diferenças de gênero e classe. Pode-se estabelecer a porcentagem de alunos otimistas, pessimistas e neutros das escolas pública e particular e do sexo feminino e masculino. Este cruzamento (por escola e sexo) foi um dos principais elementos no trabalho europeu, sabendo que lá eles trabalharam com outros tipos de escolas (públicas de elite e pública popular, técnicas e particulares).

2) É possível uma análise cruzada entre a *Função da História* (questão 2), *Personagens e Acontecimentos mais importantes* (questões 18 e 19) e *o interesse pela história* (questão 14). Através das tabulações, percebemos que os alunos mostraram uma tendência muito grande em apresentar a história como uma chave para compreender o presente. Porém, os personagens e acontecimentos atuais não estão entre os mais conhecidos e também não são considerados muito importantes. Ou seja, ao mesmo tempo que consideram importante o presente, afirmam não conhecê-lo ou não consideram importantes os personagens e acontecimentos atuais.

3) Como terceira possibilidade, pode ser tratada de maneira cruzada a *idéia de Linha do Tempo* (questão 3) e *o otimismo e pessimismo quanto ao futuro* (questão 24). Ao afirmar que a história não muda, melhora, piora ou se repete, podemos ver como os

alunos se posicionam diante do futuro.

- 4) As questões 4 e 5 também podem ser tratadas de maneira correlata : *que formas os alunos consideram mais agradáveis de se estudar a história e em que formas eles mais confiam*, para perceber se há alguma correspondência entre as maneiras consideradas mais agradáveis de se conhecer a história e as mais confiáveis, ou o que os alunos pensam sobre aprender com as metodologias comumente usadas na escola ou de maneiras diferenciadas.
- 5) As questões 10 e 11 também podem ser analisadas juntamente: *a concepção de nação e os atributos para se pertencer a uma nação*. Se há um predomínio da idéia de que a nação é um ente natural, que peso dão aos atributos “naturais”, ou se os alunos têm uma visão mais histórico/política.
- 6) Outro cruzamento possível é entre a questão 20 – *Os problemas brasileiros* e a questão 22 – *atitudes para resolver os problemas*, para ver que correspondências fazem os alunos entre os problemas nacionais e as formas de resolvê-los. Por exemplo, alguns alunos responderam que há pouca participação das pessoas em organizações populares como sindicatos e movimentos, e na outra questão, afirmam que não é importante participar de partidos políticos ou Organizações Não-Governamentais (ONGs). Esta incoerência pode acontecer em outros itens, denotando uma certa falta de solidez na análise dos problemas ou nas proposições para resolvê-los.

Além destes cruzamentos entre as questões, é possível fazer cruzamentos entre os itens de questões, procurando ver se os alunos são coerentes em suas repostas. Por exemplo, se analisarmos o item 1b – *a história é uma fonte de emoções que me fascina*; com o item 7f – *a história me fascina e me distraio estudando coisas passadas*, espera-se que haja coerência entre as repostas. Outro cruzamento pode ser feito entre os itens 22a – *Participar de um*

partido político para resolver os problemas nacionais , e a 27a – *que importância tem a política para você*. Pode-se ver se os alunos consideram importante a política nas suas vidas e de que forma podem participar. Outros itens possíveis de serem trabalhados de maneira cruzadas são:

- Comparar o item 1f – *A história é aquilo que explica o pano de fundo dos problemas do presente e da vida atual*, com o item 7e – *utilizamos a história para compreender o mundo atual e encontrar as tendências das transformações do mundo contemporâneo*.
- Comparar o item 12e – *Democracia é a proteção para as minorias, através da lei e da justiça*, com o item 12 h – *Na realidade não existe Democracia, uma vez que homens e mulheres, pobres e ricos, não têm os mesmos direitos*. Ainda, na mesma questão, o item 12g – *A Democracia é um alibi para as classes ricas, que sempre dominaram e ganharam na história*.
- Na questão 17 temos o item 17 a – *A República representou um grande avanço para o país que se livrou da Monarquia*, com o item 17 c- *A República foi um atraso, pois o povo gostava de D.Pedro II*.
- A questão 17e – *a República era necessária, pois só o Brasil era monárquico na América*, com o item 17f- *Não era necessária pois a forma de governo não muda um país*.
- Pode-se apontar ainda o item 21a, que afirma ser o *brasileiro trabalhador*, com o item 21g, *preguiçoso*; ou o item 21f – *Solidário*, com o 21h – *Egoísta*.

O questionário apresenta muitos outros itens que podem ser tratados de maneira correlata. Em função dos limites deste trabalho, não efetuamos uma análise aprofundada de todos os cruzamentos, apresentando-os como uma proposta de encaminhamento.

2.2.4 – Entrevistas

A realização de entrevistas, sugerida no trabalho europeu, foi pensada em duas perspectivas. Em primeiro lugar, ao se trabalhar com as opiniões subjetivas dos alunos, podemos abranger razões e motivações das respostas que o questionário escrito não permite, através da explicitação do pensamento. Por outro lado, as entrevistas podem nos auxiliar a compor melhor o questionário escrito. Pensamos que através das entrevistas podem ficar evidenciados problemas de interpretação de questões que eventualmente não teriam sido bem compreendidas pelos alunos na forma como foram apresentadas. Ao conversarmos diretamente com os alunos, pôde-se perceber se algumas questões apresentavam dupla interpretação, se estavam numa linguagem objetiva, se alguns termos remetiam a idéias diferentes da nossa quando da tradução do trabalho europeu (feita do francês para o português) ou da aplicação do questionário.

Se as entrevistas tivessem como objetivo apenas a primeira perspectiva deste trabalho – conhecer as representações da nação – poderíamos escolher aleatoriamente alguns alunos, sem nenhum critério para a seleção, pois todos os alunos, indiscriminadamente, teriam informações para nos dar sobre as suas representações, por passarem pelos mesmos bancos escolares do ensino da história. Porém ao pensarmos em aprimorar o instrumento, foi necessário estabelecer critérios, a partir de alguns dados que apareceram nas tabulações.

Ao submetermos algumas questões ao tratamento estatístico, notamos que apareciam algumas “incoerências” ou diferenças significativas no desvio padrão. Inicialmente, é preciso deixar claro o que estamos considerando como incoerente. Estamos denominando de incoerentes as respostas de um aluno que assinala as alternativas 1 ou 2 (*concordo plenamente ou concordo*) para um item de uma questão e assinala as alternativas 4 ou 5 (*não concordo, não concordo de maneira nenhuma*) para um outro item que tem idéias similares e, portanto, esperava-se que este aluno deveria ter respondido de maneira mais aproximada os

dois itens, se posicionando em alternativas próximas. Por que este aluno se colocou em alternativas diferentes para idéias similares? Teria sido por problemas de interpretação do questionário, falta de uma opinião formada, confusão de formação escolar, falta de um opção mais apropriada entre os itens das questões? Imaginamos que algumas destas dúvidas poderiam ser resolvidas pela entrevista.

Este foi o caso, por exemplo, da questão 22a- *Resolver os problemas brasileiros participando de um partido político*, com a 27a *Interesse pela política*. Nestas duas questões surgiu uma discrepância entre o grupo 1 (que abrange as alternativas 1 e 2) e o grupo 3 (que abrange as alternativas 4 e 5). Ou seja, 62% dos alunos consideraram que não é necessário participar de um partido para resolver os problemas do Brasil, ficando no grupo 1, enquanto que 71% os alunos afirmaram terem um grande interesse pela política, ficando no Grupo 3. Consideramos que era necessário entrevistar estes alunos, para que explicitassem seus pensamentos sobre a diferença que fazem entre participar da política (questão 27a) e participar de um partido político (22a).

Além desta, outras questões nos pareceram interessantes e chamamos os alunos para a entrevista. Outro foi o caso da questão 13a - *Desde quando existe a nação brasileira*, comparada com a questão 11, itens a,b,c,d,f - que apresentavam os *atributos para se pertencer a uma nação* (ver anexo 4). Muitos alunos disseram que ainda não está formada a nação brasileira (alternativa 1 da 13a, sendo 31% na média das duas escolas e 58,8% só para a escola particular). Porém, os alunos colocaram os atributos: território, língua, história, direitos e deveres e governo soberano, como identificadores de uma nação. Para eles, a nação brasileira ainda não está formada, mas apresenta estes atributos. Se o Brasil não é uma nação, então não lhe faltaria nenhum atributo. Os alunos estariam considerando que estes atributos são necessários porém ainda não suficientes? O que falta para o Brasil ser uma nação? Ou responderam desta forma porque o questionário não oferecia outra alternativa para expressar

esta idéia? Talvez fosse necessário acrescentar justamente uma alternativa sobre o que falta para o Brasil se tornar uma nação, uma vez que ele já possui território, fala-se uma língua, temos uma história comum e um governo soberano. Julgamos também interessante conversar diretamente com os alunos que se posicionaram assim.

Foi pensando neste sentido, julgando algumas respostas como “incoerentes” que selecionamos alguns alunos para as entrevistas, procurando nos grupos onde elas surgiram. Já explicamos que os questionários foram identificados e digitados individualmente, assim, foi possível encontrar estes alunos.

Para a elaboração da entrevista, seguimos aproximadamente a ordem do questionário e procuramos, inicialmente, conhecer as opiniões dos alunos sobre o ensino: que falassem sobre o que achavam de suas aulas de história, de seus professores, o que gostavam e o que não gostavam e que sugestões dariam para melhorar as aulas. Na seqüência, perguntamos sobre a nação – pedimos que elaborassem um conceito para nação e, dentro deste conceito, o que achavam do Brasil, o que unia o povo ou o que o desunia. Pedimos que falassem desde quando havia uma nação brasileira e já discutimos aquela polêmica dos atributos.

O assunto na seqüência era a história do Brasil, perguntando o que tinham aprendido nas aulas sobre o Brasil e que até hoje não esqueceram; o que aprenderam, mas consideraram de pouca relevância terem estudado. Pedimos para repetirem o nome de uma pessoa e de um acontecimento significativos.

Falamos sobre o presente e o futuro do país – que problemas eram os mais importantes, como resolvê-los e como eles, alunos, podem participar desta construção nacional. Pedimos também que falassem sobre participação política das pessoas (quais as melhores e piores formas e que pensavam da política partidária e institucional tal como conhecemos no Brasil).

Em seguida, pedimos que explicassem as diferenças de respostas de questões que

selecionamos para discutir: as questões 22a - *resolver os problemas brasileiros através da participação em um partido político*, e a 27a - *que importância dá para a política*; a questão 12d- *Democracia não é nada mais do que escolher os mesmos chefes políticos*, com a 12g- *Democracia é apenas um alibi para os ricos* e, finalmente, as questões 13a- *A nação brasileira ainda não está formada*, com a 11a,c,d- *ser da mesma nação é nascer no mesmo território, falar a mesma língua e ter direitos e deveres*. Finalmente pedimos que falassem sobre o questionário de maneira geral, que críticas faziam e sugestões para melhorá-lo.

Seguindo os critérios descritos anteriormente, elaboramos o seguinte roteiro para a entrevista:

1. Qual seu nome, idade.
2. Há quanto tempo estuda nesta escola?
3. Diga-me sobre a disciplina da história: gosta ou não e por quê? Acha importante ou não e por quê? Fala-me de suas aulas e professores. Que faria para mudar a disciplina?
4. Sobre a História do Brasil: o que você aprendeu sobre a história do Brasil e nunca mais esqueceu? O que você foi obrigado a estudar e achou pouco importante, uma “besteira”. Diga-me o nome de um personagem e de uma acontecimento que você considera importantes.
5. Vamos falar sobre a nação brasileira: o que você acha que é uma nação? Quem pode fazer parte dela? Desde quando existe uma nação no Brasil?
6. Sobre o Brasil atual : Você acha que o Brasil é um país com problemas? Que problemas são esses? Como se pode resolver esses problemas? O que você, pessoalmente, pode fazer?
7. Sobre o Brasil no futuro: Como você acha que será o Brasil no futuro? Ele vai melhorar ou piorar?

8. Sugestões e críticas: Gostaria que você fizesse críticas a esta pesquisa e ao questionário, dando sugestões para melhorá-los.

No total, realizamos 16 entrevistas, sendo 10 na escola pública e 6 na escola particular, perfazendo praticamente 10% de alunos que responderam o questionário. As entrevistas transcorreram com muita tranqüilidade e observou-se mais uma vez uma grande disposição dos alunos e dos professores em nos auxiliar. A duração média da entrevista foi de 30 a 40 minutos.

CAPÍTULO 3 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS

3.1 – Resultados dos questionários

No trabalho europeu as questões foram organizadas em grupos temáticos para objetivar a análise e evitar repetições, pois elas apresentam conteúdos complementares. Com base nestes grupos, organizamos as nossas questões em temas semelhantes, os quais denominamos de *Eixos*. Também aqui foram feitas algumas adaptações de acordo com as mudanças que realizamos no questionário.

Os eixos são os seguintes:

- As relações que os alunos estabelecem com a história em geral e com a história escolar, com as maneiras de se aprender a história e com as suas funções.
- As atitudes dos alunos frente a temáticas políticas, à visão do mundo contemporâneo, opiniões sobre democracia, nação e patrimônio.
- As representações dos alunos sobre a história do Brasil, que demonstram os conhecimentos e os valores obtidos no aprendizado da história.
- As opiniões dos alunos sobre os problemas do país, sobre as características da população, suas perspectivas para o futuro e suas formas de inserção na sociedade.
- O lugar em que os alunos colocam a si mesmos e as suas famílias na sociedade.

O anexo 2 nos permite uma visualização das respostas em forma de tabelas. Observando os resultados dos questionários, pode-se perceber, inicialmente, que não foi muito grande o número de alunos que se colocou como indecisos ou neutros. Mesmo os

alunos que não foram convocados para a entrevista manifestavam-se durante o preenchimento do questionário estando motivados não só para completar o questionário, como em expressar seus pensamentos. Apresentaremos, a seguir, algumas de nossas conclusões sobre as respostas dos alunos, que devem ser encaradas tanto numa perspectiva analítica quanto na perspectiva de levantamento de novas hipóteses, para dar seqüência ao processo de reflexão sobre as temáticas que este trabalho propôs-se a enfrentar.

1. As relações que os alunos estabelecem entre a história em geral e a história escolar, entre as maneiras de se aprender a história e as suas funções.

Neste eixo estão presentes as questões 1 a 9 (ver anexo 1). Copiamos todas as questões do questionário europeu. O objetivo era saber como os alunos concebem a história: que funções e objetivos os alunos dão ao aprendizado da história, como concebem a passagem do tempo (linha do tempo), que relações estabelecem entre a história e suas vidas pessoais. Também procurou-se saber como vêem a história ensinada na escola: que maneiras consideram agradáveis para se aprender a história, em que maneiras eles confiam, como se desenvolvem as aulas, do que eles gostam ou consideram importante dar atenção, como avaliam seus professores e, finalmente, como são seus resultados e notas.

A questão 1 perguntava o que significa a história. Os alunos declararam um grande interesse pelo tema, afirmando que ela é uma matéria viva e ligada às suas vidas pessoais (87% das respostas); é um meio de se compreender a própria vida e as mudanças que ocorrem nela, dentro de um contexto maior de mudanças sociais. Em nenhuma das escolas, os alunos concordaram com a afirmação de que a história é algo morto, sem relação com a vida atual. Estas respostas foram coerentes com as respostas da questão 2: que função os alunos dão à história. A compreensão do presente ganhou a maioria das respostas (92%). Esta função – de explicação do presente – foi reiterada em praticamente todas as entrevistas, onde o alunos

pedem que os professores trabalhem sobretudo com as questões atuais e não fiquem presos ao passado. A orientação para o futuro, apesar de ter ficado em terceiro lugar, mereceu um grande destaque, com 73% das respostas.

O interesse pelo presente e pelo futuro demonstrado pelos alunos nos leva a pensar em algumas concepções de ensino da história. Em primeiro lugar, pensamos nos discursos que pretendem justificar a presença das disciplinas (e da história) no currículo e no sistema educacional como um todo. Para estes discursos, a história deve ter uma “utilidade prática”, imediata, de formar para um mercado de trabalho ou resolver problemas da vida em sociedade. Trata-se de um utilitarismo que fez os alunos negarem uma idéia da história como “cultura geral” (os alunos falam que conhecer o passado e outras culturas pode ajudar na sua cultura geral, mas este não deve ser o centro das preocupações da escola) e não conseguem estabelecer relações entre o passado e o presente. Outra vertente do ensino que podemos vislumbrar aqui é a idéia fortemente positivista de “saber para prever, prever para prover” e que parece estar presente ainda entre os alunos, alimentada também por uma idéia utilitarista. Finalmente, Eric Hobsbawn, em seu livro “A Era dos Extremos” afirma acreditar que as novas gerações vivem numa espécie de *“presente contínuo sem qualquer relação orgânica com o passado”*⁵⁷. Para ele, houve uma destruição do passado; trata-se da síndrome do eterno presente, típico do final do século XX e começo do nosso século causada pelas mudanças aceleradas, pelo fascínio pelo futuro tecnológico e fez com que os jovens voltassem as costas para o passado; só o presente e o futuro é que importam, sendo que a história também pode ser um instrumento de previsão para o futuro. O que nos resta saber é que tipo de representação de futuro fazem os jovens (previsível, controlável, dedutível em linhas gerais, aberto às possibilidades de sua intervenções).

Em relação às mudanças operadas no tempo, que é assunto da questão sobre a linha do

⁵⁷ HOBSBAWN, Eric – *A Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo. Cia das Letras, 1995. pág. 13.

tempo, poucos alunos assumiram uma atitude totalmente pessimista (afirmando que, em geral, as coisas pioram) ou totalmente otimista (em geral, as coisas melhoram). Entre estas duas opções, há uma certa tendência para o otimismo (1,8% para a afirmação de que as coisas pioram e 4,8% para dizer que as coisas melhoram), especialmente entre as garotas, que são mais otimistas do que os rapazes. A maioria dos alunos se colocou na opção 5 - *As coisas passam de um extremo para o outro* (55%) e na opção 4 - *as coisas se repetem* (29%). Na escola pública aparecem opiniões mais polarizadas entre “*as coisas melhoram*” e “*as coisas pioram*”. Na escola particular e entre as garotas das duas escolas não houve nenhuma escolha pela opção “*as coisas pioram*”. Essas duas linhas escolhidas são muito parecidas: as coisas se repetem e passam de um extremo a outro, sem haver nenhum tipo de evolução. Os alunos aqui não assumiram nenhuma posição polêmica.

Neste caso, um ensino fundamentado numa visão de progresso, derivada de um eurocentrismo e de um evolucionismo, parece não estar influenciando muito os alunos. No caso brasileiro, as sucessivas promessas de crescimento e de progresso (vindos desde o “Milagre” dos anos 70, passando pelos planos econômicos como o Plano Cruzado ou o Plano Real), parecem estar causando um certo desânimo e construindo esta representação de um tempo não-linear e não evolucionista. As crises econômicas e sociais que abalam o país levam os alunos a acreditarem que as “coisas se repetem”. Os alunos também podem estar respondendo nesse sentido por considerarem apenas uma visão mais curta do tempo, de curta e média duração, até em função de sua idade.

Os filmes são consideradas as fontes mais agradáveis para se aprender a história. Esta escolha parece bem de acordo com a nossa época, marcada pela imagem do cinema e da televisão. Também é coerente pelo fato de estarmos tratando com adolescentes, mais identificados com este tipo de fonte do que com as escritas, como os romances, por exemplo, que não lhes parecem nem agradáveis e nem confiáveis. É interessante o fato dos alunos se

mostrarem críticos quanto a confiabilidade dos romances mas não terem a mesma crítica em relação a filmes e documentários de televisão, sendo ambos obras de ficção (ou talvez os alunos considerem os romances como ficção e os filmes não, carregando um grau maior de veracidade, de confiabilidade).

Este fenômeno pode ser explicado tomando algumas idéias de M. Almeida⁵⁸. Para ele, as imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão carregam um alto grau de realidade, onde o que a pessoa está vendo passa a ser mais real:

“Na projeção de um filme ou na televisão, qualquer coisa ou pessoa que apareça está sendo vista e não lida ou escutada. Existe porque está sendo vista. Essa proximidade real das imagens tem uma configuração muito próxima da oralidade, o que explica, em parte, o fato de que as imagens são, às vezes, mais fortes do que um texto”.

O livro didático é considerado o meio mais desagradável de se aprender e as aulas expositivas aparecem como um meio confiável, o que mostra como os alunos acreditam no que é falado pelo professor. É preciso refletir se os livros ainda não conseguiram se tornar agradáveis, interessantes, eficientes e/ou convincentes para a juventude, apesar das tentativas de autores e editoras para tornar isso uma realidade.

Em relação às maneiras mais agradáveis e confiáveis de se aprender história, os resultados gerais foram os seguintes:

- Mais agradável: Filmes. Menos agradável: Livro didático
- Mais confiável: Documentos originais, aulas expositivas e visitas a museus e monumentos. Menos confiável – Romances históricos.

Os documentos históricos, aparecendo como as fontes mais confiáveis nos levam a pensar que a valorização do documento como prova irrefutável da história que “realmente aconteceu”, tal como vem desde o século XIX, mantém-se firme entre os alunos. Fundamento do fato histórico, o documento, para os alunos, serve tanto para a pesquisa do historiador, como para comprovar o que diz o professor em sala de aula. A idéia de problematizar o

⁵⁸ ALMEIDA, Milton – *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo, Cortez, pág. 09.

documento – fazendo as devidas críticas, se perguntando de que formas ele podem ser usados, usá-lo como uma maneira de encontrar traços do passado, ainda não chegou a influenciar a representação que os alunos fazem do documento histórico. Ele é considerado uma espécie de “reliquia inquestionável”, capaz de desvendar o passado por si mesmo.

A metodologia apontada como a mais comum em sala é escutar as aulas expositivas dos professores, mais do que fazer os exercícios do livro didático. Os alunos declararam ter muita confiança e gostarem de acompanhar aulas expositivas. Esta realidade foi observada nas duas escolas, sendo que na escola particular há um interesse ainda maior pelas aulas expositivas. As atividades apontadas no item 6h – maquetes, desenhos, visitas a museus ou monumentos, foram consideradas como praticamente inexistentes em ambas as escolas, sendo um pouco mais comuns na escola particular. Veremos, nas entrevistas, como os alunos pedem para fazer este tipo de atividade, para sair da sala de aula e terem aulas que eles qualificam de “diferentes”.

Pedi-se para que os alunos avaliassem os professores e que apontassem suas notas, os seus resultados pessoais. Os professores foram avaliados de maneira positiva em ambas as escolas (62% dos alunos optou pelos itens: “*a maioria dos professores foi boa ou todos os professores foram bons*”); no tocante às notas também a maioria declarou suas notas entre médias e boas. Na entrevistas observou-se que, mesmo os alunos que declararam não gostarem de história, dizem que suas notas são boas e eles acabam sendo aprovados na matéria.

2. As atitudes dos alunos frente a temáticas políticas, a visão do mundo

contemporâneo, opiniões sobre democracia, sobre nação e sobre patrimônio.

Neste eixos estão as questões 10, 11, 12 e 25. Copiamos algumas questões européias e

fizemos alterações em outras, como foi o caso do item d da questão 10⁵⁹.

A questão de número 11 – *O que identifica alguém como sendo de uma mesma nação*, também foi uma criação nossa. O objetivo é conhecer as concepções de nação que têm os alunos, sendo que as opções dadas se ligam às duas idéias clássicas : a idéia de processo, de “plebiscito cotidiano” e por outro lado, a concepção ligada aos atributos naturais e culturais. A questão de n. 25, que mede a importância dada pelos alunos ao patrimônio histórico e natural, também foi modificada, apresentando itens mais próximos dos nossos alunos, com monumentos, construções e parques naturais conhecidos por eles.

Entre os objetivos deste eixo, pretendia-se saber se os alunos consideram a nação unida sob bases naturais (concepção ligada à linha romântica “alemã”), ou como a vontade de criar um futuro comum (ligada à concepção “francesa”) ou se fazem o uso das duas concepções, sem diferenciar as origens teóricas delas. Pudemos perceber, pelas respostas, que os alunos deram praticamente o mesmo peso para ambas as concepções. O primeiro item (10 b) diz que *as nações são entidades naturais, unidas por atributos como língua, origem, etc.* O item 10 c confere um caráter mais histórico para a nação, afirmando que as nações representam a vontade de criar um futuro. As duas respostas, que poderiam ser consideradas como contraditórias, não apresentam diferenças para os alunos. Segundo o relatório francês, isto também aconteceu naquele país. Para as pesquisadoras francesas já citadas⁶⁰, os alunos estariam repetindo o que acontece tanto na tradição escolar como no senso comum. Segundo elas, a política dos Estados Nacionais nos séculos XIX e XX consistiu em construir a nação baseada, ao mesmo tempo, no apelo de uma unidade cultural e desejando uma adesão coletiva

⁵⁹ No original europeu a pergunta era: *“As reivindicações por estados independentes, feitas por diferentes grupos nacionais, foi uma das principais causas de guerras nos últimos séculos”*. Entendemos que esta questão era menos significativa para a realidade brasileira, sendo ligada à realidade européia, inclusive nos tempos atuais. Assim, substituímos por algo mais próximo à história do Brasil, e ficou assim: *“As revoltas regionais sempre colocaram em risco a unidade nacional”*, pensando nas revoltas regionais brasileiras, enfrentadas sobretudo nas épocas da Regência e do Segundo Império. Acharmos que esta questão, de revoltas regionais, diz mais respeito à idéia difundida pela história oficial de que, graças à mão firme da administração portuguesa, o Brasil manteve a unidade territorial.

⁶⁰ TUTIAUX-GUILLON, Nicole/ MOUSSEAU, Marie-José – *Les jeunes e l’histoire – Identités, valeurs, conscience historique* –Paris, INRP, Documents et travaux de recherche em éducation, n. 30, 1998.

a um projeto comum. Assim, as aulas de história apresentam uma mesma nação se constituindo ora de uma forma (através de seus atributos naturais, como língua, tradições, etc.) ora através de pactos e escolhas. Acreditamos que os discursos escolares fazem esta fusão até os dias de hoje, não havendo uma reflexão suficiente sob estas diferenças, uma análise cuidadosa da historicidade na constituição dos Estados Nacionais.

Quando se pergunta se a nação é apenas um fenômeno histórico como outro qualquer, que *nasce, cresce e morre como qualquer outra coisa na história* (10a), suas respostas são negativas. Elas mostram que os alunos consideram a nação como algo acima das suscetibilidades históricas, algo muito importante para ser considerado como contingente, dependente de condições históricas (70% dos alunos não concordam com aquela afirmação). Eles conferem um estatuto especial para as nações na história, há uma idéia de perenidade da nação e não concebem que um dia ela possa deixar de existir.

Neste aspecto, lançaríamos como uma hipótese de que um estudo criterioso de cada nação não acontece porque a história ensinada não tem como objetivo trabalhar com a historicidade das nações, com uma análise aprofundada das experiências concretas da nação. A história ensinada tem contribuído (ou pelo menos não tem se oposto), justamente, com a nação como um ser mítico, sem marcos históricos que mostrem seu início ou seu fim. Isto porque, entre os objetivos, está uma formação identitária dos alunos, que envolve aspectos mais afetivos e morais do que uma discussão histórica concreta.

Procurou-se também saber como os alunos valorizam a soberania nacional em contraposição à uma entidade supranacional. 43% dos alunos afirmaram que os Estados Nacionais não devem abrir mão de suas soberanias; os alunos demonstraram um certo temor de desagregação da unidade nacional em função das revoltas regionais, porém não concordam que os estados declarem guerra em nome da unidade nacional. Perda de soberania nacional e guerra são temidas pelos alunos.

Em relação à democracia, os alunos a representam de maneira positiva, entendendo que ela pertence a todos e discordando do item 12d- *Democracia não é nada mais do que escolher sempre os mesmos chefes políticos*. Porém afirmam que a democracia plena não existe, pois homens e mulheres, pobres e ricos não desfrutam dos mesmos direitos (opção 12h). Este conceito foi retomado nas entrevistas, quando pedimos para os alunos esclarecerem esta questão. Para eles, existe uma defasagem na democracia ideal e na democracia real no nosso país, em função, principalmente, das diferenças econômicas (em detalhes no sub-capítulo dos resultados das entrevistas).

Quanto ao tema patrimônio, observou-se uma valorização maior do patrimônio natural do que dos monumentos históricos. Falou mais forte a tão difundida “consciência ecológica”; os alunos consultados preferem preservar formações geológicas ou os ninhos de um animal ameaçado de extinção. Um arranha-céu moderno, a casa de um escritor famoso e o Palácio do Governo foram os três escolhidos pelos alunos para serem destruídos por uma rodovia, em caso de necessidade. Os temas ecológicos, difundidos por diversas fontes, têm colaborado para uma preferência pela questão ambiental que levou os alunos a estas escolhas (embora não pareçam ainda existir atitudes sociais ou individuais que detenham a degradação do meio ambiente). Por outro lado, não há uma “educação patrimonial” que chegue aos alunos com a mesma força. Tanto no sistema educacional (incluindo as universidades), como em instituições oficiais (museus, arquivos), a educação patrimonial ainda não chegou a constituir uma preocupação social.

3. As representações dos alunos sobre a história do Brasil, que demonstram os conhecimentos e os valores obtidos no aprendizado da história.

Neste eixo estão as questões 13 a 19, sendo que criamos a maioria delas. Inclusive criamos uma outra coluna para as questões 18 e 19: trata-se da opção “Não conheço”, que não

existe no trabalho europeu. Nosso objetivo era conhecer não só as opiniões sobre personagens e fatos históricos, como também o quanto os alunos têm conhecimento destes conteúdos. Nestas duas perguntas, criamos uma lista de personagens e fatos, tentando abranger um universo significativo das aulas de história. Misturamos acontecimentos e personagens de vários momentos históricos e tendências políticas. Sabemos os riscos de fazer este tipo de listas de personagens, pois pode-se deixar de lado conteúdos importantes que são trabalhados em sala de aula, mas foi preciso estabelecer uma listagem pois não queríamos deixar em aberto para os alunos escreverem, modificando, assim, o tratamento metodológico.

A questão 13 diz respeito às idéias que os alunos fazem sobre a fundação da nação brasileira. Ela foge à metodologia dos três grupos (positivo, neutro, negativo), sendo que foram dadas 7 alternativas e os alunos deveriam escolher uma. A maioria considera que *ainda não está formada a nação brasileira* (13a-1), escolhida por 31% do total, chegando a 58,8% na escola particular. Em seguida aparece o 13a-2- *a nação surgiu há milhares de anos atrás, com a chegada dos primeiros indígenas*, com um total de 23% e 32% para os alunos da escola pública. Entre aqueles que consideram a formação da nação no período contemporâneo (a Revolução de 1930 e o processo de Anistia, em 1984), aparece 13% para o total dos alunos. Na entrevista, procurou-se elucidar as motivações dos alunos que responderam que a nação brasileira só surgiu depois da década de 1980. Vinte e três por cento do total dos alunos consideram a Independência como o momento da fundação (o que seria, em termos formais, a resposta correta de uma definição de um Estado-Nação independente), sendo que 25% dos alunos da escola pública fizeram esta escolha. Esta questão foi muito discutida nas entrevistas.

Por estas respostas, está havendo uma valorização dos indígenas como formadores da nação brasileira, idéia que vem sendo muito difundida, inclusive nos manuais escolares. Por muito tempo, os indígenas foram colocados em segundo plano pela historiografia oficial e

pelo ensino. Acreditamos que houve alguma mudança nesta perspectiva, diminuindo gradativamente o papel dos portugueses como fundadores da nação. Assim, a Independência (que seria obra dos “portugueses”) não aparece como significativa e a história eurocêntrica perde um pouco de seus tradicionais privilégios.

Por outro lado, esta presença dos indígenas nas representações dos alunos pode ser pensada dentro das proposições demonstradas por J. Gonçalves⁶¹. Para este autor, os indígenas brasileiros, após serem tratados por muitos anos nos manuais didáticos como “inexistentes” (especialmente no caso da historiografia paranaense, em que o Paraná era considerado um território desabitado), reaparecem agora nos livros didáticos em duas perspectivas: suprimindo a sua presença contemporânea, repleta de conflitos com o poder, jogando sua existência para um passado cada vez mais longínquo, ou por outro lado, para acalmar as consciências mais populistas, que pensam em como integrar a história dos vencidos na história dominante, sem contudo, perder o controle de uma história elitista.

Para Gonçalves, ao mesmo tempo em que aparece nos livros uma “simpatia manifesta” pelos indígenas, há uma destruição de sua singularidade, de sua historicidade. Os grupos são colocados como “brasileiros” desde o início, como se tivesse ocorrido um aceite tácito de todos os grupos indígenas na construção da nação brasileira. Resolvem-se assim dois problemas para uma história mitificada: negam-se os massacres a que foram submetidos, as suas lutas de resistências por suas culturas e também tem-se a impressão que estamos “integrando” os índios na história nacional. Para o autor, desta forma se desfazem as possibilidades de uma “*história realista, capaz de fazer frente à complexidade inerente aos contatos, encontros, guerras e eventuais conluios entre selvagens e civilizados*”⁶². Esta forma de apresentar os indígenas na história ensinada é uma nova maneira de reativar o “mito das três raças fundadoras” do Brasil, mantendo assim escondidas as contradições da formação da

⁶¹ GONÇALVES, José Henrique R. - *Como Martin Afonso virou Trineto de Mavutsinum?*. In: História – Ensino, Londrina, Vol. 3, Abril/1997, pp. 23-36.

⁶² Op. Cit., pág. 32.

nossa sociedade. As respostas dos alunos na pesquisa podem estar demonstrando a eficácia desses novos discursos.

As questões 14 e 15 foram inspiradas do original europeu, mas modificadas com conteúdos da história do Brasil. Versam sobre o interesse dos alunos quanto ao estudo de espaços geográficos e períodos da história. A questão 14 diz respeito aos períodos da história do Brasil preferidos pelos alunos. Observou-se, mais uma vez, que o período atual (dos anos 60 para cá), recebeu a maioria das escolhas (91%), seguido da Revolução de 1930 até os anos 60. O menor interesse ficou com a República Velha, cujo conteúdo, tradicionalmente, se restringe a uma apresentação da listagem dos presidentes da época. Na questão 15 – sobre os espaços geográficos - adaptamos os itens e incluímos o espaço brasileiro (história local, da América, do Brasil, da Europa, da África, Ásia e Oceania). A história do Brasil foi a mais solicitada, seguida da história da América. Os menores interesses ficaram com a história da Europa e de outros continentes (Ásia, África, Oceania). É interessante esta escolha pela América, pois o ensino da história (inclusive nas universidades) apresenta um vazio muito grande e os alunos reivindicam conteúdos neste sentido. Já a história local parece entusiasmar pouco os alunos, pois recebeu a maior porcentagem na coluna “pouco interesse”. O interesse pelo estudo do presente não encontra eco no estudo de seu correspondente geográfico, que seria o estudo do espaço mais próximo. Nos currículos, a história local é sempre pouco trabalhada, restando apenas os temas mais “canônicos”. Parece-nos que o ensino não tem conseguido mostrar aos alunos que as forças que movem a história atravessam múltiplos locais, inclusive o espaço regional. Por desconhecimento e pela falta de relações estabelecidas entre o geral e o local, os alunos se mostram desinteressados pela história regional.

Para obter algumas informações sobre o conhecimento histórico, criamos as questões 16 e 17, que falam sobre o Brasil Colônia e a Proclamação da República, questões que também não estão presentes no questionário europeu. A maioria dos alunos não considera a

época colonial como um período de aventuras, ao contrário, optaram por uma visão negativa, de matanças e exploração (83% do total, chegando a 75% na escola pública e 91% dos rapazes), assim como um período obscuro, de superstição e ignorância, chegando a 64% das opções da escola particular. A maioria entende que foi o início da mistura de raças no Brasil (79%). A exploração europeia foi lembrada por 64% do total, que discordaram da ideia de que os europeus vieram trazer a civilização (apenas 20% disse concordar com isto). Aliás, as ideias de aventuras heróicas não estão presentes nas concepções de história que os alunos têm, como ficou demonstrado na questão 1, na qual os alunos declararam que a história não é uma fonte de emoções que tem a função de estimular a imaginação.

Quanto à Proclamação da República, pode-se perceber que esta foi a questão em que apareceu a maior parte dos indecisos, sobretudo no item 17e – *A República era necessária, pois só o Brasil era monárquico na América* (58%). Isto pode ter acontecido por falta de conteúdos suficientes para os alunos tomarem uma posição, ou por uma falha do questionário na apresentação das questões. Na questão 17f – *A República não era necessária pois não é a forma de governo que faz diferença* – a maioria não concordou. Os alunos também não consideram Dom Pedro II como um bom governante, amado pelos brasileiros e por isso não concordaram que a Proclamação da República tenha sido um atraso.

A questão 18 procurou chegar a dois tipos de informação: primeiro, saber quais personagens são valorizados ou considerados negativos para o país, e, em segundo lugar, a frequência com que estes personagens aparecem no ensino, através da opção “não conheço”. Raposo Tavares, Frei Caneca, José Bonifácio e Padre Anchieta foram apontados como os menos conhecidos, junto com os mais modernos: João Batista Figueiredo e o cacique Raoni. Há um certo desprestígio dos políticos atuais, apontados como indiferentes ou até mesmo prejudiciais (Luis Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Marta Suplicy, Tancredo Neves). Os campeões da importância foram os heróis já consagrados: Tiradentes, seguido de

Getúlio Vargas e da Princesa Isabel. Nas entrevistas, estes nomes mudam um pouco, com exceção de Getúlio Vargas, que continuou sendo citado. Nas entrevistas, os alunos lembraram-se muito dos personagens que estavam estudando naquele momento.

Nesta questão, observou-se maior tendência para a opção “contribuiu”. Talvez isso se explique devido à conotação negativa que o item “indiferente” pode ter para os alunos. É possível que eles entendam que, se o nome de um personagem aparece numa lista é porque se trata de figura importante. Neste caso, se escolhessem a coluna “indiferente” estariam desvalorizando o personagem.

Na questão de número 19, que versa sobre os acontecimentos tradicionalmente trabalhados pela disciplina, também foi inserida a coluna “não conheço”. O Golpe de Estado de 1964 e o processo de Anistia e Redemocratização dos anos 1980 foram apontados como fatos mais desconhecidos. Percebe-se, então, uma contradição entre esta resposta e aquela na qual os alunos afirmam que a história deve ser considerada como um instrumento para se entender o presente. Isto pode ser causado pelo fato de que os assuntos mais contemporâneos são, geralmente, deixados para o final do ano, o que prejudica estes temas com um certo aligeiramento do seu estudo. Ou então, estamos novamente diante do caso já citado de pouco interesse pelo passado na nossa sociedade atual quando ocorre um “eterno presente”, levando os alunos a excluírem um passado recente. Nas entrevistas, porém, quando pedimos para os alunos indicarem assuntos interessantes, a maioria falou de temas mais atuais, sendo que muito se lembraram do Golpe de 64, talvez porque estivessem estudando o assunto naquele momento.

Foi muito interessante observar a escolha que os alunos fizeram sobre os acontecimentos mais importantes: a abolição da escravidão e o estabelecimento do voto feminino. Isto reflete as discussões atuais de gênero e raça: preconceitos, direitos, políticas de inclusão, etc. Podem ser também uma mostra do recuo da história tradicional, ainda que

tenham sido citados também como muito importantes os acontecimentos tradicionalmente trabalhados, como o Descobrimento do Brasil, a Independência e a Proclamação da República. Outro acontecimento marcante para os alunos foi o Impeachment de Fernando Collor (exaustivamente lembrado nas entrevistas).

Na questão de número 23 - *como você acha que era o Brasil há 50 anos*, observou-se que alunos acreditam que no passado as pessoas tinham mais esperança do que nos dias atuais; o Brasil era um país explorado por países estrangeiros, a vida era difícil para todo mundo, e o racismo era muito grande. Esta visão pessimista e negativa do passado, exatamente com estas mesmas respostas, se repete na questão 24 (presente no eixo 4), que fala sobre o futuro do país.

4. As opiniões dos alunos sobre os problemas do país, sobre as características da população, suas perspectivas para o futuro e suas formas de inserção na sociedade.

Neste eixo se encontram as questões 20 a 24. Aqui também criamos questões diferentes dos europeus. Procuramos saber que pensam os alunos sobre os problemas do Brasil, como imaginam que será o Brasil no futuro e que formas são possíveis de se colocar em prática para acabar com os nossos problemas. A questão 21 trata das idéias que os alunos têm sobre o caráter do brasileiro.

A questão 20 trata dos problemas brasileiros e a 22 das formas de superá-los. A saúde e a educação foram apontados como os principais problemas do país, seguidos da corrupção dos governantes e da necessidade de reforma agrária. Os alunos também consideraram como problema a pequena participação das pessoas em associações e em outros movimentos sociais (75% das escolhas), porém, quando se perguntou se a participação em partidos políticos ou outras associações era uma forma de superar os problemas que afligem o país (questão 22, item a), as respostas não confirmam essa preocupação. A solução apontada como melhor foi

“saber escolher bem os candidatos na hora das eleições” (com 92% das escolhas). Os alunos parecem estar entendendo que só a partir do poder de Estado é que se resolvem os problemas, delegando aos representantes de cargos eletivos esta função, ao mesmo tempo em que demonstram uma descrença muito grande nos partidos políticos. Discutir com familiares e colegas, para se informar sobre o que está acontecendo no país foi a segunda escolha dos alunos. Existe uma rejeição de 40% para a opção *“não pagar a dívida externa”* e uma rejeição ainda maior para a opção *“negociar com agências estrangeiras para conseguir mais empréstimos”*. Confiar no povo e trabalhar mais para fazer o país crescer foram duas outras opções dos alunos

Quanto ao futuro do país (questão 24), foi marcante a visão pessimista dos alunos: o Brasil continuará com os mesmos problemas, os mesmos preconceitos, continuará a mesma exploração. Para eles, o país será explorado por países estrangeiros e existirão conflitos entre pobres e ricos, com muita exclusão social. Pouco provavelmente o Brasil será rico e próspero. Esta tendência para dizer que as coisas se repetirão no Brasil foi coerente com a visão que os alunos têm da Linha do Tempo: as coisas sempre se repetem foi escolhido por 30% dos alunos e 55% deles acreditam que as coisas passam de um extremo a outro.

Na questão 21, pudemos perceber os estereótipos usados na descrição dos brasileiros. Muitos alunos, porém ficaram no grupo dos indecisos e neutros, temendo dar uma opinião. As qualidades de *“alegre, trabalhador e conformado”* foram as três mais apontadas e as menos apontadas foram *“patriota, estudioso e egoísta”*.

5. O lugar em que os alunos colocam a si mesmos e as suas famílias na sociedade.

Esse aspecto do questionário é abordado nas questões 26 a 33. Copiamos as questões do trabalho europeu, com exceção das perguntas sobre renda familiar e sobre religião. Aquele

trabalho perguntava em que nível salarial os alunos se classificavam (se estavam na média salarial de seu país, acima ou abaixo). Nós mantivemos esta pergunta, porém, adicionamos outra, sobre faixa salarial, cujo parâmetro foi em número de salários mínimos. Pretendíamos ver que idéia os alunos têm de “média nacional”. No item “Religião”, optamos por não perguntar diretamente a religião de cada um (como já explicamos anteriormente) mas saber que importância eles dão para a religião em suas vidas.

O objetivo deste eixo era saber a situação social e econômica dos entrevistados. Foi perguntado sobre a renda da família, grau de instrução dos pais, número de livros em casa e a importância que os alunos dão para a religião e para a política. O grupo da escola pública situou-se em famílias cuja renda varia entre 1 a 10 salários mínimos e declararam acreditar que esta faixa corresponde à média das famílias brasileiras. Quatorze por cento do total respondeu estar acima da média dos brasileiros. Segundo os pesquisados, os pais têm o ensino secundário e cada casa tem entre 10 a 50 livros. Apenas 3% declararam ter em casa mais de 500 livros. Quanto à religião e à política, a maioria as considera importantes ou muito importantes.

Os dados da escola particular trazem uma pequena diferença: os alunos declaram que a religião e a política têm muita importância em suas vidas, sendo uma margem um pouco maior para a política. A maioria possui de 50 a 200 livros em casa e os pais possuem curso superior. Quanto à renda familiar, a maioria a declarou acima dos 30 salários mínimos, e eles consideram-na acima da média da população.

Quanto às preferências pessoais (questão de número 32) os alunos dão muito valor à família, seguida da opção “liberdade de opinião”. Os amigos e a proteção meio ambiente também ocupam parte importante dos jovens. Os aspectos mais desvalorizados foram a participação em movimentos políticos, o dinheiro e status social e a união com os povos do Terceiro Mundo. Não houve diferenças nas respostas obtidas na escola pública e na privada,

coincidência mantida também entre alunos do sexo masculino e do sexo feminino.

3.2 – Resultados das entrevistas

Como já afirmamos anteriormente, a realização das entrevistas teve como objetivos trabalhar com as opiniões subjetivas dos alunos e nos auxiliar a compor melhor o questionário escrito, na tentativa de resolver problemas de interpretação.

Foram realizadas 16 entrevistas (10 na escola pública e 6 na particular). Começamos perguntando o nome e idade dos alunos e há quanto tempo estavam na escola. Na instituição particular, cinco entrevistados declararam que estudavam ali desde a educação infantil (Pré-escola), somando 13 ou 14 anos no mesmo local. Ou seja, toda a escolaridade foi feita na mesma escola. Na instituição pública, ao contrário, os alunos estavam há apenas um ou dois anos; dois estudaram na escola em anos anteriores e voltaram alguns anos depois para frequentar o ensino noturno. Apesar de não ter sido perguntado sobre o trabalho dos alunos fora da escola, foi possível perceber, através de conversas informais, que a maioria dos alunos trabalha durante o dia e estuda à noite. Este não é o caso dos alunos da escola particular, onde as conversas entre os alunos giravam em torno da proximidade do vestibular.

Outra observação que gostaríamos de fazer diz respeito ao fato das entrevistas terem sido realizadas na época da eleição de Luís Inácio Lula da Silva para Presidente da República (as eleições ocorreram em novembro de 2002 e as entrevistas no início de dezembro). Sobre Lula as opiniões se dividiram: de uma maneira geral ele não foi lembrado como personagem importante da história do Brasil (no questionário e nem nas entrevistas); seu nome foi citado principalmente quando os alunos falaram dos problemas nacionais e das formas de resolvê-los. Aliás, no questionário pode-se observar que Luís Inácio não aparece como alguém que contribuiu para o Brasil (ver gráfico da questão 18, item n). Segundo um aluno entrevistado, Lula ainda não teve a “*oportunidade de fazer algo importante para o Brasil*”, pois ainda não

tinha chegado ao poder. Este aluno mostrou uma concepção de sujeito da história como aquele que pode “fazer história” somente quando chega ao poder. Apesar de todas as discussões e avanços da didática da história, a efetividade da ação histórica ainda parece concentrada, na visão dos alunos, nos detentores do poder do Estado.

Organizamos as respostas das entrevistas em nove grupos:

- 1 – Conteúdos da história que mais gostam e conteúdos que menos gostam
- 2 – Personagens e acontecimentos importantes
- 3 – Opinião sobre a disciplina da história
- 4 – Quais as melhores formas de se estudar a história
- 5 – Definição de nação
- 6 – O Brasil é uma nação? Desde quando?
- 7 – Quais são os problemas do Brasil e como solucioná-los?
- 8 – O futuro do país
- 9 – Esclarecimentos sobre duas questões

1. Conteúdos da história que mais gostam e que menos gostam:

Pedimos aos alunos que apontassem um conteúdo que gostaram muito e que marcou suas vidas e por outro lado, que falassem sobre um conteúdo que não gostaram; foram obrigados a estudar mas consideraram “chato”. Os alunos da escola pública citaram o Descobrimento e o início da colonização do Brasil como assuntos que mais gostavam, enquanto na escola particular os alunos lembraram de conteúdos que estavam trabalhando no momento da entrevista (Ditadura Militar e anos 60 até os dias atuais). Foi interessante observar que todos os alunos tiveram mais facilidade para responder o que gostam do que responder do que não gostam. Ao falar de assuntos “chatos”, os alunos não lembravam um conteúdo específico. Ou então falaram da história antiga ou de outros países; para eles,

“*coisas que estão muito longe*” no tempo e no espaço não têm muito significado. Alguns citaram, por exemplo as Guerras Napoleônicas, a Revolução Russa e o Egito Antigo como assuntos de que não gostaram.

Ao perguntar se achavam importante trabalhar esses conteúdos, mesmo não sendo agradáveis, eles responderam que alguns são importantes, porém apenas como “cultura geral”. Um aluno afirmou que conteúdos que tratam de coisas muito antigas, servem apenas para aumentar suas informações e não deveriam ser cobrados em provas, não tendo nenhuma importância na sua formação pessoal.

Lembramos aos alunos um possível atrativo para esses conteúdos: poderiam servir para “fazer sonhar” e que inspiram os filmes “de época” de que eles tanto gostam. Mesmo assim, as respostas foram no mesmo sentido: são “*bonitos*”, mas não deveriam ocupar tanto tempo da disciplina. Neste sentido, as respostas nas entrevistas foram coerentes com as respostas do questionário: neste os alunos afirmaram que não concebem a história na escola como uma fonte de emoções e aventuras, que fascina e estimula a imaginação e também acham que a sua principal função é o conhecimento do presente (questão 2, item b). De uma maneira geral, os alunos querem conteúdos que os auxiliem a formar juízos sobre o passado e o presente do Brasil.

Eles qualificaram os conteúdos sobre acontecimentos antigos como “*dados soltos*”, informações incapazes de construir uma visão crítica do mundo, por não considerarem essas informações ligadas à atualidade. Parece-nos que a escola e os professores de história não estão conseguindo articular os conhecimentos e convencer os alunos da importância de alguns conteúdos. Tratados de maneira fragmentada, sem relação com a compreensão e conceitualização da realidade, esses conteúdos aparecem como informações descartáveis, como erudição e diletantismo. Por outro lado, as informações sobre o presente são supervalorizadas, sem contudo, haver uma crítica ao tipo de informação e às formas de se tratar e

interpretar os dados do presente. Esta problemática deve ser enfrentada, para que os professores, eles também, se convençam de duas coisas: da importância e do significado de alguns conteúdos com os quais estão trabalhando e do cuidado que devem ter com as informações sobre o “presente”, que podem ter o mesmo tratamento desarticulado e não esclarecedores dos problemas do país.

A amostra utilizada apontou, em linhas bem gerais, um elemento geral de definição, do conteúdo que não é considerado agradável para os alunos, mas não permitiu uma caracterização e uma tipologia, em detalhes de “assunto chato” em história.

2. Personagens e acontecimentos importantes

Dentro desta mesma perspectiva, foi pedido aos alunos que falassem sobre personagens e acontecimentos importantes para o Brasil. Em relação aos personagens, foi marcante o fato de nenhuma mulher ter sido citada e a maioria dos homens lembrados serem ligados à esfera política. Entre os mais citados na escola pública apareceu Getúlio Vargas em primeiro lugar. Outros presidentes da república citados foram Mal. Floriano Peixoto, Fernando Henrique Cardoso e Fernando Collor. Este último, porém, apareceu como o anti-herói, importante devido ao seu processo de impeachment, pois, segundo dois alunos, “*o impeachment mexeu com o povo, fez o povo reagir*”. Quanto a líderes mais populares foram lembrados Antonio Conselheiro, Lampião e Luis Carlos Prestes.

Na escola particular os alunos lembraram de personagens que estavam trabalhando, como Juscelino Kubstchek e João Goulart. Getúlio Vargas também foi lembrado por dois dos seis alunos. O principais heróis lembrados no questionário – Tiradentes, Padre Anchieta e Dom Pedro I– não foram citados nas entrevistas (a única exceção foi mesmo Getúlio Vargas, que apareceu nos dois instrumentos, o que nos mostra a força deste personagem nas representações dos alunos).

Em relação aos acontecimentos, predominaram fatos mais atuais, sendo que apenas três dos dezesseis alunos falaram da Proclamação da República e dois lembraram a Independência. Os demais se dividiram entre: Ditadura Militar, o Impeachment de Collor e as eleições para presidente, que tinham ocorrido um pouco antes. Apenas um aluno da escola particular citou como acontecimento importante a Guerra de Canudos, e outro, da escola pública, falou da Guerra do Contestado; todos os outros lembraram de acontecimentos tradicionais, políticos e levados a cabo pelas elites.

O que se pode concluir é que os alunos deram destaque aos acontecimentos oficiais, especialmente políticos, com a repetição de nomes consagrados na política nacional. Poucos foram as lideranças populares lembradas e houve uma negligência muito grande para personagens minoritários, como mulheres, indígenas, escravos, etc. Apenas uma aluna, da escola pública, lembrou de Zumbi dos Palmares, dizendo que gostou “mais ou menos” (enquanto 19% dos alunos que responderam o questionário afirmarem que não conhecem este personagem).

3. Opinião sobre a disciplina da história

Conhecer o passado para saber o que aconteceu de errado; conhecer o mundo em que se vive; conhecer o passado e seus reflexos no mundo atual; conhecer as lutas do passado e saber julgar o que é melhor. Estas foram algumas das opiniões dos alunos. As expressões que mais se repetiram foram: *“reflexos do passado nas nossas vidas; explicações para o presente; saber o que aconteceu de errado”*. Para os alunos, a disciplina tem este significado: ao explicar e julgar o passado, pode-se entender o presente. Repetiu-se nesta questão o que os alunos já estavam pedindo: falar mais do Brasil no presente; ficar só no passado e falar de outros povos ou de outras “civilizações”, é considerado “cansativo”, “repetitivo”, “sem função”. Foi repetida muitas vezes a idéia de história como instrumento de julgamento. Uma

aluna chegou a dizer que devemos conhecer a história para *“se viver melhor”*.

Do total das entrevistas apenas três alunos falaram, literalmente, em futuro: *“ver como foi antigamente, entender porque hoje está assim e pensar o que vai ser no futuro”*, ou ainda: *“saber o que aconteceu, o que está acontecendo, o que pode acontecer”*; *“relatar todos os aspectos da vida das pessoas, no passado e no presente, e no futuro também”*. Entretanto, apesar dos outros não falarem claramente em futuro, sua concepção – julgar, saber viver, conhecer o que foi feito de errado para não repetir os erros – demonstra suas preocupações com o futuro e esperam da história mais do que simples divertimento, beleza. No questionário, a maioria dos alunos considerou que a história explica o pano de fundo dos problemas do presente e da vida atual, a história é uma forma de compreender a vida pessoal como parte das mudanças históricas e, finalmente, é uma possibilidade de se aprender com os erros e acertos das outras pessoas. Há aqui uma coincidência entre questionário e entrevistas.

4. Quais as melhores formas de se estudar a história

Para os alunos, os professores ficam muito presos à sala de aula, com explicações orais, exercícios, textos para copiar; eles desejam fazer visitas a museus e monumentos, ver filmes, documentários e slides. Para uma aluna, *“o professor não devia ficar só no quadro falando, falando...”* Contudo, os alunos valorizaram bastante o trabalho em sala de aula. Em primeiro lugar, para eles a forma como o professor explica e se expressa didaticamente influi muito na opinião que os alunos vão formando sobre a disciplina. Um aluno da escola pública sugeriu que os professores fizessem cursos, se especializassem justamente nas maneiras de como passar a matéria para os alunos. Segundo ele, *“não adianta mudar os conteúdos, depende só do jeito de cada professor ensinar”*.

Duas alunas da escola particular afirmaram que não gostavam da maneira como alguns professores explicam, indo e voltando no tempo. Para elas, esta “lógica” cria uma grande

confusão, porque os alunos não sabem mais do que se trata. Elas sugeriram que o professor deveria seguir uma seqüência temporal para trabalhar os conteúdos, o que garante mais organização “*na cabeça dos alunos*”. Outra aluna pedia mais aulas de história ou menos conteúdos. Para ela, era excessivo o número de informações que os alunos tinham que absorver: “*o professor tem que fazer as coisas com mais calma*”.

A cobrança que o professor (e a escola) fazem para se “vencer o conteúdo”, associada a uma visão enciclopedista do ensino da história, faz com que haja um excesso de dados e pouco tempo para análise e compreensão. Os instrumentos de validação do conhecimento, sobretudo a que estão expostos os alunos do Ensino Médio – exames nacionais e vestibulares, por exemplo – continuam cobrando muitos dados dos alunos, reforçando aquele aspecto “enciclopedista” que marca nosso ensino e criando nos alunos esta opinião sobre o excesso de informações.

Dinâmicas novas de trabalho também foram sugeridas, como: debate de um tema entre todos os professores de história da escola, resumos de livros, dar aos alunos esquemas escritos e partir depois para as explicações, passear nos lugares onde as “*coisas realmente aconteceram*”, contar as histórias de maneira mais interessante (saber se expressar, ter uma boa oratória). O tradicional “questionário” foi lembrado por dois alunos, de maneira negativa. Um aluno da escola pública disse que esse instrumento é ruim porque limita muito a aprendizagem: “*você só fica procurando uma resposta, não vê o resto*”. Para uma aluna da escola particular, fazer questionários e exercícios do livro didático em sala de aula é perder um tempo precioso. No máximo, o professor pode sugerir que seja feito em casa, pois na sala ele deve ocupar seu tempo em dar explicações.

Apesar das críticas às aulas tradicionais, os alunos dedicaram bastante tempo falando da sala de aula e enfatizaram a importância do professor “*ser bom, saber se expressar, dar boas explicações*”. Para uma aluna da escola particular, assistir filmes é bom, mas não basta:

“filmes são legais, mas acho importante o professor explicar depois”. No questionário, os professores foram avaliados de maneira positiva por 62% dos alunos, que se colocaram no grupo 3 (positivos). Para estes, os professores foram todos bons ou a maioria foi boa. Vemos nesta questão a importância da entrevista, pois as observações e críticas feitas às aulas e aos professores seriam impossíveis de serem analisados somente pelos resultados positivos que apareceram no questionário.

5. Definição de nação

Para a maioria dos alunos entrevistados, uma nação significa um povo unido em torno de objetivos comuns, e assim sendo, o Brasil não é ainda uma nação. Dos dez entrevistados na escola pública, sete falaram da necessidade de união da população. Já na escola particular, os alunos se detiveram mais nos aspectos identitários: cultura, tradição, passado comum, crenças, nascer num território. Para esses mesmos alunos, porém, não basta nascer no mesmo território ou falar a mesma língua: é preciso que as pessoas se identifiquem, se reconheçam como da mesma nação. Para uma aluna, é necessário também que as pessoas conheçam a história de seu país, pois ninguém se identifica se não conhece suas origens e se não sabe como se viveu no passado e se vive no presente.

Com esta idéia predominante de união, os alunos deixaram transparecer uma concepção de nação como algo que deveria ser, necessariamente, homogêneo e sem conflitos internos. Um aluno da escola particular afirmou que as grandes diferenças entre as classes sociais, em países como o Brasil, por exemplo, impedem a formação de uma nação e deu o exemplo do Japão como um modelo, porque, segundo ele, lá não *“há tantas diferenças entre as pessoas”*. Os alunos mostraram que têm uma idéia dinâmica da nação, como algo que se constrói; não é um dado fixo e imutável, numa visão metafísica de um ente criado e garantido pela transcendência. Ao contrário, a nação é uma construção histórica. Nesta direção, de visão

histórica, é interessante notar, por algumas respostas, que a nação pode existir num momento e desaparecer em outro, para renascer novamente. Ou seja, a nação não é um ser, mas é uma conjuntura. Isso é interessante, pois a visão tradicional do nação como um ser eterno e intocável parece ter mudado entre os alunos.

Apesar desta visão dinâmica nas entrevistas, os resultados do questionário mostram que os alunos não concordaram com a afirmação de que *“as nações nascem, crescem e morrem como qualquer outra coisa na história”* (questão 10, item a). Talvez eles não concordem com a afirmação de que a nação seja *“qualquer coisa na história”*. Para eles, apesar de histórica, nação está acima das contingências do tempo como estão os seres humanos.

6. O Brasil é uma nação? Desde quando?

Quando falavam dos conceitos de “nação” de maneira geral, (o que se pedia na questão acima), os alunos logo se reportavam ao Brasil para dar os exemplos. Por isso foi difícil separar os dois itens. Pedimos que os alunos opinassem sobre dois aspectos: se existe uma nação no Brasil e desde quando ela está formada. Entre os alunos da escola pública observou-se o seguinte: dos dez entrevistados, quatro afirmaram que há um embrião, uma nação “se formando”. Para dois alunos, a nação começou com a chegada dos primeiros habitantes (os indígenas); para um dos alunos, foi a chegada dos portugueses o marco inicial da nação brasileira e para o último foi apenas no processo de impeachment do presidente Fernando Collor que o povo começou a se dar conta que formava uma nação.

Na escola particular, a tendência foi dizer que não há uma nação, porque não se via um povo lutando por uma causa. Para uma aluna, o problema é que, cada vez que o povo se organizava, *“levava um corte”*, ou seja, era reprimido, se dispersava e tinha de começar se organizar novamente (eles estavam justamente estudando o Golpe Militar de 1964). Duas

alunas falaram em nação “*forjada*”, querendo dizer que há uma construção de nação baseada em mitos ou ícones, como o futebol, o carnaval, alguns heróis escolhidos, mas sempre em seu interesse e manutenção. Para elas, há uma manipulação da história e algumas memórias são meticulosamente apagadas.

De uma maneira geral, estas respostas também foram coerentes com as respostas do questionário. Na questão 13 do questionário, item a, pergunta-se desde quando existe a nação brasileira e 31% dos alunos responderam que ainda não há uma nação no Brasil. Em seguida, a opção mais votada foi a que afirma que a nação começou há milhares de anos, com a chegada dos primeiros habitantes. A chegada dos portugueses só foi considerada por 7% dos alunos, ficando atrás da opção “na Proclamação da Independência”.

Como já tínhamos explicitado anteriormente, se, por um lado, esses resultados podem indicar uma superação do lusitanismo na explicação da história nacional, típica dos autores fundadores, por outro lado também significa uma explicação da “anexação tácita e tranqüila” dos índios à grande história da nação (guardadas as boas intenções de muitos autores) e uma extensão infinita no passado da duração da nação brasileira, onde se perde no tempo seu início e que nunca irá acabar...

7. Quais são os problemas do Brasil e como solucioná-los?

Todos afirmaram que são muitos os problemas brasileiros. A má distribuição de renda e a corrupção foram os dois aspectos mais lembrados. Quanto à corrupção, um aluno da escola pública afirmou que não apenas os governantes são corruptos mas a corrupção acontece no dia-a-dia, com as pessoas simples, que também se corrompem com “*um troco errado no ônibus, por exemplo*”. A concentração de renda foi muito lembrada, não só em relação às diferenças de classes sociais, como entre as regiões brasileiras. Essa concentração de renda foi considerada como um dos empecilhos para a formação da nacionalidade. Outros

problemas levantados foram a fome, a educação, a saúde, a impunidade, a falta de confiança nas instituições e a descrença na política. No questionário, a reforma agrária e o êxodo rural foram considerados como problemas importantes por 90% do alunos, porém, nas entrevistas, este assunto não foi sequer mencionado.

No que diz respeito às formas de resolver os problemas brasileiros, foi marcante nas duas escolas (sobretudo na escola particular) a opção pelo trabalho voluntário. Quando foram indagados sobre o que poderiam fazer, todos os seis alunos entrevistados do colégio particular falaram em trabalhos voluntários, em doações e campanhas de ajuda aos pobres, ou a simples presença numa instituição social, dedicando parte de seus dias, estando próximo a pessoas necessitadas (pobres, órfãos, deficientes, doentes, etc.). Na escola pública apareceram algumas outras sugestões, como: discussões e troca de idéias com colegas ou ainda ser individualmente um modelo de boa conduta moral, dando exemplos pessoais contra a corrupção. Os alunos entendem que fazer trabalhos em creches, hospitais, orfanatos, etc., é mais importante do que participar de um partido político, de associações ou de outros movimentos sociais.

Apenas uma aluna da escola particular afirmou que ir para as ruas lutar e fazer “barulho” pode ser uma boa opção. Apesar de lembrarem da conjuntura dos anos 60 como um período em que as pessoas manifestavam sua vontade nas ruas (dando para isso com um caráter positivo), os alunos acham que isso hoje não é mais uma solução. Um aluno lembrou que na década de 60 *“tinha muita gente saindo nas ruas, muita gente presa. Hoje ninguém mais faz isto. Se não tá bom, as pessoas ficam reclamando dentro de casa, não reclamam para a pessoa certa. Não adianta ficar quieto”*. Porém, este mesmo aluno, ao dar sugestões para melhorar o Brasil, manteve a opção de dar dinheiro para uma instituição e controlar a destinação do dinheiro arrecadado. Dois alunos, ainda, afirmaram que devem cuidar de suas vidas particulares: estudar, adquirir conhecimentos sobre o Brasil, conseguir um emprego e só

então se pode ajudar, quando sua vida pessoal estiver mais resolvida. Uma aluna afirmou que para ela a vida estava boa, que ela não via problemas na educação, por exemplo: *“algumas coisas poderiam mudar, mas no geral, para mim está bom”*.

O que vemos predominar entre esses jovens é uma opção assistencialista em que os problemas podem ser resolvidos ajudando instituições sociais e também uma opção individualista, tentando resolver os problemas de cada um.

Nosso trabalho não conseguiu ter acesso pleno aos padrões de participação política que foram ensinados junto com o conhecimento histórico e se misturaram com conhecimentos adquiridos em outras fontes. Mas para nós, ficou claro que esses alunos não demonstraram uma perspectiva politizada de ação individual ou coletiva. Permanecem questões para o ensino da história, naquilo que diz respeito à sua função de formação e discussão política em sala de aula: será que o aspecto epistemológico da “neutralidade” da história ensinada (herdado do positivismo), não cria a impressão no aluno de que ele é um “observador” neutro e descomprometido? Que alternativas teríamos para nos contrapormos a estes valores de neutralidade, guardando uma recusa ao doutrinamento dos nossos alunos? É isto mesmo que queremos para o ensino da história – que contribua na formação política e na sugestão de alternativas? Estas questões são centrais, ao nosso entender, para o estabelecimento de uma discussão sobre o futuro da disciplina.

8. O futuro do país

Como afirmamos anteriormente, em relação ao futuro, foi muito mencionada pelos alunos a vitória de Luis Inácio Lula da Silva e a maioria das opiniões foi otimista em relação ao futuro governo. Porém, mais uma vez, a esperança de que o presidente, pessoalmente, resolva os problemas nacionais apareceu em muitas falas dos alunos. Palavras como “esperança”, “fé no Brasil”, “otimismo”, “sonho”, “trabalhar pelo Brasil” também

apareceram. Um aluno da escola pública acha que o povo se cansou de promessa e agora não tem mais medo, por isso acabou escolhendo um novo governo, *“se arriscando com o Lula”*. Para ele, os políticos não podem mais ficar prometendo e daqui para frente, o *“povo vai ficar mais atento”*. Duas alunas, porém, falaram que têm “medo” do novo governo, porque as coisas vão mudar “muito”.

Quatro alunos (dois da escola pública e dois da escola particular), afirmaram que o Brasil não vai melhorar com o novo governo, porém também não deve piorar, *“deve ficar marcando passo...”*

Este otimismo declarado pela maioria dos entrevistados não se mostrou muito coerente com as respostas do questionário. A questão 24 pergunta qual a opinião dos alunos em relação ao futuro do país (*Como será o Brasil daqui há 50 anos?*). Nesta questão, as respostas foram, sobretudo, negativas. Continuará existindo a exclusão social e o racismo, o Brasil não será um país próspero e nem tranquilo e continuará sendo pobre e explorado por países estrangeiros. Existe, portanto, uma diferença de comportamento ao falar sobre o futuro do país e ao responder o questionário.

9. Esclarecimentos sobre duas questões

Como dissemos anteriormente, um dos objetivos da realização das entrevistas era perceber alguns possíveis problemas de interpretação do questionário. Para isso, escolhemos duas questões que os alunos responderam de maneira “incoerente” e conversamos com os alunos sobre elas:

- b) a afirmação de que o Brasil não é uma nação ainda, mas já contém os atributos para sê-lo;
- c) a afirmação de que a política tem grande importância nas suas vidas, porém, rejeitam totalmente os partidos políticos.

Quanto à primeira questão, os alunos inquiridos não conseguiram explicar, porque não é muito clara para eles uma definição de nação. Eles responderam que falta ao brasileiro o espírito de união, a luta por causas comuns. Apesar dos atributos naturais (língua, território, nascimento, etc.), ainda existem movimentos separatistas (como o movimento “o sul é meu país”), e o rico e o pobre estão muito separados. Para duas alunas da escola particular, “*o brasileiro copia muito o estrangeiro, não tem orgulho, tem até vergonha de ser brasileiro*”. Para um aluno da escola pública, no Brasil tem território, povo, língua e religião, mas é “só isso”, faltando objetivos comuns. Acreditamos que trata-se da idéia de nação como corpo homogêneo e harmonioso que afirmamos anteriormente.

Quanto à segunda questão – considerar a política importante, porém sem os partidos políticos – os alunos responderam que não acreditam nos partidos tal como eles existem no Brasil. Para alguns alunos, os partidos são agrupamentos de pessoas que não têm compromisso com a população, os políticos não cuidam dos assuntos de interesse nacional para se ocuparem de interesses particulares. Para os alunos, os partidos não são dignos de confiança, faltam pessoas honestas neles e formam verdadeiras “máfias”. A idéia de “coronelismo” foi usada por uma aluna da escola particular.

Para um aluno da escola pública, os partidos são rígidos demais, ficam presos aos seus programas e ideologias e não se adaptam às questões do momento, perdendo o contato com as necessidades do povo. Um aluno da escola particular, ao contrário, disse que os partidos são muito volúveis, mudam, fazem acordos, perdem suas idéias para alcançarem o poder a qualquer custo, e por isso não são dignos de confiança. Os custos de campanhas eleitorais, os desvios de dinheiro público, as sonegações, tudo isto é lembrado pelos alunos quando falam dos partidos.

Todos afirmaram que a política é importante, só não sabem muito bem como participar. Alguns esperam pelo futuro: “*quando eu for mais velho e souber mais do Brasil,*

eu participo”; outros acham que vão participar quando os partidos mudarem; outros ainda acham que podem participar nos pequenos espaços, como um Grêmio Estudantil. Apenas uma aluna da escola pública falou que os partidos são importantes, “*seja de direita ou de esquerda*” eles devem existir para a política; ela foi a única dos dezesseis entrevistados que se propõe participar de um partido.

3.3 – Reunindo as idéias dos alunos sobre alguns temas trabalhados

Iniciaremos com as concepções de nação apresentadas pelos alunos. No que diz respeito a uma definição de nação, vimos como os alunos fazem uma fusão das concepções tradicionalmente ditas “alemã” ou cultural e “francesa” ou de acordo coletivo. Eles acreditam que a nação é formada através dos atributos “naturais” (língua, território, cultura, origem, etc.), e também acham que a nação é fruto da vontade coletiva de se construir um futuro em conjunto. Os alunos não repetiram definições formais de nação, não têm uma fórmula “decorada” e também não conhecem dados históricos, ou seja, não contextualizam seu surgimento, não conhecem o papel das burguesias nacionais ou de outras classes sociais, não discutem historicamente o surgimento das diversas nações.

As entrevistas mostraram que para os alunos das duas escolas, nação é acima de tudo uma população unida, que tem consciência de sua identidade e possui objetivos comuns. O ideal de uma nação é um corpo homogêneo e sem conflitos, mais imune às suscetibilidades históricas do que os seres humanos, porém, uma entidade histórica, que tem início, pode se transformar e acabar. A idéia mais interessante é de que a nação ora pode existir, ora não, renascer de acordo com a vontade do coletivo.

Para a maioria dos alunos ainda não existe uma nação no Brasil, ela está em processo de formação. Paradoxalmente, ela pode aparecer em alguns momentos privilegiados da história, quando o povo se une para reivindicar ou protestar contra algo, sempre em aparições

momentâneas e o processo de impeachment do presidente Collor, foi um desses momentos privilegiados. Fernando Collor foi muito citado como um anti-herói que teve um só mérito – a sua queda ajudou a construir um sentimento de união nacional.

Os alunos defendem a necessidade de mais união para formar uma nação, sendo que uma aluna resumiu sua idéia na frase: *“na época da Copa do Mundo a gente vê uma nação, é um momento bem unido”*. Segundo um aluno: *“acima de tudo a pessoa tem se mobilizar pelo bem do país, da nação, pelo bem de seus companheiros de nação. Não adianta ver uma outra pessoa sofrendo e ela não fazer nada. Ela tem que se mobilizar”*. Temos aí uma concepção de nação como solidariedade interna, uma visão extremamente afetiva da organização social.

Os alunos se mostraram otimistas em relação ao futuro, achando que há uma certa “conscientização” sobre o Brasil, e que estamos num processo de construção de uma nação.

Para a maioria dos alunos, a nação brasileira começou a se formar com a chegada dos primeiros indígenas. Para eles, a cultura indígena foi um forte elemento da nação brasileira. Poucos citaram os portugueses, a Independência ou a Proclamação da República como primordiais na formação da nação. Estes, que seriam momentos formais da inauguração da nação, não são considerados pelos alunos.

Um outro sinal de uma relativa desmistificação da história grandiosa de nação aparece na fala de duas alunas, quando usam o termo “forjar” para a nação brasileira. Para uma delas, a idéia de nação que existe entre nós sempre foi “forjada” pelas elites e uma prova disto é que memórias mais populares (como a Guerra de Canudos, por exemplo) foram constantemente atacadas e silenciadas, pois os governos dominantes tinham por objetivo esconder a força do povo. Para a outra, existe no Brasil uma *“nação forjada em cima do futebol, do carnaval, mas não é um sentimento fortalecido”*. Quando a aluna fala em *“apagar memórias populares”*, ela assinala que há uma compreensão acerca dos pactos de elites que marcaram nossa história e com o trabalho de construção de uma memória dominante.

Perguntamos porque alguns alunos afirmaram no questionário que a nação brasileira só foi formada a partir dos anos 80. Para um aluno entrevistado, foi na década de 1980 que o povo se uniu para um objetivo comum. Para ele é preciso ter uma língua, um território, como condição, mas para que se possa dizer que há uma nação de verdade, é preciso que as pessoas se organizem. Ele mencionou novamente o processo de impeachment de Fernando Collor.

Em ambas as escolas os alunos se preocupam com a necessidade de conhecerem melhor o Brasil para poderem atuar, sendo que um deles declarou: *“quando eu for mais velho e conhecer melhor o Brasil, vou poder atuar mais para melhorar o nosso país”*. E com esta idéia, voltam a falar de sua principal concepção do ensino da história: conhecer o Brasil atual para pensar juntos um futuro. Quando um aluno afirma que falta *“o rico se unir ao povão”* para construir uma nação, ele parece se dar conta das fraturas sociais brasileiras.

Muitas expressões que apareceram nas entrevistas, dão uma marca afetiva para o tema, como: *“eu odeio os Estados Unidos e acho que no Brasil falta patriotismo”*, ou então: *“este país não é uma nação porque aqui é tudo muito bagunçado, tem muita sujeira”*. Expressões assim aparecem sobretudo quando os alunos falam sobre a política atual e sobre os problemas brasileiros.

A complexidade do conceito de nação aparece nessas falas dos alunos, mesmo que não estejam claras as distinções teóricas. Todos concordam com os atributos objetivos – língua, território, tradições – mas acham que ainda falta algo, que é a união para um objetivo comum. Eles apontam, aqui, para uma compreensão de nação como uma condição de ser, uma conjuntura, algo que se faz e se desfaz (*“às vezes somos uma nação e depois não somos mais”*). E isto se liga a uma concepção dinâmica da história, de possibilidades de futuro, ao contrário de uma idéia fixa, de fatalidade, de caminhar inelutavelmente para em fim determinado. Temos aqui um início de rompimento com representação do progresso, que acompanhava tradicionalmente o ensino sobre a nação.

Outro elemento trabalhado na pesquisa diz respeito a uma cronologia para a história brasileira. Os alunos acreditam que a nação brasileira ainda não está formada mas o seu início se deu com a chegada dos primeiros habitantes; isto mostra uma mudança na idéia do Descobrimento como momento inaugural. A figura do português colonizador foi desvalorizada e os alunos não concordaram que o Brasil Colônia tenha sido uma época marcada pela aventura e pelo perigo, com verdadeiros heróis dispostos a construir um país e que tiveram muito trabalho para levar a civilização aos povos indígenas.

O período para o qual os alunos admitem ter maior interesse, tanto no questionário como nas entrevistas, é o período atual. Imersos em discussões políticas (sobretudo na época que foi realizada esta pesquisa), os alunos sentem falta de subsídios para discutirem as questões que os afligem e fazem uma espécie de apelo à história ensinada para que os auxiliem. Eles acreditam que a principal função da história é a explicação do presente e quanto mais os conteúdos tratam de assuntos afastados no tempo, menos significado encontram em seu aprendizado.

No que diz respeito à passagem do tempo, os alunos consideraram que a vida social é um eterno retorno aos mesmos problemas, seja porque se repetem, seja porque passam de um extremo a outro. Parece estar se modificando o princípio do progresso, aquela rota linear da humanidade vista a partir da perspectiva burguesa do século XIX. Não há entre os alunos uma concepção teleológica, de finalidade no caminhar do conjunto da humanidade.

Mas esta resposta também demonstra um certo desânimo. É o que aparece nas questões sobre o passado e o futuro do Brasil, em que os alunos mostraram uma imagem negativa para as duas épocas, traçando um panorama para o futuro, quando as coisas estarão exatamente como atualmente, sem alterações. O ensino pode ter mudado no que diz respeito a uma periodização rígida como era trabalhada anteriormente, porém ainda não está conseguindo dar conta das questões presentes e nem criando nos alunos uma expectativa de

participação na história.

Procuramos perceber também quais personagens são valorizados ou desvalorizados; como os alunos se posicionam diante dos mitos políticos já consagrados; que visão têm dos personagens mais atuais e dos mais antigos; como concebem os “políticos atuais” e as características dos governantes; que personagens eles dizem não conhecerem. Quanto aos personagens, Fernando Collor e seu processo de impeachment foram considerados verdadeiros marcos da história brasileira. Como afirmou um aluno: *“Não é que ele tenha melhorado o Brasil, ele pode até ter piorado, mas ajudou porque as pessoas se conscientizaram que se reunindo dava par fazer alguma coisa”* Vimos pelas entrevistas, como muitos alunos consideraram que a partir daquele momento, começou a se formar a nação brasileira.

Aliás, houve uma reação muito negativa aos políticos atuais de uma maneira geral, como também houve uma reação negativa à política e aos partidos, pois esses elementos foram responsabilizados pela corrupção da vida pública brasileira. O que temos aqui é um desprestígio da política partidária da forma como acontece no Brasil. Os alunos podem estar considerando que o tipo ideal de participação é o daquele cidadão delegador de poderes e tarefas a um herói, a um salvador da pátria e desprestigiando a política partidária.

Foi citado o personagem de Juscelino Kubischteck como uma figura muito importante pelo desenvolvimento industrial da sua época, como se ele tivesse dado um “empurrão” e proporcionado o desenvolvimento. A aluna citou a Inconfidência Mineira e ressaltou a importância dos vários atores daquele processo, não apenas de Tiradentes. Outro aluno lembrou-se de Dom Pedro II, mas admite ter sido influenciado pela televisão, por um seriado que falava do Imperador. Ele ressaltou que a professora chamou atenção para as sátiras da televisão não serem a melhor maneira de se aprender história, mas mesmo assim ele prefere ver filmes e documentários do que prestar atenção nas aulas. Um personagem muito

respeitado, tanto nas entrevistas como nos questionários foi o presidente Getúlio Vargas: “*ele é o maior mesmo, não tem outro*” afirmou um aluno da escola pública. Continuará o “mito Vargas” fazendo adeptos, nas mais jovens gerações?

Quanto aos assuntos escolhidos, observou-se que ainda predominam os conteúdos “canônicos” da história política nacional, se bem que tenham sido citados alguns episódios que mostram uma certa ruptura, como foi o caso da Guerra de Canudos e do Contestado, ou de nomes como Lampião, Antonio Conselheiro ou Luis Carlos Prestes. A disciplina talvez esteja mudando sua tábua obrigatória de assuntos com a inclusão de novos temas, negligenciados pela história tradicional. Na escola pública observou-se uma preferência pela história colonial, conteúdos relacionados ao descobrimento do Brasil, à chegada dos portugueses e o início da colonização eram os assuntos preferidos, seguidos pelo ciclo do ouro e Inconfidência Mineira. Na escola particular os alunos declararam que o melhor assunto foi a Ditadura Militar dos anos 60.

É interessante notar que ao serem interrogados sobre assuntos que não gostaram ou que estudaram porém não consideraram importantes, os alunos apresentaram dificuldades em dar suas opiniões. Eles vacilavam, levavam muito tempo para responder, parecem ter mais dificuldade em falar sobre o que não gostam. Imediatamente eles lembraram de assuntos da história geral – “*eu não gosto do Egito, está muito longe*”; ou ainda “*eu não gostei de estudar a Revolução Russa, os chineses*”, ou ainda “*aquela história de Guerra Fria é muito chata*”, “*tudo o que fala de fora e do passado de fora*”.

Um aluno da escola pública lembrou-se também da imigração italiana para o Brasil e falou de uma novela da Globo. Mesmo dizendo que a novela é “cultura inútil”, ele acha que os programas de televisão tem um fundo de realidade.

Ao tentar conhecer as opiniões dos alunos sobre os problemas nacionais e as possíveis formas de resolvê-los, nossa pretensão era saber se eles utilizavam de algum conhecimento da

história, se faziam alguma referência ao passado para apontar algum problema mostrando como tinha sido resolvido. Pudemos constatar que os alunos não fizeram praticamente nenhuma referência ao passado: suas discussões estavam muito permeadas pelo momento eleitoral e se reportavam às discussões com colegas e familiares, muito influenciados pela mídia. Talvez devêssemos ter sido mais diretos tanto nas entrevistas como no questionários e assim, os alunos seriam obrigados a lembrarem-se de alguns conteúdos apreendidos na disciplina de história.

Quanto aos problemas, apareceram no questionário como principais a saúde, a educação e a reforma agrária, entretanto estes mesmos problemas não foram citados nas entrevistas. Os alunos entrevistados lembraram-se da concentração da renda e avaliamos que esta opção deveria ter sido parte do questionário, como um item.

Perguntamos então como fazer para resolver os problemas. As respostas foram, basicamente, em dois sentidos: eles remetem para o futuro a possibilidade de começarem a ajudar a resolver esses problemas, com expressões como: *“quando eu for mais velho eu ajudarei o Brasil”*, ou ainda, *“eu preciso conhecer melhor as questões brasileiras”*, e, por outro lado, sugerem o trabalho voluntário, a ajuda direta a instituições filantrópicas, o assistencialismo.

Uma participação política mais engajada num partido ou programa foi considerada inútil. Os alunos não acham eficaz participar de um partido político, de movimentos sociais ou de ONGs. A opção escolhida para resolver os problemas foi *“votar melhor”*. Vemos como se repetem fortes aspectos da nossa cultura política, de delegação de poderes, esperando um *“líder que decida as coisas mesmo, de verdade”*, como falou um aluno da escola pública. Mesmo afirmando que a política é importante, não fica claro o que esses jovens estão entendendo por *“política”* e como estão imaginando sua participação na vida do país.

A compreensão que os alunos fazem de sua participação política reflete a

representação que fazem de si próprios como sujeitos da história. Neste sentido, acreditamos que a disciplina da história não tem conseguido trabalhar bem a questão dos sujeitos na história. Lembramo-nos do trabalho de M. Stephanou⁶³, para quem o ensino da história tem uma grande responsabilidade na formação dos valores, principais formadores das representações dos nossos alunos. A professora acima citada estabeleceu uma série desses valores e destaca que o ensino “*se detém aos fatos passados, acentuando a atuação de determinados heróis e sujeitos históricos, com intenções bem delimitadas desde o início*”. Esta forma de entender a ação dos sujeitos tem tirado dos jovens a capacidade de se pensarem como sujeitos, ou no máximo, acham que sua ação se restringe à caridade. Nas palavras de um aluno, um personagem como Luís Inácio da Lula da Silva, só agora poderá “*fazer alguma coisa, pois antes não teve oportunidade*” (o que ele fez antes de chegar à presidência não foi significativo). Sobre este tema – o papel dos sujeitos na história - os professores de história devem ainda se debruçar.

Na parte 1 deste trabalho, tentamos levantar alguns dos principais temas com os quais trabalhava o ensino da história no tocante à sua função formadora de cidadãos. Através dos resultados dos questionários e das entrevistas, pudemos constatar que muitos daqueles “mitos” que tinham por objetivo sacralizar a nação e seus dirigentes, sofreram modificações.

Vejamos, por exemplo, o mito relativo à exaltação dos pais fundadores, a crença na superioridade dos portugueses e dos europeus em geral como aqueles que trouxeram a civilização para os indígenas. Esta representação parece ter se modificado: a valorização do indígena foi reiterada tanto nos questionários como nas entrevistas e o europeu apareceu muito mais como o explorador do que como o aventureiro que trazia a luz para os povos americanos. Por outro lado, os indígenas continuam sendo tratados de maneira estereotipada,

⁶³ STEPHANOU, Maria - *Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar*. In: Revista Brasileira de História, vol.18, n.36, São Paulo, 1998.

generalizada, linear, sem conflitos entre si e com os “brancos”. Eles entram, assim, de maneira calma e pacífica na história da nação.

Permaneceram algumas representações trabalhadas na história há muito tempo, como o valor exemplar dos grandes heróis. Consideramos que as escolhas dos personagens nos mostra ainda uma adesão aos mitos políticos nacionais. Também pela idéia que têm os alunos de que os problemas se resolvem a partir do poder do Estado, permanece a espera do “salvador da pátria”, de um homem com poderes especiais que ajudará o Brasil a superar seus problemas.

Outra idéia que permanece é a da nação harmoniosa e solidária, o desejo dos jovens para a vida em sociedade. Por isso, acham que o Brasil não é uma nação “ainda” pois suas contradições são muitas e uma “verdadeira nação” não pode apresentar os conflitos. De uma certa maneira, permanece uma nação sagrada; ela é um ente que está num patamar acima das suscetibilidades humanas; apesar dos alunos a considerarem histórica, mutável, eles acham que ela não aparece e morre como como qualquer pessoa ou instituição na história. Os alunos falam da nação como um ideal a se alcançar.

Os alunos guardaram uma certa distância de um pensamento estritamente cientificista, de crença total no progresso. Eles não acreditam que a história esteja numa espiral ascendente, que vamos melhorar sem a menor dúvida. Ao contrário, para eles, há um retorno aos mesmos problemas, a história é um constante passar de um extremo a outro. Apesar de aparecer algumas vezes a palavra “esperança” em algumas entrevistas, os alunos não conseguem ter certeza se o Brasil vai resolver seus problemas.

Dois temas não foram suficientemente trabalhados: a escravidão e a ideologia do embranquecimento do povo brasileiro, e o culto à Pátria, com ênfase nos valores militares e de integração nacional. Aliás, todos os conteúdos relativos à escravidão no Brasil deveriam ser melhor explorados. O que se pode observar é que personagens e acontecimentos ligados à

escravidão e à questão do negro hoje também não foram lembrados pelos alunos.

A questão da Pátria também não foi trabalhada em detalhes. Temos um elemento na questão 21, que falava sobre o caráter do brasileiro; lá os alunos afirmaram que os brasileiros raramente são patriotas e nas entrevistas muitos alunos chegaram a dizer que não somos uma nação porque não temos “orgulho nacional”; temos “vergonha” de dizer que somos brasileiros e preferimos as coisas de fora.

Estes e muitos outros temas podem ser trabalhados através da metodologia proposta em nossa dissertação, assim como muitos outros aspectos desta nossa análise podem ser encontradas nas respostas dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de conhecer algumas representações dos alunos do Ensino Médio sobre a história do Brasil, especialmente sobre a formação da nação brasileira e seus problemas, tomando como referência conteúdos trabalhados na disciplina de história. Isto nos permitiria lançar algumas hipóteses sobre aspectos da cultura política dos jovens estudantes, elemento essencial da consciência histórica, contribuindo, assim, para a discussão deste tema em suas relações com a história ensinada. Para alcançarmos este objetivo, foi fundamental analisar mecanismos que permitiriam obter dos alunos as informações necessárias, bem como referências teóricas para apoiar o trabalho. Para tal, nos dedicamos a duas frentes de trabalho: primeiramente ao estudo teórico dos conceitos de representação, cultura política e de consciência histórica, procurando entender como o ensino da história atua na formação de ambos. Por outro lado, procuramos estabelecer um instrumento de pesquisa eficaz para obter os dados empíricos.

Nos debruçamos, assim, sobre um instrumento elaborado no âmbito da Comunidade Européia cujo trabalho final foi denominado de *Juventude e História*. Este trabalho se propôs a conhecer aspectos da consciência histórica dos alunos acerca da União Européia (já concretizada como uma comunidade econômica), percebendo como os alunos se comportavam diante da disciplina da história e da possibilidade de se estudar uma “história européia”, considerada essencial para entender as mudanças que ocorriam no continente. Para o nosso intuito mostrou-se necessário compreender os referenciais teóricos, os objetivos e as metodologias utilizados no trabalho europeu; foi necessário empreender um estudo sobre os instrumentos lá utilizados e, posteriormente, adaptá-los para a realidade brasileira. Foi o que fizemos com a inclusão de questões específicas sobre a história brasileira e a supressão de outras, que consideramos mais voltadas para a realidade européia.

Do ponto de vista metodológico, nosso trabalho consistiu não apenas na adaptação do questionário aplicado na Europa como também na realização de entrevistas diretas com alunos escolhidos entre todos os que responderam ao questionário. A sugestão de realização de entrevistas tinha sido feita pelos pesquisadores europeus, como forma de enriquecer o trabalho com informações mais subjetivas dos alunos. Selecionamos os alunos para as entrevistas através da análise dos questionários que apresentaram respostas interessantes quanto às imagens ali apresentadas. Desta forma, nosso trabalho de dissertação pode ser caracterizado por estes três objetivos: uma tentativa de produzir elementos para contribuir na compreensão do que é e como se forma a consciência histórica através do ensino da história; uma adaptação de um instrumento de pesquisa europeu para a realidade brasileira (incluindo a experimentação e reflexão sobre outras metodologias de levantamento de informações, no caso a entrevista oral) e, finalmente, um levantamento, que poderíamos chamar de “piloto”, sobre algumas imagens da nação da brasileira presentes entre os jovens alunos do Ensino Médio. Estes três objetivos foram atingidos, dentro do escopo deste trabalho. Sabemos, entretanto, que as generalizações dos resultados dos questionários e das entrevistas poderão ser maiores com um universo de alunos significativamente superior ao realizado neste trabalho. Na realidade, nossos resultados se caracterizaram sobretudo como estabelecimento de marcos teóricos e metodológicos que possam servir de ponto de partida. Procuraremos explicitar algumas de nossas conclusões sobre a potencialidade dos instrumentos que utilizamos – questionário e entrevistas - e mostrar o que pensam os alunos acerca do ensino da história e do país em que vivem.

Trabalhamos inicialmente na adaptação do questionário europeu, procurando inserir questões inteiramente voltadas para a realidade brasileira e suprimindo questões mais relacionadas com a problemática européia, conseqüentemente, com menor significado para os nossos alunos. Em outras questões, houve uma tradução literal do trabalho europeu, por

acreditarmos que os valores transmitidos pela disciplina, assim como algumas práticas de ensino da história daquele continente se mostraram muito parecidas com as realizadas em nosso país. No que diz respeito ao tratamento estatístico dos dados, fizemos como os pesquisadores europeus no tocante à quantificação e às porcentagens além da apresentação dos resultados em tabelas com as respostas consolidadas em três grupos – positivo, neutros e negativos. Modificamos alguns aspectos do tratamento estatístico para obter resultados parciais por escola e por sexo. Outros resultados parciais poderiam ser criados no caso de um universo maior de alunos.

Quanto à amostragem, reconhecemos seu número relativamente reduzido - apenas 170 alunos - o que não nos permitiu muitas generalizações sobre os resultados. Fizemos um estudo piloto, com o intuito de iniciar uma discussão sobre a consciência histórica e mostrar o potencial dos instrumentos de pesquisa. Acreditamos que nossa maior contribuição no tocante aos instrumentos tenha sido o de apontar diferentes possibilidades de análise, através da proposição de algumas formas de “entrada” dos dados para as respostas dos alunos, assim como os possíveis cruzamentos entre os dados e também a demonstração de alguns problemas de interpretação que tiveram os alunos durante o preenchimento do questionário.

Acreditamos que o questionário possui um grande potencial, que permite as mais diversificadas análises sobre as representações dos alunos, muito além das apresentadas neste trabalho. As possibilidades de cruzamento dos dados também são inúmeras, sendo necessária, porém, a utilização de banco de dados ao invés de planilhas, o que demanda um trabalho mais especializado nas áreas de estatística e de informática.

Análises sociológicas, no que diz respeito ao perfil social dos alunos que responderam ao questionário, também é um ponto que merece ser melhor desenvolvido. Apesar de considerarmos as duas escolas bem diferentes do ponto de vista social quando iniciamos o trabalho, ao final, consideramos que o universo de jovens trabalhado se assemelhou e não

houve diferenças importantes nas respostas, tanto do questionário como as entrevistas. Isto talvez seja devido ao reduzido número de alunos pesquisados em nosso projeto piloto.

Ainda no que diz respeito ao questionário, consideramos que faltou um conteúdo fundamental, com repercussões importantíssimas sobre as representações da nação, que é o tema da escravidão. Portanto, com a inclusão de outras temáticas e com um tratamento matemático mais elaborado, este instrumento se mostrará ainda mais completo para futuras análises.

Para enriquecer o trabalho, dando-lhe uma característica mais qualitativa, realizamos entrevistas com alguns alunos que já tinham respondido ao questionário. Identificamos os questionários e selecionamos aqueles que apresentavam algumas resposta atípicas, para conversarmos diretamente com os alunos com o objetivo de aprofundar suas respostas e conhecer suas motivações ao respondê-las. A busca pelas incoerências nas respostas do questionário também foi um aspecto importante do trabalho, e mais uma vez uma análise computacional mais elaborada pode nos dar mais detalhes sobre o pensamento dos alunos, refletidas nas respostas do questionário.

A experiência das entrevistas mostrou-se muito importante para o enriquecimento do trabalho sobretudo porque os alunos colocaram em pauta assuntos que lhes parecem mais relevantes e atuais do que os apresentados no questionário. O caráter “objetivo” e estático do questionário não permitiu que os alunos mostrassem um lado mais subjetivo e “sentimental”, fundamental para se conhecer as representações que fazem do país e da história. Nas entrevistas os alunos também puderam aprofundar suas impressões sobre o ensino, suas opiniões sobre professores e metodologias, o que não foi possível pelo questionário. No caso dos professores, estes foram geralmente apontados como positivos, não aparecendo críticas e sugestões; nas entrevistas, as críticas e sugestões foram feitas com maior precisão. Também os assuntos e personagens escolhidos como mais ou menos importantes adquiriram mais

coerência, pois os alunos puderam explicar as razões de suas escolhas.

Faltou-nos conversar ou aplicar um questionário com os professores, como aconteceu na Europa. Ficamos restritos aos alunos por uma questão de tempo e dimensão do trabalho. Além disso, nosso projeto envolveu várias turmas, porém apenas um professor de cada escola, responsável pelas turmas trabalhadas. No caso, apenas dois professores seriam entrevistados, diminuindo as possibilidades de generalizações. O aporte dos professores teria sido de muita valia, sobretudo confrontando suas respostas com os alunos, porém seria preciso ampliar o número de professores. Outra sugestão para trabalhos futuros é que as entrevistas sejam realizadas com outros grupos de estudantes. Por se tratar de um conteúdo essencialmente político, pode-se conversar, por exemplo, com alunos que estejam inseridos em Grêmios Estudantis, Centro Acadêmicos ou outras entidades e movimentos sociais, que tenham um acúmulo ou interesse na discussão política. Assim, questões como as que se propõem a dar sugestões de como resolver os problemas brasileiros, poderiam assumir outra dimensão e as comparações também seriam mais ricas.

Tal como na Europa, não tivemos por objetivo fazer um “campeonato de história” entre as duas escolas trabalhadas, até porque as nossas questões estão voltadas para os valores, as opiniões, as imagens e não sobre um conteúdo específico, com a sua melhor interpretação historiográfica.

Foi possível inferir algumas representações da história do Brasil e da nação brasileira, assim como alguns aspectos da consciência histórica dos alunos através das suas respostas aos questionários e às entrevistas. Sabemos que a pretensão de se chegar à consciência histórica é muito grande, mas, como já afirmamos, nosso objetivo foi o de estabelecer alguns marcos teóricos e metodológicos para este tema.

Encontramos diferenças entre as respostas do questionário e das entrevistas. No primeiro, os alunos escolheram respostas que se aproximaram mais de uma visão tradicional,

talvez porque o próprio instrumento apresentasse, com maior ênfase, opções mais restritas, que apontavam para uma visão mais conservadora.

Pode-se perceber uma marca tradicional entre os alunos quando observou-se os personagens e acontecimentos escolhidos no questionário, geralmente entre os temas “canônicos” do ensino da história. Não foram muitos os que fugiram aos esquemas tradicionais, e de uma maneira geral, há uma valorização dos personagens masculinos, membros da elite e fortemente ligados ao poder do Estado, assim como foram mais lembrados os acontecimentos ligados à vida política do que em outra esfera da vida social. Com exceção dada ao voto feminino, considerado no questionário como um grande marco na história do Brasil, os outros acontecimentos escolhidos se referem aos conteúdos já insistentemente trabalhados pela história grandiosa da nação.

No que diz respeito à idéia de nação, os alunos deram uma atenção especial à solidariedade interna que deve prender as pessoas ao grupo nacional e à harmonia de pessoas convivendo quase sem conflitos. Os alunos apresentaram uma visão de uma sociedade perfeita, a qual ainda não chegamos por imperfeições do caráter do brasileiro (falta de união, falta de patriotismo, desconhecimento da realidade, etc.), mas que poderemos chegar, quando o brasileiro tiver maturidade política. Uma nação que não teve um momento fundador específico; começou com a chegada dos primeiros habitantes e ainda não se formou inteiramente. Estas idéias parecem romper com alguns esquemas tradicionais, tais como aqueles que diziam ser os portugueses os “pais da Pátria”. Um eurocentrismo exagerado, que marcou o ensino até nossos dias, está sendo posto à prova, assim como uma visão estritamente progressista, com a antiga cronologia da nação também sofrendo críticas.

Aparece uma nação em processo, que pode se modificar, se comportar de uma maneira ou de outra, conforme o contexto. Esta visão histórica da nação rompe com a antiga concepção da nação como um ente mítico, acima dos sujeitos. Em relação aos sujeitos

históricos, porém, os alunos ainda mantêm uma idéia conservadora, de considerar como atuantes na história somente aqueles que detêm o poder do Estado, o governo. Eles mesmos têm dificuldade de se colocarem como atores, deixando isto para um dia no futuro. No momento, o que conseguem imaginar é “ajudar quem precisa”, mostrando uma visão assistencialista e um certo temor pela participação política, sobretudo participar de greves, manifestações, etc. A marca autoritária na cultura política brasileira também aparece quando os alunos pedem por um líder “verdadeiro, que decida as coisas mesmo!”

Porém os alunos mostraram uma visão pessimista do futuro. Muitas questões se colocam para esta posição negativa dos alunos: ela decorre da análise que a consciência histórica faz do presente? Qual é o conhecimento do passado mobilizado, ou seja, o que os alunos lembram de tão negativo na história do Brasil, para responderem assim? Será que este é o resultado da “história crítica”, que trabalha com a mesma seqüência de fatos que a história nacional tradicional, mas inverte a valoração dos significados, tornando negativo o que tradicionalmente se considerava positivo, como conquista da nação? Este é um tema que merece ser aprofundado em trabalhos futuros, fazendo perguntas mais diretas para os alunos, com comparações entre o passado e o presente, para se perceber de onde os alunos tiram suas conclusões sobre a negatividade da história.

Quanto ao ensino, os alunos pedem novas metodologias, mais dinâmicas, com menos leitura de textos e mais apelo visual – filmes, documentários, visitas à monumentos e nos “lugares onde as coisas realmente aconteceram” (como se esses “locais” fossem uma espécie de território sagrado, onde a história aparece por si mesma). Por influência do mundo moderno, onde os livros perdem espaço para os vídeos, os alunos acham que aprendem melhor com estes recursos. Mas não abrem mão do professor e de suas explicações. Consideram que o gosto que têm pela disciplina está condicionado ao talento do professor em se expressar, debater, criar novas situações de aprendizagem. Julgados como “bons” pela

maioria dos questionários, mas nem tanto pelas entrevistas, o professor ocupou um espaço importante nas reflexões dos alunos que esperam muito dele. Porém, não questionam as “verdades” que os professores falam, apenas a forma como o professor trabalha.

O conhecimento histórico não é questionado. Em nenhum momento os alunos levantaram questões sobre as diversas possibilidades de interpretação da história feita na produção do conhecimento ou na aula. Inclusive o conhecimento transmitido em filmes – que se caracterizam por serem ficção por excelência – foi pouco questionado.

Os alunos pedem por explicações do presente e não concebem que a disciplina se dedique inteiramente ao passado, ainda mais tratando de outros lugares fora de seu país. Querem que a história os auxilie a compreender o Brasil; só encontram sentido na história se ela for explicativa do momento em que se vive. A idéia que fazem da disciplina da história é que o passado sirva como exemplo.

Os alunos esperam que a história, enquanto disciplina, possa auxiliá-los para aprimorar seus conhecimentos, através de conteúdos cada vez pertinentes e que respondam às indagações, dentro da complexidade do nosso país. Aliás, não só os alunos; este é um desejo de todos que operam com a história, sobretudo dos professores.

Após a consolidação e análise dos dados, podemos tirar algumas linhas conclusivas acerca da consciência histórica dos alunos. A maioria deles têm muitas críticas àquela história tradicional, grandiosa, progressista e autoritária, a que foram submetidas as gerações anteriores. Sua idéia de nação enquanto uma instituição que pode e deve ser construída por todos, mostra-nos uma visão dinâmica da história. Persistem, porém, alguns traços elitistas, como a idéia de que é preciso ser “preparado” para governar um país e para construir a nação. Os alunos desejam ajudar nesta construção, mas não sabem como. Suas proposições assistencialistas, suas negativas em participar de partidos e movimentos sociais, demonstram um desânimo político, reflexo talvez, de um desânimo que atingiu o mundo dos “adultos”, de

seus pais e professores. Mas eles esperam que a disciplina da história lhes auxilie nessa função: compreender o que está acontecendo através da análise do passado. Eles esperam muito de seus professores e sabem da importância de suas explicações, de seus conhecimentos, de suas metodologias.

Também levantamos alguns aspectos sobre o ensino da história. Perguntamos a opinião dos alunos sobre a disciplina e sobre alguns conteúdos, porém as opções não deixaram transparecer os “porquês” de suas respostas. Por que os alunos declaram que gostam ou não gostam de um determinado conteúdo? Será que não gostam porque consideram que exige pouco raciocínio e muita memorização, ou ao contrário, eles gostam porque acham que a memorização é mais fácil? Será que eles consideram que o tipo de raciocínio exigido em história é muito diferente daquele exigido pelas matérias mais ligadas ao cálculo? A matéria não causa suficiente prazer intelectual por que não representar um grande desafio, um grande esforço, ou o fato de ser considerada fácil é o que lhes proporciona prazer?

Isso pode ser obtido tanto através de uma amostragem maior quanto através de dedicação específica nas entrevistas, debatendo com maior profundidade as razões que o jovem aponta para indicar um ou outro assunto como desagradável, partindo de uma lista elaborada de conteúdos mais usuais. É preciso burilar, em trabalhos futuros, uma entrevista que permita um refinamento das respostas no sentido de saber os “porquês” dos jovens, que não foi possível a partir dos dados numéricos por se tratar de um pequeno universo. Apontamos um rol de assuntos considerados “chatos”, mas ainda é preciso conhecer as lógicas que estruturam, nos jovens, uma tal rejeição.

Os instrumentos utilizados neste trabalho têm um grande potencial que merece ser desenvolvido, com um conjunto mais significativo de alunos, envolvendo também seus professores. Assim, será possível inferir com mais precisão aspectos importantes sobre o

papel do ensino da história na formação da cultura política das jovens gerações, através das representações que estão fazendo e da consciência histórica que estão desenvolvendo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 ABUD, Kátia Maria – *Formação da Alma e do Caráter Nacional : Ensino de História na Era Vargas*. In: Revista Brasileira de História, vol. 18, n. 36, São Paulo, 1998.
- 2 ALMEIDA, Milton J de - *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo. Cortez, 1994.
- 3 BALAKRISHNAN, Gopal (org.) – *Uma mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro, ed. Contraponto, 2000.
- 4 BASSO, Itacy Salgado – *As concepções de história como mediadoras da prática pedagógica do professor de história*. In: Didática – Revista da Universidade Estadual Paulista. Vol. 25, São Paulo, 1989, p. 01-09.
- 5 BELLELI, G., BAKHURST, D. (orgs.) - *Memória colectiva y identidad nacional* - Madrid, Biblioteca Nueva, 2000.
- 6 BERGMANN, Klaus – *A História na Reflexão didática*. In: Revista Brasileira de História. Vol 9 n.19, pp.29-42, São Paulo, set.89/fev.90.
- 7 BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes – *Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana*. In: Revista Brasileira de História, vol.13, n. 25/26. São Paulo, set.92/ago.93, p. 193-221.
- 8 CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.) – *Representações : contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, Papirus, 2000.
- 9 CERRI, Luis Fernando – *As concepções de história e os cursos de Licenciatura*. In: Revista de História Regional. Vol.2, n.2,UEPG, Ponta Grossa, Inverno 1997.
- 10 _____ – *Ensino de história e nação na propaganda do “milagre econômico” – Brasil: 1969-1973*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas, SP, 2000.
- 11 _____ - *Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática*

- da história*. In: Revista de História Regional, Ponta Grossa,
- 12 CHAUI, Marilena - *Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
 - 13 DAMATTA, Roberto – *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2001.
 - 14 FERRO, Marc – *Comment on raconte l'histoire aux enfants à travers le monde entier*. Paris, Petite Bibliothèque Payot, Éd. Payot, 1992.
 - 15 FONSECA, Selva Guimarães – *Caminhos da história ensinada*. Campinas, Ed. Papirus, 1993.
 - 16 FURET, François – *A Oficina da História*. Lisboa, Ed. Gradiva, s/data, p. 109-135.
 - 17 GONÇALVES, José Henrique R. - *Como Martin Afonso virou Trineto de Mavutsinim?* Revista História Ensino. Londrina. Vol.3, abril/1997, pp 23-36.
 - 18 HOBBSAWM, E.J. - *Nações e Nacionalismos desde 1780 – Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
 - 19 _____ - *A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
 - 20 IANNI, Octavio – *O Declínio do Brasil-nação*. In: Revista Estudos Avançados, USP, 14(40) p.51-58, set/dez 2000.
 - 21 JODELET, Dénise – *Mémoire de masse: le côté moral et affectif de l'histoire*. In: Bulletin de Psychologie. Paris, Tome XLV, n.405, pp 239-256. 1994.7
 - 22 KINDERVATER, Angela – How to use and read Youth and History Publications? In: *The State of History Education in Europe – Challenges and Implications of the “Youth and History” Survey*. Hamburg, Ed. Körber-Stiftung, 1998, pp. 53-65.
 - 23 LAVILLE, Christian – *A Guerra das Narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História*. In: Revista Brasileira de História, vol.19, n. 38, São Paulo, 1999.

- 24 MATTOS, Ilmar Rohloff de (org.) - *Histórias do ensino da história no Brasil*. Rio de Janeiro, Acess, 1998.
- 25 MATTOS, Selma Rinaldi – *O Brasil em Lições. A história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro, Ed. Access, 2000.
- 26 MICELI, Paulo – *O mito do herói nacional*. Coleção Repensando a História. São Paulo, Contexto, 1997.
- 27 MONIOT, Henri – *Didactique de l’histoire*. Paris, Éditions Nathan, 1993.
- 28 NADAI, Elza – *O ensino da História no Brasil: trajetórias e perspectivas*. In: Revista Brasileira de História, vol.13, n. 25/26, São Paulo, set.92/ ago.93, p. 143-162.
- 29 NORA, Pierre (org.) – *Les Lieux de mémoire –Tome I – La République*. Paris, Gallimard, 1984.
- 30 PAIS, José Machado – *Consciência Histórica e Identidade: Os jovens portugueses num contexto europeu*. Oeiras, Celta Editora, 1999.
- 31 PRATS, Joaquim e TREPAT, Cristofol-A. (orgs.) - *Los jóvenes ante el reto europeo*. Barcelona, Ed. Fundación LaCaixa, 2001.
- 32 PROENÇA, Maria Cândida – *Ensino da história e formação para a cidadania*. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora (org.) – *III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1999.
- 33 RIBEIRO, Darcy – *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- 34 RUBEN, Guillermo Raúl – *O que é Nacionalidade*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- 35 RÜSEN, Jörn – *Razão histórica – Teoria da história: Os fundamentos da ciência histórica*. Brasília, UnB, 2001.

- 36 SCHMIDT, Maria Auxiliadora- Construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio. In: KUENZER, Acácia (org.) – *Ensino Médio – Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo, Cortez, 2000.
- 37 SILLER, J.P. E GARCIA, V.R. (orgs.) - *Identidad en el imaginario nacional- reescritura y enseñansa de la historia*. Puebla, BUAP, 1998.
- 38 SILVA, Cláudio Borges da – *Os labirintos da construção do conhecimento histórico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Unicamp, 1996.
- 39 SIMAN, Lana Mara de C. e FONSECA, Thaís N. de Lima (orgs.) – *Inaugurando a história e construindo a nação – Discursos e imagens no ensino de História*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.
- 40 STEPHANOU, Maria – *Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar*. In: Revista Brasileira de História, vol.18, n.36, São Paulo, 1998.
- 41 TUTIAUX-GUILLON, Nicole/ MOUSSEAU, Marie-José – *Les jeunes e l’histoire – Identités, valeurs, conscience historique* –Paris, INRP, Documents et travaux de recherche em éducation, n. 30, 1998.
- 42 _____ - *Des Nations à la Nation – Apprendre et conceptualiser*- Paris, INRP, 1993.
- 43 ZAMBONI, Ernesta – *Representações e linguagens no ensino de História*. In: Revista Brasileira de História, vol. 18, n.36, São Paulo, 1998.
- 44 ZARKA, Yves Charles – *A Constituição da Consciência Histórica*. In: Revista de História das Idéias. Lisboa, Vol 23 (2002), pp – 109 /129.

ANEXOS

ANEXO 1 – LISTA DE TÍTULOS DAS QUESTÕES E QUESTIONÁRIO

1. Lista de títulos das questões:

- 1) O que significa a história.
- 2) Objetivos da história (passado/presente/futuro)
- 3) Linha do tempo
- 4) Formas mais agradáveis de se aprender história
- 5) Formas mais confiáveis de se aprender história
- 6) Metodologias mais comuns na sala de aula
- 7) Sobre o que os alunos dedicam sua atenção
- 8) Como são as notas dos alunos
- 9) Como os alunos avaliam seus professores
- 10) A opinião sobre nação
- 11) Que atributos para ser da mesma nação
- 12) A opinião sobre Democracia
- 13) Desde quando existe a nação Brasileira
- 14) Períodos que mais interessam
- 15) Locais que mais interessam
- 16) A opinião sobre o Brasil Colônia
- 17) A opinião sobre a Proclamação da República
- 18) Que personagens conhecem e acham importantes
- 19) Que acontecimentos conhecem e acham importantes
- 20) Principais problemas brasileiros
- 21) Que caráter tem o brasileiro
- 22) Como resolver os problemas brasileiros
- 23) Como era o Brasil há 50 anos atrás
- 24) Como será o Brasil daqui há 50 anos
- 25) O que preservar de uma rodovia

- 26) Importância da religião
- 27) Importância da política
- 28) Quantos livros têm em casa
- 29) Grau de instrução dos pais
- 30) Faixa salarial em salários mínimos
- 31) Comparação com a média salarial dos brasileiros
- 32) Importância para valores pessoais
- 33) Sexo

2. Questionário:

ORIENTAÇÕES PARA O PREENCHIMENTO

Aos alunos:

Sua turma foi escolhida para participar de uma pesquisa sobre o ensino da história. Através deste questionário, pretende-se conhecer a opinião dos alunos dos 3^{os} anos do ensino médio sobre a história do Brasil que aprenderam na escola. O objetivo principal é melhorar o ensino e vocês, alunos, podem ajudar. Prestem atenção nestas orientações:

- 1) Responda de maneira INDIVIDUAL, não fique perguntando para os seus colegas, pois a pesquisa não é um trabalho em equipe e pretende-se conhecer o que cada um pensa.
- 2) Trata-se de um trabalho CONFIDENCIAL; seus professores não conhecerão suas respostas.
- 3) Este trabalho NÃO VALE NOTA e também NÃO EXISTE CERTO OU ERRADO. O que será levado em consideração são suas lembranças e suas opiniões.
- 4) Não escreva o que você acha que os outros gostariam de ouvir, não queira agradar ninguém e dê sua opinião sincera.
- 5) Procure se lembrar de toda a sua vida escolar, de todos os seus professores e aulas de história e não apenas do professor deste ano.
- 6) Se uma questão não estiver clara, tire suas dúvidas com a pessoa que está aplicando o questionário. Não tire a concentração do seu colega que pode estar preocupado em responder outra questão.
- 7) Para a maior parte das questões, existem 5 possibilidades de resposta. Marque apenas um X em uma só casa, em cada linha. Caso você não saiba ou não queira responder, coloque as opções : indeciso, mais ou menos, não conheço. Mas não deixe nenhuma linha em branco.






Muito obrigada por participar desta pesquisa.

Maria Rosa Chaves Künzle

QUESTIONÁRIO

1. O que significa a história para você	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Mais ou menos	Concordo	Concordo plenamente
(a) Uma matéria escolar e nada mais.					
(b) Uma fonte de emoções e aventuras que fascina e estimula nossa imaginação.					
(c) Uma possibilidade de se aprender com os erros e acertos das outras pessoas.					
(d) Algo morto e passado, que não tem mais nenhuma relação com minha vida atual.					
(e) Um certo número de exemplos instrutivos, que nos mostram o que é o bem e o mal, o certo e o errado.					
(f) Aquilo que explica o pano de fundo dos problemas do presente e da vida atual.					
(g) Um grande número de catástrofes e crueldades humanas.					
(h) Um meio de compreender a minha vida como parte das mudanças históricas.					

2. Dentre os objetivos da história, que importância tem os seguintes:	Fraquíssima importância	Fraca importância	Mais ou menos	Grande importância	Importância muito grande
(a) Conhecimento do passado					
(b) Compreensão do presente					
(c) Orientação para o futuro					

3. Linha do Tempo	Em geral, as coisas melhoram	Em geral, as coisas pioram	Em geral, as coisas não mudam	Em geral, as coisas se repetem	As coisas passam de um extremo a outro
					
(a) Frequentemente as pessoas vêem a história como uma Linha do Tempo. Entre as linhas apresentadas a seguir, qual representa melhor a história?					

4. Que formas de aprender a história são para você mais AGRADÁVEIS	Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Bastante	Muitíssimo
(a) Os livros didáticos					
(b) Os documentos e fontes originais					
(c) Os romances históricos					
(d) Os filmes que falam da história					

4. Que formas de aprender a história são para você mais AGRADÁVEIS	Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Bastante	Muitíssimo
(e) Os documentários de televisão					
(f) As aulas expositivas dos professores de história					
(g) As histórias antigas contadas pelos pais e avós					
(h) Visitas a museus e monumentos					

5. Que formas de se aprender a história você tem mais CONFIANÇA	Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Bastante	Muitíssimo
(a) Os livros didáticos					
(b) Os documentos e fontes originais					
(c) Os romances históricos					
(d) Os filmes que falam da história					
(e) Os documentários de televisão					
(f) As aulas expositivas dos professores de história					
(g) As histórias antigas contadas pelos pais e avós					
(h) Visitas a museus e monumentos					

6. O que acontece, geralmente, nas suas aulas de história?	Muito raramente	Raramente	Algumas vezes	Freqüentemente	Sempre
(a) Escutamos as aulas dadas pelo professor.					
(b) Discute-se o que é o bem ou mal, certo ou errado.					
(c) Examinamos diferentes explicações sobre o que aconteceu no passado.					
(d) Analisamos documentos originais, imagens, fotografias, mapas, gráficos.					
(e) Interpretamos e recontamos as histórias com nossas idéias.					
(f) Escutamos músicas, vemos filmes de ficção, vídeos e documentários.					
(g) Lemos o livro didático e fazemos os exercícios.					
(h) Temos diferentes atividades – fazemos maquetes, desenhos, jogos – vamos a museus e visitamos monumentos.					

7. Sobre o que você dedica mais a sua atenção nas suas aulas de história?	Muito pouco	Pouco	Algumas vezes	Bastante	Muitíssimo
(a) Conhecer os principais fatos históricos.					

7. Sobre o que você dedica mais a sua atenção nas suas aulas de história?	Muito pouco	Pouco	Algumas vezes	Bastante	Múltiplo
(b) Fazer um julgamento moral sobre o passado, pensando sempre nos direitos humanos e do cidadão.					
(c) Imaginar o que poderia ter sido o passado, levando em consideração vários pontos de vista.					
(d) Compreender o comportamento das pessoas do passado, considerando as suas formas de pensar.					
(e) Utilizar a história para compreender o mundo atual e encontrar as tendências das transformações contemporâneas.					
(f) A história me fascina e me distraio estudando as coisas passadas.					
(g) Reconhecer nossas tradições, as nossas características, valores e deveres perante nossa nação e sociedade.					
(h) Aprender a respeitar os monumentos, sítios arqueológicos e outros lugares históricos.					

8. Avaliação	Péssimas	Ruins	Médias	Boas	Ótimas
(a) Como são, em geral, seus resultados e notas em história?					

9. Os professores	Todos foram ruins	A maioria foi ruim	Alguns ruins e alguns bons	A maioria foi boa	Todos foram bons
(a) Como você avaliaria os professores de história que você teve durante sua vida escolar?					

10. Qual a sua opinião sobre as Nações e os Estados Nacionais	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Indeciso	Concordo	Concordo plenamente
(a) As nações nascem, crescem e morrem, como qualquer outra coisa na história.					
(b) As nações são entidades naturais, unidas por sua origem comum, língua, história, cultura.					
(c) As nações representam uma vontade de criar um futuro comum, apesar das diferenças culturais do passado.					
(d) As revoltas regionais sempre colocaram em risco a unidade nacional.					

10. Qual a sua opinião sobre as Nações e os Estados Nacionais	<i>Não concordo de maneira nenhuma</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>
(e) Cada grupo nacional tem o direito de fazer guerra para formar seu próprio Estado.					
(f) Os Estados Nacionais deveriam abrir mão de parte de suas soberanias para construir uma entidade internacional.					

11. O que identifica alguém como sendo de uma mesma nação?	<i>Não concordo de maneira nenhuma</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>
(a) Nascer num mesmo território.					
(b) Ter uma história comum.					
(c) Falar a mesma língua.					
(d) Ter direitos e deveres (ser cidadão, participar da vida política e social).					
(e) Gostar das mesmas coisas (carnaval, praia, futebol, por exemplo).					
(f) Escolher e aceitar um governo pelo tempo determinado por lei.					
(g) Ter uma cultura comum, as mesmas tradições.					
(h) Ter traços psicológicos, agir da mesma maneira, ter um caráter parecido com as demais pessoas.					

12. Qual a sua opinião sobre a Democracia?	<i>Não concordo de maneira nenhuma</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>
(a) É o governo do povo, pelo povo, para o povo.					
(b) É a principal herança da Grécia Antiga.					
(c) É o resultado de um longo processo de erros e acertos através da história.					
(d) Não é nada mais do que escolher sempre os mesmos chefes políticos dos mesmos partidos.					
(e) É a proteção para as minorias, através da lei e da justiça.					
(f) É um sistema de governo muito fraco para se adaptar em momentos de crise.					
(g) É um álibi para as classes ricas, que sempre dominaram e ganharam na história, continuarem mandando em tudo.					

12. Qual a sua opinião sobre a Democracia?	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Indeciso	Concordo	Concordo plenamente
(h) Na realidade não existe democracia, uma vez que homens e mulheres, pobres e ricos, não têm os mesmos direitos.					

13. Cronologia	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	Em 1500, com a chegada dos portugueses	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	Em 1889, com a República.	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc).
(a) Desde quando podemos dizer que existe a Nação Brasileira? (marque uma só opção)							

14. Dos períodos da história do Brasil, que interesse desperta em você:	Pouquíssimo o interesse	Pouco interesse	Indiferente	Interessante	Muito interesse
(a) Antes da chegada dos portugueses (a vida dos indígenas)					
(b) O Brasil Colônia (1500-1822)					
(c) O Primeiro e Segundo Impérios (os governos de D.Pedro I e D.Pedro II).					
(d) A República Velha (1889-1930)					
(e) Da Revolução de 1930 até os anos 1960					
(f) Dos anos 60 aos dias atuais					

15. Você se interessa pela história de quais espaços geográficos:	Pouquíssimo o interesse	Pouco interesse	Indiferente	Interessante	Muito interesse
(a) A história local (da sua cidade e região)					
(b) A história do Brasil					
(c) A história da América					
(d) A história da Europa					
(e) A história de outros continentes (África, Ásia, Oceania)					

16. Quais destas expressões você associa à época do Brasil Colônia:	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Indeciso	Concordo	Concordo plenamente
(a) Uma época cheia de aventuras e perigos, com verdadeiros heróis dispostos a construir um país.					
(b) O início da exploração européia em terras estrangeiras (América, África e Ásia).					

16. Quais destas expressões você associa à época do Brasil Colônia:	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Indeciso	Concordo	Concordo plenamente
(c) Muito trabalho de portugueses que queriam levar a civilização para os povos indígenas.					
(d) Um período obscuro, de ignorância, superstição, pobreza e exploração.					
(e) Matança de índios e negros, exploração de recursos naturais, em nome da acumulação de ouro.					
(f) Período difícil, mas que representa o início da mistura das três raças que dão origem ao povo brasileiro.					

17. Quais destas expressões você associa à Proclamação da República:	Não concordo de maneira nenhuma	Não concordo	Indeciso	Concordo	Concordo plenamente
(a) Um grande avanço para o país, que se livrou da monarquia ultrapassada.					
(b) Um arranjo entre produtores de café e militares, onde o povo ficou de fora.					
(c) Um atraso para o país, pois o povo gostava de D. Pedroll, que era um bom governante.					
(d) Nada mudou, pois o povo pobre continuou sem direitos constitucionais.					
(e) Era necessária, pois apenas o Brasil era monárquico na América.					
(f) Não era necessária, pois a monarquia pode ser boa, não é a forma de governo que faz diferença para o país.					

18. Qual foi, na sua opinião, a participação destes personagens na história da nação brasileira?	Prejudico u muito	Prejudico u	Não fez diferença	Contribulu	Contribulu muito	Não conheço
(a) José Bonifácio de Andrada						
(b) Frei Caneca						
(c) Zumbi dos Palmares						
(d) Tiradentes						
(e) Ayrton Senna						
(f) Getúlio Vargas						
(g) Dom Pedro II						
(h) Pedro Álvares Cabral						
(i) Fernando Collor						
(j) O cacique Raoni						
(k) Padre Anchieta						
(l) Princesa Isabel						
(m) Raposos Tavares						

18. Qual foi, na sua opinião, a participação destes personagens na história da nação brasileira?	Prejudico u muito	Prejudico u	Não fez diferença	Contribuiu	Contribuiu muito	Não conheço
(n) Luis Inácio Lula da Silva						
(o) Santos Dumont						
(p) Antonio Conselheiro						
(q) Tancredo Neves						
(r) General João Batista Figueiredo						
(s) João Goulart						
(t) Marechal Deodoro da Fonseca						
(u) Fernando Henrique Cardoso						
(v) Tom Jobim						
(w) Dom Pedro I						
(x) Marta Suplicy						

19. Qual foi, na sua opinião, a importância destes acontecimentos para a história da nação brasileira?	Sem nenhuma importância	Pouco importante	Foi indiferente	Importante	Muito importante	Não conheço
(a) A chegada de Pedro Álvares Cabral						
(b) Os campeonatos mundiais de futebol que o Brasil ganhou						
(c) O golpe de Estado de 1964						
(d) O estabelecimento do voto feminino						
(e) A Revolução de 1930						
(f) A abolição da escravidão						
(g) A expulsão dos holandeses do Pernambuco						
(h) A Proclamação da Independência						
(i) A Anistia e a Redemocratização (anos 80)						
(j) O Impeachment do presidente Collor						
(k) A Inconfidência Mineira						
(l) O Plano Real (FHC)						
(m) A Guerra do Paraguai						
(n) O Movimento modernista de 1922						
(o) O Quilombo de Palmares						
(p) A Revolta do Contestado						
(q) A Proclamação da República						
(r) A Guerra de Canudos						
(s) A chegada dos imigrantes nos séculos XIX e XX						

20. Dos problemas brasileiros atuais, qual importância você daria para:	Nenhuma importância	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante
(a) Reforma agrária e êxodo rural					
(b) Diferenças regionais acentuadas					
(c) Educação e saúde					
(d) Território muito extenso					
(e) Muitos partidos políticos					

20. Dos problemas brasileiros atuais, qual importância você daria para:	<i>Nenhuma importância</i>	<i>Pouco importante</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>
(f) Poucas exportações e protecionismo dos países ricos					
(g) Corrupção entre os governantes					
(h) Preconceitos raciais e sexuais					
(i) Pequena participação das pessoas em organizações populares (sindicatos, associações, movimentos, etc.)					
(j) Informações manipuladas pela mídia					
(k) Excesso de eleições					

21. Destas qualidades e defeitos, quais você acha que mais aparecem no caráter do povo brasileiro:	<i>Muito raramente</i>	<i>Raramente</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Freqüentemente</i>	<i>Sempre</i>
(a) Trabalhador					
(b) Alegre					
(c) Conformado					
(d) Racista					
(e) Indisciplinado					
(f) Solidário					
(g) Preguiçoso					
(h) Egoísta					
(i) Religioso					
(j) Honesto					
(k) Alienado					
(l) Patriota					
(m) Estudioso					
(n) Emotivo					

22. Que atitudes devem ser tomadas para resolver os problemas brasileiros?	<i>Não concordo de maneira nenhuma</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>
(a) Participar de um partido político					
(b) Participar de uma ONG ou de uma associação					
(c) Escolher bem os candidatos na hora das eleições					
(d) Fazer greves e manifestações de rua					
(e) Trabalhar mais para fazer a economia crescer					
(f) Confiar mais nos governantes					
(g) Se informar, ler mais, trocar idéias com a família e amigos					
(h) Confiar mais no povo					
(i) Não pagar a dívida externa e aplicar este dinheiro aqui mesmo					

22. Que atitudes devem ser tomadas para resolver os problemas brasileiros?	<i>Não concordo de maneira nenhuma</i>	<i>Não concordo</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>
(j) Negociar com as agências internacionais para obter mais empréstimos					
(k) Incentivar as multinacionais a se instalarem no Brasil para tentar aumentar os empregos					
(l) Ter políticas para inserir pessoas que sofrem com preconceitos.					

23. Como você acha que era o Brasil há 50 anos atrás?	<i>Muito pouco provável</i>	<i>Pouco provável</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Possivelmente</i>	<i>Com certeza</i>
(a) A vida era difícil para todo mundo					
(b) A vida era difícil só para alguns					
(c) Era um país tranqüilo e bom de viver					
(d) Rico e próspero					
(e) Pobre e explorado por um país estrangeiro					
(f) Era dividido por conflitos entre pobres e ricos, havendo muita exclusão					
(g) Havia mais esperança no futuro.					
(h) Havia muito racismo					
(i) Havia bastante miscigenação entre os povos que aqui viviam					

24. Como você acha que será o Brasil daqui há 50 anos?	<i>Muito pouco provável</i>	<i>Pouco provável</i>	<i>Indeciso</i>	<i>Possivelmente</i>	<i>Com certeza</i>
(a) A vida será difícil para todo mundo					
(b) A vida será difícil só para alguns					
(c) Será um país tranqüilo e bom de viver					
(d) Rico e próspero					
(e) Pobre e explorado por um país estrangeiro					
(f) Continuará dividido por conflitos entre pobres e ricos, com muita exclusão social					
(g) Haverá mais esperança no futuro					
(h) Continuará existindo racismo					
(i) Continuará ocorrendo a miscigenação entre os povos					

25. Vamos imaginar que uma rodovia esteja prevista para passar em sua cidade e alguns monumentos estarão ameaçados. Que importância você daria para a sua conservação?	<i>Pouquíssima importância</i>	<i>Pouca importância</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Importante</i>	<i>Muita importância</i>
(a) Uma igreja colonial do século XVII					
(b) O Palácio do Governo					

25. Vamos imaginar que uma rodovia esteja prevista para passar em sua cidade e alguns monumentos estarão ameaçados. Que importância você daria para a sua conservação?	<i>Pouquíssima importância</i>	<i>Pouca importância</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>
(a) O calçadão da Rua das Flores					
(b) Um arranha-céu moderno e caro					
(c) Um parque (como o Parque Barigui, p.ex.)					
(d) Uma formação geológica de milhões de anos (como Vila Velha)					
(e) Um ninho de reprodução de animais ameaçados de extinção					
(f) A residência de um escritor famoso, que morreu há 100 anos atrás.					
(g) Uma fábrica antiga ainda em funcionamento					

26. Religião	<i>Pouquíssima</i>	<i>Pouca</i>	<i>Mais ou menos</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>
(a) A religião tem importância para você?					

27. Política	<i>Pouquíssima</i>	<i>Pouca</i>	<i>Mais ou menos</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>
(a) A política tem importância para você?					

28. Livros	<i>Até 10</i>	<i>De 11 a 50</i>	<i>De 50 a 200</i>	<i>De 200 a 500</i>	<i>Mais de 500</i>
(a) Quantos livros têm na sua casa? (Não considere livros didáticos nem revistas)					

29. Grau de Instrução	<i>Nenhum</i>	<i>Primário (1a. a 4a. Séries)</i>	<i>Ginasial (5a. a 8a. Séries)</i>	<i>Secundário</i>	<i>Superior</i>	<i>Superior com pós-graduação</i>
(a) Pai						
(b) Mãe						

30. Faixa Salarial	<i>De 1 a 5</i>	<i>De 5 a 10</i>	<i>De 10 a 20</i>	<i>De 20 a 30</i>	<i>Acima de 30</i>
(a) Qual a faixa salarial de sua família? (em salários mínimos)					

31. Renda Familiar	<i>Bem abaixo</i>	<i>Abaixo</i>	<i>Na média</i>	<i>Acima</i>	<i>Bem acima</i>
(a) Se você comparar a renda de sua família com a de outras famílias brasileiras, você pensa que está acima ou abaixo da média?					

32. Qual importância você dá para cada um destes valores?	<i>Pouquíssima importância</i>	<i>Pouca importância</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>
(a) A família					
(b) Os amigos					

32. Qual importância você dá para cada um destes valores?	Pouquíssima importância	Pouca importância	Indiferente	Importante	Muito importante
(c) O dinheiro e status social					
(d) A religião/ minha fé pessoal					
(e) Os meus passatempos favoritos/ meu lazer					
(f) O meu país					
(g) A democracia					
(h) A liberdade de opinião					
(i) A estabilidade financeira e política					
(j) A solidariedade com os pobres					
(k) A proteção do meio-ambiente					
(l) A união com todos os povos do Terceiro Mundo					
(m) Ao meu emprego (atual ou futuro)					
(n) A participação em movimentos políticos					

33. Você é uma garota () um rapaz ()

ANEXO 2 – RESULTADOS PERCENTUAIS POR QUESTÃO

Neste anexo é apresentado o resultado do tratamento dos dados dos questionários e contém dois elementos de análise:

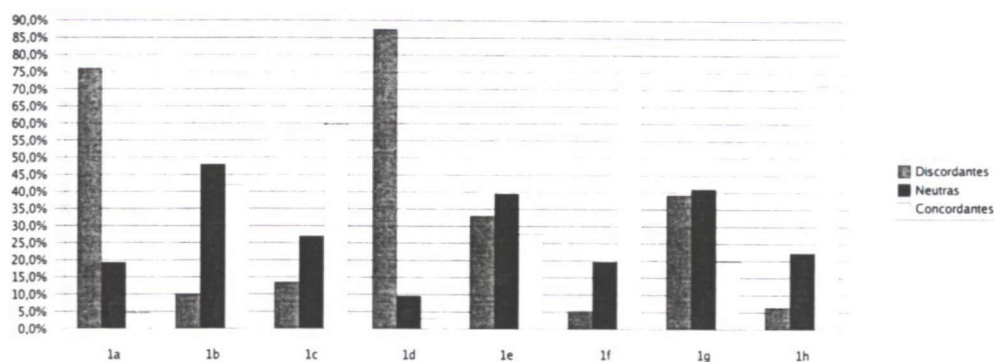
- Os gráficos de cada questão, consolidados na forma dos três grupos (positivo, neutro, negativo, ou concordo, neutro, não concordo, etc.).
- As tabelas com os resultados percentuais globais, separadas por escola e sexo.

Os dados coletados dos questionários foram codificados da seguinte maneira: cada item das questões corresponde a uma COLUNA da planilha, identificada com o número da questão seguido da letra do item (1a, 1b, 1c, 2a, 3b, etc.). O conjunto das respostas de cada aluno corresponde a uma LINHA da planilha. A célula da planilha que fica na intersecção de uma linha com uma coluna corresponde à resposta do aluno para um item da questão. Quando um aluno não assinalou em nenhuma possibilidades de resposta ou em mais de uma, sua resposta foi considerada inválida.

A maioria das questões apresenta 5 possibilidades de respostas disponíveis para assinalar no questionário (1 a 5), sendo que algumas questões podem ter 6 ou 7 possibilidades de respostas. Essas possibilidades podiam ser: concordo plenamente, concordo, neutro, não concordo, não concordo de maneira nenhuma (ver anexo 1 – questionário). A opção mais à esquerda corresponde ao n.1, a segunda opção da esquerda para a direita corresponde ao n.2, e assim sucessivamente.

Questão 1 – O que significa a história

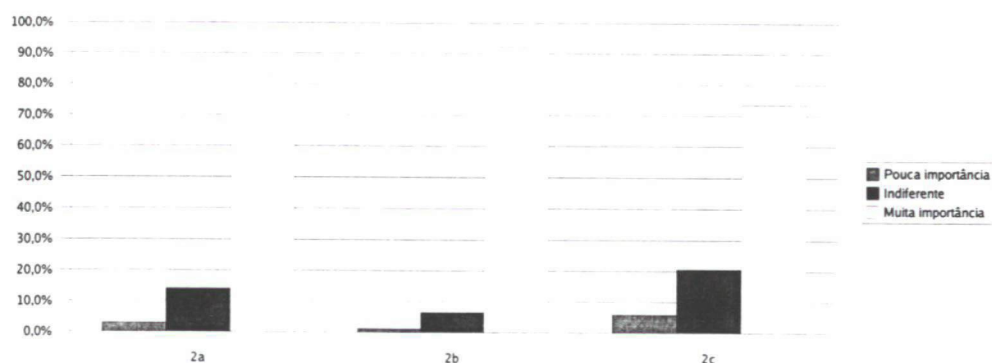
- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">(a) Uma matéria escolar e nada mais.(b) Uma fonte de emoções e aventuras que fascina e estimula nossa imaginação.(c) Uma possibilidade de se aprender com os erros e acertos das outras pessoas.(d) Algo morto e passado, que não tem mais nenhuma relação com minha vida atual.(e) Um certo número de exemplos instrutivos, que nos mostram o que é o bem e o mal, o certo e o errado.(f) Aquilo que explica o pano de fundo dos problemas do presente e da vida atual.(g) Um grande número de catástrofes e crueldades humanas.(h) Um meio de compreender a minha vida como parte das mudanças históricas. |
|---|



Questão 1		1a	1b	1c	1d	1e	1f	1g	1h
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	34,5%	1,2%	2,3%	51,5%	5,9%	1,2%	9,9%	2,9%
	Não concordo	41,5%	8,9%	11,1%	35,9%	27,1%	4,2%	29,2%	3,5%
	Mais ou menos	19,3%	47,9%	26,9%	9,6%	39,4%	19,6%	40,9%	22,2%
	Concordo	2,9%	32,5%	43,3%	1,8%	25,9%	42,9%	13,5%	45,0%
	Concordo plenamente	1,8%	9,5%	16,4%	1,2%	1,8%	32,1%	6,4%	26,3%
	Inválidas	0,0%	1,2%	0,0%	2,4%	0,6%	1,8%	0,0%	0,0%
	Média	2,0	3,4	3,6	1,7	2,9	4,0	2,8	3,9
Desvio Padrão	0,9	0,8	1,0	0,8	0,9	0,9	1,0	0,9	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA								
	Não concordo de maneira nenhuma	30,7%	2,0%	3,0%	40,2%	4,0%	2,0%	6,9%	5,0%
	Não concordo	45,5%	9,0%	13,9%	42,3%	15,0%	6,1%	18,8%	3,0%
	Mais ou menos	15,8%	46,0%	28,7%	12,4%	46,0%	26,3%	45,5%	17,8%
	Concordo	5,0%	32,0%	37,6%	3,1%	32,0%	44,4%	18,8%	44,6%
	Concordo plenamente	3,0%	11,0%	16,8%	2,1%	3,0%	21,2%	9,9%	29,7%
	Inválidas	0,0%	1,0%	0,0%	4,1%	1,0%	2,0%	0,0%	0,0%
Média	2,0	3,4	3,5	1,8	3,2	3,8	3,1	3,9	
Desvio Padrão	1,0	0,9	1,0	0,9	0,9	0,9	1,0	1,0	
ESCOLA PRIVADA									
Não concordo de maneira nenhuma	40,0%	0,0%	1,4%	67,1%	8,6%	0,0%	14,3%	0,0%	
Não concordo	35,7%	8,7%	7,1%	27,1%	44,3%	1,4%	44,3%	4,3%	
Mais ou menos	24,3%	50,7%	24,3%	5,7%	30,0%	10,1%	34,3%	28,6%	
Concordo	0,0%	33,3%	51,4%	0,0%	17,1%	40,6%	5,7%	45,7%	
Concordo plenamente	0,0%	7,2%	15,7%	0,0%	0,0%	47,8%	1,4%	21,4%	
Inválidas	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	
Média	1,8	3,4	3,7	1,4	2,6	4,3	2,4	3,8	
Desvio Padrão	0,8	0,8	0,9	0,6	0,9	0,7	0,9	0,8	
Diferença de Média	0,2	0,0	0,2	0,5	0,6	0,6	0,7	0,1	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO								
	Não concordo de maneira nenhuma	33,7%	1,1%	2,2%	45,6%	7,6%	1,1%	9,8%	3,3%
	Não concordo	41,3%	12,2%	12,0%	41,1%	32,6%	6,6%	28,3%	2,2%
	Mais ou menos	19,6%	47,8%	33,7%	8,9%	37,0%	27,5%	43,5%	26,1%
	Concordo	3,3%	33,3%	38,0%	2,2%	21,7%	36,3%	14,1%	40,2%
	Concordo plenamente	2,2%	5,6%	14,1%	2,2%	1,1%	28,6%	4,3%	28,3%
	Inválidas	0,0%	2,2%	0,0%	2,2%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%
Média	2,0	3,3	3,5	1,7	2,8	3,8	2,8	3,9	
Desvio Padrão	0,9	0,8	1,0	0,9	0,9	1,0	1,0	1,0	
MASCULINO									
Não concordo de maneira nenhuma	35,4%	1,3%	2,5%	58,4%	3,8%	1,3%	10,1%	2,5%	
Não concordo	41,8%	5,1%	10,1%	29,9%	20,5%	1,3%	30,4%	5,1%	
Mais ou menos	19,0%	48,1%	19,0%	10,4%	42,3%	10,4%	38,0%	17,7%	
Concordo	2,5%	31,6%	49,4%	1,3%	30,8%	50,6%	12,7%	50,6%	
Concordo plenamente	1,3%	13,9%	19,0%	0,0%	2,6%	36,4%	8,9%	24,1%	
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	1,3%	2,6%	0,0%	0,0%	
Média	1,9	3,5	3,7	1,5	3,1	4,2	2,8	3,9	
Desvio Padrão	0,9	0,8	1,0	0,7	0,9	0,8	1,1	0,9	
Diferença de Média	0,1	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,0	0,0	

Questão 2 – Objetivos da história (passado/presente/futuro)

(a) Conhecimento do passado	(b) Compreensão do presente	(c) Orientação para o futuro
-----------------------------	-----------------------------	------------------------------

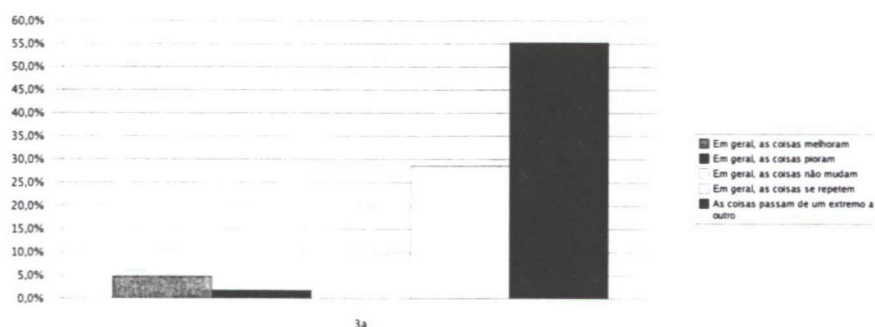


Questão 2		2a	2b	2c
PERCENTUAL GLOBAL	Fraquíssima importância	0,0%	0,0%	0,0%
	Fraca importância	2,9%	1,2%	5,9%
	Mais ou menos	14,0%	6,5%	20,6%
	Grande importância	52,6%	38,2%	32,9%
	Importância muito grande	30,4%	54,1%	40,6%
	Inválidas	0,0%	0,6%	0,6%
	Média	4,1	4,5	4,1
Desvio Padrão	0,7	0,7	0,9	

Questão 2		2a	2b	2c	Questão 2		2a	2b	2c		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Fraquíssima importância	0,0%	0,0%	0,0%	PERCENTUAL POR SEXO	Fraquíssima importância	0,0%	0,0%	0,0%	
		Fraca importância	4,0%	2,0%	7,0%		Fraca importância	2,2%	1,1%	6,6%	
		Mais ou menos	15,8%	9,0%	16,0%		Mais ou menos	13,0%	8,8%	18,7%	
		Grande importância	44,6%	43,0%	30,0%		Grande importância	54,3%	40,7%	40,7%	
		Importância muito grande	35,6%	46,0%	47,0%		Importância muito grande	30,4%	49,5%	34,1%	
	Inválidas	0,0%	1,0%	1,0%	Inválidas		0,0%	1,1%	1,1%		
	Média	4,1	4,3	4,2	Média		4,1	4,4	4,0		
	Desvio Padrão	0,8	0,7	0,9	Desvio Padrão		0,7	0,7	0,9		
	ESCOLA PRIVADA	Fraquíssima importância	0,0%	0,0%	0,0%		FEMININO	Fraquíssima importância	0,0%	0,0%	0,0%
		Fraca importância	1,4%	0,0%	4,3%			Fraca importância	3,8%	1,3%	5,1%
Mais ou menos		11,4%	2,9%	27,1%	Mais ou menos	15,2%		3,8%	22,8%		
Grande importância		64,3%	31,4%	37,1%	Grande importância	50,6%		35,4%	24,1%		
Importância muito grande		22,9%	65,7%	31,4%	Importância muito grande	30,4%		59,5%	48,1%		
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%				
Média	4,1	4,6	4,0	Média	4,1	4,5	4,2				
Desvio Padrão	0,6	0,5	0,9	Desvio Padrão	0,8	0,6	0,9				
Diferença de Média	0,0	0,3	0,2	Diferença de Média	0,1	0,1	0,1				

Questão 3 – Linha do tempo

(a) Frequentemente as pessoas vêem a história como uma Linha do Tempo. Entre as linhas apresentadas a seguir, qual representa melhor a história?

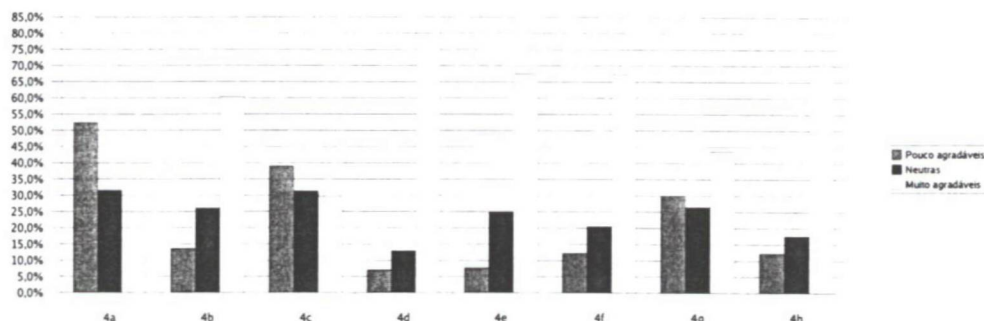


Questão 3		3a
PERCENTUAL GLOBAL	Em geral, as coisas melhoram	4,8%
	Em geral, as coisas pioram	1,8%
	Em geral, as coisas não mudam	9,5%
	Em geral, as coisas se repetem	28,6%
	As coisas passam de um extremo a outro	55,4%
	Inválidas	1,8%
	Média	4,3
	Desvio Padrão	1,0

Questão 3		3a	Questão 3		3a		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Em geral, as coisas melhoram	6,1%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Em geral, as coisas melhoram	5,6%
		Em geral, as coisas pioram	3,1%			Em geral, as coisas pioram	0,0%
		Em geral, as coisas não mudam	14,3%			Em geral, as coisas não mudam	5,6%
		Em geral, as coisas se repetem	23,5%			Em geral, as coisas se repetem	28,1%
		As coisas passam de um extremo a outro	53,1%			As coisas passam de um extremo a outro	60,7%
		Inválidas	3,1%			Inválidas	3,4%
		Média	4,1			Média	4,4
		Desvio Padrão	1,2			Desvio Padrão	1,0
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA	Em geral, as coisas melhoram	2,9%	PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO	Em geral, as coisas melhoram	3,8%
		Em geral, as coisas pioram	0,0%			Em geral, as coisas pioram	3,8%
		Em geral, as coisas não mudam	2,9%			Em geral, as coisas não mudam	13,9%
		Em geral, as coisas se repetem	35,7%			Em geral, as coisas se repetem	29,1%
		As coisas passam de um extremo a outro	58,6%			As coisas passam de um extremo a outro	49,4%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	4,5			Média	4,2
		Desvio Padrão	0,8			Desvio Padrão	1,1
Diferença de Média		0,3	Diferença de Média		0,2		

Questão 4 – Formas mais agradáveis de se aprender história

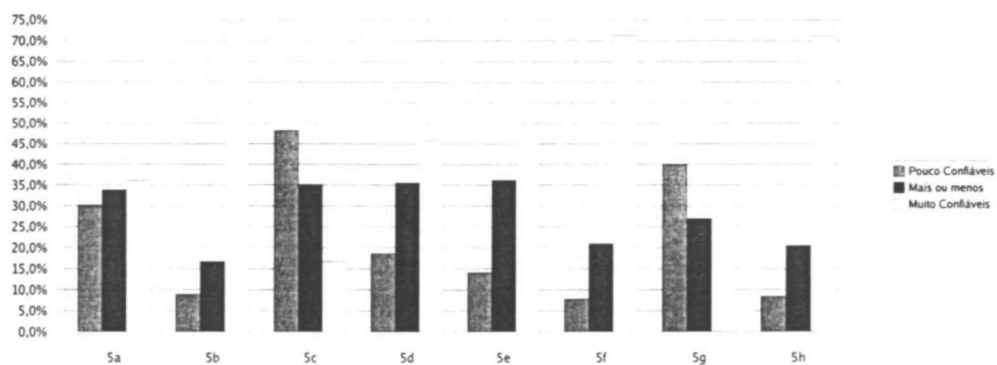
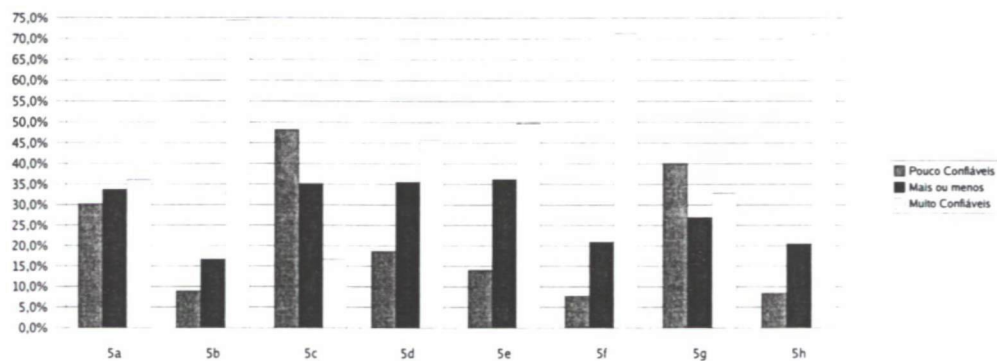
- | | |
|--------------------------------------|--|
| (a) Os livros didáticos | (e) Os documentários de televisão |
| (b) Os documentos e fontes originais | (f) As aulas expositivas dos professores de história |
| (c) Os romances históricos | (g) As histórias antigas contadas pelos pais e avós |
| (d) Os filmes que falam da história | (h) Visitas a museus e monumentos |



Questão 4		4a	4b	4c	4d	4e	4f	4g	4h		
PERCENTUAL GLOBAL	Muito pouco	23,2%	4,1%	16,0%	3,5%	3,0%	5,3%	14,1%	4,7%		
	Pouco	29,2%	9,5%	23,1%	3,5%	4,7%	7,0%	15,9%	7,6%		
	Mais ou menos	31,5%	26,0%	31,4%	12,9%	24,9%	20,5%	26,5%	17,5%		
	Bastante	11,3%	40,2%	20,7%	43,3%	45,0%	35,1%	21,8%	37,4%		
	Muitíssimo	4,8%	20,1%	8,9%	36,8%	22,5%	32,2%	21,8%	32,7%		
	Inválidas	1,8%	1,2%	1,2%	0,0%	1,2%	0,0%	0,6%	0,0%		
Média	2,5	3,6	2,8	4,1	3,8	3,8	3,2	3,9			
Desvio Padrão	1,1	1,0	1,2	1,0	0,9	1,1	1,3	1,1			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito pouco	25,5%	2,0%	16,2%	5,9%	4,0%	7,9%	13,0%	3,0%
			Pouco	25,5%	6,1%	23,2%	2,0%	3,0%	9,9%	12,0%	3,0%
			Mais ou menos	27,6%	20,2%	29,3%	15,8%	22,2%	17,8%	28,0%	11,9%
			Bastante	13,3%	43,4%	23,2%	40,6%	41,4%	34,7%	24,0%	39,6%
			Muitíssimo	8,2%	28,3%	8,1%	35,6%	29,3%	29,7%	23,0%	42,6%
			Inválidas	3,1%	2,0%	2,0%	0,0%	2,0%	0,0%	1,0%	0,0%
		Média	2,5	3,9	2,8	4,0	3,9	3,7	3,3	4,2	
		Desvio Padrão	1,2	1,0	1,2	1,1	1,0	1,2	1,3	1,0	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA		Muito pouco	20,0%	7,1%	15,7%	0,0%	1,4%	1,4%	15,7%	7,1%
			Pouco	34,3%	14,3%	22,9%	5,7%	7,1%	2,9%	21,4%	14,3%
			Mais ou menos	37,1%	34,3%	34,3%	8,6%	28,6%	24,3%	24,3%	25,7%
			Bastante	8,6%	35,7%	17,1%	47,1%	50,0%	35,7%	18,6%	34,3%
			Muitíssimo	0,0%	8,6%	10,0%	38,6%	12,9%	35,7%	20,0%	18,6%
			Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		Média	2,3	3,2	2,8	4,2	3,7	4,0	3,1	3,4	
		Desvio Padrão	0,9	1,0	1,2	0,8	0,8	0,9	1,4	1,2	
		Diferença de Média	0,2	0,7	0,0	0,2	0,2	0,3	0,3	0,7	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito pouco	27,8%	2,2%	11,1%	3,3%	4,4%	4,3%	13,0%	4,3%
			Pouco	24,4%	9,9%	15,6%	6,5%	4,4%	9,8%	13,0%	9,8%
			Mais ou menos	28,9%	24,2%	34,4%	15,2%	27,5%	17,4%	22,8%	17,4%
			Bastante	12,2%	44,0%	27,8%	42,4%	42,9%	40,2%	26,1%	37,0%
			Muitíssimo	6,7%	19,8%	11,1%	32,6%	20,9%	28,3%	25,0%	31,5%
			Inválidas	2,2%	1,1%	2,2%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
		Média	2,5	3,7	3,1	3,9	3,7	3,8	3,4	3,8	
		Desvio Padrão	1,2	1,0	1,1	1,0	1,0	1,1	1,3	1,1	
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO		Muito pouco	17,9%	6,4%	21,5%	3,8%	1,3%	6,3%	15,4%	5,1%
			Pouco	34,6%	9,0%	31,6%	0,0%	5,1%	3,8%	19,2%	5,1%
			Mais ou menos	34,6%	28,2%	27,8%	10,1%	21,8%	24,1%	30,8%	17,7%
			Bastante	10,3%	35,9%	12,7%	44,3%	47,4%	29,1%	16,7%	38,0%
			Muitíssimo	2,6%	20,5%	6,3%	41,8%	24,4%	36,7%	17,9%	34,2%
			Inválidas	1,3%	1,3%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%	1,3%	0,0%
		Média	2,4	3,6	2,5	4,2	3,9	3,9	3,0	3,9	
		Desvio Padrão	1,0	1,1	1,2	0,9	0,9	1,2	1,3	1,1	
		Diferença de Média	0,0	0,1	0,6	0,3	0,2	0,1	0,3	0,1	

Questão 5 – Formas mais confiáveis de se aprender história

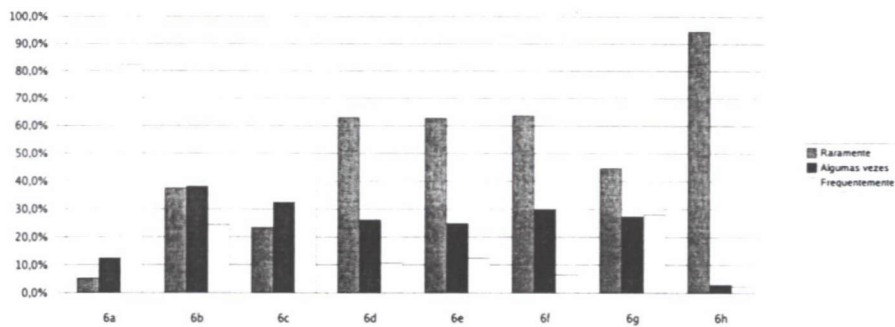
(a) Os livros didáticos	(e) Os documentários de televisão
(b) Os documentos e fontes originais	(f) As aulas expositivas dos professores de história
(c) Os romances históricos	(g) As histórias antigas contadas pelos pais e avós
(d) Os filmes que falam da história	(h) Visitas a museus e monumentos



		Questão 5	5a	5b	5c	5d	5e	5f	5g	5h	
PERCENTUAL GLOBAL	Muito pouco	9,5%	1,2%	16,7%	4,2%	4,3%	4,8%	21,0%	3,6%		
	Pouco	20,7%	7,7%	31,5%	14,5%	9,8%	3,0%	19,2%	4,8%		
	Mais ou menos	33,7%	16,7%	35,1%	35,5%	36,2%	21,0%	26,9%	20,5%		
	Bastante	28,4%	45,2%	11,3%	33,1%	32,5%	39,5%	21,0%	40,4%		
	Muitíssimo	7,7%	29,2%	5,4%	12,7%	17,2%	31,7%	12,0%	30,7%		
	Inválidas	1,2%	1,8%	1,8%	3,0%	4,9%	2,4%	2,4%	3,0%		
	Média	3,0	3,9	2,6	3,4	3,5	3,9	2,8	3,9		
	Desvio Padrão	1,1	0,9	1,1	1,0	1,0	1,0	1,3	1,0		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito pouco	13,1%	0,0%	17,2%	4,2%	3,2%	7,2%	18,6%	4,2%
			Pouco	26,3%	7,1%	26,3%	9,4%	6,4%	3,1%	16,5%	4,2%
			Mais ou menos	26,3%	15,2%	32,3%	28,1%	28,7%	27,8%	29,9%	10,4%
			Bastante	25,3%	43,4%	16,2%	39,6%	38,3%	36,1%	19,6%	40,6%
			Muitíssimo	9,1%	34,3%	8,1%	18,8%	23,4%	25,8%	15,5%	40,6%
			Inválidas	2,0%	2,0%	2,0%	5,2%	7,4%	4,1%	4,1%	5,2%
			Média	2,9	4,1	2,7	3,6	3,7	3,7	3,0	4,1
			Desvio Padrão	1,2	0,9	1,2	1,0	1,0	1,1	1,3	1,0
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA		Muito pouco	4,3%	2,9%	15,9%	4,3%	5,8%	1,4%	24,3%	2,9%
			Pouco	12,9%	8,7%	39,1%	21,4%	14,5%	2,9%	22,9%	5,7%
			Mais ou menos	44,3%	18,8%	39,1%	45,7%	46,4%	11,4%	22,9%	34,3%
			Bastante	32,9%	47,8%	4,3%	24,3%	24,6%	44,3%	22,9%	40,0%
			Muitíssimo	5,7%	21,7%	1,4%	4,3%	8,7%	40,0%	7,1%	17,1%
			Inválidas	0,0%	1,4%	1,4%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%
			Média	3,2	3,8	2,4	3,0	3,2	4,2	2,7	3,6
			Desvio Padrão	0,9	1,0	0,9	0,9	1,0	0,9	1,3	0,9
		Diferença de Média	0,3	0,3	0,4	0,6	0,6	0,5	0,3	0,5	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito pouco	12,1%	2,2%	10,0%	4,4%	3,5%	4,4%	16,7%	3,4%
			Pouco	15,4%	5,5%	34,4%	12,2%	11,6%	5,6%	21,1%	5,6%
			Mais ou menos	34,1%	14,3%	37,8%	41,1%	37,2%	20,0%	22,2%	19,1%
			Bastante	29,7%	49,5%	11,1%	33,3%	33,7%	38,9%	26,7%	40,4%
			Muitíssimo	8,8%	28,6%	6,7%	8,9%	14,0%	31,1%	13,3%	31,5%
			Inválidas	1,1%	1,1%	2,2%	2,2%	7,0%	2,2%	2,2%	3,4%
			Média	3,1	4,0	2,7	3,3	3,4	3,9	3,0	3,9
			Desvio Padrão	1,1	0,9	1,0	1,0	1,0	1,1	1,3	1,0
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO		Muito pouco	6,4%	0,0%	24,4%	3,9%	5,2%	5,2%	26,0%	3,9%
			Pouco	26,9%	10,4%	28,2%	17,1%	7,8%	0,0%	16,9%	3,9%
			Mais ou menos	33,3%	19,5%	32,1%	28,9%	35,1%	22,1%	32,5%	22,1%
			Bastante	26,9%	40,3%	11,5%	32,9%	31,2%	40,3%	14,3%	40,3%
			Muitíssimo	6,4%	29,9%	3,8%	17,1%	20,8%	32,5%	10,4%	29,9%
			Inválidas	1,3%	2,6%	1,3%	3,9%	2,6%	2,6%	2,6%	2,6%
			Média	3,0	3,9	2,4	3,4	3,5	3,9	2,7	3,9
			Desvio Padrão	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1	1,0	1,3	1,0
		Diferença de Média	0,1	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1	0,3	0,0	

Questão 6 – Metodologias mais comuns na sala de aula

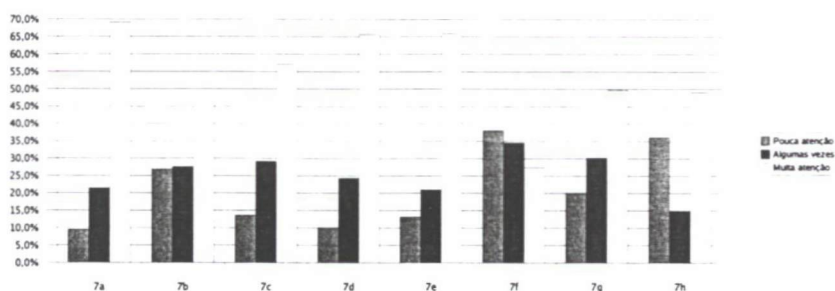
- (a) Escutamos as aulas dadas pelo professor.
 (b) Discute-se o que é o bem ou mal, certo ou errado.
 (c) Examinamos diferentes explicações sobre o que aconteceu no passado.
 (d) Analisamos documentos originais, imagens, fotografias, mapas, gráficos.
 (e) Interpretamos e recontamos as histórias com nossas idéias.
 (f) Escutamos músicas, vemos filmes de ficção, vídeos e documentários.
 (g) Lemos o livro didático e fazemos os exercícios.
 (h) Temos diferentes atividades – fazemos maquetes, desenhos, jogos – vamos a museus e visitamos monumentos.



Questão 6		6a	6b	6c	6d	6e	6f	6g	6h		
PERCENTUAL GLOBAL	Muito raramente	1,8%	17,3%	11,4%	33,9%	29,0%	39,9%	26,8%	81,7%		
	Raramente	3,6%	20,2%	12,0%	29,2%	33,7%	23,8%	17,9%	13,0%		
	Algumas vezes	12,4%	38,1%	32,3%	26,2%	24,9%	29,8%	27,4%	3,0%		
	Frequentemente	42,0%	17,9%	32,3%	10,1%	8,3%	4,8%	21,4%	0,6%		
	Sempre	40,2%	6,5%	12,0%	0,6%	4,1%	1,8%	6,5%	1,8%		
	Inválidas	1,2%	1,8%	2,4%	1,8%	1,2%	1,8%	1,8%	1,2%		
	Média	4,2	2,8	3,2	2,1	2,2	2,0	2,6	1,3		
Desvio Padrão	0,9	1,1	1,2	1,0	1,1	1,0	1,3	0,7			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito raramente	3,0%	17,3%	18,4%	51,0%	37,4%	62,2%	37,8%	83,8%
	ESCOLA PÚBLICA		Raramente	6,1%	20,4%	14,3%	30,6%	30,3%	19,4%	18,4%	9,1%
	ESCOLA PÚBLICA		Algumas vezes	18,2%	36,7%	32,7%	13,3%	22,2%	12,2%	18,4%	4,0%
	ESCOLA PÚBLICA		Frequentemente	35,4%	16,3%	26,5%	4,1%	6,1%	3,1%	17,3%	0,0%
	ESCOLA PÚBLICA		Sempre	37,4%	9,2%	8,2%	1,0%	4,0%	3,1%	8,2%	3,0%
	ESCOLA PÚBLICA		Inválidas	2,0%	3,1%	3,1%	3,1%	2,0%	3,1%	3,1%	2,0%
	ESCOLA PÚBLICA		Média	4,0	2,8	2,9	1,7	2,1	1,7	2,4	1,3
ESCOLA PÚBLICA		Desvio Padrão	1,0	1,2	1,2	0,9	1,1	1,0	1,4	0,8	
ESCOLA PRIVADA		Muito raramente	0,0%	17,1%	1,4%	10,0%	17,1%	8,6%	11,4%	78,6%	
ESCOLA PRIVADA		Raramente	0,0%	20,0%	8,7%	27,1%	38,6%	30,0%	17,1%	18,6%	
ESCOLA PRIVADA		Algumas vezes	4,3%	40,0%	31,9%	44,3%	28,6%	54,3%	40,0%	1,4%	
ESCOLA PRIVADA		Frequentemente	51,4%	20,0%	40,6%	18,6%	11,4%	7,1%	27,1%	1,4%	
ESCOLA PRIVADA		Sempre	44,3%	2,9%	17,4%	0,0%	4,3%	0,0%	4,3%	0,0%	
ESCOLA PRIVADA		Inválidas	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
ESCOLA PRIVADA		Média	4,4	2,7	3,6	2,7	2,5	2,6	3,0	1,3	
ESCOLA PRIVADA		Desvio Padrão	0,6	1,1	0,9	0,9	1,0	0,7	1,0	0,6	
Diferença de Média			0,4	0,1	0,7	1,0	0,4	0,9	0,6	0,0	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito raramente	2,2%	21,1%	12,1%	31,9%	36,3%	40,7%	24,2%	84,6%
	FEMININO		Raramente	3,3%	15,6%	12,1%	31,9%	24,2%	19,8%	22,0%	11,0%
	FEMININO		Algumas vezes	13,2%	34,4%	31,9%	24,2%	26,4%	30,8%	24,2%	1,1%
	FEMININO		Frequentemente	35,2%	21,1%	33,0%	12,1%	8,8%	6,6%	24,2%	0,0%
	FEMININO		Sempre	46,2%	7,8%	11,0%	0,0%	4,4%	2,2%	5,5%	3,3%
	FEMININO		Inválidas	1,1%	2,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%
	FEMININO		Média	4,2	2,8	3,2	2,2	2,2	2,1	2,6	1,3
FEMININO		Desvio Padrão	0,9	1,2	1,2	1,0	1,2	1,1	1,2	0,8	
MASCULINO		Muito raramente	1,3%	12,8%	10,5%	36,4%	20,5%	39,0%	29,9%	78,2%	
MASCULINO		Raramente	3,8%	25,6%	11,8%	26,0%	44,9%	28,6%	13,0%	15,4%	
MASCULINO		Algumas vezes	11,5%	42,3%	32,9%	28,6%	23,1%	28,6%	31,2%	5,1%	
MASCULINO		Frequentemente	50,0%	14,1%	31,6%	7,8%	7,7%	2,6%	18,2%	1,3%	
MASCULINO		Sempre	33,3%	5,1%	13,2%	1,3%	3,8%	1,3%	7,8%	0,0%	
MASCULINO		Inválidas	1,3%	1,3%	3,9%	2,6%	1,3%	2,6%	2,6%	1,3%	
MASCULINO		Média	4,1	2,7	3,3	2,1	2,3	2,0	2,6	1,3	
MASCULINO		Desvio Padrão	0,8	1,0	1,2	1,0	1,0	1,0	1,3	0,6	
Diferença de Média			0,1	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	

Questão 7 – Sobre o que os alunos dedicam sua atenção

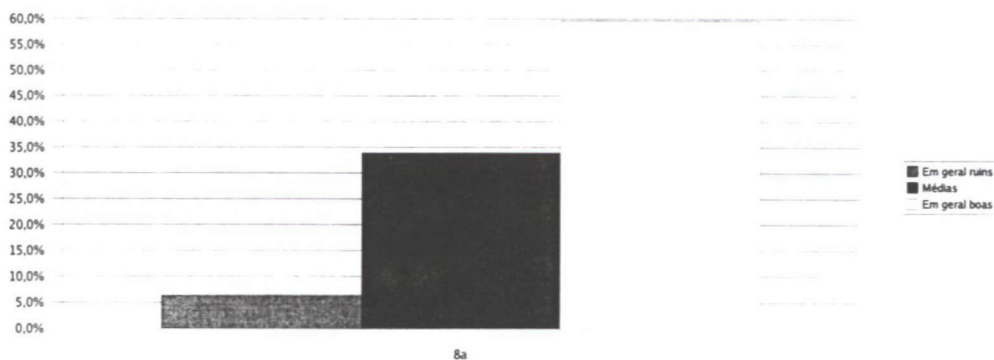
- (a) Conhecer os principais fatos históricos.
 (b) Fazer um julgamento moral sobre o passado, pensando sempre nos direitos humanos e do cidadão.
 (c) Imaginar o que poderia ter sido o passado, levando em consideração vários pontos de vista.
 (d) Compreender o comportamento das pessoas do passado, considerando as suas formas de pensar.
 (e) Utilizar a história para compreender o mundo atual e encontrar as tendências das transformações contemporâneas.
 (f) A história me fascina e me distraio estudando as coisas passadas.
 (g) Reconhecer nossas tradições, as nossas características, valores e deveres perante nossa nação e sociedade.
 (h) Aprender a respeitar os monumentos, sítios arqueológicos e outros lugares históricos.



Questão 7		7a	7b	7c	7d	7e	7f	7g	7h
PERCENTUAL GLOBAL	Muito pouco	2,4%	7,2%	3,6%	4,1%	4,2%	16,7%	7,7%	12,4%
	Pouco	7,1%	19,8%	10,1%	5,9%	9,0%	21,4%	12,4%	23,7%
	Algumas vezes	21,4%	27,5%	29,2%	24,3%	21,0%	34,5%	30,2%	14,8%
	Bastante	53,0%	29,9%	39,9%	43,2%	33,5%	15,5%	27,8%	29,6%
	Muitíssimo	16,1%	15,6%	17,3%	22,5%	32,3%	11,9%	21,9%	19,5%
	Inválidas	1,8%	2,4%	1,8%	1,2%	2,4%	1,8%	1,2%	1,2%
	Média	3,7	3,3	3,6	3,7	3,8	2,8	3,4	3,2
Desvio Padrão	0,9	1,2	1,0	1,0	1,1	1,2	1,2	1,3	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA PÚBLICA	Muito pouco	4,1%	9,3%	4,1%	5,1%	7,2%	20,4%	10,1%	9,1%
	Pouco	8,2%	17,5%	12,2%	8,1%	11,3%	19,4%	9,1%	18,2%
	Algumas vezes	20,4%	25,8%	25,5%	26,3%	23,7%	31,6%	29,3%	12,1%
	Bastante	49,0%	30,9%	40,8%	39,4%	32,0%	15,3%	25,3%	31,3%
	Muitíssimo	18,4%	16,5%	17,3%	21,2%	25,8%	13,3%	26,3%	29,3%
	Inválidas	3,1%	4,1%	3,1%	2,0%	4,1%	3,1%	2,0%	2,0%
	Média	3,7	3,3	3,6	3,6	3,6	2,8	3,5	3,5
Desvio Padrão	1,0	1,2	1,0	1,1	1,2	1,3	1,3	1,3	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA PRIVADA	Muito pouco	0,0%	4,3%	2,9%	2,9%	0,0%	11,4%	4,3%	17,1%
	Pouco	5,7%	22,9%	7,1%	2,9%	5,7%	24,3%	17,1%	31,4%
	Algumas vezes	22,9%	30,0%	34,3%	21,4%	17,1%	38,6%	31,4%	18,6%
	Bastante	58,6%	28,6%	38,6%	48,6%	35,7%	15,7%	31,4%	27,1%
	Muitíssimo	12,9%	14,3%	17,1%	24,3%	41,4%	10,0%	15,7%	5,7%
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Média	3,8	3,3	3,6	3,9	4,1	2,9	3,4	2,7
Desvio Padrão	0,7	1,1	1,0	0,9	0,9	1,1	1,1	1,2	
Diferença de Média	0,1	0,0	0,0	0,2	0,6	0,1	0,1	0,8	
PERCENTUAL POR SEXO FEMININO	Muito pouco	2,2%	5,6%	4,4%	4,4%	3,4%	20,0%	8,8%	8,8%
	Pouco	7,7%	14,4%	11,0%	4,4%	7,9%	20,0%	8,8%	22,0%
	Algumas vezes	24,2%	30,0%	24,2%	27,5%	23,6%	34,4%	28,6%	20,9%
	Bastante	53,8%	32,2%	39,6%	40,7%	38,2%	13,3%	29,7%	33,0%
	Muitíssimo	12,1%	17,8%	20,9%	23,1%	27,0%	12,2%	24,2%	15,4%
	Inválidas	1,1%	2,2%	1,1%	1,1%	3,4%	2,2%	1,1%	1,1%
	Média	3,7	3,4	3,6	3,7	3,8	2,8	3,5	3,2
Desvio Padrão	0,9	1,1	1,1	1,0	1,0	1,3	1,2	1,2	
PERCENTUAL POR SEXO MASCULINO	Muito pouco	2,6%	9,1%	2,6%	3,8%	5,1%	12,8%	6,4%	16,7%
	Pouco	6,5%	26,0%	9,1%	7,7%	10,3%	23,1%	16,7%	25,6%
	Algumas vezes	18,2%	24,7%	35,1%	20,5%	17,9%	34,6%	32,1%	7,7%
	Bastante	51,9%	27,3%	40,3%	46,2%	28,2%	17,9%	25,6%	25,6%
	Muitíssimo	20,8%	13,0%	13,0%	21,8%	38,5%	11,5%	19,2%	24,4%
	Inválidas	2,6%	2,6%	2,6%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%
	Média	3,8	3,1	3,5	3,7	3,8	2,9	3,3	3,2
Desvio Padrão	0,9	1,2	0,9	1,0	1,2	1,2	1,2	1,5	
Diferença de Média	0,2	0,3	0,1	0,0	0,1	0,1	0,2	0,1	

Questão 8 – Como são as notas dos alunos

(a) Como são, em geral, seus resultados e notas em história?

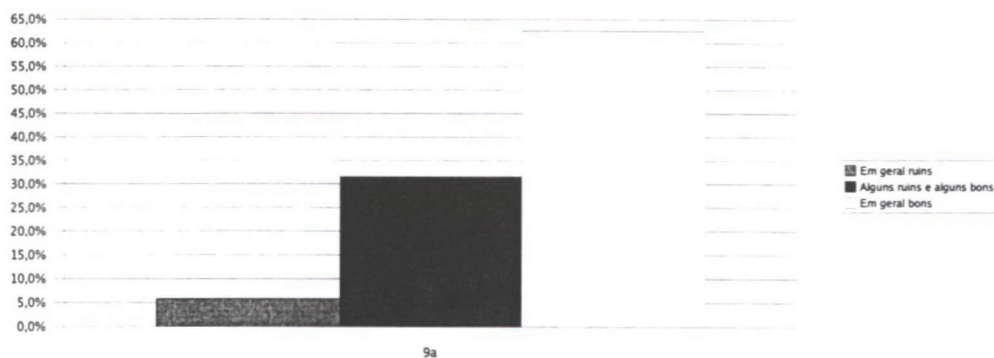


Questão 8		8a
PERCENTUAL GLOBAL	Péssimas	1,8%
	Ruins	4,7%
	Médias	33,9%
	Boas	50,9%
	Ótimas	8,8%
	Inválidas	0,0%
	Média	3,6
Desvio Padrão	0,8	

Questão 8			8a	Questão 8			8a
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Péssimas	1,0%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Péssimas	2,2%
		Ruins	2,0%			Ruins	5,4%
		Médias	27,7%			Médias	32,6%
		Boas	60,4%			Boas	54,3%
		Ótimas	8,9%			Ótimas	5,4%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	3,7			Média	3,6
Desvio Padrão	0,7	Desvio Padrão	0,8				
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA	Péssimas	2,9%	PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO	Péssimas	1,3%
		Ruins	8,6%			Ruins	3,8%
		Médias	42,9%			Médias	35,4%
		Boas	37,1%			Boas	46,8%
		Ótimas	8,6%			Ótimas	12,7%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	3,4			Média	3,7
Desvio Padrão	0,9	Desvio Padrão	0,8				
Diferença de Média		0,3	Diferença de Média		0,1		

Questão 9 – Como os alunos avaliam seus professores

(a) Como você avaliaria os professores de história que você teve durante sua vida escolar?

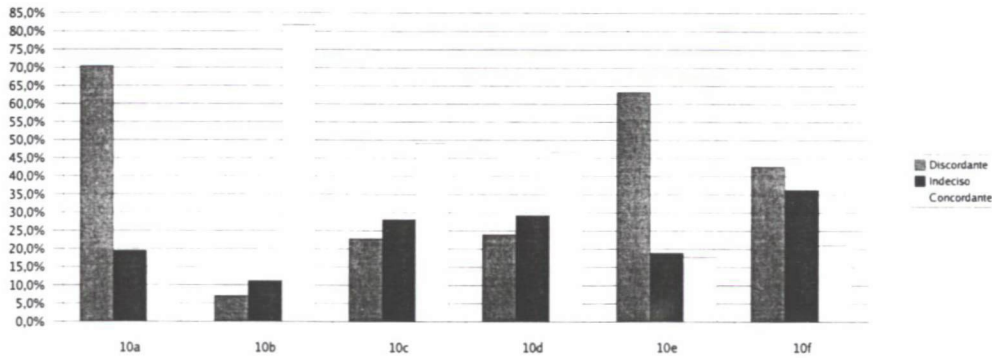


Questão 9		9a
PERCENTUAL GLOBAL	Todos foram ruins	1,8%
	A maioria foi ruim	4,1%
	Alguns ruins e alguns bons	31,6%
	A maioria foi boa	50,9%
	Todos foram bons	11,7%
	Inválidas	0,0%
	Média	3,7
Desvio Padrão	0,8	

Questão 9			9a	Questão 9			9a
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Todos foram ruins	2,0%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Todos foram ruins	3,3%
		A maioria foi ruim	6,9%			A maioria foi ruim	4,3%
		Alguns ruins e alguns bons	37,6%			Alguns ruins e alguns bons	32,6%
		A maioria foi boa	43,6%			A maioria foi boa	44,6%
		Todos foram bons	9,9%			Todos foram bons	15,2%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	3,5			Média	3,6
Desvio Padrão	0,8	Desvio Padrão	0,9				
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA	Todos foram ruins	1,4%	PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO	Todos foram ruins	0,0%
		A maioria foi ruim	0,0%			A maioria foi ruim	3,8%
		Alguns ruins e alguns bons	22,9%			Alguns ruins e alguns bons	30,4%
		A maioria foi boa	61,4%			A maioria foi boa	58,2%
		Todos foram bons	14,3%			Todos foram bons	7,6%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	3,9			Média	3,7
Desvio Padrão	0,7	Desvio Padrão	0,7				
Diferença de Média		0,3	Diferença de Média		0,1		

Questão 10 – A opinião sobre Nação

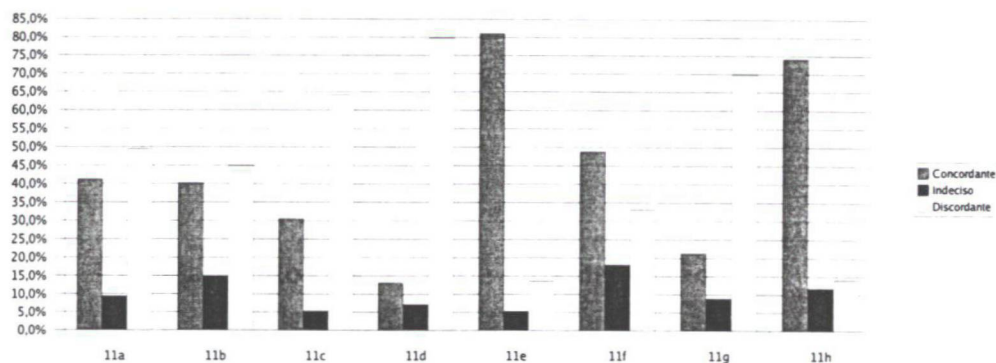
- (a) As nações nascem, crescem e morrem, como qualquer outra coisa na história.
 (b) As nações são entidades naturais, unidas por sua origem comum, língua, história, cultura.
 (c) As nações representam uma vontade de criar um futuro comum, apesar das diferenças culturais do passado.
 (d) As revoltas regionais sempre colocaram em risco a unidade nacional.
 (e) Cada grupo nacional tem o direito de fazer guerra para formar seu próprio Estado.
 (f) Os Estados Nacionais deveriam abrir mão de parte de suas soberanias para construir uma entidade internacional.



Questão 10		10a	10b	10c	10d	10e	10f
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	25,4%	0,6%	4,7%	2,9%	29,6%	18,7%
	Não concordo	45,0%	6,5%	18,1%	21,1%	33,7%	24,0%
	Indeciso	19,5%	11,2%	28,1%	29,2%	18,9%	36,3%
	Concordo	8,3%	67,1%	40,4%	42,7%	11,8%	15,8%
	Concordo plenamente	1,8%	14,7%	8,8%	4,1%	5,9%	5,3%
	Inválidas	1,2%	0,6%	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%
	Média	2,2	3,9	3,3	3,2	2,3	2,6
Desvio Padrão	1,0	0,7	1,0	0,9	1,2	1,1	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA						
	Não concordo de maneira nenhuma	25,3%	1,0%	6,9%	1,0%	36,0%	16,8%
	Não concordo	40,4%	6,0%	13,9%	18,8%	34,0%	19,8%
	Indeciso	22,2%	11,0%	27,7%	35,6%	16,0%	34,7%
	Concordo	10,1%	67,0%	39,6%	39,6%	10,0%	23,8%
	Concordo plenamente	2,0%	15,0%	11,9%	5,0%	4,0%	5,0%
	Inválidas	2,0%	1,0%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%
Média	2,2	3,9	3,4	3,3	2,1	2,8	
Desvio Padrão	1,0	0,8	1,1	0,9	1,1	1,1	
ESCOLA PRIVADA							
Não concordo de maneira nenhuma	25,7%	0,0%	1,4%	5,7%	20,3%	21,4%	
Não concordo	51,4%	7,1%	24,3%	24,3%	33,3%	30,0%	
Indeciso	15,7%	11,4%	28,6%	20,0%	23,2%	38,6%	
Concordo	5,7%	67,1%	41,4%	47,1%	14,5%	4,3%	
Concordo plenamente	1,4%	14,3%	4,3%	2,9%	8,7%	5,7%	
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	
Média	2,1	3,9	3,2	3,2	2,6	2,4	
Desvio Padrão	0,9	0,7	0,9	1,0	1,2	1,1	
Diferença de Média	0,2	0,0	0,1	0,1	0,5	0,4	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO						
	Não concordo de maneira nenhuma	24,2%	0,0%	2,2%	2,2%	30,8%	15,2%
	Não concordo	47,3%	5,5%	19,6%	20,7%	35,2%	28,3%
	Indeciso	19,8%	15,4%	26,1%	27,2%	20,9%	42,4%
	Concordo	8,8%	69,2%	43,5%	44,6%	8,8%	8,7%
	Concordo plenamente	0,0%	9,9%	8,7%	5,4%	4,4%	5,4%
	Inválidas	1,1%	1,1%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%
Média	2,1	3,8	3,4	3,3	2,2	2,6	
Desvio Padrão	0,9	0,7	1,0	0,9	1,1	1,0	
MASCULINO							
Não concordo de maneira nenhuma	26,9%	1,3%	7,6%	3,8%	28,2%	22,8%	
Não concordo	42,3%	7,6%	16,5%	21,5%	32,1%	19,0%	
Indeciso	19,2%	6,3%	30,4%	31,6%	16,7%	29,1%	
Concordo	7,7%	64,6%	36,7%	40,5%	15,4%	24,1%	
Concordo plenamente	3,8%	20,3%	8,9%	2,5%	7,7%	5,1%	
Inválidas	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%	
Média	2,2	3,9	3,2	3,2	2,4	2,7	
Desvio Padrão	1,0	0,8	1,1	0,9	1,3	1,2	
Diferença de Média	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	

Questão 11 – Que atributos para ser da mesma Nação

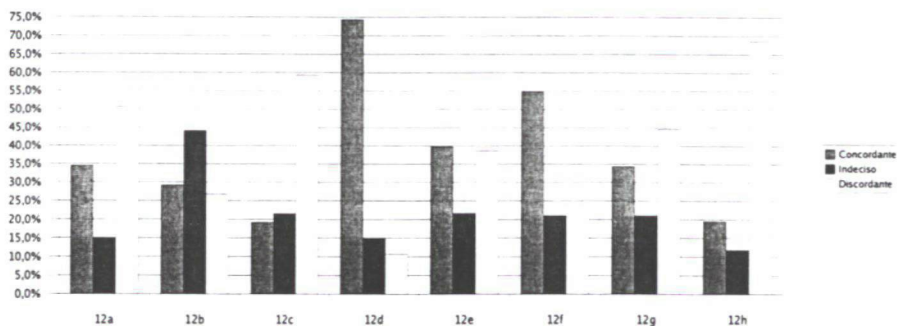
- | | |
|---|--|
| (a) Nascer num mesmo território. | (e) Gostar das mesmas coisas (carnaval, praia, futebol, por exemplo). |
| (b) Ter uma história comum. | (f) Escolher e aceitar um governo pelo tempo determinado por lei. |
| (c) Falar a mesma língua. | (g) Ter uma cultura comum, as mesmas tradições. |
| (d) Ter direitos e deveres (ser cidadão, participar da vida política e social). | (h) Ter traços psicológicos, agir da mesma maneira, ter um caráter parecido com as demais pessoas. |



Questão 11		11a	11b	11c	11d	11e	11f	11g	11h
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	9,4%	4,7%	7,1%	0,6%	26,6%	12,7%	5,3%	28,8%
	Não concordo	31,8%	35,5%	23,5%	12,5%	54,4%	36,1%	16,0%	45,3%
	Indeciso	9,4%	14,8%	5,3%	7,1%	5,3%	18,1%	8,9%	11,8%
	Concordo	40,6%	40,8%	52,9%	56,0%	11,8%	30,7%	52,7%	10,0%
	Concordo plenamente	8,8%	4,1%	11,2%	23,8%	1,8%	2,4%	17,2%	4,1%
	Inválidas	0,6%	1,2%	0,6%	1,8%	1,2%	3,0%	1,2%	0,6%
Média	3,1	3,0	3,4	3,9	2,1	2,7	3,6	2,2	
Desvio Padrão	1,2	1,1	1,2	0,9	1,0	1,1	1,1	1,1	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA								
	Não concordo de maneira nenhuma	7,0%	7,1%	9,0%	1,0%	28,3%	14,1%	9,0%	28,0%
	Não concordo	22,0%	42,4%	26,0%	12,2%	46,5%	32,3%	20,0%	46,0%
	Indeciso	10,0%	14,1%	4,0%	7,1%	6,1%	16,2%	8,0%	12,0%
	Concordo	47,0%	34,3%	48,0%	51,0%	17,2%	33,3%	50,0%	10,0%
	Concordo plenamente	14,0%	2,0%	13,0%	28,6%	2,0%	4,0%	13,0%	4,0%
Inválidas	1,0%	2,0%	1,0%	3,1%	2,0%	2,0%	1,0%	1,0%	
Média	3,4	2,8	3,3	3,9	2,2	2,8	3,4	2,2	
Desvio Padrão	1,2	1,1	1,2	1,0	1,1	1,2	1,2	1,1	
ESCOLA PRIVADA									
Não concordo de maneira nenhuma	12,9%	1,4%	4,3%	0,0%	24,3%	10,4%	0,0%	30,0%	
Não concordo	45,7%	25,7%	20,0%	12,9%	65,7%	41,8%	10,1%	44,3%	
Indeciso	8,6%	15,7%	7,1%	7,1%	4,3%	20,9%	10,1%	11,4%	
Concordo	31,4%	50,0%	60,0%	62,9%	4,3%	26,9%	56,5%	10,0%	
Concordo plenamente	1,4%	7,1%	8,6%	17,1%	1,4%	0,0%	23,2%	4,3%	
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,5%	1,4%	0,0%	
Média	2,6	3,4	3,5	3,8	1,9	2,6	3,9	2,1	
Desvio Padrão	1,1	1,0	1,0	0,9	0,8	1,0	0,9	1,1	
Diferença de Média	0,8	0,5	0,2	0,1	0,3	0,2	0,5	0,0	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO								
	Não concordo de maneira nenhuma	10,9%	2,2%	5,4%	0,0%	27,5%	10,0%	3,3%	27,2%
	Não concordo	30,4%	41,8%	21,7%	12,1%	51,6%	37,8%	16,3%	47,8%
	Indeciso	12,0%	17,6%	8,7%	5,5%	6,6%	15,6%	9,8%	12,0%
	Concordo	40,2%	35,2%	52,2%	59,3%	12,1%	34,4%	55,4%	8,7%
	Concordo plenamente	6,5%	3,3%	12,0%	23,1%	2,2%	2,2%	15,2%	4,3%
Inválidas	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%	1,1%	2,2%	0,0%	0,0%	
Média	3,0	3,0	3,4	3,9	2,1	2,8	3,6	2,2	
Desvio Padrão	1,2	1,0	1,1	0,9	1,0	1,1	1,0	1,1	
MASCULINO									
Não concordo de maneira nenhuma	7,7%	7,7%	9,0%	1,3%	25,6%	15,8%	7,8%	30,8%	
Não concordo	33,3%	28,2%	25,6%	13,0%	57,7%	34,2%	15,6%	42,3%	
Indeciso	6,4%	11,5%	1,3%	9,1%	3,8%	21,1%	7,8%	11,5%	
Concordo	41,0%	47,4%	53,8%	51,9%	11,5%	26,3%	49,4%	11,5%	
Concordo plenamente	11,5%	5,1%	10,3%	24,7%	1,3%	2,6%	19,5%	3,8%	
Inválidas	1,3%	1,3%	1,3%	2,6%	1,3%	3,9%	2,6%	1,3%	
Média	3,2	3,1	3,3	3,9	2,1	2,7	3,6	2,2	
Desvio Padrão	1,2	1,1	1,2	1,0	0,9	1,1	1,2	1,1	
Diferença de Média	0,1	0,2	0,1	0,1	0,0	0,2	0,1	0,0	

Questão 12 – A opinião sobre Democracia

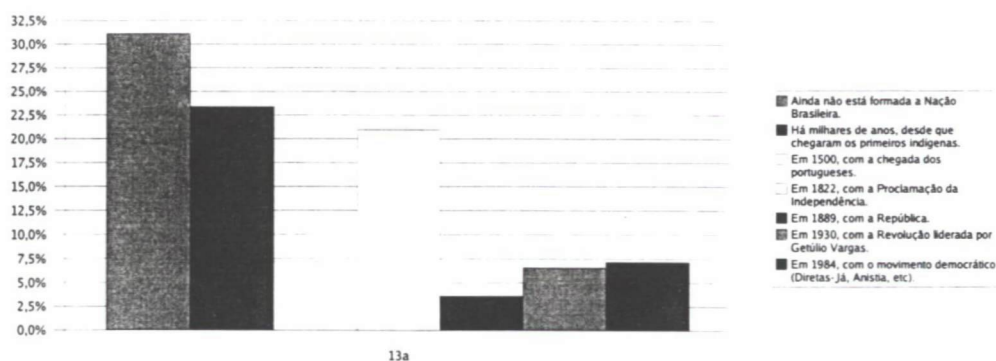
- | | |
|--|--|
| (a) É o governo do povo, pelo povo, para o povo. | (e) É a proteção para as minorias, através da lei e da justiça. |
| (b) É a principal herança da Grécia Antiga. | (f) É um sistema de governo muito fraco para se adaptar em momentos de crise. |
| (c) É o resultado de um longo processo de erros e acertos através da história. | (g) É um álibi para as classes ricas, que sempre dominaram e ganharam na história, continuarem mandando em tudo. |
| (d) Não é nada mais do que escolher sempre os mesmos chefes políticos dos mesmos partidos. | (h) Na realidade não existe democracia, uma vez que homens e mulheres, pobres e ricos, não têm os mesmos direitos. |



Questão 12		12a	12b	12c	12d	12e	12f	12g	12h
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	7,7%	2,4%	0,6%	25,0%	12,0%	10,8%	7,2%	5,9%
	Não concordo	26,8%	26,8%	18,6%	49,4%	27,7%	44,0%	27,1%	13,6%
	Indeciso	14,9%	44,0%	21,6%	14,9%	21,7%	21,1%	21,1%	11,8%
	Concordo	36,3%	22,0%	55,1%	10,7%	31,9%	19,3%	30,1%	31,4%
	Concordo plenamente	14,3%	4,8%	4,2%	0,0%	6,6%	4,8%	14,5%	37,3%
	Inválidas	1,8%	1,8%	2,4%	1,8%	3,0%	3,0%	3,0%	1,2%
Média	3,2	3,0	3,4	2,1	2,9	2,6	3,2	3,8	
Desvio Padrão	1,2	0,9	0,9	0,9	1,2	1,1	1,2	1,2	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA								
	Não concordo de maneira nenhuma	6,1%	4,1%	1,0%	21,4%	8,3%	9,4%	7,3%	5,1%
	Não concordo	26,5%	27,6%	18,6%	46,9%	22,9%	33,3%	18,8%	14,1%
	Indeciso	16,3%	45,9%	19,6%	14,3%	19,8%	24,0%	24,0%	11,1%
	Concordo	31,6%	18,4%	54,6%	17,3%	37,5%	26,0%	35,4%	26,3%
	Concordo plenamente	19,4%	4,1%	6,2%	0,0%	11,5%	7,3%	14,6%	43,4%
Inválidas	3,1%	3,1%	4,1%	3,1%	5,2%	5,2%	5,2%	2,0%	
Média	3,3	2,9	3,5	2,3	3,2	2,9	3,3	3,9	
Desvio Padrão	1,2	0,9	0,9	1,0	1,2	1,1	1,2	1,3	
ESCOLA PRIVADA									
Não concordo de maneira nenhuma	10,0%	0,0%	0,0%	30,0%	17,1%	12,9%	7,1%	7,1%	
Não concordo	27,1%	25,7%	18,6%	52,9%	34,3%	58,6%	38,6%	12,9%	
Indeciso	12,9%	41,4%	24,3%	15,7%	24,3%	17,1%	17,1%	12,9%	
Concordo	42,9%	27,1%	55,7%	1,4%	24,3%	10,0%	22,9%	38,6%	
Concordo plenamente	7,1%	5,7%	1,4%	0,0%	0,0%	1,4%	14,3%	28,6%	
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Média	3,1	3,1	3,4	1,9	2,6	2,3	3,0	3,7	
Desvio Padrão	1,2	0,9	0,8	0,7	1,0	0,9	1,2	1,2	
Diferença de Média	0,2	0,2	0,1	0,4	0,7	0,6	0,3	0,2	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO								
	Não concordo de maneira nenhuma	8,8%	2,2%	1,1%	17,6%	6,7%	6,7%	7,8%	6,5%
	Não concordo	23,1%	29,7%	22,2%	54,9%	24,4%	47,8%	26,7%	15,2%
	Indeciso	16,5%	49,5%	20,0%	16,5%	21,1%	21,1%	22,2%	12,0%
	Concordo	38,5%	16,5%	53,3%	11,0%	41,1%	20,0%	34,4%	31,5%
	Concordo plenamente	13,2%	2,2%	3,3%	0,0%	6,7%	4,4%	8,9%	34,8%
Inválidas	1,1%	1,1%	2,2%	1,1%	2,2%	2,2%	2,2%	0,0%	
Média	3,2	2,9	3,4	2,2	3,2	2,7	3,1	3,7	
Desvio Padrão	1,2	0,8	0,9	0,9	1,1	1,0	1,1	1,3	
MASCULINO									
Não concordo de maneira nenhuma	6,5%	2,6%	0,0%	33,8%	18,4%	15,8%	6,6%	5,2%	
Não concordo	31,2%	23,4%	14,3%	42,9%	31,6%	39,5%	27,6%	11,7%	
Indeciso	13,0%	37,7%	23,4%	13,0%	22,4%	21,1%	19,7%	11,7%	
Concordo	33,8%	28,6%	57,1%	10,4%	21,1%	18,4%	25,0%	31,2%	
Concordo plenamente	15,6%	7,8%	5,2%	0,0%	6,6%	5,3%	21,1%	40,3%	
Inválidas	2,6%	2,6%	2,6%	2,6%	3,9%	3,9%	3,9%	2,6%	
Média	3,2	3,2	3,5	2,0	2,7	2,6	3,3	3,9	
Desvio Padrão	1,2	1,0	0,8	0,9	1,2	1,1	1,3	1,2	
Diferença de Média	0,0	0,3	0,2	0,2	0,5	0,1	0,2	0,2	

Questão 13 – Desde quando existe a Nação Brasileira

(a) Desde quando podemos dizer que existe a Nação Brasileira? (marque uma só opção)



Questão 13 13a

PERCENTUAL GLOBAL		
	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	31,1%
	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	23,4%
	Em 1500, com a chegada dos portugueses.	7,2%
	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	21,0%
	Em 1889, com a República.	3,6%
	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	6,6%
	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc.)	7,2%
	Inválidas	2,4%
	Média	2,9
	Desvio Padrão	1,9

PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA		
ESCOLA PÚBLICA	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	12,1%
	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	32,3%
	Em 1500, com a chegada dos portugueses.	11,1%
	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	25,3%
	Em 1889, com a República.	3,0%
	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	9,1%
	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc.)	7,1%
	Inválidas	2,0%
	Média	3,3
	Desvio Padrão	1,8

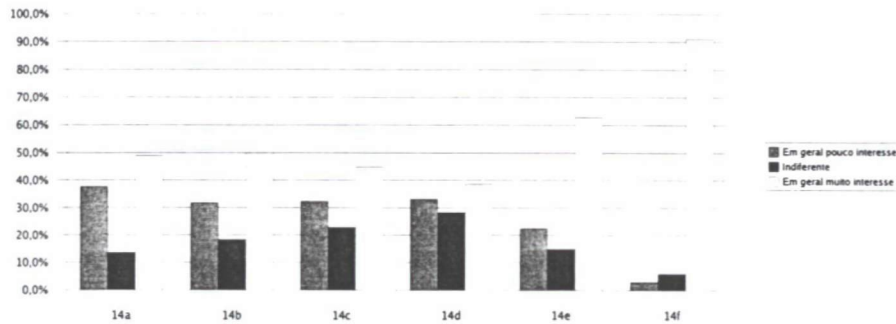
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA		
ESCOLA PRIVADA	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	58,8%
	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	10,3%
	Em 1500, com a chegada dos portugueses.	1,5%
	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	14,7%
	Em 1889, com a República.	4,4%
	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	2,9%
	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc.)	7,4%
	Inválidas	2,9%
	Média	2,3
	Desvio Padrão	2,0
Diferença de Média		1,0

PERCENTUAL POR SEXO		
FEMININO	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	33,3%
	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	21,1%
	Em 1500, com a chegada dos portugueses.	8,9%
	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	21,1%
	Em 1889, com a República.	4,4%
	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	6,7%
	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc.)	4,4%
	Inválidas	2,2%
	Média	2,8
	Desvio Padrão	1,8

PERCENTUAL POR SEXO		
MASCULINO	Ainda não está formada a Nação Brasileira.	28,6%
	Há milhares de anos, desde que chegaram os primeiros indígenas.	26,0%
	Em 1500, com a chegada dos portugueses.	5,2%
	Em 1822, com a Proclamação da Independência.	20,8%
	Em 1889, com a República.	2,6%
	Em 1930, com a Revolução liderada por Getúlio Vargas.	6,5%
	Em 1984, com o movimento democrático (Diretas-Já, Anistia, etc.)	10,4%
	Inválidas	2,6%
	Média	3,0
	Desvio Padrão	2,0
Diferença de Média		0,2

Questão 14 – Períodos que mais interessam

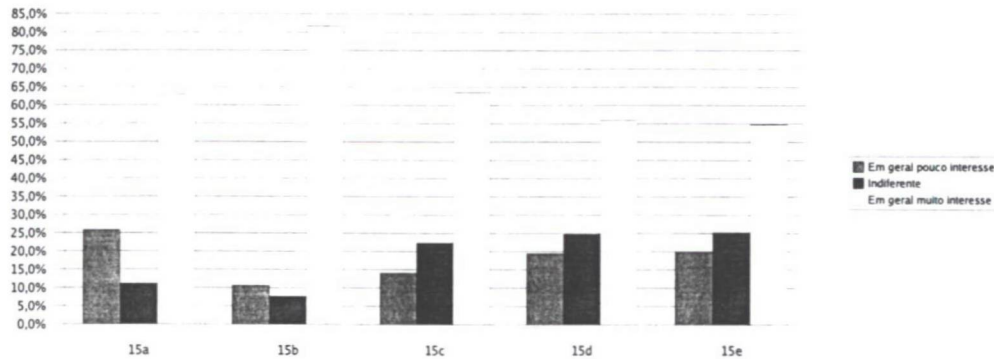
- | | |
|--|---|
| (a) Antes da chegada dos portugueses (a vida dos indígenas) | (d) A República Velha (1889-1930) |
| (b) O Brasil Colônia (1500-1822) | (e) Da Revolução de 1930 até os anos 1960 |
| (c) O Primeiro e Segundo Impérios (os governos de D.Pedro I e D.Pedro II). | (f) Dos anos 60 aos dias atuais |



Questão 14		14a	14b	14c	14d	14e	14f
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssimo interesse	11,2%	3,5%	8,4%	9,0%	4,1%	0,0%
	Pouco interesse	26,5%	28,2%	24,0%	24,1%	18,3%	3,0%
	Indiferente	13,5%	18,2%	22,8%	28,3%	14,8%	6,0%
	Interessante	35,9%	38,8%	34,7%	31,3%	42,0%	44,0%
	Muito interesse	12,9%	11,2%	10,2%	7,2%	20,7%	47,0%
	Inválidas	0,6%	0,6%	2,4%	3,0%	1,2%	1,8%
	Média	3,1	3,3	3,1	3,0	3,6	4,4
Desvio Padrão	1,3	1,1	1,1	1,1	1,1	0,7	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA						
	Pouquíssimo interesse	12,0%	6,0%	10,1%	11,2%	5,1%	0,0%
	Pouco interesse	24,0%	31,0%	23,2%	19,4%	18,2%	2,0%
	Indiferente	15,0%	15,0%	23,2%	23,5%	15,2%	2,0%
	Interessante	34,0%	39,0%	32,3%	35,7%	40,4%	46,9%
	Muito interesse	15,0%	9,0%	11,1%	10,2%	21,2%	49,0%
	Inválidas	1,0%	1,0%	2,0%	3,1%	2,0%	3,1%
Média	3,2	3,1	3,1	3,1	3,5	4,4	
Desvio Padrão	1,3	1,1	1,2	1,2	1,2	0,6	
ESCOLA PRIVADA							
Pouquíssimo interesse	10,0%	0,0%	5,9%	5,9%	2,9%	0,0%	
Pouco interesse	30,0%	24,3%	25,0%	30,9%	18,6%	4,3%	
Indiferente	11,4%	22,9%	22,1%	35,3%	14,3%	11,4%	
Interessante	38,6%	38,6%	38,2%	25,0%	44,3%	40,0%	
Muito interesse	10,0%	14,3%	8,8%	2,9%	20,0%	44,3%	
Inválidas	0,0%	0,0%	2,9%	2,9%	0,0%	0,0%	
Média	3,1	3,4	3,2	2,9	3,6	4,2	
Desvio Padrão	1,2	1,0	1,1	1,0	1,1	0,8	
Diferença de Média	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,2	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO						
	Pouquíssimo interesse	12,0%	3,3%	9,8%	9,0%	4,4%	0,0%
	Pouco interesse	28,3%	32,6%	23,9%	27,0%	18,7%	2,2%
	Indiferente	10,9%	10,9%	19,6%	24,7%	16,5%	5,6%
	Interessante	35,9%	44,6%	38,0%	33,7%	41,8%	44,4%
	Muito interesse	13,0%	8,7%	8,7%	5,6%	18,7%	47,8%
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	3,4%	1,1%	2,2%
Média	3,1	3,2	3,1	3,0	3,5	4,4	
Desvio Padrão	1,3	1,1	1,2	1,1	1,1	0,7	
MASCULINO							
Pouquíssimo interesse	10,3%	3,8%	6,7%	9,1%	3,8%	0,0%	
Pouco interesse	24,4%	23,1%	24,0%	20,8%	17,9%	3,8%	
Indiferente	16,7%	26,9%	26,7%	32,5%	12,8%	6,4%	
Interessante	35,9%	32,1%	30,7%	28,6%	42,3%	43,6%	
Muito interesse	12,8%	14,1%	12,0%	9,1%	23,1%	46,2%	
Inválidas	1,3%	1,3%	5,3%	2,6%	1,3%	1,3%	
Média	3,2	3,3	3,2	3,1	3,6	4,3	
Desvio Padrão	1,2	1,1	1,1	1,1	1,1	0,8	
Diferença de Média	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	

Questão 15 – Locais que mais interessam

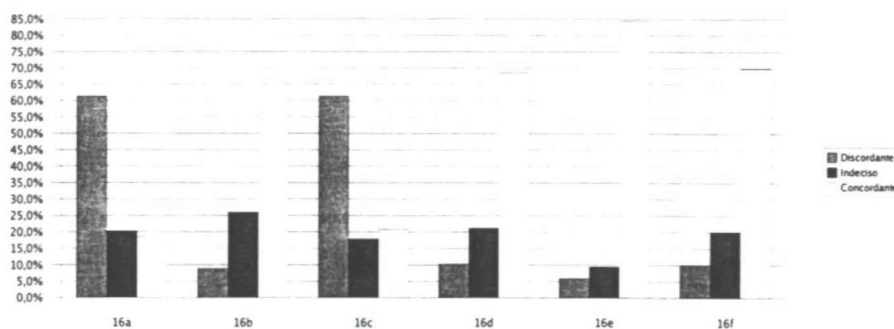
- | | |
|---|--|
| (a) A história local (da sua cidade e região) | (d) A história da Europa |
| (b) A história do Brasil | (e) A história de outros continentes (África, Ásia, Oceania) |
| (c) A história da América | |



Questão 15		15a	15b	15c	15d	15e
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssimo interesse	7,6%	1,2%	1,8%	4,7%	7,6%
	Pouco interesse	18,2%	9,5%	12,4%	14,7%	12,4%
	Indiferente	11,2%	7,7%	22,4%	24,7%	25,3%
	Interessante	43,5%	52,7%	49,4%	38,8%	35,9%
	Muito interesse	19,4%	29,0%	14,1%	17,1%	18,8%
	Inválidas	0,6%	1,2%	0,6%	0,6%	0,6%
	Média	3,5	4,0	3,6	3,5	3,5
	Desvio Padrão	1,2	0,9	0,9	1,1	1,2
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA					
	Pouquíssimo interesse	5,0%	1,0%	2,0%	6,0%	6,0%
	Pouco interesse	12,0%	8,1%	12,0%	19,0%	15,0%
	Indiferente	10,0%	5,1%	27,0%	28,0%	29,0%
	Interessante	46,0%	54,5%	46,0%	36,0%	33,0%
	Muito interesse	27,0%	31,3%	13,0%	11,0%	17,0%
	Inválidas	1,0%	2,0%	1,0%	1,0%	1,0%
	Média	3,8	4,1	3,6	3,3	3,4
	Desvio Padrão	1,1	0,9	0,9	1,1	1,1
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA					
	Pouquíssimo interesse	11,4%	1,4%	1,4%	2,9%	10,0%
	Pouco interesse	27,1%	11,4%	12,9%	8,6%	8,6%
	Indiferente	12,9%	11,4%	15,7%	20,0%	20,0%
	Interessante	40,0%	50,0%	54,3%	42,9%	40,0%
	Muito interesse	8,6%	25,7%	15,7%	25,7%	21,4%
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Média	3,1	3,9	3,7	3,8	3,5
	Desvio Padrão	1,2	1,0	0,9	1,0	1,2
	Diferença de Média	0,7	0,2	0,1	0,5	0,1
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO					
	Pouquíssimo interesse	10,9%	0,0%	1,1%	3,3%	5,4%
	Pouco interesse	22,8%	14,3%	15,2%	18,5%	14,1%
	Indiferente	7,6%	5,5%	20,7%	23,9%	23,9%
	Interessante	42,4%	54,9%	51,1%	41,3%	38,0%
	Muito interesse	16,3%	25,3%	12,0%	13,0%	18,5%
	Inválidas	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
	Média	3,3	3,9	3,6	3,4	3,5
	Desvio Padrão	1,3	0,9	0,9	1,0	1,1
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO					
	Pouquíssimo interesse	3,8%	2,6%	2,6%	6,4%	10,3%
	Pouco interesse	12,8%	3,8%	9,0%	10,3%	10,3%
	Indiferente	15,4%	10,3%	24,4%	25,6%	26,9%
	Interessante	44,9%	50,0%	47,4%	35,9%	33,3%
	Muito interesse	23,1%	33,3%	16,7%	21,8%	19,2%
	Inválidas	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%
	Média	3,7	4,1	3,7	3,6	3,4
	Desvio Padrão	1,1	0,9	0,9	1,1	1,2
	Diferença de Média	0,4	0,2	0,1	0,1	0,1

Questão 16 – A opinião sobre o Brasil Colônia

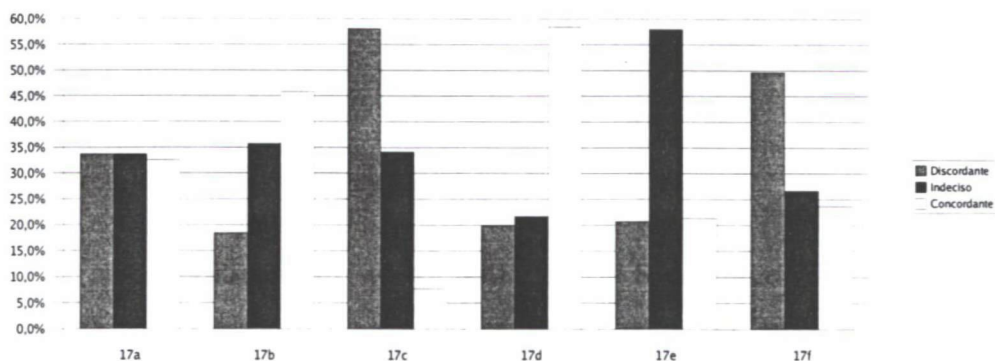
- (a) Uma época cheia de aventuras e perigos, com verdadeiros heróis dispostos a construir um país.
 (b) O início da exploração europeia em terras estrangeiras (América, África e Ásia).
 (c) Muito trabalho de portugueses que queriam levar a civilização para os povos indígenas.
 (d) Um período obscuro, de ignorância, superstição, pobreza e exploração.
 (e) Matança de índios e negros, exploração de recursos naturais, em nome da acumulação de ouro.
 (f) Período difícil, mas que representa o início da mistura das três raças que dão origem ao povo brasileiro.



Questão 16		16a	16b	16c	16d	16e	16f
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	23,2%	0,6%	21,4%	1,8%	2,4%	3,0%
	Não concordo	38,1%	8,3%	39,9%	8,5%	3,6%	7,1%
	Indeciso	20,2%	26,0%	17,9%	21,2%	9,5%	20,1%
	Concordo	17,9%	53,3%	18,5%	47,3%	42,9%	49,1%
	Concordo plenamente	0,6%	11,8%	2,4%	21,2%	41,7%	20,7%
	Inválidas	1,8%	1,2%	1,8%	3,6%	1,8%	1,2%
	Média	2,3	3,7	2,4	3,8	4,2	3,8
Desvio Padrão	1,0	0,8	1,1	0,9	0,9	1,0	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA ESCOLA PRIVADA/ESCOLA PÚBLICA	Não concordo de maneira nenhuma	10,2%	0,0%	13,3%	2,1%	3,1%	3,0%
	Não concordo	33,7%	8,1%	30,6%	5,3%	6,1%	5,1%
	Indeciso	30,6%	36,4%	22,4%	21,1%	14,3%	15,2%
	Concordo	24,5%	43,4%	29,6%	47,4%	38,8%	53,5%
	Concordo plenamente	1,0%	12,1%	4,1%	24,2%	37,8%	23,2%
	Inválidas	3,1%	2,0%	3,1%	6,3%	3,1%	2,0%
	Média	2,7	3,6	2,8	3,9	4,0	3,9
Desvio Padrão	1,0	0,8	1,1	0,9	1,0	0,9	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA ESCOLA PRIVADA/ESCOLA PÚBLICA	Não concordo de maneira nenhuma	41,4%	1,4%	32,9%	1,4%	1,4%	2,9%
	Não concordo	44,3%	8,6%	52,9%	12,9%	0,0%	10,0%
	Indeciso	5,7%	11,4%	11,4%	21,4%	2,9%	27,1%
	Concordo	8,6%	67,1%	2,9%	47,1%	48,6%	42,9%
	Concordo plenamente	0,0%	11,4%	0,0%	17,1%	47,1%	17,1%
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	Média	1,8	3,8	1,8	3,7	4,4	3,6
Desvio Padrão	0,9	0,8	0,7	1,0	0,7	1,0	
Diferença de Média	0,9	0,2	1,0	0,2	0,4	0,3	
PERCENTUAL POR SEXO FEMININO	Não concordo de maneira nenhuma	26,4%	1,1%	18,5%	0,0%	2,2%	3,3%
	Não concordo	31,9%	12,0%	38,0%	8,8%	5,5%	8,7%
	Indeciso	22,0%	26,1%	14,1%	20,9%	12,1%	23,9%
	Concordo	18,7%	52,2%	25,0%	54,9%	44,0%	44,6%
	Concordo plenamente	1,1%	8,7%	4,3%	15,4%	36,3%	19,6%
	Inválidas	1,1%	0,0%	0,0%	1,1%	1,1%	0,0%
	Média	2,4	3,6	2,6	3,8	4,1	3,7
Desvio Padrão	1,1	0,9	1,2	0,8	1,0	1,0	
PERCENTUAL POR SEXO MASCULINO	Não concordo de maneira nenhuma	19,5%	0,0%	25,0%	4,1%	2,6%	2,6%
	Não concordo	45,5%	3,9%	42,1%	8,1%	1,3%	5,2%
	Indeciso	18,2%	26,0%	22,4%	21,6%	6,5%	15,6%
	Concordo	16,9%	54,5%	10,5%	37,8%	41,6%	54,5%
	Concordo plenamente	0,0%	15,6%	0,0%	28,4%	48,1%	22,1%
	Inválidas	2,6%	2,6%	3,9%	6,8%	2,6%	2,6%
	Média	2,3	3,8	2,2	3,8	4,3	3,9
Desvio Padrão	1,0	0,7	0,9	1,1	0,9	0,9	
Diferença de Média	0,0	0,3	0,4	0,0	0,2	0,2	

Questão 17 – A opinião sobre a Proclamação da República

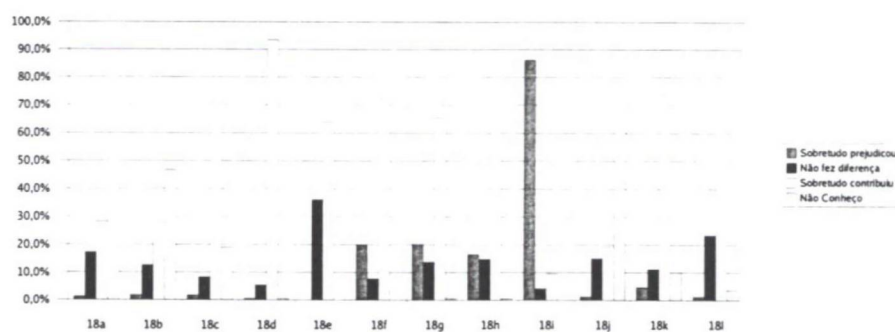
- (a) Um grande avanço para o país, que se livrou da monarquia ultrapassada.
 (b) Um arranjo entre produtores de café e militares, onde o povo ficou de fora.
 (c) Um atraso para o país, pois o povo gostava de D. Pedroll, que era um bom governante.
 (d) Nada mudou, pois o povo pobre continuou sem direitos constitucionais.
 (e) Era necessária, pois apenas o Brasil era monárquico na América.
 (f) Não era necessária, pois a monarquia pode ser boa, não é a forma de governo que faz diferença para o país.



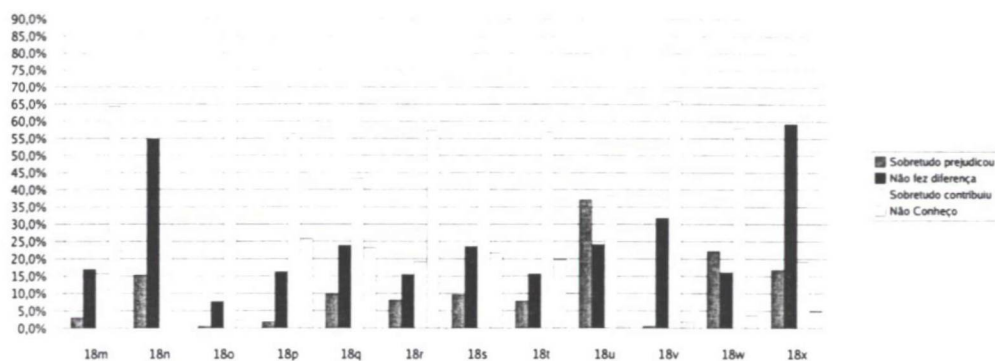
Questão 17		17a	17b	17c	17d	17e	17f
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	8,9%	2,4%	13,2%	3,0%	5,3%	18,3%
	Não concordo	24,9%	16,1%	44,9%	16,9%	15,4%	31,4%
	Indeciso	33,7%	35,7%	34,1%	21,7%	58,0%	26,6%
	Concordo	30,8%	38,1%	7,8%	42,2%	17,8%	18,9%
	Concordo plenamente	1,8%	7,7%	0,0%	16,3%	3,6%	4,7%
	Inválidas	1,2%	1,8%	2,4%	3,0%	1,2%	1,2%
	Média	2,9	3,3	2,4	3,5	3,0	2,6
Desvio Padrão	1,0	0,9	0,8	1,0	0,8	1,1	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA						
	Não concordo de maneira nenhuma	5,1%	3,1%	10,3%	4,1%	6,1%	17,2%
	Não concordo	17,2%	17,3%	29,9%	23,7%	15,2%	23,2%
	Indeciso	32,3%	33,7%	47,4%	18,6%	57,6%	27,3%
	Concordo	42,4%	38,8%	12,4%	40,2%	18,2%	25,3%
	Concordo plenamente	3,0%	7,1%	0,0%	13,4%	3,0%	7,1%
	Inválidas	2,0%	3,1%	4,1%	4,1%	2,0%	2,0%
Média	3,2	3,3	2,6	3,4	3,0	2,8	
Desvio Padrão	0,9	0,9	0,8	1,1	0,8	1,2	
ESCOLA PRIVADA							
Não concordo de maneira nenhuma	14,3%	1,4%	17,1%	1,4%	4,3%	20,0%	
Não concordo	35,7%	14,3%	65,7%	7,2%	15,7%	42,9%	
Indeciso	35,7%	38,6%	15,7%	26,1%	58,6%	25,7%	
Concordo	14,3%	37,1%	1,4%	44,9%	17,1%	10,0%	
Concordo plenamente	0,0%	8,6%	0,0%	20,3%	4,3%	1,4%	
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	
Média	2,5	3,4	2,0	3,8	3,0	2,3	
Desvio Padrão	0,9	0,9	0,6	0,9	0,8	1,0	
Diferença de Média	0,7	0,1	0,6	0,4	0,0	0,5	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO						
	Não concordo de maneira nenhuma	9,8%	2,2%	11,0%	3,3%	5,4%	18,5%
	Não concordo	27,2%	18,5%	48,4%	14,4%	15,2%	34,8%
	Indeciso	30,4%	32,6%	34,1%	22,2%	60,9%	20,7%
	Concordo	31,5%	39,1%	6,6%	41,1%	13,0%	19,6%
	Concordo plenamente	1,1%	7,6%	0,0%	18,9%	5,4%	6,5%
	Inválidas	0,0%	0,0%	1,1%	2,2%	0,0%	0,0%
Média	2,9	3,3	2,4	3,6	3,0	2,6	
Desvio Padrão	1,0	0,9	0,8	1,1	0,9	1,2	
MASCULINO							
Não concordo de maneira nenhuma	7,8%	2,6%	15,8%	2,6%	5,2%	18,2%	
Não concordo	22,1%	13,2%	40,8%	19,7%	15,6%	27,3%	
Indeciso	37,7%	39,5%	34,2%	21,1%	54,5%	33,8%	
Concordo	29,9%	36,8%	9,2%	43,4%	23,4%	18,2%	
Concordo plenamente	2,6%	7,9%	0,0%	13,2%	1,3%	2,6%	
Inválidas	2,6%	3,9%	3,9%	3,9%	2,6%	2,6%	
Média	3,0	3,3	2,4	3,4	3,0	2,6	
Desvio Padrão	1,0	0,9	0,9	1,0	0,8	1,1	
Diferença de Média	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	

Questão 18 – Que personagens conhecem e acham importantes

(a) José Bonifácio de Andrada	(i) Fernando Collor	(q) Tancredo Neves
(b) Frei Caneca	(j) O cacique Raoni	(r) General João Batista Figueiredo
(c) Zumbi dos Palmares	(k) Padre Anchieta	(s) João Goulart
(d) Tiradentes	(l) Princesa Isabel	(t) Marechal Deodoro da Fonseca
(e) Airton Senna	(m) Raposo Tavares	(u) Fernando Henrique Cardoso
(f) Getúlio Vargas	(n) Luis Inácio Lula da Silva	(v) Tom Jobim
(g) Dom Pedro II	(o) Santos Dumont	(w) Dom Pedro I
(h) Pedro Álvares Cabral	(p) Antonio Conselheiro	(x) Marta Suplicy



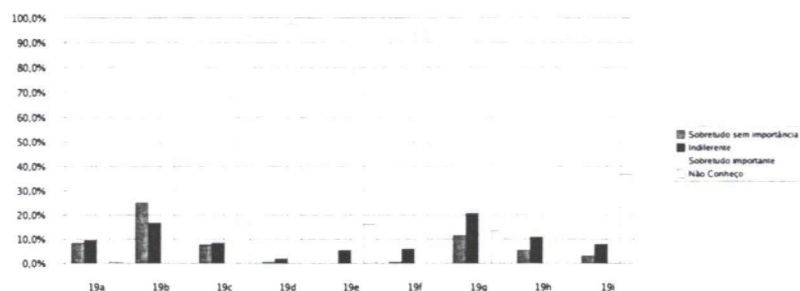
Questão 18		18a	18b	18c	18d	18e	18f	18g	18h	18i	18j	18k	18l
PERCENTUAL GLOBAL	Prejudicou muito	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,6%	2,4%	5,3%	52,1%	0,0%	1,2%	0,6%
	Prejudicou	1,2%	1,8%	1,2%	0,6%	0,0%	19,4%	17,9%	11,2%	34,1%	1,2%	3,6%	0,6%
	Não fez diferença	17,2%	12,6%	8,3%	5,4%	36,1%	7,6%	13,7%	14,7%	4,2%	15,1%	11,2%	23,4%
	Contribuiu	27,0%	31,7%	32,0%	47,0%	34,3%	47,6%	45,2%	33,5%	5,4%	13,3%	55,0%	38,3%
	Contribuiu muito	1,2%	7,2%	39,1%	46,4%	29,6%	24,7%	20,2%	34,7%	4,2%	6,0%	18,9%	33,5%
	Não conheço	53,4%	46,7%	18,9%	0,6%	0,0%	0,0%	0,6%	0,6%	0,0%	64,5%	10,1%	3,6%
	Inválidas	4,9%	2,4%	1,2%	1,8%	1,2%	0,6%	1,8%	0,6%	2,4%	3,0%	1,2%	2,4%
	Média	4,9	4,8	4,6	4,4	3,9	3,8	3,6	3,8	1,8	5,2	4,2	4,1
	Desvio Padrão	1,3	1,2	1,0	0,6	0,8	1,1	1,1	1,2	1,0	1,2	1,0	0,9
	PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA											
Prejudicou muito		0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	0,0%	1,0%	1,0%	2,0%	51,5%	0,0%	1,0%	1,0%
Prejudicou		2,2%	3,1%	2,0%	1,0%	0,0%	10,0%	4,1%	3,0%	28,3%	2,1%	2,0%	1,0%
Não fez diferença		20,4%	13,4%	12,1%	6,1%	30,0%	8,0%	9,2%	10,0%	7,1%	20,6%	14,1%	17,5%
Contribuiu		33,3%	43,3%	19,2%	40,4%	31,0%	47,0%	53,1%	36,0%	7,1%	11,3%	45,5%	30,9%
Contribuiu muito		2,2%	11,3%	38,4%	51,5%	39,0%	34,0%	31,6%	48,0%	6,1%	8,2%	25,3%	46,4%
Não conheço		41,9%	28,9%	27,3%	1,0%	0,0%	0,0%	1,0%	1,0%	0,0%	57,7%	12,1%	3,1%
Inválidas		8,6%	4,1%	2,0%	2,0%	1,0%	1,0%	3,1%	1,0%	2,0%	4,1%	2,0%	4,1%
Média		4,6	4,5	4,7	4,5	4,1	4,0	4,1	4,3	1,9	5,0	4,3	4,3
Desvio Padrão		1,3	1,1	1,1	0,7	0,8	1,0	0,8	0,9	1,2	1,3	1,0	0,9
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA												
	Prejudicou muito	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,3%	10,0%	52,9%	0,0%	1,4%	0,0%
	Prejudicou	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	32,9%	37,1%	22,9%	42,6%	0,0%	5,7%	0,0%
	Não fez diferença	12,9%	11,4%	2,9%	4,3%	44,9%	7,1%	20,0%	21,4%	0,0%	7,2%	7,1%	31,4%
	Contribuiu	18,6%	15,7%	50,0%	56,5%	39,1%	48,6%	34,3%	30,0%	2,9%	15,9%	68,6%	48,6%
	Contribuiu muito	0,0%	1,4%	40,0%	39,1%	15,9%	11,4%	4,3%	15,7%	1,5%	2,9%	10,0%	15,7%
	Não conheço	68,6%	71,4%	7,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	73,9%	7,1%	4,3%
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	1,4%	0,0%	0,0%
	Média	5,2	5,3	4,5	4,3	3,7	3,4	3,0	3,2	1,6	5,4	4,0	3,9
	Desvio Padrão	1,2	1,1	0,7	0,6	0,7	1,1	1,0	1,2	0,8	1,0	0,9	0,8
Diferença de Média	0,6	0,8	0,2	0,1	0,4	0,6	1,2	1,1	0,3	0,4	0,3	0,4	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO												
	Prejudicou muito	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,2%	3,3%	52,2%	0,0%	2,2%	1,1%
	Prejudicou	2,2%	2,2%	2,2%	1,1%	0,0%	20,7%	21,1%	17,4%	37,8%	2,2%	1,1%	0,0%
	Não fez diferença	17,8%	12,2%	4,4%	2,2%	37,0%	10,9%	15,6%	10,9%	2,2%	6,7%	13,2%	16,0%
	Contribuiu	21,1%	25,6%	27,5%	59,3%	37,0%	52,2%	43,3%	38,0%	4,4%	14,4%	56,0%	44,9%
	Contribuiu muito	0,0%	10,0%	38,5%	37,4%	16,1%	16,3%	16,7%	29,3%	3,3%	7,8%	20,9%	32,6%
	Não conheço	58,9%	50,0%	27,5%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	1,1%	0,0%	68,9%	6,6%	3,4%
	Inválidas	2,2%	2,2%	1,1%	1,1%	0,0%	0,0%	2,2%	0,0%	2,2%	2,2%	1,1%	3,4%
	Média	5,0	4,9	4,8	4,3	3,9	3,6	3,5	3,8	1,7	5,3	4,1	4,2
	Desvio Padrão	1,3	1,2	1,0	0,6	0,8	1,0	1,1	1,2	1,0	1,1	0,9	0,8
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO												
	Prejudicou muito	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	1,3%	2,5%	7,6%	50,6%	0,0%	0,0%	0,0%
	Prejudicou	0,0%	2,2%	0,0%	0,0%	0,0%	17,7%	13,9%	3,8%	29,1%	0,0%	7,4%	1,3%
	Não fez diferença	26,7%	21,7%	13,9%	9,0%	34,2%	3,8%	11,4%	19,0%	6,3%	55,9%	10,3%	30,3%
	Contribuiu	55,6%	65,2%	40,3%	32,1%	30,4%	41,8%	46,8%	27,8%	6,3%	26,5%	61,8%	31,6%
	Contribuiu muito	4,4%	6,5%	43,1%	56,4%	32,9%	34,2%	24,1%	40,5%	5,1%	8,8%	19,1%	35,5%
	Não conheço	13,3%	4,3%	1,4%	2,6%	2,5%	1,3%	1,3%	1,3%	2,5%	8,8%	1,5%	1,3%
	Inválidas	13,3%	4,3%	1,4%	2,6%	2,5%	1,3%	1,3%	2,5%	8,8%	1,5%	1,3%	
	Média	4,0	3,9	4,3	4,5	4,0	3,9	3,8	3,9	1,9	3,7	4,0	4,1
	Desvio Padrão	1,2	1,2	0,9	0,7	0,8	1,1	1,1	1,2	1,1	1,3	1,0	0,9
Diferença de Média	0,9	1,0	0,6	0,2	0,1	0,3	0,3	0,2	0,2	1,6	0,2	0,1	



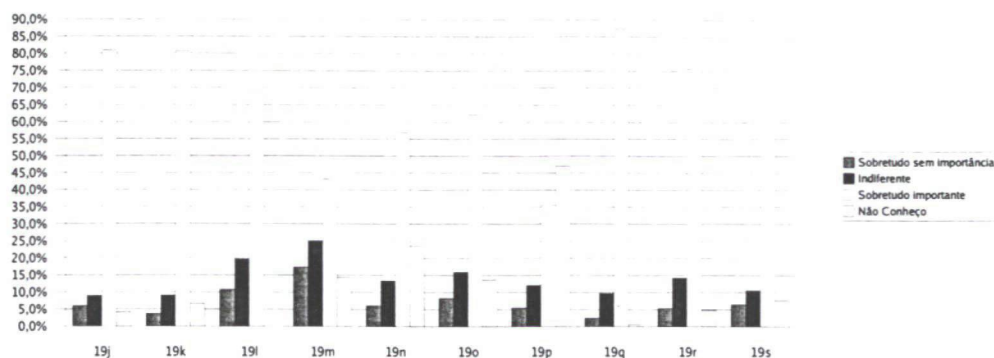
Questão 18		18m	18n	18o	18p	18q	18r	18s	18t	18u	18v	18w	18x		
PERCENTUAL GLOBAL	Prejudicou muito	1,2%	8,8%	0,6%	1,2%	1,8%	3,1%	2,4%	2,4%	10,0%	0,0%	5,6%	4,2%		
	Prejudicou	1,8%	6,5%	0,0%	0,6%	7,9%	4,9%	7,2%	5,4%	27,1%	0,6%	16,7%	12,6%		
	Não fez diferença	17,0%	54,7%	7,6%	16,2%	23,8%	15,4%	23,5%	15,6%	24,1%	31,7%	16,0%	59,3%		
	Contribuiu	12,7%	19,4%	40,6%	40,1%	35,4%	13,6%	39,8%	44,9%	35,9%	46,1%	45,1%	16,8%		
	Contribuiu muito	3,0%	10,6%	48,8%	16,2%	7,9%	5,6%	5,4%	12,0%	2,4%	19,8%	13,0%	2,4%		
	Não conheço	64,2%	0,0%	2,4%	25,7%	23,2%	57,4%	21,7%	19,8%	0,6%	1,8%	3,7%	4,8%		
	Inválidas	3,6%	0,6%	0,6%	2,4%	4,3%	5,6%	3,0%	2,4%	0,6%	2,4%	5,6%	2,4%		
Média	5,1	3,2	4,4	4,5	4,1	4,9	4,0	4,2	3,0	3,9	3,5	3,1			
Desvio Padrão	1,3	1,0	0,7	1,1	1,3	1,5	1,3	1,2	1,1	0,8	1,2	1,0			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Prejudicou muito	1,0%	9,0%	1,0%	2,1%	2,1%	3,2%	3,1%	4,0%	14,0%	0,0%	3,2%	5,1%
			Prejudicou	0,0%	6,0%	0,0%	1,0%	3,2%	2,2%	1,0%	2,0%	19,0%	1,0%	5,3%	12,2%
			Não fez diferença	18,6%	61,0%	4,0%	19,6%	23,2%	17,2%	19,8%	8,1%	27,0%	36,1%	16,0%	60,2%
			Contribuiu	19,6%	18,0%	34,0%	33,0%	42,1%	20,4%	45,8%	58,6%	35,0%	43,3%	48,9%	14,3%
			Contribuiu muito	4,1%	6,0%	58,0%	18,6%	12,6%	8,6%	8,3%	19,2%	4,0%	17,5%	20,2%	2,0%
			Não conheço	56,7%	0,0%	3,0%	25,8%	16,8%	48,4%	21,9%	8,1%	1,0%	2,1%	6,4%	6,1%
			Inválidas	4,1%	1,0%	1,0%	4,1%	6,3%	8,6%	5,2%	2,0%	1,0%	4,1%	7,4%	3,1%
		Média	5,0	3,1	4,6	4,4	4,1	4,7	4,2	4,1	3,0	3,8	4,0	3,1	
		Desvio Padrão	1,3	0,9	0,7	1,2	1,2	1,4	1,2	1,0	1,2	0,8	1,1	1,0	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA		Prejudicou muito	1,5%	8,6%	0,0%	0,0%	1,4%	2,9%	1,4%	0,0%	4,3%	0,0%	8,8%	2,9%
			Prejudicou	4,4%	7,1%	0,0%	0,0%	14,5%	8,7%	15,7%	10,3%	38,6%	0,0%	32,4%	13,0%
			Não fez diferença	14,7%	45,7%	12,9%	11,4%	24,6%	13,0%	28,6%	26,5%	20,0%	25,7%	16,2%	58,0%
			Contribuiu	2,9%	21,4%	50,0%	50,0%	26,1%	4,3%	31,4%	25,0%	37,1%	50,0%	39,7%	20,3%
			Contribuiu muito	1,5%	17,1%	35,7%	12,9%	1,4%	1,4%	1,4%	1,5%	0,0%	22,9%	2,9%	2,9%
			Não conheço	75,0%	0,0%	1,4%	25,7%	31,9%	69,6%	21,4%	36,8%	0,0%	1,4%	0,0%	2,9%
			Inválidas	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	2,9%	1,4%
		Média	5,2	3,3	4,3	4,5	4,1	5,0	3,8	4,3	2,9	4,0	3,0	3,2	
		Desvio Padrão	1,4	1,1	0,7	1,0	1,5	1,6	1,4	1,5	1,0	0,7	1,1	0,9	
Diferença de Média			0,3	0,3	0,3	0,1	0,0	0,3	0,4	0,2	0,1	0,2	1,0	0,0	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Prejudicou muito	1,1%	11,0%	1,1%	1,1%	1,2%	1,2%	2,3%	1,1%	9,9%	0,0%	7,0%	5,6%
			Prejudicou	2,2%	8,8%	0,0%	0,0%	10,5%	7,1%	10,2%	6,7%	24,2%	1,1%	16,3%	10,0%
			Não fez diferença	12,4%	51,6%	6,5%	19,1%	23,3%	15,3%	22,7%	10,0%	24,2%	26,7%	17,4%	58,9%
			Contribuiu	11,2%	19,8%	41,3%	41,6%	33,7%	14,1%	39,8%	55,6%	40,7%	42,2%	45,3%	20,0%
			Contribuiu muito	3,4%	8,8%	48,9%	11,2%	8,1%	4,7%	5,7%	7,8%	0,0%	27,8%	10,5%	3,3%
			Não conheço	69,7%	0,0%	2,2%	27,0%	23,3%	57,6%	19,3%	18,9%	1,1%	2,2%	3,5%	2,2%
			Inválidas	3,4%	1,1%	0,0%	3,4%	7,0%	8,2%	4,5%	2,2%	1,1%	2,2%	7,0%	2,2%
		Média	5,2	3,1	4,4	4,4	4,1	4,9	3,9	4,2	3,0	4,0	3,5	3,1	
		Desvio Padrão	1,3	1,0	0,7	1,1	1,3	1,5	1,3	1,1	1,1	0,8	1,2	0,9	
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO		Prejudicou muito	2,9%	6,3%	0,0%	1,7%	3,3%	11,4%	3,3%	4,8%	10,1%	0,0%	3,9%	2,7%
			Prejudicou	2,9%	3,8%	0,0%	1,7%	6,6%	5,7%	5,0%	4,8%	30,4%	0,0%	17,1%	16,4%
			Não fez diferença	48,6%	58,2%	9,1%	16,7%	31,1%	34,3%	31,7%	27,0%	24,1%	37,2%	14,5%	63,0%
			Contribuiu	31,4%	19,0%	40,3%	50,0%	47,5%	28,6%	51,7%	39,7%	30,4%	50,0%	44,7%	13,7%
			Contribuiu muito	5,7%	12,7%	49,4%	28,3%	9,8%	14,3%	6,7%	20,6%	5,1%	10,3%	15,8%	1,4%
			Não conheço	8,6%	0,0%	1,3%	1,7%	1,6%	5,7%	1,7%	3,2%	0,0%	2,6%	3,9%	2,7%
			Inválidas	8,6%	0,0%	1,3%	1,7%	1,6%	5,7%	1,7%	3,2%	0,0%	2,6%	3,9%	2,7%
		Média	3,6	3,3	4,4	4,1	3,6	3,5	3,6	3,8	2,9	3,8	3,6	3,0	
		Desvio Padrão	1,4	1,0	0,7	1,1	1,3	1,5	1,3	1,3	1,1	0,7	1,2	1,1	
Diferença de Média			1,6	0,2	0,0	0,4	0,5	1,4	0,4	0,4	0,1	0,3	0,2	0,1	

Questão 19 – Que acontecimentos conhecem e acham importantes

- | | |
|--|---|
| (a) A chegada de Pedro Álvares Cabral | (j) O Impeachment do presidente Collor |
| (b) Os campeonatos mundiais de futebol que o Brasil ganhou | (k) A Inconfidência Mineira |
| (c) O golpe de Estado de 1964 | (l) O Plano Real (FHC) |
| (d) O estabelecimento do voto feminino | (m) A Guerra do Paraguai |
| (e) A Revolução de 1930 | (n) O Movimento modernista de 1922 |
| (f) A abolição da escravidão | (o) O Quilombo de Palmares |
| (g) A expulsão dos holandeses do Pernambuco | (p) A Revolta do Contestado |
| (h) A Proclamação da Independência | (q) A Proclamação da República |
| (i) A Anistia e a Redemocratização (anos 80) | (r) A Guerra de Canudos |
| | (s) A chegada dos imigrantes nos séculos XIX e XX |



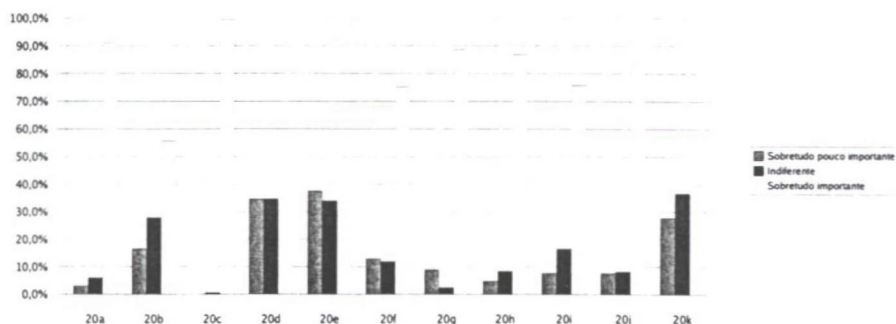
Questão 19		19a	19b	19c	19d	19e	19f	19g	19h	19i			
PERCENTUAL GLOBAL	Sem nenhuma importância	2,4%	8,9%	2,4%	0,0%	0,0%	0,0%	2,4%	1,2%	0,6%			
	Pouco importante	5,9%	16,1%	5,3%	0,6%	0,0%	0,6%	9,1%	4,2%	2,4%			
	Foi indiferente	9,5%	16,7%	8,3%	1,8%	5,4%	6,0%	20,6%	10,7%	7,8%			
	Importante	41,4%	38,7%	43,2%	23,7%	42,3%	22,6%	38,8%	29,2%	30,1%			
	Muito importante	40,2%	19,6%	24,3%	74,0%	36,3%	70,8%	15,8%	54,8%	22,3%			
	Não conheço	0,6%	0,0%	16,6%	0,0%	16,1%	0,0%	13,3%	0,0%	36,7%			
	Inválidas	1,2%	1,8%	1,2%	1,2%	1,8%	1,8%	3,6%	1,8%	3,0%			
	Média	4,1	3,4	4,3	4,7	4,6	4,6	4,0	4,3	4,8			
	Desvio Padrão	1,0	1,2	1,2	0,5	0,8	0,6	1,2	0,9	1,1			
	PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Sem nenhuma importância	2,0%	11,1%	2,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,2%	1,0%	1,0%
		Pouco importante	1,0%	14,1%	6,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,3%	1,0%	2,1%		
		Foi indiferente	8,1%	20,2%	12,0%	2,0%	6,1%	3,1%	21,9%	4,1%	9,3%		
		Importante	36,4%	32,3%	38,0%	22,2%	36,7%	17,3%	27,1%	23,5%	28,9%		
		Muito importante	51,5%	22,2%	22,0%	75,8%	43,9%	79,6%	18,8%	70,4%	24,7%		
		Não conheço	1,0%	0,0%	20,0%	0,0%	13,3%	0,0%	21,9%	0,0%	34,0%		
		Inválidas	2,0%	2,0%	1,0%	2,0%	3,1%	5,2%	3,1%	4,1%			
		Média	4,4	3,4	4,3	4,7	4,6	4,8	4,2	4,6	4,8		
		Desvio Padrão	0,9	1,3	1,2	0,5	0,8	0,5	1,4	0,7	1,1		
		ESCOLA PRIVADA		Sem nenhuma importância	2,9%	5,8%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%
				Pouco importante	12,9%	18,8%	4,3%	1,4%	0,0%	1,4%	13,0%	8,6%	2,9%
				Foi indiferente	11,4%	11,6%	2,9%	1,4%	4,3%	10,0%	18,8%	20,0%	5,8%
				Importante	48,6%	47,8%	50,7%	25,7%	50,0%	30,0%	55,1%	37,1%	31,9%
				Muito importante	24,3%	15,9%	27,5%	71,4%	25,7%	58,6%	11,6%	32,9%	18,8%
				Não conheço	0,0%	0,0%	11,6%	0,0%	20,0%	0,0%	1,4%	0,0%	40,6%
				Inválidas	0,0%	1,4%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	1,4%
				Média	3,8	3,5	4,3	4,7	4,6	4,5	3,7	3,9	4,9
				Desvio Padrão	1,0	1,1	1,1	0,6	0,9	0,7	0,9	1,0	1,1
				Diferença de Média	0,6	0,1	0,0	0,1	0,0	0,3	0,5	0,7	0,1
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Sem nenhuma importância	2,2%	10,9%	2,2%	0,0%	0,0%	0,0%	2,2%	1,1%	1,1%	
			Pouco importante	5,4%	19,6%	6,5%	0,0%	0,0%	0,0%	9,0%	1,1%	1,1%	
			Foi indiferente	6,5%	15,2%	7,6%	0,0%	5,6%	6,6%	21,3%	13,2%	7,8%	
			Importante	47,8%	33,7%	47,8%	19,8%	46,7%	22,0%	41,6%	31,9%	28,9%	
			Muito importante	37,0%	20,7%	21,7%	80,2%	35,6%	71,4%	12,4%	52,7%	22,2%	
			Não conheço	1,1%	0,0%	14,1%	0,0%	12,2%	0,0%	13,5%	0,0%	38,9%	
			Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	2,2%	1,1%	3,4%	1,1%	2,2%	
			Média	4,2	3,3	4,2	4,8	4,5	4,6	3,9	4,3	4,9	
			Desvio Padrão	0,9	1,3	1,1	0,4	0,8	0,6	1,2	0,8	1,1	
			MASCULINO		Sem nenhuma importância	2,5%	6,3%	3,1%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	1,3%
				Pouco importante	6,3%	11,4%	4,7%	1,3%	0,0%	1,3%	10,1%	7,6%	5,7%
				Foi indiferente	12,7%	17,7%	10,9%	3,8%	6,3%	5,1%	21,7%	7,6%	11,3%
				Importante	32,9%	43,0%	45,3%	27,8%	46,0%	22,8%	39,1%	25,3%	45,3%
				Muito importante	43,0%	17,7%	32,8%	65,8%	46,0%	68,4%	21,7%	55,7%	32,1%
				Não conheço	2,5%	3,8%	3,1%	1,3%	1,6%	2,5%	4,3%	2,5%	5,7%
				Inválidas	2,5%	3,8%	3,1%	1,3%	1,6%	2,5%	4,3%	2,5%	5,7%
				Média	4,2	3,7	4,1	4,6	4,4	4,7	3,8	4,3	4,2
				Desvio Padrão	1,0	1,1	1,2	0,6	0,8	0,6	1,2	1,0	1,1
				Diferença de Média	0,0	0,3	0,1	0,2	0,1	0,0	0,1	0,0	0,7



Questão 19		19j	19k	19l	19m	19n	19o	19p	19q	19r	19s	
PERCENTUAL GLOBAL	Sem nenhuma importância	2,4%	0,0%	1,8%	4,8%	1,8%	2,4%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Pouco importante	3,6%	3,6%	9,0%	12,6%	4,2%	5,9%	4,8%	2,4%	5,3%	6,5%	
	Foi indiferente	8,9%	9,0%	19,8%	25,1%	13,3%	16,0%	12,0%	9,7%	14,2%	10,6%	
	Importante	24,4%	44,0%	48,5%	34,7%	37,6%	29,6%	30,1%	36,4%	41,4%	46,5%	
	Muito importante	56,5%	36,7%	21,0%	8,4%	19,4%	32,5%	5,4%	50,9%	34,3%	28,8%	
	Não conheço	4,2%	6,6%	0,0%	14,4%	23,6%	13,6%	47,0%	0,6%	4,7%	7,6%	
	Inválidas	1,8%	3,0%	2,4%	2,4%	3,6%	1,2%	3,0%	3,6%	1,2%	0,6%	
	Média	4,4	4,3	3,8	3,7	4,4	4,2	4,8	4,4	4,2	4,2	
	Desvio Padrão	1,0	0,9	0,9	1,3	1,2	1,2	1,3	0,8	0,9	1,0	
	PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA										
Sem nenhuma importância		3,1%	0,0%	3,1%	3,1%	3,1%	3,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Pouco importante		3,1%	4,2%	8,2%	10,2%	6,2%	7,1%	7,3%	1,0%	5,1%	6,0%	
Foi indiferente		11,2%	8,3%	19,6%	23,5%	14,4%	15,2%	15,6%	5,2%	13,1%	14,0%	
Importante		19,4%	38,5%	46,4%	35,7%	35,1%	25,3%	38,5%	30,2%	39,4%	40,0%	
Muito importante		57,1%	37,5%	22,7%	14,3%	15,5%	30,3%	7,3%	62,5%	38,4%	27,0%	
Não conheço		6,1%	11,5%	0,0%	13,3%	25,8%	19,2%	30,2%	1,0%	4,0%	13,0%	
Inválidas		3,1%	5,2%	4,1%	3,1%	4,1%	2,0%	5,2%	5,2%	2,0%	1,0%	
Média		4,4	4,4	3,8	3,9	4,3	4,3	4,3	4,6	4,2	4,3	
Desvio Padrão		1,1	0,9	1,0	1,3	1,3	1,3	1,3	0,7	0,9	1,1	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA											
	Sem nenhuma importância	1,4%	0,0%	0,0%	7,2%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Pouco importante	4,3%	2,9%	10,0%	15,9%	1,5%	4,3%	1,4%	4,3%	5,7%	7,1%	
	Foi indiferente	5,7%	10,0%	20,0%	27,5%	11,8%	17,1%	7,1%	15,9%	15,7%	5,7%	
	Importante	31,4%	51,4%	51,4%	33,3%	41,2%	35,7%	18,6%	44,9%	44,3%	55,7%	
	Muito importante	55,7%	35,7%	18,6%	0,0%	25,0%	35,7%	2,9%	34,8%	28,6%	31,4%	
	Não conheço	1,4%	0,0%	0,0%	15,9%	20,6%	5,7%	70,0%	0,0%	5,7%	0,0%	
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	2,9%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	
	Média	4,4	4,2	3,8	3,5	4,5	4,2	5,3	4,1	4,1	4,1	
	Desvio Padrão	0,9	0,7	0,9	1,4	1,0	1,0	1,1	0,8	0,9	0,8	
Diferença de Média	0,0	0,2	0,0	0,4	0,2	0,1	1,0	0,5	0,1	0,2		
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO											
	Sem nenhuma importância	2,2%	0,0%	1,1%	3,3%	2,2%	3,3%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Pouco importante	3,3%	3,3%	7,8%	11,1%	1,1%	6,5%	6,7%	4,5%	4,4%	7,6%	
	Foi indiferente	12,1%	8,9%	18,9%	25,6%	12,4%	12,0%	12,2%	6,8%	14,3%	10,9%	
	Importante	27,5%	46,7%	52,2%	40,0%	44,9%	29,3%	28,9%	44,3%	48,4%	51,1%	
	Muito importante	50,5%	34,4%	20,0%	3,3%	19,1%	31,5%	3,3%	43,2%	31,9%	25,0%	
	Não conheço	4,4%	6,7%	0,0%	16,7%	20,2%	17,4%	47,8%	1,1%	1,1%	5,4%	
	Inválidas	1,1%	2,2%	2,2%	2,2%	3,4%	0,0%	2,2%	4,5%	1,1%	0,0%	
	Média	4,3	4,3	3,8	3,8	4,4	4,3	4,7	4,3	4,1	4,1	
	Desvio Padrão	1,0	0,9	0,9	1,3	1,1	1,3	1,4	0,8	0,8	0,9	
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO											
	Sem nenhuma importância	2,6%	0,0%	2,5%	7,1%	1,7%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Pouco importante	3,9%	4,1%	10,1%	15,7%	10,3%	5,6%	4,5%	0,0%	6,9%	5,6%	
	Foi indiferente	5,3%	9,5%	20,3%	27,1%	19,0%	22,2%	20,5%	12,7%	15,3%	11,3%	
	Importante	21,1%	41,9%	43,0%	31,4%	37,9%	31,9%	54,5%	26,6%	36,1%	45,1%	
	Muito importante	64,5%	40,5%	21,5%	15,7%	25,9%	36,1%	13,6%	58,2%	40,3%	36,6%	
	Não conheço	2,6%	4,1%	2,5%	2,9%	5,2%	2,8%	6,8%	2,5%	1,4%	1,4%	
	Inválidas	2,6%	4,1%	2,5%	2,9%	5,2%	2,8%	6,8%	2,5%	1,4%	1,4%	
	Média	4,5	4,3	3,8	3,4	3,9	4,0	4,0	4,5	4,1	4,2	
	Desvio Padrão	1,0	0,9	1,0	1,4	1,3	1,1	1,2	0,7	1,0	1,0	
Diferença de Média	0,1	0,0	0,0	0,4	0,5	0,3	0,7	0,2	0,0	0,1		

Questão 20 – Principais problemas brasileiros

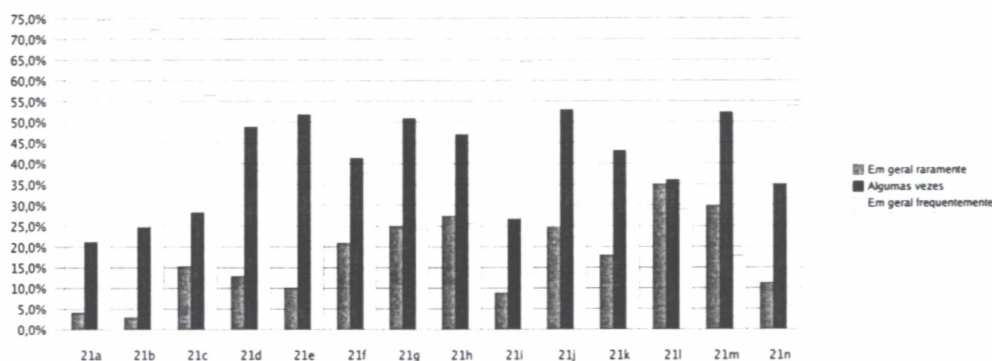
- | | |
|---|--|
| (a) Reforma agrária e êxodo rural | (g) Corrupção entre os governantes |
| (b) Diferenças regionais acentuadas | (h) Preconceitos raciais e sexuais |
| (c) Educação e saúde | (i) Pequena participação das pessoas em organizações populares (sindicatos, associações, movimentos, etc.) |
| (d) Território muito extenso | (j) Informações manipuladas pela mídia |
| (e) Muitos partidos políticos | (k) Excesso de eleições |
| (f) Poucas exportações e protecionismo dos países ricos | |



Questão 20		20a	20b	20c	20d	20e	20f	20g	20h	20i	20j	20k		
PERCENTUAL GLOBAL	Nenhuma importância	0,6%	6,5%	0,0%	15,0%	15,5%	4,1%	7,1%	2,4%	3,6%	4,1%	15,4%		
	Pouco importante	2,4%	10,1%	0,0%	19,8%	22,0%	8,9%	1,8%	2,4%	4,1%	3,6%	12,4%		
	Indiferente	6,0%	27,8%	0,6%	34,7%	33,9%	11,8%	2,4%	8,3%	16,6%	8,3%	36,7%		
	Importante	56,5%	45,0%	18,1%	23,4%	19,6%	45,6%	20,2%	32,7%	39,1%	37,9%	20,7%		
	Muito importante	34,5%	10,7%	81,3%	7,2%	8,9%	29,6%	68,5%	54,2%	36,7%	46,2%	14,8%		
	Inválidas	1,8%	1,2%	3,0%	2,4%	1,8%	1,2%	1,8%	1,8%	1,2%	1,2%	1,2%		
	Média	4,2	3,4	4,8	2,9	2,8	3,9	4,4	4,3	4,0	4,2	3,1		
Desvio Padrão	0,7	1,0	0,4	1,1	1,2	1,1	1,1	0,9	1,0	1,0	1,2			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Nenhuma importância	1,0%	7,1%	0,0%	12,4%	20,2%	7,1%	12,2%	4,1%	5,1%	6,1%	16,2%
	ESCOLA PRIVADA		Pouco importante	4,1%	7,1%	0,0%	15,5%	20,2%	13,1%	3,1%	2,0%	6,1%	5,1%	8,1%
	ESCOLA PÚBLICA		Indiferente	7,1%	25,3%	1,0%	28,9%	33,3%	15,2%	4,1%	7,1%	17,2%	13,1%	24,2%
	ESCOLA PRIVADA		Importante	59,2%	50,5%	16,5%	33,0%	15,2%	37,4%	19,4%	29,6%	34,3%	35,4%	28,3%
	ESCOLA PÚBLICA		Muito importante	28,6%	10,1%	82,5%	10,3%	11,1%	27,3%	61,2%	57,1%	37,4%	40,4%	23,2%
	ESCOLA PRIVADA		Inválidas	3,1%	2,0%	4,1%	4,1%	2,0%	3,1%	3,1%	2,0%	2,0%	2,0%	
	ESCOLA PÚBLICA		Média	4,1	3,5	4,8	3,1	2,8	3,6	4,1	4,3	3,9	4,0	3,3
ESCOLA PRIVADA		Desvio Padrão	0,8	1,0	0,4	1,2	1,3	1,2	1,4	1,0	1,1	1,1	1,4	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Nenhuma importância	0,0%	5,4%	0,0%	11,1%	13,3%	4,3%	10,9%	4,3%	4,3%	5,4%	15,4%
	MASCULINO		Pouco importante	3,3%	9,8%	0,0%	21,1%	22,2%	10,9%	2,2%	2,2%	4,3%	4,3%	12,1%
	FEMININO		Indiferente	5,4%	23,9%	1,1%	36,7%	38,9%	13,0%	1,1%	5,4%	15,2%	8,7%	40,7%
	MASCULINO		Importante	63,0%	47,8%	12,5%	25,6%	18,9%	44,6%	16,3%	32,6%	44,6%	33,7%	18,7%
	FEMININO		Muito importante	28,3%	13,0%	86,4%	5,6%	6,7%	27,2%	69,6%	55,4%	31,5%	47,8%	13,2%
	MASCULINO		Inválidas	0,0%	0,0%	4,5%	2,2%	2,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
	FEMININO		Média	4,2	3,5	4,9	2,9	2,8	3,8	4,3	4,3	3,9	4,1	3,0
MASCULINO		Desvio Padrão	0,7	1,0	0,4	1,1	1,1	1,1	1,3	1,0	1,0	1,1	1,2	
DIFERENÇA DE MÉDIA	FEMININO		Nenhuma importância	1,3%	7,8%	0,0%	19,5%	17,9%	3,9%	2,6%	0,0%	2,6%	2,6%	15,4%
	MASCULINO		Pouco importante	1,3%	10,4%	0,0%	18,2%	21,8%	6,5%	1,3%	2,6%	3,9%	2,6%	12,8%
	FEMININO		Indiferente	6,6%	32,5%	0,0%	32,5%	28,2%	10,4%	3,9%	11,8%	18,2%	7,8%	32,1%
	MASCULINO		Importante	48,7%	41,6%	24,4%	20,8%	20,5%	46,8%	25,0%	32,9%	32,5%	42,9%	23,1%
	FEMININO		Muito importante	42,1%	7,8%	75,6%	9,1%	11,5%	32,5%	67,1%	52,6%	42,9%	44,2%	16,7%
	MASCULINO		Inválidas	3,9%	2,6%	1,3%	2,6%	1,3%	2,6%	3,9%	3,9%	2,6%	2,6%	1,3%
	FEMININO		Média	4,3	3,3	4,8	2,8	2,9	4,0	4,5	4,4	4,1	4,2	3,1
MASCULINO		Desvio Padrão	0,8	1,0	0,4	1,2	1,3	1,0	0,9	0,8	1,0	0,9	1,3	
DIFERENÇA DE MÉDIA			0,1	0,2	0,1	0,1	0,0	0,2	0,2	0,0	0,1	0,1	0,1	

Questão 21 – Que caráter tem o brasileiro

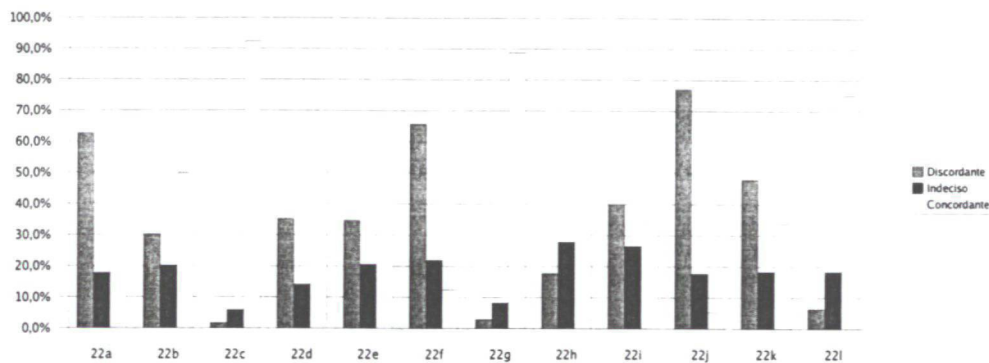
- | | |
|--------------------|---------------|
| (a) Trabalhador | (h) Egoísta |
| (b) Alegre | (i) Religioso |
| (c) Conformado | (j) Honesto |
| (d) Racista | (k) Alienado |
| (e) Indisciplinado | (l) Patriota |
| (f) Solidário | (m) Estudioso |
| (g) Preguiçoso | (n) Emotivo |



Questão 21		21a	21b	21c	21d	21e	21f	21g	21h	21i	21j	21k	21l	21m	21n			
PERCENTUAL GLOBAL	Muito raramente	1,2%	0,0%	2,4%	4,1%	0,6%	4,2%	5,3%	4,2%	0,0%	2,9%	4,2%	11,2%	7,1%	1,8%			
	Raramente	2,9%	2,9%	12,9%	8,8%	9,5%	16,8%	19,5%	23,2%	8,9%	21,8%	13,8%	23,7%	22,6%	9,5%			
	Algumas vezes	21,2%	24,7%	28,2%	48,8%	51,8%	41,3%	50,9%	47,0%	26,6%	52,9%	43,1%	36,1%	52,4%	34,9%			
	Frequentemente	47,6%	43,5%	32,9%	30,6%	30,4%	26,9%	16,6%	17,9%	37,3%	17,6%	26,3%	15,4%	14,9%	32,0%			
	Sempre	27,1%	28,8%	23,5%	7,6%	7,7%	10,8%	7,7%	7,7%	7,7%	27,2%	4,7%	12,6%	13,6%	3,0%	21,9%		
	Inválidas	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	1,8%	2,4%	1,8%	1,2%	1,8%	1,2%	0,6%	2,4%	1,2%	1,8%	1,2%		
	Média	4,0	4,0	3,6	3,3	3,4	3,2	3,0	3,0	3,8	3,0	3,3	3,0	2,8	3,6			
Desvio Padrão	0,8	0,8	1,1	0,9	0,8	1,0	0,9	0,9	0,9	0,8	1,0	1,2	0,9	1,0				
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito raramente	2,0%	0,0%	4,0%	5,0%	0,0%	4,1%	3,0%	4,1%	0,0%	1,0%	5,2%	10,1%	8,2%	2,0%	
			Raramente	3,0%	5,0%	15,0%	11,0%	9,2%	16,5%	18,2%	19,4%	11,1%	25,0%	16,5%	20,2%	21,4%	11,1%	
			Algumas vezes	19,0%	28,0%	29,0%	44,0%	45,9%	36,1%	51,5%	48,0%	27,3%	46,0%	50,5%	35,4%	48,0%	29,3%	
			Frequentemente	41,0%	35,0%	24,0%	31,0%	36,7%	30,9%	18,2%	19,4%	31,3%	21,0%	18,6%	17,2%	18,4%	28,3%	
			Sempre	35,0%	32,0%	28,0%	9,0%	8,2%	12,4%	9,1%	9,2%	30,3%	7,0%	9,3%	17,2%	4,1%	29,3%	
			Inválidas	1,0%	1,0%	1,0%	1,0%	3,1%	4,1%	2,0%	3,1%	2,0%	1,0%	4,1%	2,0%	3,1%	2,0%	
			Média	4,0	3,9	3,6	3,3	3,4	3,3	3,1	3,1	3,8	3,1	3,1	3,1	2,9	3,7	
		Desvio Padrão	0,9	0,9	1,2	1,0	0,8	1,0	0,9	1,0	0,9	1,0	0,9	1,0	1,1	0,9		
		ESCOLA PRIVADA		Muito raramente	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	1,4%	4,3%	8,6%	4,3%	0,0%	5,7%	2,9%	12,9%	5,7%	1,4%
				Raramente	2,9%	0,0%	10,0%	5,7%	10,0%	17,1%	21,4%	28,6%	5,7%	17,1%	10,0%	28,6%	24,3%	7,1%
				Algumas vezes	24,3%	20,0%	27,1%	55,7%	60,0%	48,6%	50,0%	45,7%	25,7%	62,9%	32,9%	37,1%	58,6%	42,9%
				Frequentemente	57,1%	55,7%	45,7%	30,0%	21,4%	21,4%	14,3%	15,7%	45,7%	12,9%	37,1%	12,9%	10,0%	37,1%
				Sempre	15,7%	24,3%	17,1%	5,7%	7,1%	8,6%	5,7%	5,7%	22,9%	1,4%	17,1%	8,6%	1,4%	11,4%
				Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
				Média	3,9	4,0	3,7	3,3	3,2	3,1	2,9	2,9	3,9	2,9	3,6	2,8	2,8	3,5
				Desvio Padrão	0,7	0,7	0,9	0,8	0,8	0,9	1,0	0,9	0,8	0,8	1,0	1,1	0,8	0,8
				Diferença de Média		0,2	0,1	0,1	0,0	0,2	0,2	0,2	0,0	0,2	0,5	0,4	0,1	0,2
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito raramente	1,1%	0,0%	2,2%	3,3%	1,1%	4,4%	4,4%	4,4%	0,0%	1,1%	4,4%	10,0%	2,2%	1,1%	
			Raramente	4,4%	3,3%	12,1%	12,1%	11,1%	13,3%	22,2%	19,8%	10,0%	23,1%	12,2%	22,2%	25,8%	12,1%	
			Algumas vezes	18,7%	27,5%	28,6%	41,8%	51,1%	44,4%	53,3%	46,2%	28,9%	52,7%	41,1%	43,3%	53,9%	34,1%	
			Frequentemente	48,4%	39,6%	35,2%	34,1%	30,0%	27,8%	11,1%	20,9%	35,6%	19,8%	27,8%	11,1%	15,7%	27,5%	
			Sempre	27,5%	29,7%	22,0%	8,8%	6,7%	10,0%	8,9%	8,8%	25,6%	3,3%	14,4%	13,3%	2,2%	25,3%	
			Inválidas	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	2,2%	2,2%	2,2%	1,1%	2,2%	1,1%	2,2%	2,2%	3,4%	1,1%	
			Média	4,0	4,0	3,6	3,3	3,3	3,3	3,0	3,1	3,8	3,0	3,4	3,0	2,9	3,6	
		Desvio Padrão	0,9	0,8	1,0	0,9	0,8	1,0	0,9	1,0	0,9	0,8	1,0	1,1	0,8	1,0		
		MASCULINO		Muito raramente	1,3%	0,0%	2,5%	5,1%	0,0%	3,9%	6,3%	3,9%	0,0%	5,1%	3,9%	12,7%	12,7%	2,6%
				Raramente	1,3%	2,5%	13,9%	5,1%	7,7%	20,8%	16,5%	27,3%	7,6%	20,3%	15,6%	25,3%	19,0%	6,4%
				Algumas vezes	24,1%	21,5%	27,8%	57,0%	52,6%	37,7%	48,1%	48,1%	24,1%	53,2%	45,5%	27,8%	50,6%	35,9%
				Frequentemente	46,8%	48,1%	30,4%	26,6%	30,8%	26,0%	22,8%	14,3%	39,2%	15,2%	24,7%	20,3%	13,9%	37,2%
				Sempre	26,6%	27,8%	25,3%	6,3%	9,0%	11,7%	6,3%	6,5%	29,1%	6,3%	10,4%	13,9%	3,8%	17,9%
				Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	2,6%	0,0%	2,6%	0,0%	2,6%	0,0%	0,0%	1,3%	
				Média	4,0	4,0	3,6	3,2	3,4	3,2	3,1	2,9	3,9	3,0	3,2	3,0	2,8	3,6
				Desvio Padrão	0,8	0,8	1,1	0,9	0,8	1,0	1,0	0,9	0,9	0,9	1,0	1,2	1,0	0,9
				Diferença de Média		0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,2	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1

Questão 22 – Como resolver os problemas brasileiros

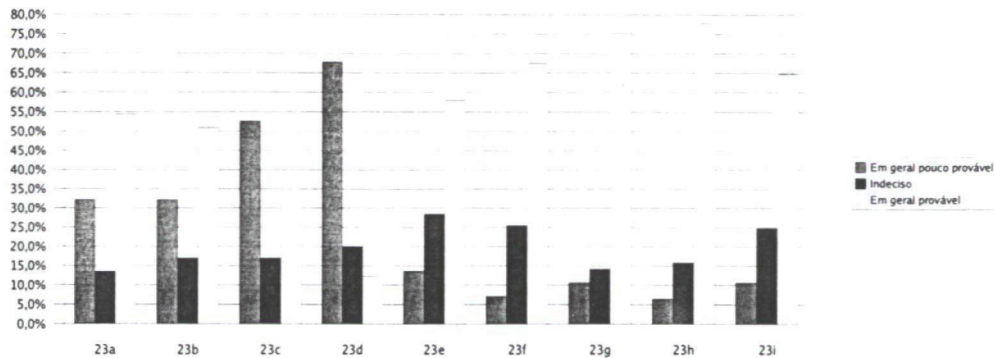
- | | |
|---|---|
| (a) Participar de um partido político | (g) Se informar, ler mais, trocar idéias com a família e amigos |
| (b) Participar de uma ONG ou de uma associação | (h) Confiar mais no povo |
| (c) Escolher bem os candidatos na hora das eleições | (i) Não pagar a dívida externa e aplicar este dinheiro aqui mesmo |
| (d) Fazer greves e manifestações de rua | (j) Negociar com as agências internacionais para obter mais empréstimos |
| (e) Trabalhar mais para fazer a economia crescer | (k) Incentivar as multinacionais a se instalarem no Brasil para tentar aumentar os empregos |
| (f) Confiar mais nos governantes | (l) Ter políticas para inserir pessoas que sofrem com preconceitos. |



Questão 22		22a	22b	22c	22d	22e	22f	22g	22h	22i	22j	22k	22l
PERCENTUAL GLOBAL	Não concordo de maneira nenhuma	11,8%	3,6%	0,6%	7,1%	2,9%	23,1%	0,0%	2,4%	12,9%	25,9%	17,8%	2,4%
	Não concordo	50,9%	26,6%	1,2%	28,2%	31,8%	42,6%	2,9%	15,4%	51,2%	30,2%	4,1%	
	Indeciso	17,8%	20,1%	5,9%	14,1%	20,6%	21,9%	8,2%	27,8%	26,5%	17,6%	18,3%	18,3%
	Concordo	18,9%	46,2%	34,1%	37,6%	31,2%	10,7%	30,6%	34,3%	20,6%	4,7%	20,7%	50,3%
	Concordo plenamente	0,6%	3,6%	58,2%	12,9%	13,5%	1,8%	58,2%	20,1%	12,9%	0,6%	13,0%	24,9%
	Inválidas	1,2%	1,2%	0,6%	0,6%	0,6%	1,2%	0,6%	1,2%	0,6%	0,6%	1,2%	1,2%
Média	2,5	3,2	4,5	3,2	3,2	2,3	4,4	3,5	2,9	2,0	2,8	3,9	
Desvio Padrão	1,0	1,0	0,7	1,2	1,1	1,0	0,8	1,1	1,2	0,8	1,3	0,9	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA												
	Não concordo de maneira nenhuma	19,2%	6,1%	0,0%	8,0%	3,0%	27,3%	0,0%	4,0%	16,0%	29,0%	13,1%	3,0%
	Não concordo	42,4%	31,3%	0,0%	28,0%	28,0%	35,4%	5,0%	17,2%	24,0%	45,0%	17,2%	5,1%
	Indeciso	19,2%	19,2%	7,0%	14,0%	18,0%	22,2%	10,0%	20,2%	26,0%	20,0%	17,2%	20,2%
	Concordo	18,2%	38,4%	32,0%	33,0%	33,0%	12,1%	28,0%	36,4%	15,0%	5,0%	30,3%	42,4%
	Concordo plenamente	1,0%	5,1%	61,0%	17,0%	18,0%	3,0%	57,0%	22,2%	19,0%	1,0%	22,2%	29,3%
Inválidas	2,0%	2,0%	1,0%	1,0%	1,0%	2,0%	1,0%	2,0%	1,0%	1,0%	2,0%	2,0%	
Média	2,4	3,1	4,5	3,2	3,4	2,3	4,4	3,6	3,0	2,0	3,3	3,9	
Desvio Padrão	1,0	1,1	0,6	1,3	1,2	1,1	0,9	1,1	1,3	0,9	1,3	1,0	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA												
	Não concordo de maneira nenhuma	1,4%	0,0%	1,4%	5,7%	2,9%	17,1%	0,0%	0,0%	8,6%	21,4%	24,3%	1,4%
	Não concordo	62,9%	20,0%	2,9%	28,6%	37,1%	52,9%	0,0%	12,9%	31,4%	60,0%	48,6%	2,9%
	Indeciso	15,7%	21,4%	4,3%	14,3%	24,3%	21,4%	5,7%	38,6%	27,1%	14,3%	20,0%	15,7%
	Concordo	20,0%	57,1%	37,1%	44,3%	28,6%	8,6%	34,3%	31,4%	28,6%	4,3%	7,1%	61,4%
	Concordo plenamente	0,0%	1,4%	54,3%	7,1%	7,1%	0,0%	60,0%	17,1%	4,3%	0,0%	0,0%	18,6%
Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Média	2,5	3,4	4,4	3,2	3,0	2,2	4,5	3,5	2,9	2,0	2,1	3,9	
Desvio Padrão	0,8	0,8	0,8	1,1	1,0	0,8	0,6	0,9	1,1	0,7	0,9	0,8	
Diferença de Média	0,1	0,3	0,1	0,0	0,4	0,1	0,2	0,0	0,1	0,0	1,2	0,0	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO												
	Não concordo de maneira nenhuma	12,1%	1,1%	0,0%	7,7%	2,2%	24,2%	0,0%	3,3%	17,6%	28,6%	17,8%	2,2%
	Não concordo	53,8%	26,4%	1,1%	31,9%	38,5%	46,2%	1,1%	21,1%	31,9%	51,6%	34,4%	2,2%
	Indeciso	12,1%	17,6%	3,3%	13,2%	14,3%	23,1%	9,9%	26,7%	19,8%	16,5%	16,7%	21,1%
	Concordo	22,0%	51,6%	28,6%	36,3%	38,5%	5,5%	34,1%	28,9%	23,1%	2,2%	15,6%	46,7%
	Concordo plenamente	0,0%	3,3%	67,0%	11,0%	6,6%	1,1%	54,9%	20,0%	7,7%	1,1%	15,6%	27,8%
Inválidas	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	2,2%	1,1%	1,1%	2,2%	2,2%	
Média	2,4	3,3	4,6	3,1	3,1	2,1	4,4	3,4	2,7	2,0	2,8	4,0	
Desvio Padrão	1,0	0,9	0,6	1,2	1,1	0,9	0,7	1,1	1,2	0,8	1,3	0,9	
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO												
	Não concordo de maneira nenhuma	11,5%	6,4%	1,3%	6,3%	3,8%	21,8%	0,0%	1,3%	7,6%	22,8%	17,7%	2,5%
	Não concordo	47,4%	26,9%	1,3%	24,1%	24,1%	38,5%	5,1%	8,9%	21,5%	50,6%	25,3%	6,3%
	Indeciso	24,4%	23,1%	8,9%	15,2%	27,8%	20,5%	6,3%	29,1%	34,2%	19,0%	20,3%	15,2%
	Concordo	15,4%	39,7%	40,5%	39,2%	22,8%	16,7%	26,6%	40,5%	17,7%	7,6%	26,6%	54,4%
	Concordo plenamente	1,3%	3,8%	48,1%	15,2%	21,5%	2,6%	62,0%	20,3%	19,0%	0,0%	10,1%	21,5%
Inválidas	1,3%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
Média	2,5	3,1	4,3	3,3	3,3	2,4	4,5	3,7	3,2	2,1	2,9	3,9	
Desvio Padrão	0,9	1,0	0,8	1,2	1,2	1,1	0,8	0,9	1,2	0,8	1,3	0,9	
Diferença de Média	0,0	0,2	0,3	0,2	0,3	0,3	0,0	0,3	0,5	0,2	0,1	0,1	

Questão 23 – Como era o Brasil há 50 anos atrás

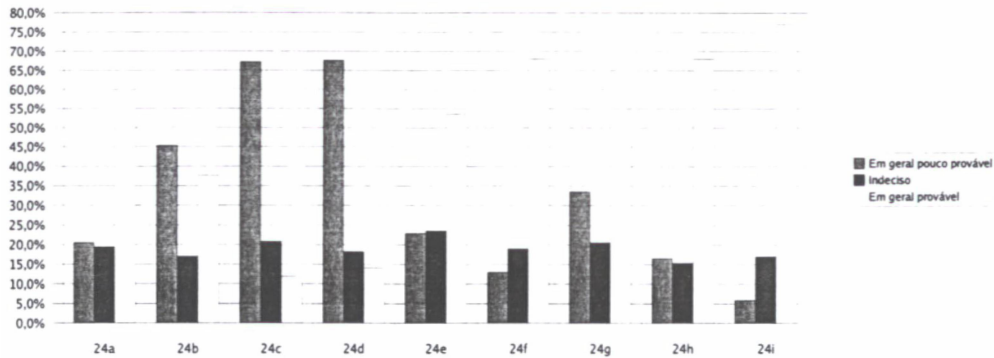
- | | |
|---|---|
| (a) A vida era difícil para todo mundo | (f) Era dividido por conflitos entre pobres e ricos, havendo muita exclusão |
| (b) A vida era difícil só para alguns | (g) Havia mais esperança no futuro. |
| (c) Era um país tranqüilo e bom de viver | (h) Havia muito racismo |
| (d) Rico e próspero | (i) Havia bastante miscigenação entre os povos que aqui viviam |
| (e) Pobre e explorado por um país estrangeiro | |



Questão 23		23a	23b	23c	23d	23e	23f	23g	23h	23i	
PERCENTUAL GLOBAL	Muito pouco provável	4,7%	5,8%	11,7%	25,7%	3,6%	1,2%	2,4%	0,6%	0,6%	
	Pouco provável	27,5%	26,3%	40,9%	42,1%	10,1%	5,9%	8,2%	5,8%	10,0%	
	Indeciso	13,5%	17,0%	17,0%	19,9%	28,4%	25,4%	14,1%	15,8%	24,7%	
	Possivelmente	49,1%	40,9%	26,9%	9,4%	39,6%	46,2%	49,4%	43,9%	37,1%	
	Com certeza	5,3%	9,9%	3,5%	2,9%	18,3%	21,3%	25,9%	33,9%	27,6%	
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	1,2%	0,6%	0,0%	0,6%	
	Média	3,2	3,2	2,7	2,2	3,6	3,8	3,9	4,0	3,8	
Desvio Padrão	1,1	1,1	1,1	1,0	1,0	0,9	1,0	0,9	1,0		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito pouco provável	5,0%	6,9%	9,9%	25,7%	4,0%	1,0%	2,0%	1,0%
			Pouco provável	22,8%	22,8%	37,6%	33,7%	9,1%	8,1%	11,0%	4,0%
			Indeciso	8,9%	15,8%	15,8%	21,8%	23,2%	18,2%	16,0%	13,9%
			Possivelmente	57,4%	42,6%	30,7%	13,9%	42,4%	43,4%	41,0%	42,6%
			Com certeza	5,9%	11,9%	5,9%	5,0%	21,2%	29,3%	30,0%	38,6%
			Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,0%	2,0%	1,0%	0,0%
			Média	3,4	3,3	2,9	2,4	3,7	3,9	3,9	4,1
		Desvio Padrão	1,1	1,2	1,1	1,2	1,0	0,9	1,0	0,9	
ESCOLA PRIVADA		Muito pouco provável	4,3%	4,3%	14,3%	25,7%	2,9%	1,4%	2,9%	0,0%	
		Pouco provável	34,3%	31,4%	45,7%	54,3%	11,4%	2,9%	4,3%	8,6%	
		Indeciso	20,0%	18,6%	18,6%	17,1%	35,7%	35,7%	11,4%	18,6%	
		Possivelmente	37,1%	38,6%	21,4%	2,9%	35,7%	50,0%	61,4%	45,7%	
		Com certeza	4,3%	7,1%	0,0%	0,0%	14,3%	10,0%	20,0%	27,1%	
		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
		Média	3,0	3,1	2,5	2,0	3,5	3,6	3,9	3,9	
		Desvio Padrão	1,0	1,1	1,0	0,7	1,0	0,8	0,9	0,9	
		Diferença de Média	0,3	0,2	0,4	0,4	0,2	0,3	0,1	0,2	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito pouco provável	4,3%	5,4%	12,0%	27,2%	4,3%	2,2%	3,3%	0,0%
			Pouco provável	25,0%	28,3%	41,3%	47,8%	8,7%	7,7%	8,7%	5,4%
			Indeciso	9,8%	14,1%	15,2%	17,4%	28,3%	19,8%	14,1%	16,3%
			Possivelmente	53,3%	43,5%	28,3%	6,5%	39,1%	49,5%	47,8%	40,2%
			Com certeza	7,6%	8,7%	3,3%	1,1%	19,6%	20,9%	26,1%	38,0%
			Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%
			Média	3,3	3,2	2,7	2,1	3,6	3,8	3,8	4,1
		Desvio Padrão	1,1	1,1	1,1	0,9	1,0	0,9	1,0	0,9	
MASCULINO		Muito pouco provável	5,1%	6,3%	11,4%	24,1%	2,6%	0,0%	1,3%	1,3%	
		Pouco provável	30,4%	24,1%	40,5%	35,4%	11,7%	3,8%	7,7%	6,3%	
		Indeciso	17,7%	20,3%	19,0%	22,8%	28,6%	32,1%	14,1%	15,2%	
		Possivelmente	44,3%	38,0%	25,3%	12,7%	40,3%	42,3%	51,3%	48,1%	
		Com certeza	2,5%	11,4%	3,8%	5,1%	16,9%	21,8%	25,6%	29,1%	
		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,6%	1,3%	1,3%	0,0%	
		Média	3,1	3,2	2,7	2,4	3,6	3,8	3,9	4,0	
		Desvio Padrão	1,0	1,1	1,1	1,1	1,0	0,8	0,9	0,9	
		Diferença de Média	0,3	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,1	0,1	

Questão 24 – Como será o Brasil daqui há 50 anos

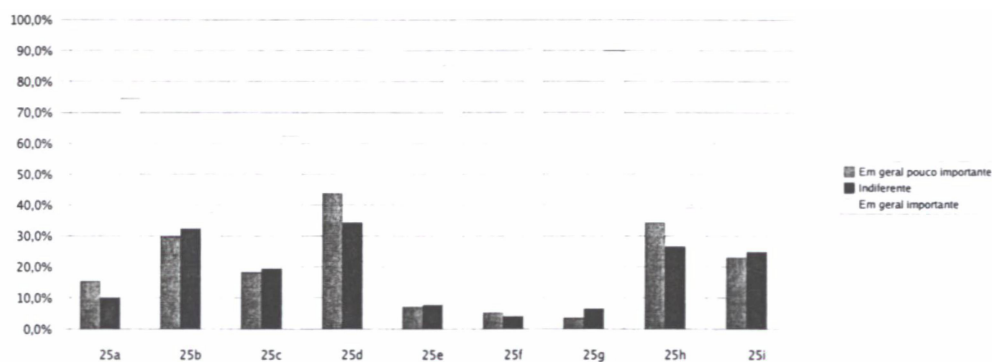
- (a) A vida será difícil para todo mundo
 (b) A vida será difícil só para alguns
 (c) Será um país tranqüilo e bom de viver
 (d) Rico e próspero
 (e) Pobre e explorado por um país estrangeiro
 (f) Continuará dividido por conflitos entre pobres e ricos, com muita exclusão social
 (g) Haverá mais esperança no futuro
 (h) Continuará existindo racismo
 (i) Continuará ocorrendo a miscigenação entre os povos



Questão 24		24a	24b	24c	24d	24e	24f	24g	24h	24i		
PERCENTUAL GLOBAL	Muito pouco provável	5,3%	13,5%	18,5%	22,9%	4,7%	2,4%	8,8%	5,9%	2,4%		
	Pouco provável	15,3%	31,8%	48,8%	44,7%	18,2%	10,7%	24,7%	10,7%	3,5%		
	Indeciso	19,4%	17,1%	20,8%	18,2%	23,5%	18,9%	20,6%	15,4%	17,1%		
	Possivelmente	39,4%	28,8%	9,5%	11,2%	35,3%	45,6%	34,1%	47,9%	46,5%		
	Com certeza	20,6%	8,8%	2,4%	2,9%	18,2%	22,5%	11,8%	20,1%	30,6%		
	Inválidas	0,6%	0,6%	1,8%	0,6%	0,6%	1,2%	0,6%	1,2%	0,6%		
	Média	3,5	2,9	2,3	2,3	3,4	3,8	3,2	3,7	4,0		
Desvio Padrão	1,1	1,2	1,0	1,0	1,1	1,0	1,2	1,1	0,9			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Muito pouco provável	8,0%	12,0%	21,4%	29,0%	5,0%	3,0%	10,0%	7,1%	4,0%
			Pouco provável	14,0%	25,0%	41,8%	37,0%	21,0%	15,2%	22,0%	12,1%	4,0%
			Indeciso	17,0%	18,0%	21,4%	19,0%	24,0%	19,2%	16,0%	19,2%	22,0%
			Possivelmente	37,0%	33,0%	11,2%	10,0%	26,0%	34,3%	37,0%	38,4%	43,0%
			Com certeza	24,0%	12,0%	4,1%	5,0%	24,0%	28,3%	15,0%	23,2%	27,0%
			Inválidas	1,0%	1,0%	3,1%	1,0%	1,0%	2,0%	1,0%	2,0%	1,0%
			Média	3,6	3,1	2,3	2,3	3,4	3,7	3,3	3,6	3,9
		Desvio Padrão	1,2	1,2	1,1	1,1	1,2	1,1	1,2	1,2	1,0	
ESCOLA PRIVADA		Muito pouco provável	1,4%	15,7%	14,3%	14,3%	4,3%	1,4%	7,1%	4,3%	0,0%	
		Pouco provável	17,1%	41,4%	58,6%	55,7%	14,3%	4,3%	28,6%	8,6%	2,9%	
		Indeciso	22,9%	15,7%	20,0%	17,1%	22,9%	18,6%	27,1%	10,0%	10,0%	
		Possivelmente	42,9%	22,9%	7,1%	12,9%	48,6%	61,4%	30,0%	61,4%	51,4%	
		Com certeza	15,7%	4,3%	0,0%	0,0%	10,0%	14,3%	7,1%	15,7%	35,7%	
		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
		Média	3,5	2,6	2,2	2,3	3,5	3,8	3,0	3,8	4,2	
		Desvio Padrão	1,0	1,1	0,8	0,9	1,0	0,8	1,1	1,0	0,7	
Diferença de Média			0,0	0,5	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2	0,2	0,4	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Muito pouco provável	6,5%	8,7%	14,4%	22,8%	4,3%	0,0%	7,6%	5,5%	1,1%
			Pouco provável	14,1%	34,8%	50,0%	46,7%	17,4%	12,1%	27,2%	5,5%	4,3%
			Indeciso	22,8%	18,5%	23,3%	17,4%	29,3%	16,5%	21,7%	13,2%	15,2%
			Possivelmente	37,0%	29,3%	12,2%	10,9%	31,5%	50,5%	33,7%	58,2%	46,7%
			Com certeza	19,6%	8,7%	0,0%	2,2%	17,4%	20,9%	9,8%	17,6%	32,6%
			Inválidas	0,0%	0,0%	2,2%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%	0,0%
			Média	3,5	2,9	2,3	2,2	3,4	3,8	3,1	3,8	4,1
		Desvio Padrão	1,2	1,2	0,9	1,0	1,1	0,9	1,1	1,0	0,9	
MASCULINO		Muito pouco provável	3,8%	19,2%	23,1%	23,1%	5,1%	5,1%	10,3%	6,4%	3,8%	
		Pouco provável	16,7%	28,2%	47,4%	42,3%	19,2%	9,0%	21,8%	16,7%	2,6%	
		Indeciso	15,4%	15,4%	17,9%	19,2%	16,7%	21,8%	19,2%	17,9%	19,2%	
		Possivelmente	42,3%	28,2%	6,4%	11,5%	39,7%	39,7%	34,6%	35,9%	46,2%	
		Com certeza	21,8%	9,0%	5,1%	3,8%	19,2%	24,4%	14,1%	23,1%	28,2%	
		Inválidas	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	
		Média	3,6	2,8	2,2	2,3	3,5	3,7	3,2	3,5	3,9	
		Desvio Padrão	1,1	1,3	1,0	1,1	1,2	1,1	1,2	1,2	1,0	
Diferença de Média			0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	

Questão 25 – O que preservar de uma rodovia

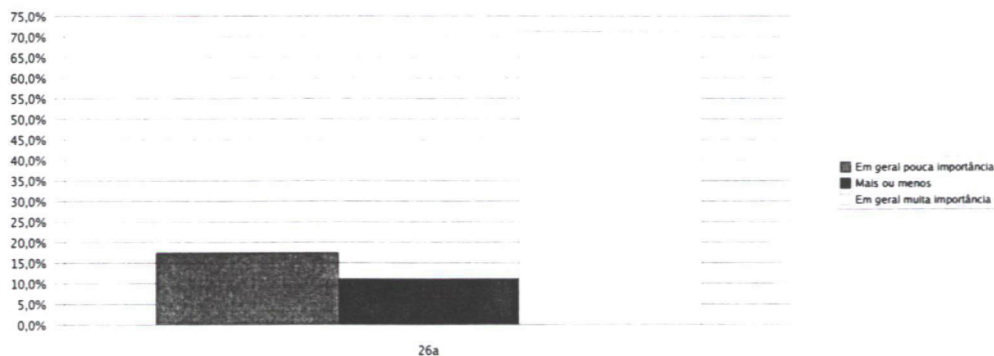
- | | |
|--|---|
| (a) Uma igreja colonial do século XVII | (e) Um parque (como o Parque Barigui, p.ex.) |
| (b) O Palácio do Governo | (f) Uma formação geológica de milhões de anos (como Vila Velha) |
| (c) O calçadão da Rua das Flores | (g) Um ninho de reprodução de animais ameaçados de extinção |
| (d) Um arranjo-céu moderno e caro | (h) A residência de um escritor famoso, que morreu há 100 anos atrás. |
| | (i) Uma fábrica antiga ainda em funcionamento |



Questão 25		25a	25b	25c	25d	25e	25f	25g	25h	25i
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssima importância	7,7%	14,1%	5,3%	21,3%	3,6%	2,9%	0,6%	16,6%	10,1%
	Pouca importância	7,7%	15,9%	12,9%	22,5%	3,6%	2,4%	3,0%	17,8%	13,0%
	Indiferente	10,1%	32,4%	19,4%	34,3%	7,7%	4,1%	6,5%	26,6%	24,9%
	Importante	45,0%	29,4%	42,9%	14,2%	42,9%	26,5%	28,4%	27,2%	34,3%
	Muita importância	29,6%	8,2%	19,4%	7,7%	42,3%	64,1%	61,5%	11,8%	17,8%
	Inválidas	1,2%	0,6%	0,6%	1,2%	1,8%	0,6%	1,2%	1,2%	1,2%
	Média	3,8	3,0	3,6	2,6	4,2	4,5	4,5	3,0	3,4
	Desvio Padrão	1,2	1,2	1,1	1,2	1,0	0,9	0,8	1,3	1,2
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA									
	Pouquíssima importância	8,1%	19,0%	6,0%	21,2%	4,0%	3,0%	1,0%	18,2%	10,1%
	Pouca importância	9,1%	16,0%	14,0%	20,2%	6,1%	3,0%	5,1%	17,2%	11,1%
	Indiferente	8,1%	29,0%	19,0%	35,4%	7,1%	7,0%	8,1%	25,3%	23,2%
	Importante	40,4%	26,0%	38,0%	11,1%	31,3%	28,0%	23,2%	24,2%	33,3%
	Muita importância	34,3%	10,0%	23,0%	12,1%	51,5%	59,0%	62,6%	15,2%	22,2%
	Inválidas	2,0%	1,0%	1,0%	2,0%	2,0%	1,0%	2,0%	2,0%	2,0%
	Média	3,8	2,9	3,6	2,7	4,2	4,4	4,4	3,0	3,5
	Desvio Padrão	1,2	1,3	1,2	1,3	1,1	1,0	0,9	1,3	1,2
ESCOLA PRIVADA										
Pouquíssima importância	7,1%	7,1%	4,3%	21,4%	2,9%	2,9%	0,0%	14,3%	10,0%	
Pouca importância	5,7%	15,7%	11,4%	25,7%	0,0%	1,4%	0,0%	18,6%	15,7%	
Indiferente	12,9%	37,1%	20,0%	32,9%	8,7%	0,0%	4,3%	28,6%	27,1%	
Importante	51,4%	34,3%	50,0%	18,6%	59,4%	24,3%	35,7%	31,4%	35,7%	
Muita importância	22,9%	5,7%	14,3%	1,4%	29,0%	71,4%	60,0%	7,1%	11,4%	
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Média	3,8	3,2	3,6	2,5	4,1	4,6	4,6	3,0	3,2
	Desvio Padrão	1,1	1,0	1,0	1,1	0,8	0,8	0,6	1,2	1,2
	Diferença de Média	0,1	0,2	0,0	0,2	0,1	0,2	0,1	0,0	0,2
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO									
	Pouquíssima importância	2,2%	8,7%	4,3%	16,5%	2,2%	1,1%	0,0%	8,8%	7,6%
	Pouca importância	6,6%	18,5%	9,8%	27,5%	3,3%	1,1%	4,4%	17,6%	9,8%
	Indiferente	9,9%	34,8%	20,7%	37,4%	6,6%	4,3%	5,5%	30,8%	21,7%
	Importante	54,9%	33,7%	48,9%	13,2%	48,4%	30,4%	27,5%	33,0%	42,4%
	Muita importância	26,4%	4,3%	16,3%	5,5%	39,6%	63,0%	62,6%	9,9%	18,5%
	Inválidas	1,1%	0,0%	0,0%	1,1%	1,1%	0,0%	1,1%	1,1%	0,0%
	Média	4,0	3,1	3,6	2,6	4,2	4,5	4,5	3,2	3,5
	Desvio Padrão	0,9	1,0	1,0	1,1	0,9	0,7	0,8	1,1	1,1
MASCULINO										
Pouquíssima importância	14,1%	20,5%	6,4%	26,9%	5,2%	5,1%	1,3%	25,6%	13,0%	
Pouca importância	9,0%	12,8%	16,7%	16,7%	3,9%	3,8%	1,3%	17,9%	16,9%	
Indiferente	10,3%	29,5%	17,9%	30,8%	9,1%	3,8%	7,7%	21,8%	28,6%	
Importante	33,3%	24,4%	35,9%	15,4%	36,4%	21,8%	29,5%	20,5%	24,7%	
Muita importância	33,3%	12,8%	23,1%	10,3%	45,5%	65,4%	60,3%	14,1%	16,9%	
	Inválidas	1,3%	1,3%	1,3%	1,3%	2,6%	1,3%	1,3%	1,3%	2,6%
	Média	3,6	3,0	3,5	2,7	4,1	4,4	4,5	2,8	3,2
	Desvio Padrão	1,4	1,3	1,2	1,3	1,1	1,1	0,8	1,4	1,3
	Diferença de Média	0,3	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,4	0,4

Questão 26 – Importância da religião

(a) A religião tem importância para você?

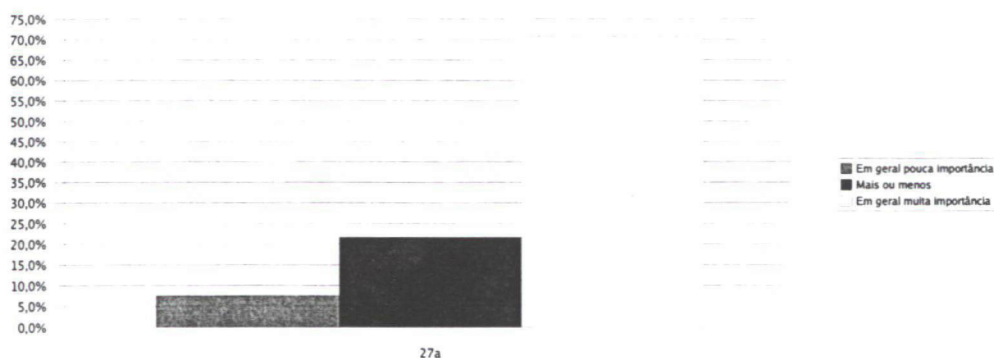


Questão 26		26a
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssima	10,5%
	Pouca	7,0%
	Mais ou menos	11,1%
	Importante	33,9%
	Muito importante	37,4%
	Inválidas	0,0%
	Média	3,8
Desvio Padrão	1,3	

Questão 26			26a	Questão 26			26a
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Pouquíssima	7,9%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Pouquíssima	9,8%
		Pouca	7,9%			Pouca	2,2%
		Mais ou menos	9,9%			Mais ou menos	9,8%
		Importante	26,7%			Importante	34,8%
		Muito importante	47,5%			Muito importante	43,5%
	Inválidas	0,0%	Inválidas	0,0%			
	Média	4,0	Média	4,0			
	Desvio Padrão	1,3	Desvio Padrão	1,2			
	ESCOLA PRIVADA	Pouquíssima	14,3%	PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO	Pouquíssima	11,4%
		Pouca	5,7%			Pouca	12,7%
Mais ou menos		12,9%	Mais ou menos			12,7%	
Importante		44,3%	Importante			32,9%	
Muito importante		22,9%	Muito importante			30,4%	
Inválidas	0,0%	Inválidas	0,0%				
Média	3,6	Média	3,6				
Desvio Padrão	1,3	Desvio Padrão	1,3				
Diferença de Média		0,4	Diferença de Média		0,4		

Questão 27 – Importância da política

(a) A política tem importância para você?

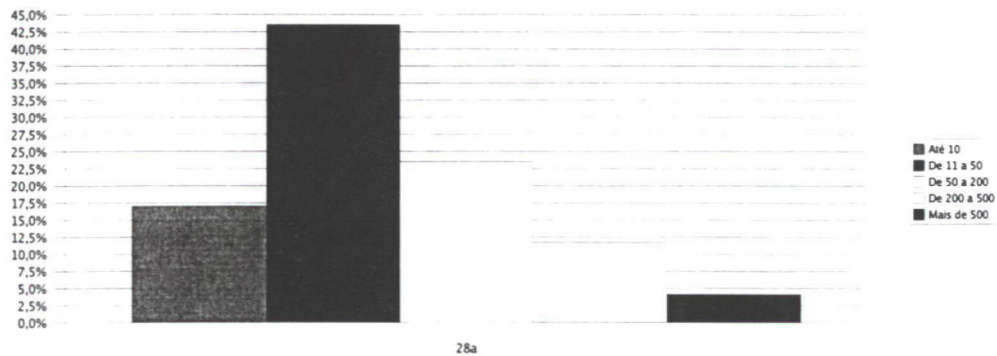


Questão 27		27a
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssima	3,5%
	Pouca	4,1%
	Mais ou menos	21,6%
	Importante	39,2%
	Muito importante	31,6%
	Inválidas	0,0%
	Média	3,9
Desvio Padrão	1,0	

Questão 27		27a	Questão 27	27a	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Pouquíssima	4,0%	Pouquíssima	3,3%
		Pouca	6,9%	Pouca	5,4%
		Mais ou menos	21,8%	Mais ou menos	25,0%
		Importante	34,7%	Importante	39,1%
		Muito importante	32,7%	Muito importante	27,2%
		Inválidas	0,0%	Inválidas	0,0%
		Média	3,9	Média	3,8
Desvio Padrão	1,1	Desvio Padrão	1,0		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA	Pouquíssima	2,9%	Pouquíssima	3,8%
		Pouca	0,0%	Pouca	2,5%
		Mais ou menos	21,4%	Mais ou menos	17,7%
		Importante	45,7%	Importante	39,2%
		Muito importante	30,0%	Muito importante	36,7%
		Inválidas	0,0%	Inválidas	0,0%
		Média	4,0	Média	4,0
Desvio Padrão	0,9	Desvio Padrão	1,0		
Diferença de Média		0,1	Diferença de Média		0,2

Questão 28 – Quantos livros têm em casa

(a) Quantos livros têm na sua casa? (Não considere livros didáticos nem revistas)

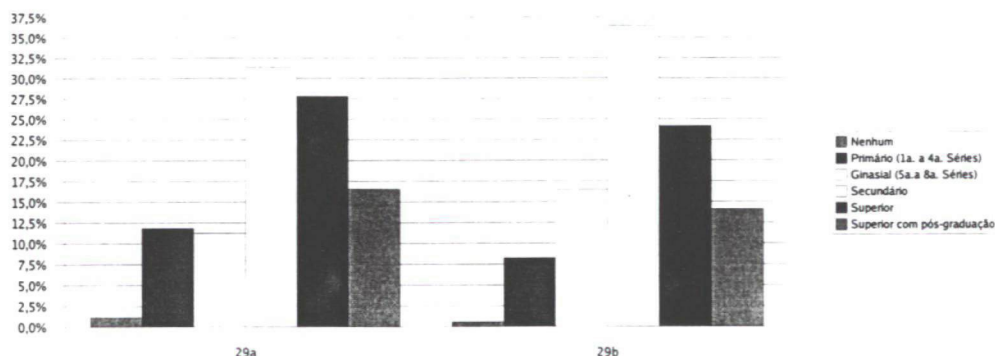


Questão 28		28a
PERCENTUAL GLOBAL	Até 10	17,1%
	De 11 a 50	43,5%
	De 50 a 200	23,5%
	De 200 a 500	11,8%
	Mais de 500	4,1%
	Inválidas	0,6%
	Média	2,4
Desvio Padrão	1,0	

Questão 28			28a	Questão 28			28a
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Até 10	26,0%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Até 10	18,7%
		De 11 a 50	55,0%			De 11 a 50	47,3%
		De 50 a 200	12,0%			De 50 a 200	18,7%
		De 200 a 500	4,0%			De 200 a 500	14,3%
		Mais de 500	3,0%			Mais de 500	1,1%
		Inválidas	1,0%			Inválidas	1,1%
		Média	2,0			Média	2,3
Desvio Padrão	0,9	Desvio Padrão	1,0				
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA	Até 10	4,3%	PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO	Até 10	15,2%
		De 11 a 50	27,1%			De 11 a 50	39,2%
		De 50 a 200	40,0%			De 50 a 200	29,1%
		De 200 a 500	22,9%			De 200 a 500	8,9%
		Mais de 500	5,7%			Mais de 500	7,6%
		Inválidas	0,0%			Inválidas	0,0%
		Média	3,0			Média	2,5
Desvio Padrão	1,0	Desvio Padrão	1,1				
Diferença de Média		1,0	Diferença de Média		0,2		

Questão 29 – Grau de instrução dos pais

(a) Pai (b) Mãe

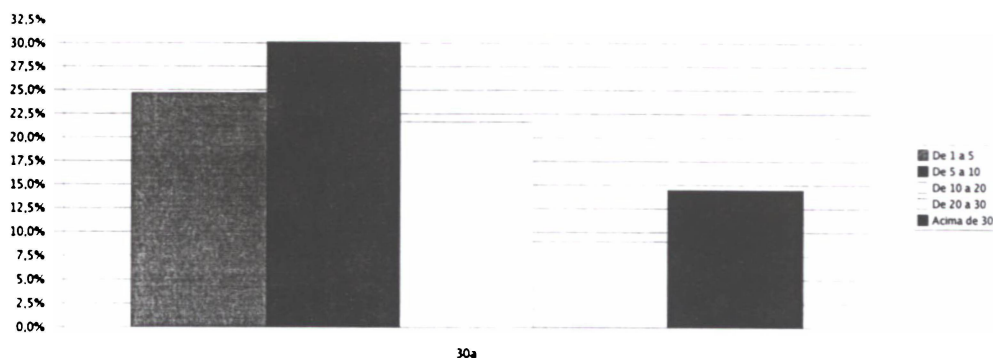


Questão 29		29a	29b
PERCENTUAL GLOBAL	Nenhum	1,2%	0,6%
	Primário (1a. a 4a. Séries)	11,8%	8,2%
	Ginásial (5a.a 8a. Séries)	11,2%	16,5%
	Secundário	31,4%	36,5%
	Superior	27,8%	24,1%
	Superior com pós-graduação	16,6%	14,1%
	Inválidas	1,2%	0,6%
	Média	4,2	4,2
Desvio Padrão	1,3	1,2	

Questão 29		29a	29b	Questão 29		29a	29b		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	Nenhum	2,0%	0,0%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	Nenhum	0,0%	0,0%
		Primário (1a. a 4a. Séries)	19,2%	13,0%			Primário (1a. a 4a. Séries)	15,4%	8,8%
		Ginásial (5a.a 8a. Séries)	19,2%	26,0%			Ginásial (5a.a 8a. Séries)	9,9%	18,7%
		Secundário	40,4%	39,0%			Secundário	31,9%	36,3%
		Superior	16,2%	17,0%			Superior	27,5%	19,8%
	Superior com pós-graduação	3,0%	5,0%	Superior com pós-graduação		15,4%	16,5%		
	Inválidas	2,0%	1,0%	Inválidas		1,1%	1,1%		
	Média	3,6	3,8	Média		4,2	4,2		
	Desvio Padrão	1,1	1,0	Desvio Padrão		1,3	1,2		
	ESCOLA PRIVADA	Nenhum	0,0%	1,4%		MASCULINO	Nenhum	2,6%	1,3%
Primário (1a. a 4a. Séries)		1,4%	1,4%	Primário (1a. a 4a. Séries)	7,7%		7,6%		
Ginásial (5a.a 8a. Séries)		0,0%	2,9%	Ginásial (5a.a 8a. Séries)	12,8%		13,9%		
Secundário		18,6%	32,9%	Secundário	30,8%		36,7%		
Superior		44,3%	34,3%	Superior	28,2%		29,1%		
Superior com pós-graduação	35,7%	27,1%	Superior com pós-graduação	17,9%	11,4%				
Inválidas	0,0%	0,0%	Inválidas	1,3%	0,0%				
Média	5,1	4,8	Média	4,3	4,2				
Desvio Padrão	0,8	1,0	Desvio Padrão	1,3	1,1				
Diferença de Média	1,5	1,0	Diferença de Média	0,1	0,0				

Questão 30 – Faixa salarial em salários mínimos

(a) Qual a faixa salarial de sua família?(em salários mínimos)

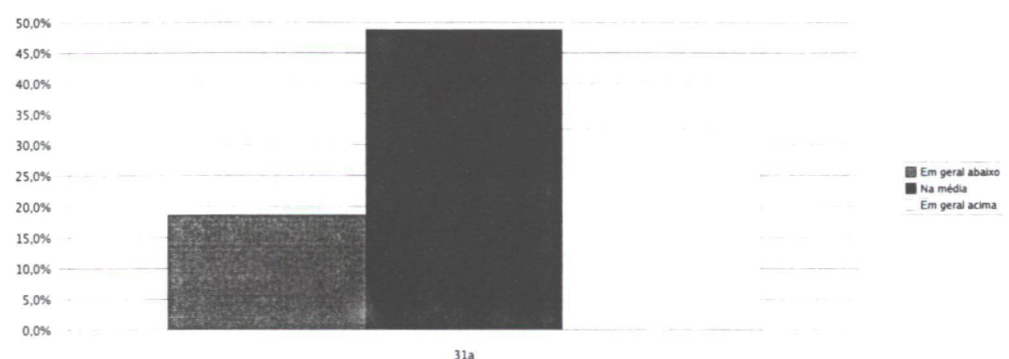


Questão 30		30a
PERCENTUAL GLOBAL	De 1 a 5	24,7%
	De 5 a 10	30,1%
	De 10 a 20	21,7%
	De 20 a 30	9,0%
	Acima de 30	14,5%
	Inválidas	3,0%
	Média	2,6
	Desvio Padrão	1,3

Questão 30		30a	Questão 30		30a		
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA	De 1 a 5	37,4%	PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO	De 1 a 5	28,4%
		De 5 a 10	41,4%			De 5 a 10	29,5%
		De 10 a 20	17,2%			De 10 a 20	19,3%
		De 20 a 30	2,0%			De 20 a 30	8,0%
		Acima de 30	2,0%			Acima de 30	14,8%
		Inválidas	2,0%			Inválidas	4,5%
	Média	1,9	Média		2,5		
	Desvio Padrão	0,9	Desvio Padrão		1,4		
	ESCOLA PRIVADA	De 1 a 5	6,0%		MASCULINO	De 1 a 5	20,5%
		De 5 a 10	13,4%			De 5 a 10	30,8%
De 10 a 20		28,4%	De 10 a 20	24,4%			
De 20 a 30		19,4%	De 20 a 30	10,3%			
Acima de 30		32,8%	Acima de 30	14,1%			
Inválidas		4,5%	Inválidas	1,3%			
Média	3,6	Média	2,7				
Desvio Padrão	1,2	Desvio Padrão	1,3				
Diferença de Média		1,7	Diferença de Média		0,2		

Questão 31 – Comparação com a média salarial dos brasileiros

(a) Se você comparar a renda de sua família com a de outras famílias brasileiras, você pensa que está acima ou abaixo da média?



31a

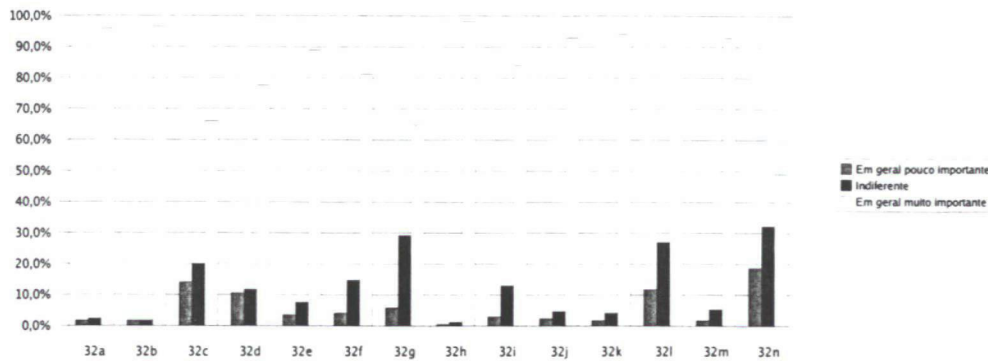
Questão 31 31a

PERCENTUAL GLOBAL	
Bem abaixo	2,4%
Abaixo	16,3%
Na média	48,8%
Acima	29,5%
Bem acima	3,0%
Inválidas	3,0%
Média	3,1
Desvio Padrão	0,8

PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	
ESCOLA PÚBLICA	
Bem abaixo	4,1%
Abaixo	25,5%
Na média	56,1%
Acima	14,3%
Bem acima	0,0%
Inválidas	3,1%
Média	2,8
Desvio Padrão	0,7
ESCOLA PRIVADA	
Bem abaixo	0,0%
Abaixo	2,9%
Na média	38,2%
Acima	51,5%
Bem acima	7,4%
Inválidas	2,9%
Média	3,6
Desvio Padrão	0,7
Diferença de Média	0,8
PERCENTUAL POR SEXO	
FEMININO	
Bem abaixo	1,1%
Abaixo	21,1%
Na média	50,0%
Acima	24,4%
Bem acima	3,3%
Inválidas	2,2%
Média	3,1
Desvio Padrão	0,8
MASCULINO	
Bem abaixo	3,9%
Abaixo	10,5%
Na média	47,4%
Acima	35,5%
Bem acima	2,6%
Inválidas	3,9%
Média	3,2
Desvio Padrão	0,8
Diferença de Média	0,1

Questão 32 – Importância para valores pessoais

(a) A família	(h) A liberdade de opinião
(b) Os amigos	(i) A estabilidade financeira e política
(c) O dinheiro e status social	(j) A solidariedade com os pobres
(d) A religião/ minha fé pessoal	(k) A proteção do meio-ambiente
(e) Os meus passatempos favoritos/ meu lazer	(l) A união com todos os povos do Terceiro Mundo
(f) O meu país	(m) Ao meu emprego (atual ou futuro)
(g) A democracia	(n) A participação em movimentos políticos



Questão 32		32a	32b	32c	32d	32e	32f	32g	32h	32i	32j	32k	32l	32m	32n		
PERCENTUAL GLOBAL	Pouquíssima importância	0,0%	0,0%	4,7%	5,9%	0,6%	0,6%	1,2%	0,6%	0,6%	0,0%	0,0%	3,5%	0,6%	8,2%		
	Pouca importância	1,8%	1,8%	9,4%	4,7%	2,9%	3,5%	4,7%	0,0%	2,4%	2,4%	1,8%	8,2%	1,2%	10,5%		
	Indiferente	2,3%	1,8%	19,9%	11,8%	7,6%	14,7%	29,2%	1,2%	12,9%	4,7%	4,1%	27,1%	5,3%	32,2%		
	Importante	12,3%	32,7%	55,0%	40,0%	50,9%	39,4%	38,6%	30,0%	48,2%	43,5%	32,4%	37,1%	38,5%	28,7%		
	Muito importante	83,6%	63,7%	11,1%	37,6%	38,0%	41,8%	26,3%	68,2%	35,9%	49,4%	61,8%	24,1%	54,4%	20,5%		
	Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%	0,0%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	1,2%	0,0%		
	Média	4,8	4,6	3,6	4,0	4,2	4,2	3,8	4,7	4,2	4,4	4,5	3,7	4,4	3,4		
Desvio Padrão	0,6	0,6	1,0	1,1	0,8	0,9	0,9	0,6	0,8	0,7	0,7	1,0	0,7	1,2			
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA		Pouquíssima importância	0,0%	0,0%	6,9%	2,0%	1,0%	1,0%	2,0%	1,0%	1,0%	0,0%	0,0%	1,0%	10,9%	
	ESCOLA PÚBLICA		Pouca importância	2,0%	2,0%	6,9%	2,0%	4,0%	5,9%	0,0%	3,0%	1,0%	2,0%	2,0%	2,0%	10,9%	
	ESCOLA PÚBLICA		Indiferente	2,0%	3,0%	20,8%	11,9%	10,9%	10,0%	27,7%	2,0%	16,0%	2,0%	4,0%	16,0%	5,1%	25,7%
	ESCOLA PÚBLICA		Importante	11,9%	38,6%	50,5%	35,6%	47,5%	35,0%	27,0%	42,0%	43,6%	34,0%	41,0%	31,3%	29,7%	
	ESCOLA PÚBLICA		Muito importante	84,2%	56,4%	14,9%	48,5%	36,6%	50,0%	28,7%	70,0%	38,0%	53,5%	60,0%	34,0%	60,6%	22,8%
	ESCOLA PÚBLICA		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%	0,0%	1,0%	1,0%	0,0%	1,0%	1,0%	2,0%	0,0%	
	ESCOLA PÚBLICA		Média	4,8	4,5	3,6	4,3	4,1	4,3	3,8	4,7	4,1	4,5	4,5	4,0	4,5	3,4
ESCOLA PÚBLICA		Desvio Padrão	0,6	0,7	1,1	0,9	0,8	0,9	1,0	0,6	0,9	0,6	0,7	0,9	0,8	1,3	
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA		Pouquíssima importância	0,0%	0,0%	1,4%	11,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	8,6%	0,0%	4,3%	
	ESCOLA PRIVADA		Pouca importância	1,4%	1,4%	12,9%	8,7%	1,4%	2,9%	0,0%	1,4%	4,3%	1,4%	7,1%	0,0%	10,0%	
	ESCOLA PRIVADA		Indiferente	2,9%	0,0%	18,6%	11,6%	2,9%	21,4%	31,4%	0,0%	8,6%	8,7%	4,3%	42,9%	5,7%	41,4%
	ESCOLA PRIVADA		Importante	12,9%	24,3%	61,4%	46,4%	55,7%	45,7%	42,9%	34,3%	57,1%	43,5%	30,0%	31,4%	48,6%	27,1%
	ESCOLA PRIVADA		Muito importante	82,9%	74,3%	5,7%	21,7%	40,0%	30,0%	22,9%	65,7%	32,9%	43,5%	64,3%	10,0%	45,7%	17,1%
	ESCOLA PRIVADA		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	ESCOLA PRIVADA		Média	4,8	4,7	3,6	3,6	4,3	4,0	3,9	4,7	4,2	4,3	4,6	3,3	4,4	3,4
ESCOLA PRIVADA		Desvio Padrão	0,6	0,5	0,8	1,3	0,6	0,8	0,8	0,5	0,7	0,8	0,6	1,0	0,6	1,0	
Diferença de Média			0,0	0,2	0,0	0,7	0,2	0,3	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1	0,7	0,1	0,0	
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO		Pouquíssima importância	0,0%	0,0%	2,2%	4,4%	1,1%	1,1%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,3%	0,0%	8,7%
	FEMININO		Pouca importância	2,2%	2,2%	8,7%	4,4%	3,3%	4,4%	3,3%	0,0%	2,2%	2,2%	2,2%	6,6%	2,2%	13,0%
	FEMININO		Indiferente	1,1%	2,2%	22,8%	9,9%	8,7%	11,0%	30,4%	2,2%	13,0%	1,1%	2,2%	26,4%	4,4%	31,5%
	FEMININO		Importante	7,6%	30,4%	58,7%	38,5%	54,3%	45,1%	43,5%	28,3%	51,1%	39,6%	29,3%	40,7%	38,9%	27,2%
	FEMININO		Muito importante	89,1%	65,2%	7,6%	42,9%	32,6%	38,5%	21,7%	69,6%	33,7%	57,1%	66,3%	23,1%	54,4%	19,6%
	FEMININO		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%	2,2%	0,0%
	FEMININO		Média	4,8	4,6	3,6	4,1	4,1	4,2	3,8	4,7	4,2	4,5	4,6	3,7	4,5	3,4
FEMININO		Desvio Padrão	0,5	0,6	0,8	1,0	0,8	0,9	0,9	0,5	0,7	0,6	0,6	1,0	0,7	1,2	
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO		Pouquíssima importância	0,0%	0,0%	7,6%	7,6%	0,0%	0,0%	1,3%	1,3%	1,3%	0,0%	0,0%	3,8%	1,3%	7,6%
	MASCULINO		Pouca importância	1,3%	1,3%	10,1%	5,1%	2,5%	2,5%	6,3%	0,0%	2,6%	2,5%	1,3%	10,1%	0,0%	7,6%
	MASCULINO		Indiferente	3,8%	1,3%	16,5%	13,9%	6,3%	19,0%	27,8%	0,0%	12,8%	8,9%	6,4%	27,8%	6,3%	32,9%
	MASCULINO		Importante	17,7%	35,4%	50,6%	41,8%	46,8%	32,9%	32,9%	32,1%	44,9%	48,1%	35,9%	32,9%	38,0%	30,4%
	MASCULINO		Muito importante	77,2%	62,0%	15,2%	31,6%	44,3%	45,6%	31,6%	66,7%	38,5%	40,5%	56,4%	25,3%	54,4%	21,5%
	MASCULINO		Inválidas	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3%	1,3%	0,0%	1,3%	0,0%	0,0%	
	MASCULINO		Média	4,7	4,6	3,6	3,8	4,3	4,2	3,9	4,6	4,2	4,3	4,5	3,7	4,4	3,5
MASCULINO		Desvio Padrão	0,6	0,6	1,1	1,2	0,7	0,8	1,0	0,6	0,8	0,7	0,7	1,1	0,7	1,1	
Diferença de Média			0,1	0,0	0,1	0,3	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,1	0,1	0,0	0,1	

ANEXO 3 – INCOERÊNCIAS ENTRE ITENS

		1b X 7f	27a X 32n	27a X 22a	12d X 12g	17a X 17c	17e X 17f
PERCENTUAL GLOBAL	Nº de ocorrências inválidas	4	0	2	5	4	2
	Nº de opções incoerentes	20	16	69	51	31	24
	Nº de opções coerentes	147	155	100	115	136	145
	% Ocorrências inválidas	2,3%	0,0%	1,2%	2,9%	2,3%	1,2%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	12,0%	9,4%	40,8%	30,7%	18,6%	14,2%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	88,0%	90,6%	59,2%	69,3%	81,4%	85,8%
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PÚBLICA						
	Nº de ocorrências inválidas	3	0	2	5	4	2
	Nº de opções incoerentes	13	12	37	33	23	13
	Nº de opções coerentes	85	89	62	63	74	86
	% Ocorrências inválidas	3,0%	0,0%	2,0%	5,0%	4,0%	2,0%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	13,3%	11,9%	37,4%	34,4%	23,7%	13,1%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	86,7%	88,1%	62,6%	65,6%	76,3%	86,9%
PERCENTUAL POR TIPO DE ESCOLA	ESCOLA PRIVADA						
	Nº de ocorrências inválidas	1	0	0	0	0	0
	Nº de opções incoerentes	7	4	32	18	8	11
	Nº de opções coerentes	62	66	38	52	62	59
	% Ocorrências inválidas	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	10,1%	5,7%	45,7%	25,7%	11,4%	15,7%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	89,9%	94,3%	54,3%	74,3%	88,6%	84,3%
PERCENTUAL POR SEXO	FEMININO						
	Nº de ocorrências inválidas	3	0	1	2	1	0
	Nº de opções incoerentes	7	9	37	25	17	11
	Nº de opções coerentes	82	83	54	65	74	81
	% Ocorrências inválidas	3,3%	0,0%	1,1%	2,2%	1,1%	0,0%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	7,9%	9,8%	40,7%	27,8%	18,7%	12,0%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	92,1%	90,2%	59,3%	72,2%	81,3%	88,0%
PERCENTUAL POR SEXO	MASCULINO						
	Nº de ocorrências inválidas	1	0	1	3	3	2
	Nº de opções incoerentes	13	7	32	26	14	13
	Nº de opções coerentes	65	72	46	50	62	64
	% Ocorrências inválidas	1,3%	0,0%	1,3%	3,8%	3,8%	2,5%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	16,7%	8,9%	41,0%	34,2%	18,4%	16,9%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	83,3%	91,1%	59,0%	65,8%	81,6%	83,1%

ANEXO 4 – INCOERÊNCIAS ENTRE AS QUESTÕES 11 E 13

		11a X 13a=1	11b X 13a=1	11c X 13a=1	11d X 13a=1	11f X 13a=1
PERCENTUAL GLOBAL	Nº de ocorrências inválidas	119	119	119	119	119
	Nº de opções incoerentes	17	29	38	42	10
	Nº de opções coerentes	35	23	14	10	42
	% Ocorrências inválidas	69,6%	69,6%	69,6%	69,6%	69,6%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	32,7%	55,8%	73,1%	80,8%	19,2%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	67,3%	44,2%	26,9%	19,2%	80,8%
ESCOLA PÚBLICA	Nº de ocorrências inválidas	89	89	89	89	89
	Nº de opções incoerentes	4	3	10	9	1
	Nº de opções coerentes	8	9	2	3	11
	% Ocorrências inválidas	88,1%	88,1%	88,1%	88,1%	88,1%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	33,3%	25,0%	83,3%	75,0%	8,3%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	66,7%	75,0%	16,7%	25,0%	91,7%
ESCOLA PRIVADA	Nº de ocorrências inválidas	30	30	30	30	30
	Nº de opções incoerentes	13	26	28	33	9
	Nº de opções coerentes	27	14	12	7	31
	% Ocorrências inválidas	42,9%	42,9%	42,9%	42,9%	42,9%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	32,5%	65,0%	70,0%	82,5%	22,5%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	67,5%	35,0%	30,0%	17,5%	77,5%
FEMININO	Nº de ocorrências inválidas	62	62	62	62	62
	Nº de opções incoerentes	12	16	24	24	6
	Nº de opções coerentes	18	14	6	6	24
	% Ocorrências inválidas	67,4%	67,4%	67,4%	67,4%	67,4%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	40,0%	53,3%	80,0%	80,0%	20,0%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	60,0%	46,7%	20,0%	20,0%	80,0%
MASCULINO	Nº de ocorrências inválidas	57	57	57	57	57
	Nº de opções incoerentes	5	13	14	18	4
	Nº de opções coerentes	17	9	8	4	18
	% Ocorrências inválidas	72,2%	72,2%	72,2%	72,2%	72,2%
	% Opções incoerentes (em relação as válidas)	22,7%	59,1%	63,6%	81,8%	18,2%
	% Opções coerentes (em relação as válidas)	77,3%	40,9%	36,4%	18,2%	81,8%

ANEXO 5 – ENTREVISTAS

1. ESCOLA PÚBLICA

Aluno 1 – Este aluno falava muito pouco. Ele tinha dificuldades e a pedagoga disse que era um aluno limítrofe, com uma leve deficiência mental tendo sido trabalhado intensamente nos dois anos em que freqüentou a escola. Estava tentando terminar o Ensino Médio.

Entrevistadora: Nome, idade e há quanto tempo estuda na escola?

Aluno: Meu nome é Rafael, tenho 20 anos e comecei aqui no ano passado.

Entrevistadora: Sobre a disciplina da história: se você gosta ou não, acha importante ou não e porque?

Aluno: Eu gosto e acho muito importante, para aprender coisas novas...

Entrevistadora: Se você pudesse mudar para deixar melhor o ensino, o que você faria?

Aluno: Mudaria os conteúdos, para aprender outras coisas, diferentes do que eu estou aprendendo...

Entrevistadora: E a respeito dos professores, que você acha deles?

Aluno: Os professores foram todos bons, eu gostei de praticamente todos.

Entrevistadora: O que você aprendeu da história do Brasil e que nunca mais esqueceu?

Aluno: No ano passado fiz um trabalho de história em grupo que gostei muito, sobre a Inconfidência Mineira e nunca mais esqueci. O governo provisório, os governos do Marechal Deodoro e Floriano eu também gostei

Entrevistadora: E agora, ao contrário, o que você estudou que não gostou, achou que perdeu tempo?

Aluno: Tudo o que eu vi eu gostei, tirei boas notas, não tem nada que eu não gostei.

Entrevistadora: Me diga agora um acontecimento que você achou marcante, importante para o país?

Aluno: A Proclamação da República.

Entrevistadora: E um personagem que você acha importante para a história do Brasil?

Aluno: Marechal Floriano Peixoto, por causa da Proclamação da República

Entrevistadora: Que definição você daria para Nação?

Aluno: Um país que quer melhorar mais, que tem um povo como aqui, o povo brasileiro.

Entrevistadora: Na tua opinião, desde quando a gente pode dizer que existe uma nação brasileira?

Aluno: Acho que desde a chegada dos portugueses já começou a se formar.

Entrevistadora: Você acha que o Brasil tem problemas? Que problemas são esses?

Aluno: O problema da fome e da miséria são os maiores.

Entrevistadora: O que a gente pode fazer para resolver estes problemas, cada um, individualmente?

Aluno: Votar melhor e ajudar a organizar os grupos, a comunidade.

Entrevistadora: O que você acha que vai ser do Brasil no futuro?

Aluno: Vai ser um país melhor, vai melhorar a educação e as pessoas vão poder resolver seus problemas.

Aluno 2

Entrevistadora: Nome, idade e há quanto tempo está na escola?

Aluno: Meu nome é Gustavo, tenho 18 anos e estou há dois anos na escola.

Entrevistadora: Sobre a disciplina – você gosta ou não e porque?

Aluno: Eu vim do Estado de Santa Catarina e desde lá eu sempre gostei da matéria e dos professores. Eu sempre gostei da história porque eu gosto de entender o que o nosso país passou. Sempre acompanhei com interesse e sempre me dei bem.

Entrevistadora: Você acha que é uma matéria importante?

Aluno: Porque a gente aprende a se interessar pelo Brasil e aprende também o que aconteceu de errado, porque isto aconteceu. A gente tem um conhecimento geral do nosso país.

Entrevistadora: As aulas, de uma maneira geral, você gostava ou não? O que você faria para mudar as aulas e para os alunos aprenderem mais?

Aluno: Eu gosto, mas gostaria mais de ter aulas fora da sala, nos ambientes mesmo, ir nos lugares. Eu tive uma aula muito legal, me recordo até hoje, a gente plantou o pau-brasil, que é uma relíquia. Acho mais produtivo aulas assim, fora da sala, do que só com professor na sala. É bom, é importante, tem de ter o conhecimento, mas tem que ter uma parte prática também, para aprender um negócio diferente, ver como as pessoas faziam para se virar, isto é bem legal.

Entrevistadora: O que você aprendeu sobre a história do Brasil e que gostou, um conteúdo que ficou na tua lembrança?

Aluno: A Guerra do Contestado que envolvia meu estado, eu estudei mais a fundo. Quer dizer, porque no estado de Santa Catarina todo mundo fala, tem a Universidade do Contestado, assim foi o que eu mais me interessei eu recordo alguma coisa...

Entrevistadora: Agora, ao contrário, o que você não gostou de estudar?

Aluno: Deixa eu ver. Acho que foi a época do Napoleão, aquelas guerras que envolviam Napoleão, não me lembro mais, como é que era o negócio?

Entrevistadora: Mas isto tem a ver com o Brasil? Porque o Napoleão tem relação com o Brasil...

Aluno: Ah, sobre o Brasil? É, deixa eu ver, não me lembro de nada, É tanta coisa que a gente aprende que não consigo nem lembrar....Nossa.

Entrevistadora: Me diga então um personagem marcante para o Brasil.

Aluno: Getúlio Vargas eu acho que foi importante para nós. O que mais marcou, o que mais você ouve o povo falar, mas eu não sei falar exatamente o motivo, a razão forte, mais eu acho que marcou muito.

Entrevistadora: Me diga um acontecimento importante.

Aluno: A Proclamação da República eu acho que é importante porque a gente passou a ser um país.

Entrevistadora: Me dê uma definição de Nação.

Aluno: Nação é tudo que envolve um povo, desde o primeiro habitante brasileiro até os últimos tempos, é uma nação. Envolve a cultura que se tem num país.

Entrevistadora: Você acha que o Brasil é uma Nação?

Aluno: Acho que o Brasil é uma nação, porque ele tem uma cultura. É pouco, mas tem.

Entrevistadora: E desde quando a gente pode dizer que há uma nação?

Aluno: Desde que os índios chegaram, eles começaram a história do nosso país. Desde os primeiros habitantes.

Entrevistadora: Sobre o Brasil atual, você acha temos problemas ou não, que problemas são esses?

Aluno: O Brasil tem muitos problemas ainda, porque é tanta corrupção, tantos problemas... Acho que do jeito que está o país não pode ficar. Os principais problemas são a miséria e a fome, mais ainda a corrupção, roubo e muita sujeira, muito político corrupto, que se aproveita, é muita violência. Eu gostaria que o país tivesse uma justiça mais rígida. Eu já estou respondendo a próxima, mas se eu fosse alguma coisa no nosso país, tivesse um cargo, alguma coisa importante, eu mudaria a justiça. Eu sou totalmente a favor da pena de morte, porque a violência está demais, em cima de pai de família, que dá sustento pra família com 200 reais, é brabo né. Eu sou a favor de uma justiça mais rígida, era o principal ponto que eu iria tocar. E depois as outras coisas iam se ajeitando.

Entrevistadora: Mas o que a gente pode fazer no pequeno lugar da gente?

Aluno: Uma coisa muito produtiva e prestativa é montar pequenas comunidades de pessoas, reunir bastante gente e ir ajudar as pessoas que precisam. Juntar coisas que tem em casa e dar para o pessoal que precisa; comida, roupa, doar para instituições de caridade, tem muita gente que precisa. O pouquinho que a gente ajuda já está fazendo alguém feliz. Montar uma comunidade, não precisa ser rico, ser empresário, com pouca coisa já é legal.

Entrevistadora: Sobre o Brasil do futuro, o que você acha que pode acontecer? Vai melhorar, piorar...

Aluno: Eu espero que melhore e acho que vai melhorar, porque não pode, não tem outra forma. O Brasil é um país que tem evoluído em certos pontos, não é só cai, só cai, só cai. Ele cai em algumas coisas e evolui em outras. Então eu acho que o Brasil, se chegar num equilíbrio, pode chegar a ser um país bom ainda, um equilíbrio das coisas, ele consegue ser um país bom de se viver.

Entrevistadora: Uma última questão, qual a sua opinião sobre a política e os partidos políticos?

Aluno: Eu não gosto de política porque tem muito jogo combinado, na política eu não boto muita fé, tem muito político bandido. O Lula, eu não gosto de Lula e não tenho muito o que falar da política, com estes políticos de hoje. Tem os que se salvam, mas a maioria ainda tá naquele tipo.... Os partidos também, o Brasil tá fraco deste tipo de coisa.

Aluno 3

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e há quanto tempo estuda nesta escola?

Aluno: Meu nome é Diego, tenho 19 anos e estudo aqui há 5 anos.

Entrevistadora: Fale-me primeiro sobre a disciplina da história, se você gosta ou não, o que você mudaria.

Aluno: Acho que antes a matéria era melhor, quando eu estava na oitava série, mas isto varia muito de acordo com o professor. Se o professor sabe bem o conteúdo, você acaba levando isto, aproveita o conhecimento. Digamos, este ano foi um ano que eu não aprendi praticamente nada...

Entrevistadora: Se o professor é bom, a gente gosta mais...

Aluno: A gente gosta e acaba aprendendo também.

Entrevistadora: O que você faria para mudar a disciplina, se você fosse professor ou pudesse mudar algo?

Aluno: Acho que os colégios particulares são melhores porque eles têm material, os professores têm cursos de como se expressar com os alunos. Nos colégios estaduais, pelo menos aqui, o professor passa a matéria no quadro e pronto. Acho que teria de começar por aí, os professores deviam se especializar um pouco mais na área, porque é o que eles fazem e eles têm que tentar melhorar isto.

Entrevistadora: Mas você acha que é importante a história?

Aluno: Acho que são importantes alguns fatos, alguns não deviam ser levados em consideração. Por exemplo, principalmente, a história da nossa civilização, como a gente está hoje, se não tivesse acontecido, digamos, uma guerra no passado, como certas pessoas tentaram mudar alguma coisa, se elas não tivessem tentado mudar, poderia estar de uma maneira totalmente diferente. Acho importante ver no passado como as pessoas lutaram. O passado e o hoje, saber dizer o que é melhor. Acho que no passado era um pouquinho melhor.

Entrevistadora: Sobre a história do Brasil, algum conteúdo que você aprendeu e que gostou, que marcou?

Aluno: Acho que a história das Minas Gerais, o descobrimento na Bahia. Essas coisas, mas pouca coisa me marcou.

Entrevistadora: E um personagem da história que você lembra e acha importante para o país?

Aluno: De cara te digo Antonio Conselheiro, é o primeiro que vem na memória, porque ele foi o mais questionado e é até hoje.

Entrevistadora: E um acontecimento que foi importante para o Brasil?

Aluno: A ditadura militar. Marcou bastante. Na hora que o pessoal acordou, viram que não estava certo, tinha gente presa, saíram nas ruas. Hoje ninguém mais faz isto. Se não tá bom, hoje o pessoal fica reclamando dentro de casa. Reclamam, mas não para a pessoa certa. Não adianta você não gostar e ficar quieto.

Entrevistadora: Falando sobre nação. Me dê uma definição de nação.

Aluno: É difícil falar de nação. Mas eu acho que é o povo brasileiro em si, com sua cultura, crença, religião.

Entrevistadora: Você acha que existe uma nação no Brasil?

Aluno: Acho que sim, tem sim.

Entrevistadora: E desde quando a gente pode dizer que há esta nação?

Aluno: Acho que ela começou desde que existiam as primeiras pessoas, os primeiros habitantes, porque já faziam a sua história. Não é conhecida, mas de certa maneira já estavam fazendo alguma coisa.

Entrevistadora: Vamos falar sobre o Brasil atual. Você acha que o Brasil tem problemas, que problemas são estas?

Aluno: O Brasil tem muitos problemas. Hoje o Brasil tá assim, o mercado externo praticamente comanda o Brasil, o que eles querem a gente faz. Acho que nestas eleições, por exemplo, com o Lula. Não vota no Lula quem tem uma renda estável, quem já tem assim um padrão de vida superior, quem não é da classe baixa, nem a classe média baixa, mas sim quem já tem uma vida estável e não quer piorar. Mas quem não tem nada e quer arriscar, votou no Lula, que é a grande massa brasileira, os pobres, para quem não tá bom mesmo, muita violência, muita miséria, criança passando fome. A mídia hoje controla tudo, então o que ela quer, a gente acredita, infelizmente é assim. O problema começa na educação. Uma criança bem educada não vai se transformar num marginal. Uma criança bem alimentada também não vai morrer com 2 ou 3 anos por desnutrição.

Entrevistadora: O que a gente pode fazer para ajudar a resolver estes problemas?

Aluno: Para tentar ajudar alguém é difícil. Já começa que a vida é difícil para nós também, você não pode querer abraçar o mundo se está cheio de complicação. O Brasil é muito grande, mas se cada pessoa doasse 10 reais para uma instituição, já seria bom. Mas você tem que confiar nas pessoas que administram estas instituições, para não pegarem para elas. Senão é corrupção atrás de corrupção. É como a política brasileira hoje. O Brasil tem uma arrecadação imensa. O Paraná tem uma das rendas mais altas do Brasil, a gente paga muito imposto para depois ter

que pagar polícia particular, colégio particular, tudo você tem de pagar, além de pagar para o governo. E porque isto? porque quem está administrando pega tudo para ele.

Entrevistadora: Qual sua opinião sobre participar da política e de um partido político?

Aluno: Acho que quem comanda o Brasil hoje, por exemplo, não é o Lula, mas sim o partido dele. Dizem assim: o Lula é analfabeto, mas quem tá por trás dele? São pessoas competentes. Mas não dá para ficar de braços cruzados, se você quer mudar algo, tem que dar a cara para bater, para fazer alguma coisa tem que estar na ponta, então a tendência dos partidos é formar um grupo para que este grupo possa fazer coisas, gerar empregos, etc. O partido é importante porque senão é uma pessoa só, e não teria como uma pessoa fazer muita coisa. A política hoje tem que ser levada muito a sério. Com uma política boa, o país é bom, sem uma política boa o país não cresce. Cuba, por exemplo, tem até uma política que... bem, eles tentaram ficar só entre eles, vê se deu certo? Não dá certo. Tem que tentar assumir as coisas só do país, tudo bem, só que nem tanto.

Aluno 4

Entrevistadora: Qual o teu nome, idade e há quanto tempo está nesta escola?

Aluna: Juliane Braga, tenho 18 anos e estou aqui há um ano e meio.

Entrevistadora: Eu queria que você me falasse sobre a disciplina da história: se você acha importante e por que e se você gosta ou não?

Aluna: Aí é que está. Importante é, mas eu não gosto. Na verdade eu não suporto história. Mas acho importante conhecer o passado, saber de tudo, a gente tá vivendo num mundo que tem um passado, é como se fosse o meu. Eu tenho obrigação de conhecer o meu passado assim como do mundo em que eu vivo, eu devo saber do passado dele.

Entrevistadora: Uma vez que você disse que não gosta, o que você faria para mudar, para melhorar esta disciplina?

Aluna: Acho que visitar museus e fazer passeios seria mais divertido para aprender a matéria, do que só na sala, no quadro e só falando, falando. É muito chato.

Entrevistadora: Sobre a história do Brasil agora, o que você lembra e te marcou, que você gostou?

Aluna: A primeira coisa que me vem na cabeça é o Descobrimento do Brasil.

Entrevistadora: Verdade mesmo ou só te veio assim na cabeça?

Aluna: É a primeira coisa, mas eu gosto mesmo, é uma história interessante.

Entrevistadora: Alguma coisa que você não gosta agora.

Aluna: Eu não lembro de alguma coisa chata, eu sempre vou bem nesta matéria, apesar de não gostar, eu faço tudo meio no chute e acerto tudo. Mas sinceramente não me lembro de nada.

Entrevistadora: Então me diga um personagem da história do Brasil que você lembra como importante.

Aluna: O primeiro que me vem na cabeça é o Fernando Collor por causa do impeachment, a gente viu que o pessoal se juntando faz alguma coisa. Não que o Collor tenha melhorado, ele até pode ter piorado, mas ajudou porque as pessoas se conscientizaram que se reunindo dava para fazer alguma coisa.

Entrevistadora: E um personagem positivo para o Brasil, que ajudou a melhorar?

Aluna: Eu não me lembro porque eu não presto atenção nas aulas de história. Desde a 5a. Série eu não gosto de história e não dei nenhuma atenção. Acho que foi porque tive azar com os professores. Todos foram chatos. O resto das matérias, tudo, Geografia, Matemática, até Geografia eu prefiro e olha que eu não gosto deste tipo de coisa. Em história eu sou um zero à esquerda.

Entrevistadora: Então procure me definir uma nação.

Aluna: Eu diria que é um povo unido, que, se tem alguma coisa para fazer, todo mundo se une para fazer, isto é uma nação.

Entrevistadora: E o Brasil é uma nação?

Aluna: Às vezes sim, às vezes não. No impeachment do Collor, foi uma nação pois todo mundo se juntou para fazer aquilo. Mas eu acho que muita coisa tá errada, que muita gente podia se juntar e não faz, um não colabora com o outro. Isto para mim já não é uma nação.

Entrevistadora: Eu ia te perguntar desde quando você acha que existe uma nação no Brasil, que a gente pode dizer que começou a se formar uma nação brasileira?

Aluna- Eu acho que a partir da Independência. Não sei, acho que o pessoal foi se conhecendo, foi se familiarizando para formar uma nação.

Entrevistadora: A respeito dos problemas brasileiros. Você acha que temos muitos problemas, quais são eles?

Aluna: Muitos dizem que a educação é um problema. Não sei, a minha escola, eu acho que não tem problema nenhum com ela. Tem que melhorar um pouco, mas os professores e o diretor aqui estão bem. Algumas escolas o problema é o diretor. Mas eu acho que o problema da fome é grande e também os políticos. Não sou a favor de político nenhum, não gosto de político, para mim são todos ladrões e corruptos, sem exceção.

Entrevistadora: Então vou te fazer uma pergunta nesta direção. O que você acha da política e dos partidos políticos?

Aluna: Eu não acredito em político nenhum. Veja, ele pode até tá falando a verdade, na hora da propaganda dele, mas quando ele entra para cumprir o mandato dele, em menos de um ano ele passa a ser corrupto. É a história de uma maçã podre no meio das outras, ela acaba apodrecendo as outras. O político pode até ser honesto, no primeiro ano, depois ele acaba aprendendo a roubar como os outros. E isto também é um problema no Brasil.

Entrevistadora: O que você acha que as pessoas, individualmente, podem fazer para ajudar a resolver estes problemas?

Aluna: Eu não tenho o que reclamar, então para mim está tudo em ordem, tanto no

serviço como no colégio ou em casa, tá tudo em ordem. Mas eu acho que as pessoas andam muito estressadas, talvez pelo excesso de trabalho, qualquer coisinha já estão soltando os cachorros. Tinha que mudar também no trânsito, é preciso tomar cuidado, muitos acidentes acontecem por bobeira. Outro caso é a marginalidade. Agora começou a campanha de Esmola não dá Futuro, isto eu acho certo. Vale muito mais a pena ir num orfanato, ajudar as pessoas lá e não dar esmolas na rua.

Entrevistadora: Então qual é a tua opinião sobre o futuro do Brasil?

Aluna: Eu era otimista até o Lula ganhar as eleições. Agora eu já não duvido de mais nada, porque eu odeio o PT e odeio o Lula, então, ele agora é o presidente, mas acho que ele não vai conseguir. Eu sei que é um pensamento negativo, espero estar redondamente errada, mas eu acho que o Brasil com o Lula na presidência não vai andar para frente não. Vai ficar marcando passo ou volta para trás. Tudo isto de inflação, o dólar do jeito que está subindo, eu não sei se ele agüenta. Além do mais, ele nunca teve experiência nisso, eu duvido do futuro do Brasil.

Aluno 5

Entrevistadora: Diga-me seu nome, idade e há quanto tempo está nesta escola.

Aluna: Eu me chamo Juliane Harumi, tenho 18 anos e estudo aqui há 11 meses. **(Esta aluna falava muito pouco, quase que telegraficamente...)**

Entrevistadora: Primeiro vamos falar sobre a disciplina da história: você gosta ou não, o que você acha?

Aluna: Olha, para mim depende muito do professor. Eu tive uma professora muito divertida, ela contava muitas piadas, fazia aulas práticas, a gente visitava lugares. Aí eu gostava muito. Além disso, eu tenho que gostar, porque o curso que eu quero tem tudo a ver, eu quero estudar Turismo. Eu acho que é importante para conhecer o passado e saber o que está acontecendo atualmente, tudo é a história que diz.

Entrevistadora: E o que você faria para melhorar a matéria?

Aluna: Acho que vai do professor, se ele é mais engraçado a turma vai prestar mais atenção.

Entrevistadora: Sobre a história do Brasil. Me diga uma coisa que você aprendeu e gostou muito?

Aluna: Eu acho que foi a Idade da Pedra, eu gostei. Do Brasil eu diria o Descobrimento.

Entrevistadora: E o que você não gostou, estudou obrigada e chato?

Aluna: Eu achei muito chata a época da Guerra Fria. Só.

Entrevistadora: E um personagem que foi importante, que mexeu no país, foi positivo.

Aluna: Eu não sei se foi muito positivo, mas na minha opinião melhor que o Fernando Henrique não teve.

Entrevistadora: E um acontecimento que você acha importante?

Aluna: Não vem nada. De bom não me lembro de nada. Acho que a eleição do Lula, mas também acho que vai ser ruim.

Entrevistadora: Bem, vamos falar sobre a palavra nação. Se você fosse me dar uma definição, o que é uma nação. O Brasil é uma nação?

Aluna: Acho que o Brasil é uma nação em parte. Houve momentos bem unidos. Como na Copa do Mundo (risadas....). Mas houve momentos bem ruins para a nação, para se formar uma nação.

Entrevistadora: E desde quando a gente pode considerar que existe uma nação?

Aluna: Desde que começou tudo, com as primeiras pessoas, os primeiros habitantes.

Entrevistadora: Sobre os problemas do Brasil. Você acha que o nosso país tem problemas, nem tanto, que problemas são esses?

Aluna: Olha o principal problema eu acho que é a diferença social, as diferenças financeiras entre as pessoas. Daí tem também a fome, tem tanta coisa ruim no Brasil que para colocar no papel fica até difícil.

Entrevistadora: E o que a gente pode fazer para resolver, desde coisas pequenas?

Aluna: Eu acho que o que está estragando as pessoas da minha faixa de idade são as drogas. Não sei bem o que dá para fazer, mas tinha que dar um jeito de reduzir isso.

Entrevistadora: E no futuro, você acha que o Brasil vai melhorar, vai continuar?

Aluna: Eu tenho ainda esperança que melhore, mas não tenho muita fé, muita certeza que isto aconteça.

Entrevistadora: E sobre os partidos políticos, você acha que a política é importante e qual o papel dos partidos?

Aluna: Olha eu não boto fé em nenhum partido. Acho que todos estão ali para eles mesmos crescerem, tipo sacaneando os outros, para ele só, nada dos outros.

Aluno 6

Entrevistadora: Qual o seu nome, idade e há quanto tempo está na escola?

Aluna: Me chamo Luana, tenho 17 anos e estou aqui desde a metade do ano passado.

Entrevistadora: Sobre a disciplina da história: qual tua visão, você gosta ou não, acha que é importante e porque?

Aluna: É importante para saber como tudo aconteceu mas acho que a atualidade importa mais. A história é uma matéria um pouco cansativa, depende de como vai ser explicado, você tem que variar um pouco senão cansa. Para passar tudo o que aconteceu, de anos e anos atrás, fica muito cansativo acompanhar. Tem que equilibrar a atualidade com as coisas que aconteceram há muitos anos.

Entrevistadora: O que faria então para mudar a disciplina, se você fosse dar aulas, se pudesse mudar?

Aluna: Se eu fosse professora eu tentaria contar de maneira interessante, como se fosse uma historinha sabe, mas só que com os fatos verídicos. Ia levar muitas coisas para mostrar aos alunos, porque é muito cansativo ficar só nas aulas. O professor fica às vezes usando o mesmo quadro, toda a aula a mesma coisa, é horrível. Ele ficava explicando, comparando as coisas, mas olha, ninguém gosta, ninguém presta atenção na aula dele. Tem fazer coisas diferentes, visitar museus, levar alguma coisa, passar filmes da época, esse tipo de coisa.

Entrevistadora: Vamos falar um pouco sobre a história do Brasil. Me diga um conteúdo da história do Brasil que você gostou, nunca mais esqueceu.

Aluna: Deixe-me lembrar... Eu me lembro bem da 6a. Série quando eu estudei Zumbi dos Palmares. Eu gostei mais ou menos, nem sei se gostei muito, mas me lembro bem.

Entrevistadora: Diga-me então o nome de um personagem da história do Brasil que marcou bastante o nosso país.

Aluna: Quem mais marcou e até está passando na novela é o Getúlio Vargas, que foi importante, marcante.

Entrevistadora: E um acontecimento importante, que foi uma espécie de divisor de águas?

Aluna: A Independência do Brasil, porque fez o Brasil mudar.

Entrevistadora: Então vamos falar sobre a palavra nação. Se você fosse me dar uma definição, me diga se você acha que o Brasil é uma nação?

Aluna: Eu também queria saber uma definição, para a gente poder saber se o Brasil é uma nação ou não. Você pode me dar uma definição agora?

Entrevistadora: Não, eu quero justamente que vocês me digam o que aprenderam sobre isto.

Aluna: Uma nação unida, este negócio de união mesmo, acho que não existe no Brasil. Aqui tudo é meio bagunçado, os povos daqui não se conhecem, o governo é horrível para isto, aqui só se quer vender coisas, o Brasil é um absurdo neste ponto.

Entrevistadora: Mas se a gente for pensar assim: desde quando existe o Brasil, o que você diria?

Aluna: Antes tudo era dos índios e hoje coitados, eles não têm nada! Eu acho que existe muita coisa de fora, ninguém é brasileiro, brasileiro mesmo, de verdade. Tem muita mistura e além do mais também a gente se vende muito fácil para o exterior. É difícil te dizer.

Entrevistadora: Se a gente fosse falar sobre os problemas, quais seriam eles?

Aluna: O Brasil tem muitos problemas. O maior é a educação. É um absurdo ter analfabetos no Brasil. Tem também a desigualdade social, por causa da distribuição de renda que é muito ruim.

Entrevistadora: E na tua opinião, o que as pessoas podem fazer para ajudar o país, para ir melhorando?

Aluna: Eu? Acho que tenho que fazer minha parte, como estudar por exemplo. Tenho que melhorar minha vida. Se eu ficar uma ignorante como muitos, eu não vou poder ajudar em nada. Se eu fosse, por exemplo, uma médica, eu ia ajudar os outros. Aliás outro absurdo do Brasil é a saúde. Acho que tenho que fazer minha parte para a sociedade, eu sei que não posso mudar o mundo sozinha.

Entrevistadora: E você tem uma opinião sobre o Brasil do futuro?

Aluna: Todo mundo está esperando que melhore, mas estamos esperando para ver o que acontece. Mudou agora o governo, meio de repente, as pessoas colocaram o Lula no poder porque querem mudança. Eu também quero que melhore.

Entrevistadora: Falando um pouco sobre política e partidos políticos, que eram duas questões do questionário. Qual sua opinião sobre eles, sobre a política em geral e sobre os partidos?

Aluna: Eu odeio. Eu não gosto de política nem dos políticos. Na verdade não é que eu não goste, é que eu não entendo muito de política. Este é o problema do Brasil, eu acho também que quase ninguém entende, por isso as coisas ficam assim, tão ruins. Eles não expõem tudo o que acontece para a gente.

Aluno 7

Entrevistadora: Qual o seu nome, idade e há quanto tempo está na escola?

Aluna: Sou Andrielle, tenho 18 anos e entrei aqui na escola em março deste ano (2002)

Entrevistadora: Eu queria saber sua opinião sobre a disciplina da história. Ela é importante ou não e por que?

Aluna: É bem importante. Eu não me dou muito bem com esta matéria mas eu acho super importante. Porque ela trata do presente, do passado da sociedade e também do futuro. Ela relata todos os aspectos já vividos pelas outras pessoas. Eu não gosto muito, mas nunca reprovei, sempre acabo me dando bem.

Entrevistadora: O que você faria então para mudar a disciplina?

Aluna: Acho que do jeito que está, tá até bem, mas depende mesmo é do jeito de cada professor de ensinar. Não é mudando o conteúdo que a matéria vai melhorar. Acho que tá bom do jeito que tá, só mudaria um pouco o jeito de ensinar mesmo.

Entrevistadora: Da história do Brasil, o que você aprendeu e que achou importante, que ficou marcado na tua memória?

Aluna: Acho que toda história do Brasil tem períodos importantes, tem suas partes que destacam mais. Eu acho que eu gostei da chegada dos portugueses, foi uma parte bem interessante.

Entrevistadora: E uma parte que você não gostou?

Aluna: Olha, eu não gosto de história em geral, então eu fui obrigada a estudar tudo que os professores dão, mas não é que eu não goste de tudo. Tem partes legais, como esta do descobrimento, mas não é assim, 100% que gosto. Eu não lembro de uma coisa específica, não gostei de quase nada.

Entrevistadora: Me diga o nome de um personagem que ficou gravada na tua memória.

Aluna: Dom Pedro.

Entrevistadora: Qual deles?

Aluna: O primeiro

Entrevistadora: O da Independência?

Aluna: É, o da Independência eu me lembro mais.

Entrevistadora: Me diga agora um acontecimento que você considera importante para o Brasil.

Aluna: Acho que estas últimas eleições, estas que estão acontecendo agora, acho que vai dar uma virada no país.

Entrevistadora: Falando sobre nação, qual a definição que você daria e você acha que o Brasil é uma nação?

Aluna: Acho que para o Brasil ser uma nação completa falta mais união entre vários grupos, em vários aspectos, para ser uma nação mesmo. O Brasil tem tudo para ser uma nação. Falta união, conscientização das pessoas sobre vários aspectos do Brasil.

Entrevistadora: E desde quando a gente pode falar em nação, num começo de nação?

Aluna: Não sei dizer. Acho que o povo brasileiro começou a se conscientizar um pouco mais depois dos tombos levados, em relação ao Collor por exemplo e vários outros problemas atuais. Com os tombos, eles vão aprendendo.

Entrevistadora: Falando em problemas, então, quais são principais problemas e como a gente pode ajudar a resolvê-los?

Aluna: Acho que os problemas estão sendo resolvidos agora. O Fernando Henrique já se foi e é um problema que foi embora. Aos poucos as coisas vão se resolvendo. Acho que, quem é de esquerda, já tá no caminho certo, tentando resolver. Mas muitas pessoas ainda estão cegas em relação aos problemas existentes no país. O maior problema é justamente este, a falta de conscientização para os problemas.

Entrevistadora: E você é otimista em relação ao futuro?

Aluna: Eu sou otimista. Acho que a partir de 1. de janeiro (2003), vai ficar ótimo, as coisas vão melhorar.

Entrevistadora: Sobre a política e os partidos políticos. Você gosta, acredita nos partidos, qual tua visão disto?

Aluna: Eu gosto de política, acredito muito no PT e acho que os partidos são muito importantes, sejam de direita ou de esquerda é preciso que eles existam para a política.

Aluno 8

Entrevistadora: Qual o seu nome, idade e há quanto tempo estuda nesta escola?

Aluno: Meu nome é Ícaro, tenho 20 anos e estou aqui há dois anos, mas já estudei aqui há um tempo atrás.

Entrevistadora: Em primeiro lugar vamos falar sobre a disciplina da história, qual sua opinião.

Aluno: Acho importante, mas a matéria que a gente está tendo agora não é importante. Seria importante se desse mais ênfase ao presente e mais o Brasil, do presente do Brasil. Não tanto aos acontecimentos de fora. Isto também foi uma coisa importante, bonita, mas o negócio é o Brasil e o seu presente.

Entrevistadora: Então o que você faria para mudar o jeito de ensinar?

Aluno: Daria mais ênfase ao Brasil e ao presente para a gente pensar o que vem para o futuro. O que está acontecendo e o que vai acontecer no futuro. O presente é sempre o principal.

Entrevistadora: Das tuas aulas de história do Brasil, o que foi que ficou na tua memória que você gostou de estudar?

Aluno: O Descobrimento é bem interessante. Não foi bem o Descobrimento, mas os índios, o começo do Brasil. Teve também a Guerra de Canudos, muito legal.

Entrevistadora: E o que você estudou que não gostou?

Aluno: Tudo aquilo que fica falando do passado dos outros lugares, de outros países. É bonito e tal, interessante, mas não dá para ficar naquilo, dar importância. Veja, a gente tem que estudar o Brasil porque não adianta, do jeito que está o país, você tem que saber o que está acontecendo. Lá de fora é preciso conhecer também algumas coisas, mas o presente lá de fora, não o passado.

Entrevistadora: Diga-me o nome de um personagem importante para o Brasil.

Aluno: O Lampião. Vendo alguns filmes que falavam da vida dele achei foi muito interessante. Ele foi um tipo de visionário no Brasil.

Entrevistadora: E um acontecimento da história?

Aluno: O impeachment do Collor, apesar deste negócio de caras-pintadas ter sido meio organizado pela Rede Globo. Eles falaram para os jovens que era para fazer isto e os jovens fizeram. Não foi uma coisa assim, que os jovens foram se auto-organizando para aquilo.

Entrevistadora: Agora vamos falar sobre nação brasileira. O que é uma nação para você?

Aluno: Uma nação é um povo que se ajuda sabe, um sempre ajudando o outro, isto para mim é uma nação. A união e a cooperação.

Entrevistadora: E no Brasil existe uma nação? Falta alguma coisa?

Aluno: Não existe uma nação aqui, porque cada um olha somente para si mesmo e tem muita coisa para melhorar, para chegar lá. Para ajudar as pessoas no Brasil, não adianta dar dinheiro para entidades. Não é isto que vai ajudar a melhorar. Para arrumar o colégio, por exemplo, a gente deve vir aqui com pincel e tinta e pintar o

colégio. Dar esmolas também não.

Entrevistadora: Mas você pode me dizer uma época, uma data que a gente possa dizer que começou a surgir o povo brasileiro, por exemplo.

Aluno: Desde o começo, principalmente com os índios. Estes realmente se ajudavam, viviam em comunidade, os homens pescavam, as mulheres alimentavam o grupo. Hoje é bem diferente.

Entrevistadora: Bom, então vamos falar já sobre o Brasil atual. Quais são os nossos problemas.

Aluno: Nós temos muitos problemas. Temos um governo que ele, por si só, já é um problema. Veja, agora temos o PT com um novo presidente. Mas acho que nunca vai dar certo este negócio porque ele vão fazer um projeto de lei, por exemplo. Os caras dos outros partidos não vão aprovar por ter sido do PT. Mais uma vez não tem ajuda, não tem união. Eu acho que para melhorar, tinha que aparecer alguém que comandasse mesmo, claro, sempre ouvindo os outros, mas que desse a última palavra.

Entrevistadora: E o que a gente pode fazer para ajudar a melhorar as coisas?

Aluno: A gente tem que bater né, mas eu acho que ninguém mais faz isto. É muito arriscado você sair para discutir um assunto na rua, sabendo que deixou filhos e mulher em casa. Do jeito que está, o pessoal vai levando, vai levando. Não tem muita atitude para aquilo, para reclamar os problemas. Daí aumentam os problemas.

Entrevistadora: Mas e daí, você acha que o Brasil vai melhorar no futuro?

Aluno: Eu sou meio patriota. Acho que o Brasil vai melhorar quando tiver a sua independência. Porque hoje, eu soube por uns amigos, que os Estados Unidos ensinam que a Amazônia já é deles. Então, o Brasil não pode ser assim. Eu sei que as coisas estão ruins, principalmente com a dívida externa, mas os brasileiros têm que tomar uma atitude, tem que pensar sempre: Brasil, Brasil. Não podem deixar os EUA dominarem. Tem que ter orgulho. Tem que banir este futebol; você é brasileiro porque é brasileiro e não porque somos penta ou temos o Ronaldinho. Dane-se o Ronaldinho. Este cara não faz nada pelo Brasil. Ele ganhou um carro de prêmio e doou para uma entidade que eu nem sei se é brasileira ou não. Mas é a mesma coisa que a gente dar esmolas. Não resolve.

Entrevistadora: Finalmente eu queria que você me falasse sobre a política e os partidos brasileiros. Qual a tua opinião sobre eles?

Aluno: Os partidos têm a sua ideologia, mas eles existem só para eles e não para a população brasileira. Eles estão preocupados em manter o nome deles, mas não pensam no que as pessoas estão sofrendo. Eu acho que o Brasil tem muitas empresas que poderiam ajudar, dava para deixar o Brasil estável, todo mundo vivendo bem, com um certo conforto, se alimentando três vezes ao dia. Mas não querem, deste jeito como está, para eles está ótimo. Eu queria dizer também que odeio os EUA porque eles querem dominar todo o mundo. Enquanto a gente viver não podemos deixar os EUA mandarem em tudo. Começa pela língua deles, aqui no Brasil a gente é obrigado a aprender. Para que? Ora, vamos fazer nossa união aqui, vamos aprender bem o português. Se o Brasil estivesse bem, se as pessoas pudessem viver bem aqui, elas não ficariam procurando no exterior esta estabilidade. Eu fiz um curso de espanhol. Não gostei porque pensei: eu não gosto

da Espanha também, eu gosto do Brasil. Não parece mas sou patriota. Pensando bem, eu não faço muito pelo Brasil, sendo apenas um patriota, não sei se isto está ajudando muito. Veja esta bandeira do Brasil, acho que ela não significa nada para quem está tendo aula aqui. Nas aulas de história a gente também não vai ficar sabendo nada do Brasil. Ficam ensinando que está escrito na bandeira Ordem e Progresso. Nós não temos nem ordem e nem progresso. Sabe quem tem progresso aqui? São as empresas multinacionais. Esta foi minha declaração sobre o Brasil.

Aluno 9

Entrevistadora: Inicialmente me diga o teu nome, idade e há quanto tempo você estuda nesta escola?

Aluno: Meu nome é Leandro, tenho 17 anos e estudo aqui há 2 anos, mas já estudei aqui no primário.

Entrevistadora: Fale-me a sua opinião sobre a disciplina da história.

Aluno: Eu gosto da história dada aqui, acho este colégio muito bom para estudar, e gosto da história desde o começo que eu estou na escola. História, bem, eu percebo que cada professor explica de um jeito, cada professor tem um método. Se você gosta ou não, depende. Para mim, seja o professor ruim ou bom, eu continuo gostando, mas eu sei que depende deles. Eu procuro sempre ficar ligado nas explicações de cada um.

Entrevistadora: Tem alguma coisa que você mudaria, para melhorar o ensino?

Aluno: Se eu fosse professor eu tentaria trazer material diferente, fazer trabalhos em cima da matéria, cartazes. Poderia pegar uma vez todos os professores juntos e fazer uma dinâmica diferente com todos. Eu sei que cada vai ter um jeito de passar a matéria, mas tinha que estabelecer os pontos que seriam os mesmos para todos os professores. Organizar os mesmos conteúdos para todos.

Entrevistadora: Em relação à história do Brasil, tem algum conteúdos especial para você?

Aluno: Bem, quase tudo eu gosto, desde o começo da história, do Descobrimento até os anos 80, com impeachment do Collor. Não tem nada que eu marquei como ruim. Além disto, agora por causa do vestibular, você é obrigado estudar tudo. Eu acho que não tem uma coisa especial, você tem que gostar da história do teu próprio país.

Entrevistadora: Mas você tem um personagem e um acontecimento que ficaram marcados, para você?

Aluno: O personagem eu diria Luis Carlos Prestes, que é importante. E acontecimento eu lembraria da ditadura foi uma época marcante. Se teve apoio dos americanos para ela acontecer ou não, eu não sei te dizer. De qualquer maneira ficou muito marcado na história do país.

Entrevistadora: Você poderia me dar uma definição de nação e dizer se existe uma nação no Brasil?

Aluno: Eu não vou saber explicar mesmo o que é uma nação. Eu posso até

começar a falar assim: ter uma religião, gostar das mesmas coisas, etc. Mas aqui no Brasil tem muita diferenças de religiões, nem todos são católicos, nem todos gostam de futebol ou de comer feijoada. Isto não vai mudar porque cada um vai continuar seguindo seu costume; quem se considera europeu vai ter seus costumes de europeu, não vai viver neste mundo todo que é o Brasil.

Entrevistadora: Mas você não acha que alguma coisa une as pessoas aqui? Eu posso dizer que eu sou brasileira, você também. Que união é esta?

Aluno: Bom, de cara a gente nasceu no Brasil. Nasce, cresce e morre aqui, neste território. Para mim é só isto.

Entrevistadora: Então, desde quando existe um Brasil?

Aluno: Desde a chegada dos índios. Eles desceram toda a América, desde a América do Norte, Central, ocuparam o resto, no sul. Os portugueses chegaram bem depois. Os historiadores não falam dos índios, que chegaram bem antes, pela América do Norte. Aqui já tinha um povo, eles já estavam nestas regiões quando os portugueses chegaram. Eles começaram.

Entrevistadora: Em relação aos problemas brasileiros, você pode me apontar alguns?

Aluno: Os problemas do Brasil? Nossa! É a corrupção, a pobreza, a má distribuição de renda, os políticos falam em dar salários, comida etc. Mas quando chegam no Congresso, eles pensam neles e se levam anos para descobrir erradas as coisas que eles fizeram. Lembra do senador Luis Estevão? Depois que está terminando o tempo dele é que descobrem que ele roubou milhões até da Previdência. O povo só vê na televisão, acha que não vai acontecer nada. Mesmo que prendam o cara, o que adianta? Ele é formado, vai para a cadeia, cela especial, não fica com os presos. Eu acho que é isto. Isto é um problemão.

Entrevistadora: E sobre o futuro do Brasil, o que você pensa?

Aluno: Eu não vejo futuro para o Brasil, já que as estatais estão sendo privatizadas, o próprio FHC dolarizou a economia e agora que aumenta o dólar, todos os preços sobem. Os EUA querem fazer esta ALCA e pegar tudo para eles e a Amazônia também, querem obrigar fazer licitações quer serão mais lucrativas, porque eles têm empresas fortes. Aqui vai ser um estado americano. Se os políticos fossem devagar, fizessem um pouquinho, controlando um pouco, defendendo os nossos pontos de vista, o Brasil poderia chegar num futuro melhorzinho. O nosso tipo de colonização foi diferente dos americanos, aqui houve desmatamento, levaram tudo daqui para lá. Lá não, as pessoas foram fazer colônias, lá o país cresceu, se desenvolveu o agora querem dominar tudo. Sei lá do nosso futuro...

Entrevistadora: Você acha que a política e os partidos políticos têm um papel nisto? Qual a tua opinião sobre eles?

Aluno: Eu agora estou um pouco distante da política. Quando eu ficar um pouco mais velho e começar a entender de política, acho que vou me envolver mais. Eu fico vendo os partidos com suas ideologias. O cara chega na televisão, fala bem... o povo acredita e vota porque achou uma proposta boa. Daí o cara começa a roubar, ninguém pergunta, ninguém sabe. Na outra eleição, o povo diz: eu vou votar neste outro cara, neste outro partido. Mas daí o outro também rouba. É um ou outro, raramente, raramente aparece um que não vai roubar. Os projetos de lei, passam

pelos senadores, depois pelos deputados que dizem: não está certo, vamos mudar. Os deputados já querem mudar tudo, demora em tempão. Os salários deles sempre aumentam e eles dizem que não tem dinheiro para nada. O brasileiro ganha uns poucos reais, porque está quebrada a previdência e estes caras lá no poder? O Lula agora entrou, faz anos que ele tenta, sempre pelo PT. Vamos ver agora o que ele vai fazer. Podem ser os melhores quatro anos de toda a história mas também podem ser os quatro piores, porque a presidência é bem diferente de governar um estado, uma prefeitura como o Pt fez. Tem que saber fazer negócios, tem que estar controlando, negociando... Para a mim, na verdade eu não gosto nem da política e nem dos partidos.

Aluno 10

Entrevistadora: Primeiro eu quero fazer para você perguntas bem gerais, sobre a história e o ensino, depois farei perguntas sobre o questionário propriamente dito, sobre algumas respostas que você deu. Então, fique bem à vontade e responda tudo o que quiser, quanto mais você falar é melhor. Qual é o seu nome e sua idade?

Aluno: Meu nome é Carlos e tenho 17 anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo você estuda nesta escola?

Aluno: Entrei aqui este ano

Entrevistadora: O que você acha da disciplina da história?

Aluno: Acho importante ter conhecimento sobre o passado, o que aconteceu não à toa; cada acontecimento, ato, atitude, reflete no mundo hoje em dia.

Entrevistadora: Então você gosta, você acha importante? O que você mais gosta da história?

Aluno: Conhecer os fatos mais famosos, porque ele aconteceu, como aconteceu.

Entrevistadora: Me dê um exemplo de fato famoso.

Aluno: Por exemplo, o nazismo. Eu peguei até um livro do Hitler, que ele escreveu, o Mein Kampf (Minha Luta), porque eu queria conhecer mais porque ele teve aquelas idéias, porque ele fez aquilo, aquela matança, porque ele pensava daquele jeito.

Entrevistadora: E sobre as aulas, você acha que as aulas são boas, não só neste ano, mas em outros anos, de uma maneira geral, seus professores, conseguem responder as suas dúvidas? O que você faria para melhorar, para mudar as aulas de história?

Aluno: Até a 5. ou 6. série, a minha professora, na maior parte das vezes fazia resumos, por mais que fossem cansativos, até que é bom, porque você vai lendo os fatos, vai tirando aqueles pontos mais importantes, dali você tirava bastante coisa...

Entrevistadora: Você gostava porque ela entregava um resumo, passava no quadro ou entregava para vocês.

Aluno: Ela passava para nós fazermos, e nós tínhamos que fazer os resumos, ler os livros. Porque, por exemplo, responder questionários, o professor diz: responda isto,

you will look for it, you will go there and take a quick look from above, you will go there and copy, you do not think about answering.

Entrevistadora: E fazer o resumo te obriga a ler tudo. É isto? Então agora procure lembrar sobre o que você sabe da história do Brasil. O que você aprendeu sobre a história do Brasil e que você nunca mais esqueceu? Que foi legal, ficou, foi importante?

Aluno: Sobre a colonização... as pessoas que vieram da Itália para o Brasil, eu sou descendente de italianos e até mesmo por causa da novela que passava na Globo e falava bastante. Por mais que fosse uma novela, uma cultura inútil, tinha um fundo de conhecimento real, eu prestava bastante atenção por causa da Itália, eu tenho parente que veio de lá...

Entrevistadora: E daí nas aulas, você se interessava. Mas, agora, o contrário, uma coisa que você foi obrigado a estudar da história do Brasil e você achou uma besteira, perdeu tempo...

Aluno: Da história do Brasil acho que não tem nada.

Entrevistadora: Algo que você não goste.

Aluno: Não, nada

Entrevistadora: Você gosta de tudo?

Aluno: É.

Entrevistadora: Você consegue lembrar o nome de um personagem da história do Brasil que você ache importante, que você goste. Você me falou do Hitler. Tem alguma coisa no Brasil assim?

Aluno: É, tem o Enéas, ele faz humor, ninguém leva ele muito à sério, mas se for pensar bem, ele tem umas idéias meio prá lá...

Entrevistadora: Mas não tem nenhum um personagem, pode ser destes famosos ou nem precisa ser muito famoso...

Aluno: Não é um personagem, no caso é o Fernando Collor. Eu lembro que era pequeno na época, meu avô tinha dinheiro na poupança, ele perdeu dinheiro e começou a beber mais. No caso, ele já bebia, depois ele começou beber mais...

Entrevistadora: Ele influenciou a vida de uma pessoa..

Aluno: Eu achava interessante, gostava de assistir as manifestações, porque era interessante ver o povo agindo, né, em seu benefício próprio. Achava que tava errado e foi se manifestar...

Entrevistadora: Por causa do Fernando Collor?

Aluno: Pois é.

Entrevistadora: E um acontecimento, a mesma coisa, que você ache importante, como você falou da 2a. Guerra, alguma coisa bem do Brasil. Você falou do impeachment do Collor, mas outra coisa, de uma época mais antiga?

Aluno: Eu posso falar da Copa do Mundo. Sempre que chega a época da Copa do Mundo o Brasil pára e acho que todo mundo conhece melhor que história das copas que o Brasil ganhou do que a política, o social.

Entrevistadora: Agora vamos pensar nesta palavra Nação Brasileira. Quando você pensa, se eu pedisse para você escrever uma definição, o que você acha que escreveria?

Aluno: É um povo que se assemelha, com uma cultura parecida. Tem várias diferenças, veja a cultura aqui do Sul é totalmente diferente do Norte e Nordeste, mas mesmo assim tem coisas similares. É um país que fala a mesma língua, tem um gosto parecido, uma cultura parecida.

Entrevistadora: Então, para fazer parte de uma Nação, o que tem de ter o povo, você já começou a falar, língua, etc.

Aluno: É, tem que respeitar a história do país, respeitar as diferenças entre a população que compõe esta nação. Não adianta lá, como é que se chama, não gostar do rito religioso de uma faixa, de uma camada da população. Se você faz isto, não pertence aquela nação mesmo. Se você não sabe respeitar...

Entrevistadora: Não respeita como alguém igual... No questionário, eu fiz algumas perguntas sobre o Brasil atual. Então me diga uma coisa, você acha que o Brasil é um país cheio de problemas? Que problemas são esses? Ou não, pensando em outros países, o nosso não tem problemas?

Aluno: Com certeza, o maior problema é a corrupção. Tem gente que diz, eu odeio a corrupção, mas mesmo assim, quando tem a chance, vai numa loja comprar alguma coisa e o cara te dá o troco, por exemplo, 5 reais mais alto do que devia, você coloca no bolso e diz: ah, que otário! Pensa que isto não é corrupção mas é. Se faz isto com pouco, quem garante que com muito dinheiro ele não ia querer pegar a maior parte, tirar sua corrupção. Acho que o maior problema é este.

Entrevistadora: A corrupção que vai desde o pequeno que pega um troco errado, até... Então, quando você acha que estes problemas podem começar a serem resolvidos? Tem solução estes problemas brasileiros?

Aluno: Tem que ser uma educação, não de colégios. Quer dizer, de colégios até ajudava, mas principalmente a partir de casa, passando de pai para filho. Levar isto não como uma obrigação, mas uma forma de conduta aí ele vai mostrar o caráter dele.

Entrevistadora: Pensando na ação das pessoas, o que você acha que pode fazer, qual é o papel que cada pessoa tem, você Carlos, no dia a dia, como é que você pode ajudar o Brasil?

Aluno: Partindo desta questão da corrupção já uma forma. Acho que teria que se informar mais sobre a política, ver o que está acontecendo, se você vê alguma coisa errada, nem que seja só você, meio que se manifeste, tente conversar com mais pessoas, interagir entre amigos, entre colegas de serviço e de colégio, e ir espalhando até que, quem sabe um dia, tenha uma consciência maior e ver que está errado e deixe de cruzar os braços. Se cada um pensar: ah não adianta, lógico que não vai adiantar. Se eu pensar, adianta sim, mais pessoas pensarem que adianta, pode ser que dê certo...

Entrevistadora: Influenciar quem está perto. E sobre o Brasil no futuro, que também está no questionário. Qual a idéia, como você imagina que vai ser o Brasil no futuro? Tem alguma solução?

Aluno: Agora eu até achei estranho, como nestas eleições agora, o Lula sempre ia

para o segundo turno, correndo atrás dos outros candidatos. Agora são os outros que estavam lutando para ganhar dele. Isto mostra que todo mundo quer o Lula ou o quer o PT, mas tá mostrando que é o povo que não está contente com o governo. O governo, a partir de agora, independente de qual partido daqui prá frente vá governar, vai ter aquele, pois é, o povo não tá muito contente. Se ele não tá contente, ele vai arriscar. O Lula é uma aposta, né, pois ele nunca governou nada. Todo mundo sabe que o povo tá tão cansado que já está arriscando, não tá com medo de experimentar.

Entrevistadora: Você acha que o povo agora não tem mais medos, não vai se intimidar?

Aluno: O povo tá muito descontente com tudo, com o governo. O povo agora tá pensando um pouco melhor e tá até arriscando, mesmo porque já cansou de tanta promessa sem cumprir, né?

Entrevistadora: Então, estas eram as perguntas mais gerais. Agora eu queria fazer para você algumas questões sobre o questionário, e a gente vai cair nestes assuntos, de política, de democracia e tal. Procurando no questionário a questão 22a – você vai ver um pergunta que fala sobre resolver os problemas brasileiros participando de um partido político.

Aluno: É acho que não adiantaria muito... O Partido político tem a sua ideologia, aí acho que é melhor até ficar fora dos partidos e experimentar uma ideologia daqui, uma ideologia de lá... e pegar a melhor para votar, e não participando. Porque participando a pessoa votaria no partido e pronto...

Entrevistadora: Sim, porque na questão 27a, você diz que dá bastante importância para a política, mas não dá a mesma importância para os partidos... Quando você fala em política, você descarta um pouco os partidos, é isto?

Aluno: É, o partido não me chama muito a atenção. É melhor ver o que cada partido pensa. Cada momento de governo tem um partido que tem uma postura que se encaixa melhor talvez para aqueles 4 anos. Assim como num ano pode ter uma ideologia muito importante para desenvolver o Estado, ele pode ter, 4 anos depois, se continuar com ela, ao invés de progredir, vai começar a regredir.

Entrevistadora: Quer dizer, o partido não evolui muito, fica preso naquelas idéias?

Aluno: É.

Entrevistadora: Na questão 12, a gente falou sobre democracia; no 12d diz que a Democracia não é nada mais do que escolher os mesmos chefes políticos. Você concordou com esta frase?

Aluno: Não, não concordei.

Entrevistadora: A Democracia é mais do que estar sempre votando nas mesmas pessoas, nos mesmos “capas-pretas”. Mas no 12h você diz que não existe democracia. Então eu queria que você me dissesse, esta palavra está te levando a pensar o que?

Aluno: Eu concordo que a democracia deveria ser igual para os homens, para as mulheres, ricos e pobres, né, mas o que acontece hoje não é isto. Tem uma diferença brutal, por exemplo, se alguém atropela e mata, ela vai para a cadeia, mas tem casos de gente famosa que atropela e não acontece nada, e ainda tem burro

que ainda pensa, coitado ele é famoso! Coitado, ele não teve culpa (só encheu a cara a noite inteira). Quer dizer, a democracia deveria ser igual. A Democracia deveria ser assim, todos agindo, sem exceção de pessoas, não só na época das eleições. Achou alguma coisa errada, tenta conscientizar uma parte da população, quem sabe criar plebiscitos, para votar...

Entrevistadora: Então ela deveria ser igual para todo mundo...

Aluno: Deveria ser igual..

Entrevistadora: Mas a Democracia também dá a possibilidade de votar em outras pessoas, não só os mesmos... foi isto que você pensou?

Aluno : Democracia não é só de 4 em 4 anos, é período contínuo.

Entrevistadora: Vamos então para a última. Na questão 13 você colocou ali que a Nação brasileira foi formada a partir dos anos 80. E na questão 11 você colocou. Deixa eu falar uma coisa: eu não estou questionando você, mas eu estou perguntando para ver se o questionário tá bem claro, por exemplo, na caso da Democracia, deve ficar claro o que é e o que deveria ser, assim eu tenho que perguntar melhor estas coisas. Então, na 11 você coloca que para ser de uma Nação é preciso falar a mesma língua, ter direitos e deveres, nascer num mesmo território, coisas que a gente já estava falando no começo. Mas para você, a Nação só começa a se formar em 1984. Antes disto, não havia um povo, falando a mesma língua, no mesmo território? Por que você acha que a Nação só começa e se formar uma nação nesta época, agora, há vinte anos atrás?

Aluno: Por que foi quando a maior parte da população se mobilizou para criar algo positivo para ela, que deixou de ser omissa...

Entrevistadora: E antes? Eram os líderes que faziam?

Aluno: Sim, veja, chegou o imperador lá de Portugal, demarcou um território e pronto, quem nascesse ali era brasileiro, mas não era da Nação Brasileira, era mais porque nasceu ali mesmo, ficou morando ali mesmo.

Entrevistadora: Então, falar a mesma língua e nascer num mesmo território é condição para ser nacional, mas não é só isto. É o que mais?

Aluno: Acima de tudo a pessoa tem se mobilizar pelo bem do país, da nação, pelo bem de seus companheiros de nação. Não adianta ver uma outra pessoa sofrendo e ela não fazer nada. Ela tem que se mobilizar. É isso.

Entrevistadora: Então era isto, muito obrigada.

2. ESCOLA PRIVADA

Aluno 1

Entrevistadora: Qual seu nome, idade e há quanto tempo está nesta escola?

Aluna: Meu nome é Gisele e estudo há 13 anos no Medianeira, desde o Jardim I até o terceiro aqui no Medianeira.

Entrevistadora: Me fale um pouco sobre a disciplina da história, se você gosta, o que acha importante ou o que não acha importante.

Aluna: Olha, história sempre foi uma das matérias que mais me fascinou, talvez porque algumas coisas estão ligadas ao nosso cotidiano, são relações lógicas de certa forma mais fáceis para mim, um raciocínio lógico que você constrói ao longo dos anos. Eu acho que sempre tive bons professores de história e acho que isto contribui muito para você gostar desta matéria e acho que você precisa saber, ter consciência de tudo o que aconteceu e vê que muitas coisas de hoje são reflexos de coisas do passado.

Entrevistadora: O que você faria para mudar esta disciplina, alguma coisa que você não gosta e o que você mudaria?

Aluna: O que eu não gosto é uma coisa que por sorte no Medianeira não é muito focado que seria a questão de estudar muitas datas e nomes. Eu me fascino muito pelo contexto e pelas relações, que eu acho que são muito bem trabalhadas aqui e neste ponto a Geralda é uma pessoa fantástica para relacionar, as vezes até é meio complicado, algumas pessoas não gostam muito de acompanhar este raciocínio lógico do ir e vir. Mas quanto ao ensino da história, olha, eu me interesse e acho muito importante.

Entrevistadora: Tem alguma metodologia que você não gosta, lembre-se outros anos, coisas que você era obrigada a fazer e não gostava?

Aluna: Eu nunca gostei muito de seguir um livro. Eu gosto muito de aula expositiva. Eu tive muitos professores e gostava assim, nos primeiros minutos da aula eles passavam a matéria no quadro, um esquemão, tópicos que os alunos copiavam e daí então o professor começava a explicar, desenvolvia tudo aquilo que tinha colocado em tópicos, num raciocínio e você ia colocando, escrevendo. Eu sempre achei este método muito bom. Mas seguir um livro, eu acho um pouco cansativo ter fazer leitura, exercício do livro...

Entrevistadora: Questionários, atividades...

Aluna: Eu acho que não são coisas que se façam em aulas, são coisas que se passam para fazer em casa. Eu sempre gostei de ver slides e acho que vídeo é bom pela memória visual, que é fundamental, o que a gente vê é muito mais fácil para gravar. Mas eu não gosto de livro, ou quando o professor senta lá e só fala, fala, tem que ter uma coisa escrita para te dar uma base, para depois desenvolver as idéias.

Entrevistadora: Tem alguma coisa da história do Brasil que você não gostou, que você achou cansativa, que não precisava?

Aluna: Do Brasil eu gostei muito da era colonial, da época da mineração porque eu

conheço muito estas regiões e daí você se interessa mais em saber. Eu gosto de estudar o Brasil. Eu não gosto muito de estudar coisas muito longe daqui; é importante, mas para mim não tem muita relevância. A história daqui, por estar próximo e fazer parte do cotidiano, me interessa mais.

Entrevistadora: Agora vamos falar sobre a Nação. Eu sei que é um conceito muito difícil, determinar a Nação, mas qual é a primeira idéia que você tem quando fala a palavra Nação?

Aluna: Acho que seriam pessoas com ideologia e um passado comum, uma memória de pertencimento comum, pessoas que têm uma mesma história, que criam uma identidade. A partir deste momento a gente tem uma nação. Você se assemelha com o outro a partir de características comuns, as quais são baseadas neste passado, coisas que foram vividas próximas.

Entrevistadora: Sobre os problemas brasileiros, você acha que o Brasil é um país com problemas ou não é tanto e quais são estes problemas?

Aluna: Problemáticas eu acho que quase todas as sociedades são. Mas enumerando estes problemas eu acho que é um problema muito sério a má distribuição de renda, o sul e o sudeste do Brasil tem uma concentração muito diferente da parte norte e nordeste do país. Acho que a fome é uma coisa que não atinge muito a minha realidade. Mas construir uma visão de mundo a partir de Curitiba é muito complicado. Eu já morei em Rondônia e lá conheci uma outra realidade que é bem diferente daqui, já andei por alguns lugares do país e acho que são realidades muito diferentes. Bom, não precisa ir muito longe. Aqui em Curitiba você vai na periferia e já encontra isto. Aqui do lado do nosso portão, na vila (Torres) já tem isto. Os problemas são vários. A questão da impunidade é muito presente em nosso país, criou aquela ideologia de que tudo que se faça não é punido, a justiça não funciona ou demora. Entrando nesta questão, você não confia mais nos políticos, acho que as máfias que foram criadas dentro destas instituições geraram uma descrença nessas instituições.

Entrevistadora: Nós vamos voltar nesta questão da política, desta descrença. Mas antes eu queria que você dissesse que a gente pode fazer, o que você pode fazer para ajudar na resolução, qual é a tua participação nisto?

Aluna: Eu sempre fui a favor do trabalho voluntário, porque é o mínimo que você pode fazer. Quer dizer, para você é o mínimo, mas para os outros, que estão necessitados, é muito importante. Eu fiz uma época um trabalho voluntário aqui na escola e neste ponto acho que o Medianeira abriu muito a cabeça dos alunos em mostrar este lado social. Doações de coisas, a gente na minha casa sempre ajuda em campanhas de doações de roupas. E as vezes a gente pensa que só deve dar coisas físicas, materiais. Acho que muitas vezes, uma tarde que você passe num projeto pode ser legal. Eu não trabalhei muito mas considero legal. Na empresa do meu pai, todo final de ano a gente visita várias creches e faz festas. Você vê o carinho que recebe naquela tarde que você gastou, aquele final de semana que você foi lá. Acho que para você é algo que pode passar, mas para eles, eles guardam para sempre. A minha família sempre ajudou o hospital do câncer, fizemos doação de bolacha, no natal a gente adota uma criança e faz uma caixa com tudo para esta criança, roupa, comida. Acho que são nestas pequenas coisas que a gente vai fazendo, porque mudar tudo a gente não pode, mas fazendo um pouco para o próximo, pode ir construindo assim, uma coisa coletiva. Tem coisas que fogem ao

nosso controle. Eu sempre tive vontade de poder entrar na política para fazer alguma coisa, ter uma participação maior na sociedade, mas é uma coisa que acaba fugindo. Então se você faz pelo teu próximo, se todo mundo tivesse esta consciência de ajudar um pouco o outro, já ia melhorar, ajudar um pouco.

Entrevistadora: E em relação ao futuro, o que você acha que pode acontecer com o Brasil?

Aluna: Acho que nunca se pode pensar que as coisas estão perdidas. A luta é uma coisa que deve ser constante. Nós estamos vivendo uma crise econômica que atinge não só o Brasil como também vários outros países e com mercado muito instável. Agora temos um novo presidente eleito, eu acredito que é preciso mudar, agora, se a gente vai ter capacidade, vai conseguir mudar é outra coisa. Com a entrada deste novo governo, acho que as coisas vão melhorar, porque sempre foi uma ideologia que eles defenderam muito, e tenho esperança de mudança, sou otimista porque o jovem sempre é um otimista com o futuro. A gente sempre cria na nossa cabeça que as coisas vão melhorar, que a gente vai começar a trabalhar, entrar no mercado, começar a ter mais consciência. Nós jovens somos muito sonhadores e se a gente não tiver este sonho, esta utopia, daí acabou tudo... Tá nas nossas mãos esta utopia se transformar numa coisa mais concreta, que o sonho não seja só um sonho.

Entrevistadora: No questionário você diz que a política é importante, mas a participação num partido político você não acha que ajude na resolução dos problemas. Então eu queria que você me explicasse o que você está entendendo por política e qual tua visão do partido político, para dizer que ele não resolve muito?

Aluna: A política está no cotidiano, é uma coisa que te influencia diretamente. Participar de um partido, hoje em dia... Se criou um sistema que se tornou inviável e até perigoso participar de uma máfia desta. Porque, se você quer participar tem que entrar na onda, ou se é submisso ao partido e tem que aceitar que quem comanda é aquele. Quando alguém denuncia uma rede, a pessoa é até exterminada. Eu tenho até vontade, mas não tenho segurança em participar. Você sabe, eu não tenho segurança por exemplo, de denunciar. Já aconteceram vários fatos, da pessoa entrar, querer mudar e denunciar uma rede de corrupção mas ser punido com a morte ou dos teus familiares....

Entrevistadora: O partido é uma máfia, você tem que se submeter às regras de um partido...

Aluna: Por este receio eu não participo, acho melhor ficar na posição de assistir. Eu gosto de saber, de ler, mas tenho receio desta participação.

Entrevistadora: Falando agora de Democracia, na questão 12, você diz não concordar que a Democracia seja sempre escolher os mesmos líderes, os mesmos "capas pretas" vamos dizer assim. Mas concorda com a frase segundo a qual são sempre as mesmas pessoas, as mesmas classes que mandam. Há uma possibilidade da democracia ser diferente, você acredita nesta democracia ou não?

Aluna: Acho que a democracia não é apenas escolher os mesmos. Acho que existe uma liberdade de escolha. Só que, uma referência que a gente tem no nosso país é a de que a democracia sempre esteve nas mãos da elite. Esta é uma visão que a gente tem, de que a elite sempre esteve no poder. A democracia esta vinculada com esta classe dominante. Poucas pessoas, com muito poder aquisitivo, sempre

estiveram no poder. Os discursos muito bonitos, muito elaborados que sempre dominaram sobre outros discursos, que talvez não fossem tão bonitos assim.

Entrevistadora: Agora eu gostaria de confrontar duas respostas tuas sobre a Nação. Na questão 13 você colocou que ainda não está formada a nação brasileira. Na questão 11 você coloca alguns atributos para ser da mesma nação (território, língua, história). Você colocou que o Brasil tem alguns atributos, mas ainda não é uma nação, então o que é que falta ao Brasil para ser uma nação?

Aluna: Um item que eu coloquei é ter uma cultura comum, ter as mesmas tradições. Acho que não existe no Brasil uma ideologia do tipo "nós somos o povo brasileiro, temos que lutar por uma causa". Acho que nunca existiu esta união assim. Até pensando em movimentos separatistas, como O Sul é Meu País. Se tivesse essa idéia comum, acho que não existiriam estes movimentos, estas idéias separatistas. É muito diferente a realidade do sul, do sudeste. Falta uma unidade da nação brasileira. Acho que é por isso que ela não é constituída tão firme. Uma coisa que dificulta é se unir em prol de um objetivo comum. Sempre existem muitas divergências. Uma coisa que ficou uma clara nessas eleições, por exemplo, no Distrito Federal, a eleição tinha horas que estava empatada, é uma contradição de metade da população. Então não existe uma coisa comum. É claro que em nenhuma sociedade você vai ter uma unidade, um só tipo de pensamento, nem é este o objetivo. Mas eu acho que o que une o nosso povo ainda é o futebol, sabe. Acho que é uma coisa muito forjada, a idéia de nação brasileira sempre foi muito forjada e a elite que sempre dominou a política, estas idéias de união, estes conceitos, quer dizer, estas realizações que foram criadas, sempre foram em benefício da elite, e quando houve algum tipo de revolução do povo, esta memória foi apagada, como Canudos, Contestado. Acho que todas as tentativas de luta por um objetivo comum, foram de certa forma apagadas pelos dominantes para não mostrar ao povo a força que ele tem. Memórias foram apagadas, como Canudos que não aparecia nos livros de história. Estas idéias, de uma união, de uma luta, de que é possível, como Canudos conseguiu construir uma sociedade assim, mas foi apagada da cabeça do brasileiro esta união, esta luta. A elite, toda vez que via uma revolução, que algo iria explodir, eles davam um jeito de apagar e mostravam que o povo não tem esta capacidade toda. É uma coisa que até hoje... que agora esta massa populacional conseguiu se unir e eleger um candidato... acho que aos poucos a história vem mudando, mas acho que foi uma realidade de muitos anos da nossa história.

Entrevistadora: Falando em acontecimentos como você citou Canudos e Contestado, cite para mim um personagem da história do Brasil que você acha importante.

Aluna: Os personagens da Inconfidência Mineira. Talvez não fosse a melhor ideologia na época, mas a Inconfidência foi importante. Outro é o Juscelino Kubistchke, com os 5 anos em 50, acho que o Brasil teve um avanço muito grande, foi um processo de desenvolvimento mesmo. Ele se destacou bastante por este empurrão que ele deu no governo dele.

Aluno 2

Entrevistadora: Qual o seu nome, idade e há quanto tempo está nesta escola?

Aluno: Meu nome é Wesley, tenho 17 anos e estou aqui há 5 anos.

Entrevistadora: Fale-me um pouco sobre a disciplina da história: se você gosta, não gosta, acha importante, por quê?

Aluno: Não é que eu não ache importante. Não sei se é por que eu vou mal, mais ou menos mal, mas eu acho que muita coisa não precisava ser cobrada. É bom tá explicando para os alunos, só que eu não sei se é necessário cobrar desta desta forma, eu acho que é importante para a cultura geral, só que não deveria ser imposto. Eu fico acima da média, mas eu praticamente decoro os textos, porque eu não consigo escrever, na hora de responder eu não consigo escrever, sabe.

Entrevistadora: Então, o que você mudaria nesta disciplina?

Aluno: É difícil isto também porque se não cobra dos alunos, muitos não vão aprender. Alguns se interessam e vão pegar livros, ler e tentar entender. É bem difícil, eu não tenho alternativa para mudar...

Entrevistadora: Me diga um coisa: sobre a história do Brasil, o que você aprendeu e que você gostou?

Aluno: A história mais atual, a partir de 1922, esta parte que a gente tá vendo agora eu acho mais interessante e a parte política e econômica que eu gosto mais.

Entrevistadora: E o que você não gosta, que você foi obrigado a estudar, a decorar...

Aluno: Da história Geral eu não gostei de estudar o Egito, é muito antigo e eu precisava tirar muita nota, daí eu decorei um monte de coisa.

Entrevistadora: E da história do Brasil?

Aluno: Acho que do Brasil eu tive um pouco mais de facilidade por conviver assim, já desde pequeno a gente tá ouvindo, então eu tive um pouco mais de facilidade, assim. Mas antigamente, a parte européia eu não gosto.

Entrevistadora: Descobrimento do Brasil...

Aluno: É, também não peguei muito assim.

Entrevistadora: Você lembra de um personagem da história do Brasil que marcou para você?

Aluno: Dom Pedro II. Também um pouco foi por influência da TV porque passou uma mini série e aparecia o Dom Pedro II. A mini série satirizava a história e até a professora falou que não podia contar muito porque era uma sátira e não podia acreditar muito.

Entrevistadora: Você gosta de ver filmes, ir no cinema e ver documentários...

Aluno: Eu prefiro isto do que as aulas, eu sinto que tenho mais facilidade com um visual assim, a aula fica mais difícil porque você mais ouve.

Entrevistadora: E um acontecimento importante, você se lembra de algum?

Aluno: A ditadura, de 1960, mais recente, que foi uma coisa uma coisa bem imposta mesmo. Eu li que o Lula foi preso e muita gente foi presa por que não aceitava aquele poder.

Entrevistadora: Na seqüência, a gente vai falar sobre nação. Eu queria que você me desse uma definição.

Aluno: Nação. Acho que é um pouco de territorialidade, limites assim, pessoas que vivem dentro deste domínio e que contribuem com a política deste lugar que têm uma influencia direta ou indireta neste lugar.

Entrevistadora: São pessoas que vivem num território e que agem neste território...

Aluno: Com sentimento também de estar pertencendo a este território...

Entrevistadora: Vamos falar um pouco dos problemas brasileiros, quais você acha que são os principais problemas?

Aluno: O que eu convivo mais de perto, apesar de eu não ser de classe baixa, acho que é a miséria e a violência. Sempre eu passo na frente da favela para ir para casa e já fui assaltado várias vezes, justamente por causa desta diferença. Eu tenho um relógio o menino não tem e não tem como comprar aí ele rouba de mim. Já perdi bastante coisa por isso. As vezes ele chega na base da violência, pega e ameaça: se der não der eu vou bater... Aí eu tenho de dar o que eu tenho. É um problema de pobreza que gera a violência.

Entrevistadora: Como você acha que pode se resolver este problemas. O que você, Wesley, acha que pode fazer para ajudar um pouco o Brasil?

Aluno: O que eu poderia fazer, agora, é algum trabalho voluntário assim, para poder formar, educar mais crianças para ter possibilidades de trabalhar num lugar melhor e conseguir diminuir esta diferença, acho que é isso.

Entrevistadora: E você tem esperança no futuro, acha que o país tá caminhando bem ou mal, com as eleições, como você vê o futuro do Brasil?

Aluno: Tenho tenho esperança porque o Brasil tem muita capacidade, tem bastante matéria-prima, território grande, florestas que são um grande patrimônio que deve-se preservar, então eu vejo que, se for bem dirigido, o Brasil tem futuro, só que o problema é ser bem dirigido, assim é possível. Apesar das imposições, do domínio estrangeiro sobre o Brasil, eu sou otimista e acho que vai melhorar.

Entrevistadora: Falando sobre o questionário. Você falou que a política é importante mas você não dá tanto peso para os partidos políticos, para participar deles. O que é um partido e como você vê isto?

Aluno: Partido político hoje tá meio quebrado, porque tem muitas alianças que vão ao contrário das suas próprias idéias. Eu acho que o partido não tem mais uma força ideológica central. Como o PT, antigamente era totalmente de esquerda, ia contra tudo praticamente. Agora, nesta última eleição que elegeu o Lula, eles já mudaram um pouco o discurso. Então, já não sei se mudaram só o discurso ou se mudaram as atitudes também. Porque, se mudaram as atitudes, não vejo o partido como uma coisa séria. Eles começam com uma idéia e, só porque não está ganhando, eles mudam as idéias para conseguir ser eleito. Eu não vejo o partido como tão importante. A política em si é importante pelas decisões que serão tomadas para o futuro. Os partidos é praticamente como o mercado, eles estão levando para o lado do comércio, eles vendem a imagem para conseguirem mais status. A política acaba afetando a todos, uma forma de organizar a população para tentar crescer. As alianças não deveriam existir. Deveriam ter partidos com idéias próprias e estas alianças quebram as idéias dos próprios partidos.

Entrevistadora: Sobre democracia agora. Você colocou que não concorda com a idéia de que a democracia é escolher os mesmos chefes, sempre, mas você concorda que a democracia é um alibi para as classes ricas para continuarem dominando. Porque você coloca estas duas idéias assim, meio diferentes? O que é a democracia?

Aluno: Então, não é necessariamente escolher os mesmos. Mas por imposição, domínio da mídia, riqueza mesmo, campanhas, quando é mais rico consegue comprar mais imagem e conseqüentemente vai eleger mais, os mesmos. Não é necessariamente escolher sempre os mesmos, mas o dinheiro leva a isto, é uma contradição.

Entrevistadora: Você acha que a democracia deveria ser mais do que escolher sempre os ricos...

Aluno: É, um exemplo é a quantidade de tempo que conseguem na propaganda eleitoral. Quem consegue 40 minutos de propaganda contra alguém que tem 1 minuto e meio... Não tem como divulgar as idéias e a imagem nem para as pessoas memorizarem o número na hora de votar, então o dinheiro conta bastante.

Entrevistadora: Está bem, vamos falar sobre o início da nação brasileira. Você colocou na questão 13 que ainda não está formada a nação, mas na 11 você coloca alguns atributos (língua, território, tradições, etc). Você acha que faltam estas coisas no Brasil, tem estes atributos, e o que é que falta para o Brasil ser um nação?

Aluno: Falta um pouco da união do povo, e de novo a gente cai nas diferenças sócio-econômicas. Estas diferenças geram diferenças culturais. Se você é rico vive numa casa boa e vê o exterior mais perto, porque a gente idolatra o exterior, tem produtos estrangeiros em casa, tudo o que a gente vê, tem computador, tudo é importado. Quem é mais pobre, não tem tanta condição, compra mais coisa nacional mas ainda tem a idéia de que o estrangeiro é melhor. Então falta esta junção, de coisas juntas, o povo e o rico, juntos com as mesmas características. Eu sei que no Japão (porque eu sou descendente de japonês) lá a diferença é menor e os produtos que as pessoas compram é tudo de lá. Então lá já tem uma cultura assim fixa, não só de produtos, mas a cultura também fica mais próximo.

Entrevistadora: Falta esta união por causa da diferença econômica?

Aluno: É, basicamente é por isso.

Aluno 3

Entrevistadora: Gostaria de saber o seu nome, idade e há quanto tempo está nesta escola?

Aluna: Meu nome é Eliane, tenho 17 anos e estou aqui há 13 anos, desde o Jardim II.

Entrevistadora: Eu queria que você me desse tua opinião sobre a disciplina da história, se você gosta ou não, se é importante e por que.

Aluna: Eu particularmente gosto e me identifico com esta matéria. Eu prefiro mil vezes uma matéria que eu tenha que ler, pensar e escrever do que uma matéria que eu tenha que usar números, por exemplo. Eu acho importante porque é necessário

saber, entender o passado e presente, como disse a Geralda, para saber viver melhor, para a vida mesmo. Acho que é isto.

Entrevistadora: Mas se você pudesse mudar a disciplina, o que você faria para melhorar?

Aluna: Fazer coisas mais calmamente. Este ano foi muito corrido, tem muita matéria, então se tivessem mais aulas, talvez melhorasse. Pelo menos no terceiro ano a gente ficou muito sobrecarregado. Talvez com mais calma a gente pudesse absorver melhor, absorver não sei se é a palavra, mas compreender melhor as coisas. Tem coisas que acabam ficando para trás.

Entrevistadora: Da história do Brasil, lembre-se de um conteúdo que você gostou.

Aluna: A ditadura militar dos anos 60.

Entrevistadora: E ao contrário, alguma coisa que você não gostou de estudar.

Aluna: A parte mais do começo, mais colonial... quer dizer, não sei se é colonial, mas é aquela parte das Capitânicas Hereditárias, sabe. Não é que eu não ache importante, mas é muito parado, não tem nada que você diga: olha que legal, que te dê um fogo para dizer: olha que legal aquilo que aconteceu.

Entrevistadora: Se você fosse me dizer o nome de um personagem que te marcou, quem você se lembraria?

Aluna: Quando se fala em história do Brasil a primeira pessoa que eu lembro é o Getúlio Vargas. Ele é o personagem mais lembrado por todos, eu acho.

Entrevistadora: É um acontecimento importante, que foi importante para o Brasil?

Aluna: Acho que não mudou tanto o Brasil, mas eu lembro bem da Proclamação da República. Não chegou a mudar tanto assim o Brasil, mas vem na memória da gente, é o primeiro que eu lembro.

Entrevistadora: Sobre nação brasileira, o que é uma nação para você?

Aluna: É... uma coisa que vai além do que simplesmente um território e um povo que mora ali. É uma identidade. Você se identifica como um da nação brasileira. Se eu for morar num outro lugar, eu não vou me identificar. Mesmo que eu consiga cidadania, indo morar na Alemanha, por exemplo, eu não vou me sentir como parte da nação. Eu tenho identidade com a terra em que eu nasci.

Entrevistadora: Você acha que no Brasil tem uma nação?

Aluna: Acho que está começando a formar, não acho que já exista uma nação. Muita gente não tem orgulho de dizer: eu sou brasileiro, não acha legal, gosta de dizer: olha meu país tem coisas boas. Mas está começando a se formar.

Entrevistadora: Então mais ou menos desde quando está começando a se formar esta nação?

Aluna: Acho que Brasil acontece uma coisa engraçada. O povo começa a se mexer e aí leva um corte e tudo pára. Acho que a partir do momento que as pessoas lutam pelos seus direitos, vão para as ruas, ou não necessariamente vão para as ruas, mas começam a lutar, começa a se formar. Mas no Brasil a gente sempre leva muito corte, começa repressão e as pessoas com medo dizem: vamos ficar na nossa! É assim que começa a se criar. Se não fosse estes cortes, as coisas estariam melhor.

Entrevistadora: Fale-me então sobre os problemas brasileiros: somos um país com problemas e quais são eles?

Aluna: A distribuição de renda é muito grave e puxa muitos outros, tipo, criminalidade, falta de educação, falta de saneamento básico e saúde, coisas básicas para as pessoas. Estes problemas são muito importantes. Sem falar dos problemas da economia, que parece estar toda torta atualmente, coitada...

Entrevistadora: E que coisas a gente poderia fazer para melhorar, para resolver, no nosso dia-a-dia?

Aluna: Acho que a gente deve se inserir em projetos sociais e se interessar. A primeira coisa é se interessar e tentar entender o que está acontecendo. Não adianta você dizer que tá tudo uma porcaria mas não sabe dizer o que está acontecendo, que decisões são tomadas, para onde a gente tá indo. Primeiro é preciso conhecer para saber aonde atuar. Daí sim, se inserir em projetos sociais.

Entrevistadora: Em relação ao futuro, você é otimista, como você acha que o Brasil nos próximos anos?

Aluna: Agora que a gente tá com um novo presidente, tá com o Lula, e todo mundo, mesmo sem querer, cria uma expectativa que agora alguma coisa vai mudar. Tem possibilidades de melhorar, de dar certo. Eu acho difícil o Brasil piorar cada vez mais. Tenho esperança, mas não é uma coisa fácil, que vai sair fácil.

Entrevistadora: No questionário eu fiz uma pergunta sobre a importância da política e dos partidos políticos e as respostas foram muito divididas. Qual a tua opinião sobre isto?

Aluna: Eu acho que hoje em dia, dependendo do partido, tá perdido, muita falcaturia do tipo que a pessoa é naquele partido só porque quer seguir carreira política e é disto que eu quero viver. Então a pessoa entra neste partido só porque ele concorda que não é para mexer nas minhas terras ou os impostos podem ficar como estão e que posso sonegar. Eu acho que maioria está perdido, neste sentido. Se for para entrar num partido deste, eu prefiro ficar em casa. Acho que não vale a pena, não confio. É claro que não dá para dizer que existe partido perfeito, em nenhum lugar. Eu não posso dizer que um é melhor, alguns têm qualidades e muitos têm defeitos.

Aluno 4

Entrevistadora: Queria saber teu nome, idade e há quanto tempo você estuda nesta escola?

Aluna: Meu nome é Daniele, tenho 18 anos e estou desde o Jardim I até o terceirão, então já deram 14 anos aqui.

Entrevistadora: Vamos começar falando sobre a disciplina da história, se você gosta ou não, porque, se acha importante.

Aluna: Eu nunca me dei bem com a história, porque tem muitas coisinhas, é muita coisa, eu não consigo me relacionar e entender muitas coisas, muitos detalhes. A história mesmo eu não gosto.

Entrevistadora: Então o que você faria para mudar a disciplina?

Aluna: Este ano foi bem corrido, precisava ter menos matéria e mais organização também, uma linha do tempo para a gente seguir, organizando as coisas para poder entender melhor, entendendo pode-se gostar mais, fica melhor. Organizando os fatos, assim, no tempo.

Entrevistadora: Mesmo não gostando, lembre-se de um conteúdo que você gostou, da história do Brasil.

Aluna: Gostei de estudar a Ditadura Militar que a gente acabou de ver. Eu considero que foi mesmo um marco, muito importante.

Entrevistadora: Tem algo que você foi obrigada a estudar e não gostou?

Aluna: O Segundo Reinado. Tem muita coisa, revolta dali, revolta para cá, tanta coisa que eu achei uma confusão. Sinceramente não gostei de nada daquilo.

Entrevistadora: Me diga o nome de um personagem da história do Brasil que você ache importante?

Aluna: Não sei se ele é tão importante assim. Pensando bem, ele é. Foi o João Goulart. Porque ele fez bastante coisa importante, como reformas, as Reformas de Base. Ele utilizou destas reformas para o partido dele, mas foi bem importante.

Entrevistadora: E um acontecimento importante?

Aluna: Não sei se tem a ver, mas as passeatas que o povo faz, acho que são importantes, que mexem bastante...

Entrevistadora: Alguma em especial?

Aluna: Em especial? Não me lembro. As passeatas são importantes.

Entrevistadora: Falando agora sobre sobre nação brasileira, o que você acha, se o Brasil é uma nação...

Aluna: Eu acho que no Brasil está começando a criar esta coisa de nação. Nação para mim é um conjunto de pessoas que se identificam. Talvez porque têm a mesma cultura, a mesma identidade, se identificam com as mesmas coisas. Está crescendo agora no Brasil. Tem muita gente que não se identifica como nação brasileira, não sei se é vergonha de algumas coisas daqui, mas falta um pouco. Eu não posso afirmar que tem já uma nação aqui.

Entrevistadora: E desde quando você acha que começou a se construir esta nação?

Aluna: Eu acho que há pouco, não foi desde o começo, desde a Colônia. Acho que está começando agora, há pouquinho tempo.

Entrevistadora: E sobre os problemas brasileiros, quais você acha que são os principais?

Aluna: Acho que falta infraestrutura para resolver os nossos problemas. A fome também é intensa e a economia é problemática, nossa economia não está ainda estruturada, sólida...

Entrevistadora: E o que você acha que a gente pode fazer para melhorar?

Aluna: Primeira coisa é preciso saber o que está acontecendo, se informar para atuar melhor. Acho que é preciso se integrar em projetos, fazer também passeatas, ir para a rua, para aquilo que você quer lutar, melhorar. É lutar contra alguma coisa

que você não está gostando. Não é uma forma boa de fazer, mas é uma opção.

Entrevistadora: E o futuro, qual é a tua visão agora, você é otimista, acha que vai melhorar?

Aluna: Eu sou meio imparcial, sabe. Não tenho certeza que vai melhorar não. Com o Lula agora a gente tem uma esperança. Eu voto pela mudança. Como ele entrou lá, ele vai mudar tudo e a gente acha que com esta mudança o Brasil vai para frente. Como o Lula pegou o Brasil, o país não estava nada bom. Estava normal, o de sempre, mas o governo vai fazer coisas para crescer, piorar eu acho que não. Vamos ver, espero que esta mudança dê umas esperanças novas para a gente.

Entrevistadora: Qual a tua opinião sobre os partidos políticos e a participação política, que era uma questão do questionário.

Aluna: Os partidos são importantes, mas a maioria das pessoas que estão nos partidos, você sabe, tem muita manipulação lá dentro, muito roubo. Eles não são sinceros. É importante mas faltam pessoas de confiança dentro dos partidos. A gente sabe o quanto eles não são sinceros naquilo que falam e que fazem. Tem que haver partidos, mas tem que modificar. Eles devem mostrar um pouco as coisas, informar mais as pessoas aquilo que acontece de verdade.

Aluno 5

Entrevistadora: Qual o seu nome, idade e há quanto tempo estuda nesta escola?

Aluna: Meu nome é Ana Karina. Tenho 18 anos e estou aqui desde pequena, já fazem uns 13 anos.

Entrevistadora: Qual a tua opinião sobre a história?

Aluna: Olha, eu não sei porque mas eu não suporto. Nunca gostei. Desde a 5 série, que eu comecei estudar Roma, estes negócios antigos, eu nunca gostei. Eu não consigo imaginar uma guerra durar 100 anos, por exemplo. Não entra uma coisa dessa na minha cabeça. Para mim é muito difícil me localizar. Quando a professora começa a explicar estas coisas, meio que eu me perco totalmente. Não tem jeito, eu não me acho naquilo.

Entrevistadora: Mas qual a importância que você dá para a história?

Aluna: Olha, importante ela é, porque a gente tem de ver como foi antigamente e entender porque hoje está assim, desta maneira. E ver o hoje para poder pensar como vai ser no futuro. Então tem sua importância.

Entrevistadora: Mas a forma como é dada na escola é que você não gosta?

Aluna: Não é o jeito como é dado. Acho que é uma coisa minha, de assimilar as coisas da minha maneira.

Entrevistadora: Você faria alguma coisa para melhorar, tornar mais dinâmica, mais agradável?

Aluna: História não tem como mudar. Acho que o professor vai falando, vai explicando, e só...

Entrevistadora: Mas você não gosta de aprender vendo filmes, lendo romances?

Aluna: Acho interessante um filme, a melhor coisa especialmente para mim, que fico perdida nas explicações. O filme dá uma noção boa do espaço, do tempo, do que aconteceu. O filme é legal. Eu sei que é importante o professor falar, mas...

Entrevistadora: E sobre a história do Brasil, me diga alguma coisa que você gostou e que você não gostou?

Aluna: Estas coisas que aconteceram nos anos 60, ditadura e tal, eu gostei. Eu não gostei de coisas como os chineses, os russos, a Revolução Russa. Do Brasil eu acho que gosto de tudo, porque é um negócio que você vive, que teus avós viveram, é próximo.

Entrevistadora: A história antiga você não gosta...

Aluna: Eu até gosto, tipo Roma eu gostei, sei lá, na minha cabeça tudo é muito longe.

Entrevistadora: Me diga o nome de um personagem da história do Brasil que você lembre.

Aluna: **Getúlio Vargas**, JK e João Goulart. Eu gosto porque são mais próximos, estão pertinho da gente.

Entrevistadora: E um acontecimento importante...

Aluna: A Independência para mim deu uma grande mudança no Brasil. Porque você era totalmente dependente de uma coisa a acabou tendo que se virar sozinho, sabe, sem ninguém.

Entrevistadora: Vamos falar agora sobre a nação brasileira, me dê uma definição e me diga se nós formamos uma nação.

Aluna: Nação brasileira para mim ainda não existe. Está para se formar. Todo mundo tem sua identidade, tem um território, tem estes vínculos, mas não tem nação, sabe, tá quase.

Entrevistadora: O que é que falta então?

Aluna: Falta muita coisa, falta juntar as pessoas. Porque tem muita separação das classes, não dá para formar uma nação com esta divisão de classe assim. Teria que destruir tudo e começar tudo de novo...

Entrevistadora: Você acha que ainda não tem, mas desde quando o Brasil entrou neste processo de formação de ser o Brasil, desde a colonização, por exemplo? Quando o povo começou a se interessar pelo povo?

Aluna: Acho que não foi da colonização. Antigamente acho que não existia. Os índios, entre eles, acho que até poderia existir uma coisa como uma nação, mas depois que veio a colonização brasileira, por mais que existisse uma nação, foi destruída. Então, dentro da história, faz realmente pouco tempo que o povo tá começando a se unir.

Entrevistadora: E me fale dos problemas brasileiros.

Aluna: Eu posso dizer vários. Fora a fome, a miséria, acho que tudo isto vai existir. A primeira coisa que eu pensei foi a crise econômica. A gente deve dinheiro para um monte de países. Se a gente conseguisse pagar a dívida externa, seria mais fácil

resolver nossos problemas, só que eu também sei que é quase impossível, então a primeira coisa que eu tentaria é pagar todo mundo. Tentar resolver os problemas de fora, e daí partir para resolver aqui dentro, porque daí teria dinheiro para colocar dentro do país. Mas é difícil pagar. É preciso também investir na educação e em outras pequenas coisas que o país está precisando.

Entrevistadora: E o que eu, você, a gente aqui pode tentar fazer?

Aluna: Olha, eu acho muito difícil só um grupo querer, mas eu acho que tem de começar, tem de haver algumas iniciativas senão não vai. Tem como ajudar em alguns projetos sociais para ajudar pessoas necessitadas.

Entrevistadora: E no futuro, o que será do Brasil?

Aluna: Eu tenho medo, sabe. Mas a gente deve ser otimista e não desacreditar. Mesmo aqueles que não votaram nele, no Lula, a gente tem que acreditar que ele vai, porque senão a coisa vai ser destruída desde o começo. Tem que ter um otimismo para o futuro. A maioria votou nele e vai tentar ajudar o presidente. Mas eu tenho medo, é uma coisa muito imprevisível, porque mudou totalmente, né.

Entrevistadora: Finalmente, sobre a participação política e os partidos, como você resolver isto?

Aluna: Você sozinha querer entrar na política é meio difícil, tem que se aliar a um partido, por mais fraco que ele seja, tem que se filiar a um. Eu não gosto e não acredito neles. Na verdade eu não gosto de política e não acredito nas propostas, nas conversas dos partidos. Só mesmo fazendo é que a gente vai acreditar. Ficar só no lero-lero não dá, eu não acredito.

Aluno 6

Entrevistadora: Seu nome, idade e há quanto tempo está na escola?

Aluna: Meu nome é Tatiane, tenho 17 anos e estou aqui desde o Jardim I, o que dá 13 anos, eu acho.

Entrevistadora: Me fale a sua opinião sobre a disciplina da história, se você gosta, acha importante, etc.

Aluna: Já tive minhas fases no período escolar. Algumas vezes, minha preferida era a história e eu tirava as melhores notas, tinha época que as notas ficavam ruins. Mas eu gosto e acho bem importante, saber o que aconteceu, o que está acontecendo, o que pode acontecer ou deixar de acontecer, eu acho que depende muito do conteúdo que se está tratando no momento. Alguns conteúdos eu me identifico muito, tem outros que não.

Entrevistadora: Com o que você mais se identifica?

Aluna: Eu me lembro da 5. série, quando a gente começou estudar egípcios. A professora fazia uma aula toda fantástica, eu me lembro que eu viajava até o Egito e daí voltava, durante a aula dela. E acho que foi a matéria que eu mais gostei de estudar.

Entrevistadora: Este lado fantástico, bonito...

Aluna: Exato, isto eu gosto.

Entrevistadora: E o que você não gostou de estudar? Do Brasil por exemplo.

Aluna: Eu nunca gravei. Eu fiz vestibular agora para a Tuiuti e tinha uma pergunta sobre isto. Era sobre aquela revolta dos Farrapados...

Entrevistadora: Farrapos...

Aluna: É nem sei o nome. Estas revoltas aí, eu acho que nunca vou saber nada sobre elas...

Entrevistadora: E o que você gostou da história do Brasil?

Aluna: Acho que nós estamos estudando a Ditadura e a impressão que ficou é que esta ditadura mudou o país. Foi um dos conteúdos mais importantes que eu estudei.

Entrevistadora: Você faria algo para mudar o ensino?

Aluna: Veja o exemplo da Literatura. A gente começou a estudar através das Escolas Literárias pelas épocas que elas existiram. Começou em 1500, 1600, 1700. Esta seqüência assim facilitou. Em história não, tem este vai e vem e volta. Ir para o passado, voltar para o presente, voltar para o passado. Acho que isto só dificulta a compreensão.

Entrevistadora: Me diga então o nome de um personagem da história do Brasil que você ache importante.

Aluna: Pode ser o que está acontecendo agora? Então eu diria o Lula. Uma pessoa que ganhou o voto de 63% da população brasileira, todo este mundo de gente acreditando nele. Acho que ele já é importante por isso.

Entrevistadora: E um acontecimento importante?

Aluna: Quando o povo foi para as ruas pedindo o impeachment do Collor.

Entrevistadora: Então vamos falar sobre a nação brasileira.

Aluna: A gente tem uma descrição prontinha de nação que aprende na escola desde a 5 série, mas acho que é tão complexo, no mundo inteiro. A gente vê os bascos lutando para ter sua nação formada. É tão amplo este conceito... Mas eu acho que partindo da definição que a gente aprende, o Brasil tem uma nação forjada, em cima do futebol, do carnaval, mas não é algo bem fortalecido.

Entrevistadora: Mas o que falta então?

Aluna: Falta o povo tomar conhecimento do que realmente se passa com ele, de como se vive, do que pode acontecer. Eu entraria aqui já nos problemas brasileiros que eu sei que você vai perguntar. Este é um grande ciclo vicioso do Brasil, uma coisa puxando a outra. A tecnologia esbarra na precariedade da educação, que puxa o interesse dos governantes na alienação do povo e que já entra na corrupção na política. Um conjunto de coisas que, se você tenta quebrar uma, vai ter que quebrar todas as outras, é um grande conjunto, um ciclo vicioso mesmo.

Entrevistadora: E o que a gente pode fazer?

Aluna: Aqui no colégio a gente tem a experiência dos trabalhos voluntários. Ir ali na favela que fica do lado do teu colégio de classe média alta e tentar passar um pouco do conhecimento para crianças que não têm condição de estar aqui, já é uma

grande coisa. Mas não se pode entrar no conformismo de que só indo lá a gente vai conseguir mudar o mundo. Mas já é um pequeno começo.

Entrevistadora: E o futuro, como você enxerga?

Aluna: Todo mundo coloca a esperança no Lula, mas não se pode ter a ilusão que, para o ano que vem, tudo vai mudar, tudo vai ser diferente. Também entra num ciclo vicioso. Existe uma rede de interesses por trás disto tudo e não vai ser de um dia para o outro que um cara vai mudar tudo. Eu tenho um pouco de medo disto. Do povo inteiro tá colocando esta esperança nele o povo é imediatista, vai querer mudança rápida e talvez ele tenha problemas com isto. Mudança só acontece a longo prazo. Tenho impressão de que vai ser difícil.

Entrevistadora: Por fim, vamos fazer a questão da equação: participação política e partido, que ficou meio contraditório no questionário...

Aluna: Acho que a participação política é importante, seja no micro-espço ou no macro, desde o grêmio do colégio até o grande, o país. Mas acho que a política no Brasil é tudo como uma grande família, você se torna política porque seu pai e avô já foram também. E daí, cada família tem seu interesse particular, cada um vai lutar pelo seu: terras, extração de madeira... É um grande coronelismo, muito complicado. Os partidos são importantes, mas hoje, como estão, são um reflexo desta política, não conseguem sair deste meio familiar, meio assim, como se diz, hereditários...